

Nas terras pesadas de metais e espantos

A trajetória de Jean Antoine Felix Dissandes
de Monlevade no Brasil

Romance

Erivelton Braz

EB
Erivelton Braz

Nas terras
pesadas de
metais e
espantos

Nas terras pesadas de metais e espantos

trajetória de Jean Antoine Felix Dissandes
de Monlevade no Brasil

Romance

Erivelton Braz

EB
Erivelton Braz

Copyright © Erivelton Braz
feliciobraz@yahoo.com.br | (31) 98484-1352

Produção Editorial
Gabriel Nascimento / catraia editora serviços editoriais

Assistente Editorial
Erivelton Braz

Capa e Projeto Gráfico
Gabriel Nascimento

Imagem de Capa
Orange Grunge Red Paint On Metal Texture by L.C.Nøttaasen

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Braz, Erivelton

Nas terras pesadas de metais e espantos : a trajetória de Jean Antoine Felix Dissandes de Monlevade no Brasil / Erivelton Braz. --
João Monlevade, MG : Ed. do Autor, 2025.

ISBN 978-65-01-50778-1

1. Romance histórico brasileiro I. Título.

25-276853

CDD-B869.93081

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance histórico : Literatura brasileira
B869.93081

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Produção editorial de Gabriel Nascimento, editor da Catraia Editora, para Erivelton Braz.
Catraiaeditora@gmail.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou manuscrita por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia ou sistema de armazenagem e recuperação de informação sem a permissão do editor

Nota do Autor

Este livro nasceu em 2008 e, após muitas idas e vindas, agora se torna, enfim, realidade impressa. Naquele ano, o jornalista Márcio Passos me propôs contar, de forma romançada, a história do francês, Jean Antoine Felix Dissandes de Monlevade, precursor de nossa cidade e de nossa história. Até aquele ano só havia o livro “Monlevade Vida e Obra”, da professora Juliana do Nascimento Passos, publicado em 1972, sobre o pioneiro.

A ideia era publicar um romance histórico, com elementos de ficção, sem fugir da realidade e doá-lo para escolas públicas. A iniciativa daria início às comemorações dos 200 anos da chegada do francês ao Brasil em 2017. Porém, por questões diversas, o trabalho não se concretizou.

No entanto, passados todos esses anos, finalmente, a obra ganha vida, graças à Lei Paulo Gustavo Estadual, que selecionou este projeto e custeou a sua produção e a execução. Diferente da versão original de 2008, essa de agora foi atualizada, com alguns novos fatos descobertos da biografia de Jean de Monlevade, personagens e abordagens.

A ideia original está mantida: um romance que trata de fatos históricos da vida de Jean Monlevade a partir de seu desembarque no Rio de Janeiro em 14 de maio de 1817 e sua vida no Brasil, passando por suas pesquisas, fábricas, negócios, até a sua morte, em 14 de dezembro de 1872.

O livro, portanto, trata-se de uma narrativa que mescla fatos históricos com outros ficcionais. Sobretudo, para dar contorno ou pano de fundo para a biografia de Jean de Monlevade, em solo brasileiro. É uma história que precisa ser cada vez mais conhecida, sobretudo pelos estudantes de nossa cidade e demais leitores e que agora encontra espaço e reconhecimento, neste resgate de memórias.

Quando comecei a pesquisar sobre a história da Fazenda de Monlevade, ainda em 2008, não sabia dos nomes dos homens e mulheres negros escravizados que nela viveram e trabalharam. Foi somente mais tarde que esses nomes vieram à tona, revelando um capítulo fundamental e, até então, oculto da nossa história local e nacional. Esta descoberta se deu por meio da incansável pesquisa da historiadora Martha Rebelatto, cuja tese de 2012 na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) trouxe à luz os nomes daqueles que, com seu trabalho árduo e forçado, contribuíram decisivamente para a construção de uma das mais importantes fábricas de ferro do Brasil no século XIX.

É importante frisar que este livro trata, além da trajetória de Jean de Monlevade, de um recorte dos anos terríveis da escravidão no país. É fundamental deixar evidente que Jean Monlevade era, como muitos a seu tempo, um senhor de escravizados.

Esses homens e mulheres que viveram a seu lado, por mais de 50 anos, também têm seu papel importante na história de nossa cidade. Afinal, eles foram a força motriz da grande forja de Monlevade, que nomeou as terras “abaixo de São Miguel” e que, posteriormente, onde seria erguida “essa brava cidade”.

Ao revisar e reescrever este livro, optei por usar o termo “escravizado” em vez de “escravo”. A diferença é sutil, mas de grande significado. Enquanto “escravo” carrega a ideia de uma condição permanente, que parece definir a pessoa, “escravizado” é mais preciso, pois sublinha a condição imposta a um ser humano, que foi privado de sua liberdade. O termo “escravizado” reconhece que, antes de tudo, eles eram indivíduos com história, com dignidade, que foram forçados à escravidão, mas que não foram definidos por ela. Esse reconhecimento é, sem dúvida, uma reparação.

Os nomes que agora aparecem no livro, extraídos do inventário de Jean Monlevade e o de sua esposa, Clara Sophia Coutinho, representam não apenas os negros e negras que viveram e morreram nas terras de Monlevade, mas também suas famílias, seus descendentes, e o legado de sua luta e resistência. Foram 152 anos de silêncio, mas agora, finalmente, eles ganham visibilidade. Esta é uma pequena, mas significativa reparação histórica, pois são esses nomes que representam o braço forte e o suor que ergueram a cidade e o país.

O Cemitério Histórico de Vila Tanque, onde muitos desses negros escravizados podem estar enterrados, permanece sem identificação de suas sepulturas. Não há lápides, números ou qualquer tipo de reconhecimento. Por isso, a relação dos nomes, publicada por Martha Rebelatto, se torna ainda mais valiosa. Ela revela o que foi escondido e invisibilizado por tanto tempo.

Em 2024, nasceu o projeto Alátúnse – nome que significa “quem contribui com a comunidade ou põe ordem no mun-

do” – é uma iniciativa de grande importância, não só para Monlevade, mas para todos nós. Idealizado pelo jornalista Wir Caetano, e apoiado pelo Conselho Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Compir) e pela Fundação Casa de Cultura de João Monlevade (FCC), esse projeto marcou o primeiro feriado municipal do Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra.

O gesto simbólico de grafitar esses nomes na Praça do Povo, um espaço público que representa a coletividade, traz à tona a força histórica e cultural dos negros e negras que foram silenciados por tanto tempo.

É com grande emoção que vejo os nomes agora expostos e reconhecidos, como deveria ser. Que sua memória permaneça viva na Praça do Povo, um local onde, como disse o poeta abolicionista Castro Alves, “a praça é do povo, como o céu é do condor”. Esta reparação, realizada no presente, nos lembra que a história está viva e que, para sermos verdadeiramente justos, precisamos sempre reconhecer e respeitar aqueles que, com sua força, sua dor e seu suor, ajudaram a construir o que somos hoje. Viva Alátúnse, viva a memória daqueles que contribuíram para a nossa história, e que a reparação continue sendo feita.

Como forma de também homenageá-los, aqui, seguem seus nomes: Modesto, Ignácia, Tresciliana, Jose Alves, Flavia, Modestinho. Cipriano, Bárbara, Joaquim, Izabel, Severiano. Laurindo, Pedro, José Maria, Marciano, Júlio, Balbina, Moyses, Firmino. Emilia, Belmiro, Maria do Carmo, Caetano, Thomazia. Aniceto, Antônia, Joaquim Manoel, Florencia,

Feliciano, Raimundo. Luiz Maria, Felisberto, Thereza, Elias, José Carlos, Carolina. Bernardino, Lucindo, Diogo, Eleonora, Maria da Gloria, Dioga. Firmina, Leopoldina, Anninha, Lauriana, Eliza, Victoria, Januário. Joaquina, Venância, Antonica, Joaquim Bento, Theodorico, Estevão, Valentina. Theodora, Olimpio, Rosa Lima, Felicidade, Augustina, Luiza Calista, Jose Venancio, Brígida. Casemiro, Luiza, Maria Luiza, Sergio, Theophilo, Maria Casemira. Eulália, Ronaldo, Mariana, Cecilia, Gregório, Benedicta, Sarafina. Valeriano, Sofia, Justina, Sanches, Francisca, Plácido, Vicente, Jacintha, Genoveva Efemia. Januaria, Jorge, Suterio. Izidoro, Floriano, Norberto. Eleuterio, Germano, Genoino. Delfino, Carlos, Rufino, Fortunato, Justino, Adão, Gil, Feliciano, Barnabé, João de Deos, Celestino. Policarpo, Clementina, Narciza, Joaquim Pedro, Ambrozina, Jose Balbino, Andreza, Bartholomeu Efigenia. Manuella, Guilhermina, Rodrigo, Filomena, Calisto Rodrigo, Graciano, Paulino, Henriqueta, Jovita, Jose, Izabel, Clemente, Honorio Joaquina, Jacintho. Christiano, Maria Caetana, Gemerosa, Thomé, Jesuina, Zacarias, Bonifacio, Flavio, Henrique, Fernando, Julia, Eva, Juliana, Abrahão, Ancelmo, Benvinda. Ângelo, Juvenal, Colita Joaquina, Izac, Augusto, Claudina, Luiza, Virginia. Naneta, Sabina, Eugenia, Dorcelina, Franco, Ritta, Manoel, Leão Juvencio, Gaspar, Maria, Gôrda, Simão. Geraldo, Francelina, Joana, Francelina, Pio, Gregório. Domingos, Santos, Romana. Constança, Cristina, Elisa, Maria Josephina, Francisco, Custodia, Martha, Custódia Tito, Braz, Lucia, Crysostomo, Lucia. Ambrozina, Crispim, Francisca, Cirillo, Manuelzinho, Daniel, Bento, Leandro, Beatriz,

Rachel, Florentino. Virgilio, Mesias, Albina, Francisco, Romão, Clara, Custodio, Tobias, Juvita, Maximiano, Julia, Balduino, Justo. Laura, Belizario, Pio, Messias, Fausta, Euzebia. David, Guilherme, Antonio, Maria Andreza, Ignez, Francisco, Julio Borges, Manuel Borges, Rosalina, Patricio, Clemencia, Justino, Theotonio, Herculano, Emerenciana, Candido, Libania, Luciana, Faustino, Helena, Evencio, Piedade, Leocadia, Augusto, Felippa, Sabino, Apolinaria, Domingos Mariano, Maria Rosa e Jacob Luzia.

*Para Renata Cely Frias, amada esposa, leitora, crítica e
sempre incentivadora de projetos*

*Este livro também é dedicado ao povo de João Monlevade,
como contribuição singela para o conhecimento de parte de
nossa história.*

“Por trás da história desordenada dos governos, das guerras e da fome, desenham-se histórias, quase imóveis ao olhar – história com um suave declive: histórias dos caminhos marítimos, história do trigo ou das minas de ouro, história da seca e da irrigação, história da rotação das culturas, história do equilíbrio obtido pela espécie humana entre a fome e a proliferação.”

Michel Foucault. In: A arqueologia do saber

... a história de um homem, às vezes se esconde, num gesto que só ele pode ter...”

O Rappa

“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce”

Fernando Pessoa

“A gente é o que é e ninguém tira isso de nós, meu amigo”
Frase de Thierry, companheiro de viagem e criado francês de Jean Monlevade, dita a ele ainda em alto mar

I

“E ergueu-se uma brava cidade”.

Jean Monlevade jamais poderia imaginar, que as terras ermas que adquiriu, ergueu uma forja, uma das mais importantes fábricas do Brasil, seria o berço da siderurgia, anos após a sua morte. Aliás, nem ele mesmo poderia supor o que viveria. O destino, como num lance de dados, lhe sorriu. E ele sorriu de volta ao decidir viajar ao Brasil, a antiga França Antártica.

E foi numa manhã azul de maio de 1817 que Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevade viu, pela primeira vez, as águas calmas da Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro. Os contornos dos morros e da floresta ali detrás tingiam, junto à claridade do dia, a vista do francês. No céu, algumas nuvens pairavam

sobre o mar. O balanço da embarcação já estava impregnado ao corpo do rapaz, que sequer estranhou os pequenos solavancos do barco ao se aproximar do continente.

Desde o fim do mês de março, estava a bordo daquele navio da capitania dos portos francesa, a caminho do Brasil. Aos 28 anos de idade e com muitos projetos em mente, Jean observava as formas daquele novo lugar. Ficou surpreendido pelas cores que tomaram conta de sua visão.

Ao desembarcar no Brasil, Jean de Monlevade fitou com curiosidade a Ilha das Cobras, um pedaço de terra cercado pelas águas da Baía de Guanabara. Sabia que aquele local, tão estratégico, havia sido palco das disputas entre portugueses e franceses pelo controle da região, muitos anos atrás.

Recordava-se das histórias sobre como, em tempos passados, seus compatriotas chamaram aquele rochedo de *Île des Chèvres*, a Ilha das Cabras, que depois se passou a chamar Ilha das Cobras, nome que o tempo e os ventos da colonização transformaram. Para Jean, a ilha era um símbolo dos confrontos e alianças que moldavam aquele novo mundo, onde o destino dos homens se entrelaçava com as marés da história.

Era a primeira vez que via aquela quantidade de morros, a vegetação verde e fresca e tantas aves. Também, fazia tempos que não se deparava com tamanha movimentação de pessoas. O sol estava forte e desenhava, nas águas da baía, formas variadas de luz e sombras. O vento vindo da terra trazia um misto de aromas tropicais e cheiro de gente.

Permaneceu ali, na proa, por muito tempo, até que as figuras indistintas foram se definindo e transformando.

Muitas pessoas transitavam de um lado a outro do porto, balaies amontoados formavam pequenos montes, como se ali estivessem depositados a esmo. Cães se misturavam aos moleques que saltitavam.

— Parece um grande formigueiro em confusão. — pensou Jean. Essa foi a sua primeira impressão do Rio de Janeiro.

O porto, lentamente, ia desenhando-se no horizonte, o que confirmava a quantidade de luz e vida àquela hora da manhã de 14 de maio. A movimentação intensa confirmava a presença eclética de vendedores de toda a sorte de produtos, tentando captar o olhar dos fregueses. Negros enormes, como ele nunca vira, levavam sacas diversas e grossas malas de lonas para outros barcos ancorados.

Muitas crianças negras, vestindo apenas trapos que lhes cobriam a parte inferior do corpo, também traziam nos ombros tabuleiros de doces, oferecidos a alguns tostões. Muita gente passava de um lado para o outro. A maioria homens. Alguns bem-vestidos, à moda de Paris, o que chamou a atenção do viajante recém-chegado, principalmente, por causa do calor insuportável, ainda àquela hora da manhã. Outros, com a vestimenta rota pelo uso contínuo, também circulavam por ali.

As poucas mulheres que ali estavam usavam colares no pescoço, lenço grosso, assim como seus lábios e suas coxas, por baixo da saia empobrecida. O que elas faziam ali, para-das, Jean não poderia imaginar. Mas iria descobrir, sem muito esforço, que eram escravas obrigadas por seus senhores a venderem seus corpos e lhes repassar o dinheiro.

Essas imagens preenchem a vista do viajante, ainda no convés do navio mercante que o trouxe àquele mundo, confirmavam suas expectativas de tudo aquilo que ouvira ainda na França, de alguns brasileiros que lá conhecera. Trazia de um deles, inclusive, uma carta com pedido de acolhida numa certa fazenda Itajuru, nas Minas Gerais.

A viagem em um navio mercante, foi marcada por longas conversas com brasileiros conhecidos, que lhe forneceram relatos e experiências sobre aquela terra distante. Contudo, nenhuma descrição, por mais detalhada que fosse, poderia traduzir a vastidão da paisagem, a umidade espessa do ar ou o cheiro intenso da mata que agora o envolvia. Diante do cenário exótico e indomado, Monlevade compreendeu que sua empreitada seria mais desafiadora do que imaginara, mas também mais fascinante do que poderia sonhar.

Ávido por conhecimento e tomado por uma febre de pesquisa constante, veio seduzido pelas histórias dessas terras que, segundo ouvira tanto, eram demasiado pesadas de metais e de espantos. Viera preparado para vivenciar aquilo tudo que ouvira, duvidando de algumas coisas, mas sem também desacreditar em outras.

Engenheiro de Minas, Jean de Monlevade viera aprofundar os estudos mineralógicos e suas pesquisas acerca das riquezas daquela colônia portuguesa, que tanto enriquecera o país Europeu em pouco mais de 300 anos. E ele sabia que seus audaciosos projetos só poderiam dar certo num lugar tão diversificado como o Brasil.

— Está sentindo, Thierry, os ventos de terra? O vento com cheiro de novidades?

— Cheiros brasileiros! Respondeu o amigo como um brado. — Confesso que não sinto nada de diferente.

— Ora, terás tempo para perceber e aprender muito. Aliás, nós dois teremos essa oportunidade!

O navio ia se aproximando do cais. O balanço da embarcação, agora menor, dava a impressão de que estavam prestes a descer. Os vendedores já se aproximavam do local de desembarque. De perto, Monlevade vira as mulheres negras. Ele percebeu nelas um ar extremamente triste, como de quem perdeu as esperanças. Viu também que as crianças tinham a mesma aparência de quem não sonha mais.

Um deles se aproximou.

— *Qué ajuda, sinhô?*

O rapaz olhou para baixo e viu de perto aquela figura exótica. Magrinho, com o peito nu, uma calça de linho grosseiro a cobrir-lhe a cintura e as pernas, não devia ter mais que 12 anos.

— Sim. Quero ajuda para carregar a bagagem.

— Duas moedas pagam bem.

— Está certo. Vou a uma hospedaria.

— Eu levo o *sinhô*.

O menino pegou parte da bagagem e chamou outros três moleques para ajudá-lo. As malas dos franceses não eram muitas, mas eram pesadas. Jean, que vinha da França, uma terra sem escravidão há anos, descobriu que aqueles meninos, ainda tão jovens, eram escravizados e trabalhavam de aluguel. Eles passavam o dia servindo os viajantes com seus préstimos; ora de guia, ora carregando malas, a troco de al-

gumas moedas que deveriam dar a seus senhores. Um misto de estranhamento e angústia tomou conta dele.

Ao caminhar pelas ruas movimentadas do Rio de Janeiro, Jean de Monlevade não demorou a perceber a cruel realidade que marcava o Brasil: a escravidão ainda sustentava a economia e o cotidiano daquela terra. Para ele, que acompanhara de perto as turbulências políticas de sua pátria, era impossível ignorar o contraste entre as ideias revolucionárias que moldaram a França e a persistência da escravidão nas colônias europeias.

Recordava-se de como a França abolira o tráfico e a escravidão por quatro vezes, num ciclo de avanços e retrocessos. Em 1794, a Convenção de Paris declarara a emancipação dos escravizados, pressionada pela revolta em São Domingos, mas Napoleão restaurara a escravidão em 1802. Mesmo quando, dois anos antes, em 1815, o imperador tentara novamente proibir o tráfico nos portos franceses, o pragmatismo econômico e os interesses coloniais continuavam a ditar o destino de milhares de pessoas.

Agora, diante dos cativos que carregavam mercadorias sob o sol escaldante no Rio de Janeiro, Monlevade sentia na pele o peso de uma contradição histórica: a liberdade, tão exaltada na Revolução Francesa, ainda não alcançara aquelas terras.

Foi pensando nisso enquanto seguiram para a hospedaria onde os imigrantes costumavam pernoitar. Gente de vários países que, como ele, carregavam o sonho de desbravar o Brasil, aplicando os conhecimentos em busca de sucesso.

A ideia de vir ao Brasil não era nova. Desde os tempos em que ainda estudava engenharia na Escola Politécnica de Paris, ouvira falar bem dessas terras. Para ser mais exato, desde que conhecera, em Paris, o também estudante brasileiro Antônio Ildefonso Gomes de Freitas.

Monlevade, sentado numa poltrona de veludo vermelho, no quarto quente da hospedaria onde ficaria até conseguir autorização para seguir viagem até Minas Gerais, recordava-se do amigo. Antes que o sono o vencesse, após a longa e penosa viagem, relia a carta de recomendação que o amigo brasileiro Antônio Ildefonso lhe dera.

A leitura fez Jean de Monlevade recordar-se de uma certa noite de verão, numa taberna em Paris, quando conheceu um brasileiro. Naquela noite abafada, muitos jovens, como ele, caminhavam ao ar livre na tentativa de amenizar a falta de vento. O destino era a taberna próxima ao centro da cidade, onde uma bebida refrescante poderia aliviar o clima seco e quente da estação.

O ambiente era amistoso, como costumava ser nesses estabelecimentos. Mulheres bonitas serviam jarras de vinho, pães assados e carne de cordeiro, enquanto homens de todas as idades conversavam em voz alta. O burburinho misturava-se ao som das canecas se chocando em brindes e saudações a alguém em especial.

Sozinho, Monlevade sentou-se próximo ao balcão e pediu uma caneca de vinho. Não desejava se exaltar como os demais, pois no dia seguinte precisava trabalhar em um relatório sobre a análise de um composto ferroso. Seu obje-

tivo era apenas relaxar antes de se recolher. Absorvido em pensamentos, captou a voz de um jovem próximo, que falava sobre uma terra rica em minério de ferro.

— A fazenda não vive dessa exploração. Meu pai não tem interesse. Ele prefere criar gado e cuidar da agricultura. Mas que tem minério por lá, disso eu não duvido.

O sotaque do falante chamou a atenção de Monlevade. O rapaz era estrangeiro, sem dúvida. Mas seu francês era impecável. Ainda assim, sua aparência o diferenciava dos europeus. Alto, forte, com traços que sugeriam uma origem mestiça. Seria um mascate árabe? Talvez marroquino.

— Escolhi cuidar de pessoas. Não nasci para enfrentar minas profundas ou garimpar leitos de rios. Prefiro outras aventuras, pelo corpo e pela mente humana, tentando encontrar a cura para os males ao nosso redor — continuava o estrangeiro.

Monlevade não soube dizer de onde veio a repentina vontade de participar daquela conversa:

— Desculpe-me, mas essa terra de que fala certamente não fica na França?

O rapaz virou-se e, surpreso, respondeu:

— Perdão? Nós nos conhecemos?

— Não, mas ouvi sua descrição sobre uma terra rica em metais. Sou Jean de Monlevade, estudante de Engenharia de Minas da Escola Politécnica, e sua fala despertou minha curiosidade.

O outro riu, descontraído.

— Ah, então o senhor entende de minerais!

— Não entendo o motivo da graça. Está zombando da minha profissão? — Questionou Monlevade, fixando seu olhar nos profundos olhos azuis do interlocutor.

— Ora, de forma alguma! Tenho grande respeito pelos engenheiros, afinal, são eles que desbravam novas terras. Mas minha terra não fica na França. Nem mesmo na Europa. Venho de muito longe.

— Quão longe? Onde fica?

— No Brasil, amigo. Já ouviu falar do Brasil?

— Como não ouviria? Não é a colônia que enche os cofres da Coroa portuguesa com arrobas de ouro? E onde a corte de Dom João se refugiou de Napoleão?

O outro não respondeu. Apenas bebeu um gole e continuou conversando com seus dois amigos, encerrando ali o assunto. Parecia não querer prolongar um debate que poderia se tornar desagradável.

Monlevade também preferiu silenciar-se. Pensou em terminar sua bebida e seguir para casa, mas foi surpreendido antes de sair, quando aquele estrangeiro retomou a conversa.

— Já vai, amigo?

— Amigo? Como posso ser seu amigo se nem sei seu nome?

— Ildefonso. Antônio Ildefonso Gomes de Freitas — respondeu, estendendo a mão longa e firme para um aperto solene, encerrando as primeiras animosidades entre eles.

— Antônio Ildefonso.... Parece que nossa conversa não começou bem. Peço desculpas se fui indelicado.

— Desculpas aceitas, meu caro. O senhor é francês?

— Sim. Nasci no Castelo de Monlevade, perto de Guerret, no ano da Revolução.

— Então és um filho da Revolução Francesa? Igualdade, Liberdade e Fraternidade?

— Não posso dizer que sou propriamente filho dela, embora minha família tenha alguma ligação...

— Não me diga...

— Mas deixemos esse assunto para outra ocasião. Falemos do Brasil e de suas riquezas minerais.

Foi ali, naquela noite de verão que Jean Monlevade travou os primeiros conhecimentos sobre o Brasil. O amigo contou-lhe de algumas minas que havia na terra, falou dos minérios, dos rios e das florestas. Das riquezas naturais, das águas límpidas e das florestas verdejantes.

Ele falava do brilho natural do chão, sobretudo, do rico solo de Minas Gerais. Monlevade ouvia-o em silêncio. Às vezes, intervinha com alguma indagação, mas a conversa corria leve, como se ambos fossem amigos de longa data. Trocavam experiências: cada um, falando de sua área de entendimento.

Antônio Ildefonso Gomes de Freitas tinha 26 anos e nascera em São Miguel do Piracicaba, Minas Gerais. Filho de um fazendeiro respeitado na região, deu continuidade aos estudos em Paris. Desde pequeno, tinha vocação para a medicina, pois sempre fora interessado em ajudar, quando caíam doentes, os negros da senzala do pai e, até mesmo os animais que padecessem de algum mal.

O rapaz de sobrancelhas grossas e olhar curioso, estava em Paris há alguns meses e não tinha muitas amizades por lá. Ele viu em Jean Monlevade, a possibilidade de estreitar

laços com aquele povo e aprender mais. Além, é claro, de viver melhor no estrangeiro, tendo ao lado um amigo.

O brasileiro falava de Minas Gerais, das igrejas barrocas, das minas de ouro, das vilas e das fazendas de café. Falava das terras produtivas. Explicava ao novo amigo, que ouvira falar de grandes reservas de minério de ferro nos arredores de São Miguel do Piracicaba, onde ficava a Fazenda Itajuru, do seu pai, o capitão Antônio Gomes de Freitas.

Naquela noite, Antônio Ildefonso e Jean Félix trocaram informações, cada qual de seu povo, buscando compreender as diferenças de cada terra. Na verdade, eram dois cientistas que tinham muito em comum. Sobre tudo, no que dizia respeito ao espírito aventureiro, à vontade de tecer caminhos novos, de aprender mais um pouco de tudo.

Tinham muito de ideais iluministas e sabiam que não poderiam ficar limitados aos seus espaços de origem, às suas vivências particulares. Antônio Ildefonso deixou Minas Gerais para aprender Medicina na França. Sabia que, dificilmente, poderia voltar para o arraial onde nascera, apesar da saudade da casa paterna. Por isso, estava ali, interessado em aprender sempre mais sobre a França e seus costumes. Ninguém melhor do que Jean Monlevade para iluminar-lhe os pensamentos, favorecendo o crescimento intelectual.

Por outro lado, é claro que Jean Monlevade tinha interesse em saber mais sobre o Brasil. Sabia das riquezas minerais que tanto sustentavam o fausto da Família Real e o mundo inteiro falava da ascensão portuguesa com a colonização do Brasil. Ouvira muito de Ouro Preto, do Rio de Janeiro. Das vi-

las de Caeté, Sabará e de São João del-Rei, onde havia grande concentração de estanho.

— E como, Antônio Ildefonso, os brasileiros vivem?

— Vivem do trabalho escravo, vivem da terra, vivem da exploração de ouro. Na verdade, meu caro Monlevade, vivem explorados. Se quer saber a verdade, por isso, exploram também.

— Não me diga?

— Pois o senhor fique sabendo, que tem escravo alforriado que até assume função de feitor, maltratando os outros, como ele já sofreu.

— Isso é um absurdo. Aliás, a escravidão é absurda...

— Incoerência para quem tem um olhar mais cheio de humanidade. Minha terra tem coisas de que até Deus e o diabo duvidariam.

— Então, conte-me, mais amigo.

— Certa vez, era noite de Natal. E na Fazenda Itajuru, meu pai deu descanso de dois dias para todos. Em casa, ceávamos, eu, meu pai, minha mãe, minha irmã, e alguns parentes.

No terreiro da Fazenda, havia aquela algazarra dos cativos. Tambores soavam.

— Não conheço tal instrumento.

Ora, é uma peça coberta com couro de boi que os escravizados usam para fazer som em suas festas. Os chamados batuques, que eles apreciam quando estão felizes. Se é que ficam realmente.

— Sei... Mas continue.

— O batuque corria solto e eles pareciam dançar ou lutar. Meu pai não gostava que eles fizessem aquilo. Na verdade,

nenhum dono de terras gostava. Mas como era Natal, ele achou por bem não interromper. Preferiu olhar pela janela.

— E então?

— A festa foi ficando mais animada, pois eles bebiam pinga, que é uma bebida que vem da cana de açúcar, bastante apreciada, mas um tanto quanto perigosa. A aguardente é forte e embriaga mais que vinho, mais que conhaque, mais que tudo. Nessa festa de som, pinga e fogueira, o terreiro ficou inundado de uma energia diferente. Parecia que havia alguma magia no ar. Parecia uma festa religiosa ou coisa parecida. Porque eles faziam referência ao Balduíno, um negro mais velho que nem trabalhava mais. Meu pai ficava na janela, olhando aquela alegria diferente dos escravizados, sem entender muito.

— E o que aconteceu nesse dia?

— É. Eu falava de quem maltrata o próprio povo, não é? Vou chegar lá.

Antônio Ildefonso prosseguiu contando que a festa dos escravizados seguia animada. Mas de repente, sem que alguém esperasse, houve uma confusão, algum desentendimento.

— Dois negros começaram a se agredir com sopapos e chutes. Um deles deitou o outro no chão e, com uma força descomunal, esfregou os lábios do coitado na terra, esfolando a cara, enquanto também apertava o pescoço com fúria.

Monlevade ouvia a história sem dizer palavra, bebendo seu vinho. Antônio Ildefonso tinha os olhos parados enquanto continuava o seu relato contando que, durante a sova, os outros tentaram apartar a confusão, mas o que ba-

tia não estava disposto a parar. Tinha fúria nos olhos e na alma. O que apanhava, tentava em vão resguardar um bocadinho de vida, como uma cobra pisoteada tenta morder sem sucesso, a canela de quem lhe quebra os ossos com os pés.

— Ele só parou quando ouviu os estalos do pescoço do rival soar entre seus dedos. O corpo ensanguentado já não tinha mais vida. O que bateu, olhou ao redor para os companheiros incrédulos. Viu o que tinha feito e, antes que alguma coisa pudesse acontecer, levantou-se e fugiu para dentro da mata.

— E seu pai, da sacada, não fez nada?

— Tem certas coisas que não podem ser evitadas. Foi tudo muito rápido.

— A festa deles e a nossa acabaram-se ali. Depois do acontecido fomos para fora, mas meu pai pediu para que ficassemos quietos, na varanda. Ele foi saber do acontecido e providenciar o enterro do morto.

— O que aconteceu aqui?

— *Nhonhô, nós num sabe direito. Tava tudo muito bom, até que essa estripulia começou.*

Era a Filó, uma das escravas que estava na festa. Ela era mulher de Zé Chico, o escravo que bateu e fugiu para o mato. Alguns amigos consolavam-na. Outros observam de longe. Foi então que Balduino, o escravo mais velho apareceu. Ele veio andando de dentro da senzala com uma espécie de manto nas mãos. Chegou devagar, rezou uma oração sussurrada no ouvido do defunto e cobriu-lhe a face deformada. Em seguida, olhou para o senhor ali, com a voz rouca de ancião e contou o que sabia.

Caruncho queria dançar com Filó. Ela disse não. Ele não tinha ficado satisfeito com a resposta e insistiu, passando a mão na cintura dela. Ela fugiu e ele foi atrás. Quando voltou, já voltou brigando com Zé Chico, que estava dentro da Senzala. Filó chorava nervosa ouvindo o Balduino contar.

Antônio Gomes estava de pé, de frente para o velho escravo. Ele sabia que aquilo não poderia ficar impune, por mais que se tratasse de um crime de honra. Caruncho era um escravo da lavoura e lhe rendia muitos lucros. Zé Chico também era bom na lida. Sabia manejar bem o machado na mata e era um dos escravizados mais fortes que possuía. Mas tinha matado. De raiva, é verdade. Mas tinha matado.

Agora era cuidar do enterro do pobre que ali jazia assassinado. E tentar capturar o fujão. O senhor voltou a casa. Antes, deu as últimas ordens da noite:

— Sansão, você reúna os homens para ir atrás desse negro fujão... E vocês, vão dormir e cuidem, pela manhã, do enterro do infeliz.

Sansão era o capitão do mato da fazenda. Na verdade, o nome dele era José dos Santos Silva, mas o apelido vinha a calhar pela sua corpulência e força, usada tanto na captura de escravizados fugidos, como também na aplicação de castigos diversos. Os cativos temiam o capitão do mato, como a uma assombração. Como se ele fosse o diabo em forma de gente.

Filó, ouvindo a ordem do senhor, de mandar Sansão ir atrás de seu homem, agachou aos pés dele e pediu-lhe clemência:

— Judia dele não sinhô. Judia não. Mande ninguém ir não que ele vorta.

Antônio não lhe deu ouvidos, sabendo que, se voltasse atrás diante da súplica dela, perderia toda e qualquer autoridade perante os outros. Continuou seu andar firme pelo terreiro em direção à casa principal, sem olhar para trás. Sabia que a escrava ainda estava de joelhos e que chorava, repetido:

— *Judia, não, sinhô. Manda Sansão não. Ele vorta. Ele vorta.*

Continuou seu lamento sem sucesso, até que reuniu forças, para gritar para quem quisesse ouvir:

— *Ele vorta porque tô prenha. Ele vorta...*

A confissão da gravidez inesperada fez com que Antônio diminuísse o ritmo dos passos. Ele sabia que a gravidez das mulheres escravas significava. Por um lado, um aumento na mão-de-obra. No entanto, por outro, diminuía a força do trabalho delas. Além do mais, sempre havia o risco de morte no parto ou a necessidade de cuidados médicos. Os prejuízos eram maiores do que os lucros.

— Pois então, trate de dormir — Essa foi a única frase dita por Antônio Gomes antes de entrar para casa, naquela noite trágica.

Jean Monlevade ouviu a história do amigo e deu conta de que precisava ir para casa. O calor da noite de verão já havia diminuído e a conversa poderia durar até o dia seguinte, se continuasse ali. Mas isso não seria possível, embora fosse latente o desejo de ouvir mais sobre o Brasil e seus mistérios impressionantes, narrados pelo recém amigo Antônio Ildefonso Gomes. Era preciso ir embora.

— Eu gostaria de vê-lo novamente, mon ami... — Disse o francês levantando-se.

II

O calor daquela noite não foi o que mais prejudicou o sono do jovem francês. Mas os pensamentos que afligiram Monlevade tornaram a noite intranquila. Perseguido pelas lembranças da conversa com o amigo na taberna, Monlevade ficara horas rolando de um lado para o outro, a perseguir o sono fugidio. Como se fosse uma lebre inalcançável a correr nos campos.

Não bastasse o coração acelerado, sentia que algo percorria seu corpo. Uma sensação de incompletude. Uma chama de curiosidade a consumir-lhe por dentro. Queria ele saber mais do Brasil. A imagem do homem morrendo espancado não saiu de sua mente. A descrição da festa dos escravizados da Fazenda o deixou insone, imaginando como seriam os ritmos, o som, a dança...

Quando enfim, adormeceu, teve sonhos estranhos, repletos de imagens emblemáticas. O que significavam aquele misto de vozes, com os sons de ferramentas afiadas a ferro e fogo, numa terra estranha, onde o chão e as montanhas brilhavam tão intensamente? Não sabia a resposta. Mas aquilo mexera com ele.

Na manhã seguinte, após o encontro com Ildefonso, voltou para Guerret. Queria ir para casa. Chegando ao castelo da família, continuou tentando entender a imagem que vira no sonho. Lembrara-se da conversa que tivera no dia anterior com o novo amigo.

Claro que, por muitas vezes, ele sonhara coisas que o impressionaram. Mas não se lembrava de quando ficara tão impressionado como naquela última noite.

— O que significaria aquele brilho tão intenso vindo do chão e das montanhas?

Como engenheiro, ele sabia da existência de metais que deixariam o chão iluminado. E aquele som de ferro moldado pela força do fogo? O que era aquilo? Ficou perdido nos pensamentos enquanto a vista sumia por entre os imensos jardins do Castelo de Monlevade.

— Bon jour, mon petit. Que surpresa é essa? — Era sua mãe, Marie Sallé du Sioudray.

— Maman... Senti saudades suas e vim bem cedo para cá.

— O que há com você?

— Foram uns sonhos... eles me deixaram confusos e, por isso, não consegui ficar na cama tanto tempo.

— Quer falar sobre eles?

— Não, não precisa. Acho que vou cavalgar um pouco para distrair-me. Estou precisando aproveitar a manhã, sentir o aroma do campo, ouvir os pássaros cantarem... tudo isso me falta em Paris. Isso sim me basta para aliviar os pensamentos.

— Faça isso, querido. Faça isso mesmo. Estou aqui quando quiser conversar.

Foi durante este passeio que o engenheiro francês pensou, pela primeira vez, na possibilidade de vir ao Brasil. Não. Essa seria uma ideia absurda... Brasil... Atravessar um oceano, a troco de quê? A troco de muita coisa — Pensou em seguida. O espírito juvenil do rapaz falava mais alto: Essa empreitada seria uma aventura! Brasil, por que não?

Os problemas não poderiam ser tantos. Afinal, a própria Família Real Portuguesa foi morar no Rio de Janeiro em 1808. Além disso, houve a abertura dos portos para o comércio, o que facilitou a entrada de produtos estrangeiros.

Sem contar que, naquele ano de 1816, um grupo chefiado por Joachim Le Breton com os pintores Jean Baptiste Debret e Nicolas Antoine Taunay; os escultores Auguste Marie Taunay, Marc Ferrez e Zéphérin Ferrez; e o arquiteto Grandjean de Montigny desembarcaram no Brasil na Missão Francesa. Eles foram a convite do próprio Dom João VI, para trabalhar e desenvolver o reino.

E, para uma pesquisa, ele como engenheiro formado há quatro anos e já aspirante do Corpo de Engenheiros Militares, talvez não fosse tão complicado conseguir o direito de explorar e estudar aquelas terras.

Monlevade sabia o quanto seria difícil convencer a família daqueles planos já que, sua mãe, sonhava em vê-lo na carreira política. Mas não. Jean Antoine tinha a certeza de que não nascera para a política. Aquilo não o fazia bem, apesar do histórico familiar.

Jean se lembrava das histórias contadas pelo pai, já falecido, o fidalgo Jean Antoine Dissandes de Monlevade, que viveu durante a Revolução Francesa dentre os jacobinos. Os episódios de perseguições somavam-se a outros conflitos familiares. Ele próprio sofrera com isso, já que tivera de ser batizado num estábulo, onde estava escondido um padre fugitivo das injúrias contra o clero francês.

Mas, essas lembranças ele não queria guardar mais. Todas essas recordações tomaram conta de Jean de Monlevade, já na hospedaria brasileira, após a chegada ao Rio de Janeiro. Descansava enquanto Thierry arrumava, no quarto, parte da bagagem. A manhã já ia alta e a brisa das 11h dava um frescor ao abafado Rio de Janeiro, cidade ainda tão misteriosa para os dois recém-chegados franceses.

Era preciso, por questões burocráticas, obter o registro de imigrantes junto à Polícia Real. Só então poderiam conhecer mais a fundo as províncias do Brasil. Jean Monlevade continuava recordando os preparativos da viagem que o fariam chegar ao Brasil.

Lembrou-se do dia em que decidiu visitar um velho amigo, um dos mestres da Escola Politécnica e companheiro do Corpo Real das Minas, Pierre Chateau. Ele fora um dos principais motivadores para a empreitada do jovem Jean, de cruzar o Atlântico e desembarcar em solo brasileiro.

O professor, mestre em Geologia, era um típico senhor francês. A distinção ia além de seus modos corteses. O ar enigmático ganhava proporções maiores por causa da sua fala firme e calma, de seus ares senhoris. Não era propriamente velho. Mas tinha idade o suficiente para dar conselhos e para entender o que se passava no coração daquele jovem ali, à sua frente.

Ele não criou barreiras para aquele seu diletto discípulo e amigo. Fora um dos que primeiro reconheceu em Jean de Monlevade, um talento incomum para a mineralogia.

— Benvinue Monlevade! A que devo a sua visita?

— Um aluno nunca deve perder o contato com seus mestres.

— Mas eu nunca perdi você de vista, meu jovem. Sempre soube de sua coragem e competência para lidar com os minerais.

— Bondade tua... pura bondade. Não sou mais do que qualquer um de meus colegas, lapidado pela vossa clarividência...

— Deixe de bobagem, jovem Monlevade. Não é necessária essa cerimônia entre nós. Entre, vamos tomar algo.

O jovem entrou e, sem demora, partiu para o assunto principal, que o levava até a casa do antigo mestre:

— Quero ir ao Brasil aprofundar os estudos mineralógicos.

Sem demonstrar o espanto que tomou conta de si e sem duvidar daquela afirmação, já que conhecia bem o espírito do antigo discípulo, o professor respondeu com outra indagação:

— Brasil?

— Sim, o que o senhor pode me falar a respeito de lá?

— Bem, o Brasil... O Brasil é um lugar especial, onde tudo pode acontecer. É um lugar, bem, digamos, onde a realidade foi inventada, tal qual as linhas de um romance qualquer.

— Como? Ouvi dizer que os recursos minerais de lá são fabulosos...

— Sim. São mais que fabulosos. O Brasil é grande. Sabe que uma missão com vários artistas nossos foi enviada a pedido de Dom João VI e ainda está lá. Parece-me que as impressões que tiveram foram ótimas. Além disso, o naturalista Saint-Hilaire, continua com suas pesquisas botânicas e escreveu coisas impressionantes sobre a terra, a fauna e a flora.

— Eu também estou propondo novas descobertas... Há dois anos, tive com um brasileiro. Ele contou-me coisas incríveis sobre aquela colônia portuguesa.

— Pois acredite meu jovem Monlevade. E saiba, antes de mais nada, que o Brasil é uma terra cheias de metais e espantos! É deveras rica em ferro, rica em ouro, rica de toda sorte de metais. Lá, brotam do chão, aquilo que muitas vezes exige escavações nas profundezas da terra.

— Eu sonhei com uma terra cujo chão brilhava, com uma luz cintilante, tal qual um céu iluminado de estrelas.

— Pode estar certo de que tivera mesmo uma impressão sobre o Brasil, mesmo sem nunca ter estado lá. Mas tem mais...

— Mais, o que mais poderia encontrar? O que mais poderia saber?

O professor sentou-se mais confortavelmente na cadeira, esticou as pernas, acendeu um cigarro e deu um longo trago. O silêncio inquietava Monlevade. O mestre, pacientemente, observava os anéis de fumaça subirem e desfazerem-se junto ao lustre da sala onde estavam. Foi então que começou a falar:

— Precisas ir te preparando para as surpresas. Essas são provocadas pela riqueza cultural daquele povo, dos escravizados africanos e de suas lendas... Precisas te preparar para a história dos nativos, mestiços, que são filhos de negros escravizados e indígenas, como também de indígenas e brancos...

— Sim. Já ouvi falar da mestiçagem.

— Mas aposto que não o suficiente. Essa mestiçagem, Monlevade, vai além da mistura de raças e de cores de peles. Ultrapassa as barreiras de etnias, os limites entre o que pertence a cada grupo de pessoas. Eu falo de uma união de conhecimentos, de uma questão muito mais ampla, que não existe aqui na Europa.

— Mais amplos e mais importantes que os minerais? Que os metais?

— Tenha a certeza de que é muito mais valioso.

A conversa entre eles foi definitiva para animar Jean de Monlevade a embarcar naquela aventura para o Brasil. Afinal, como seria chegar a tão fantástico lugar, aprendendo novas histórias, tendo contato com outras culturas, com novos valores e com tanta possibilidade de crescimento profissional?

— Eu sempre soube Monlevade, que você sobressairia e que, em pouco tempo, os limites da França seriam pequenos demais para os seus conhecimentos.

— Ora, meu mestre...

— Eu falo sério! Sempre soube do seu talento e percebia sua vocação para a mineralogia, como também para viver aventuras... E, precisamente, é o que irá encontrar no Brasil: trabalho para exercitar seus conhecimentos e, claro, surpresas para você desfrutar. Aventuras.

— Mas Mestre Chateau! O senhor sempre foi tão cheio de mistérios. Eu creio, inclusive, que essas aventuras talvez nem sejam tão grandiosas assim.

Chateau sabia que era preciso bem mais do que sabedoria e conhecimento das ciências exatas para sair-se bem no Brasil.

— Ora, por que desconfias? Viva e deixe viver meu jovem, acredite.

— Eu creio nos mistérios dessa vida e tenho a consciência das revelações que eles podem trazer. Esse é um dos principais motivos para enfrentar essa jornada.

— Mas, mesmo assim, com todo o seu destemor, mesmo com a sua força e coragem, conserve um pouco de medo.

—Medo? Não posso partir para tão distante terra com medo de algo...

Levantando-se repentinamente da cadeira, o mestre sacudiu os ombros, num gesto forte, de inquietação, como se tivesse acometido por uma grande ideia, como se, naquele momento, tivesse tido uma revelação.

— Tenha medo, sem perder a coragem. Entende o que falo?

— Bem... isso está me parecendo mais um de seus enigmas.

Chateau começou a girar pela sala ao redor de Jean Monlevade. E pôs-se a dizer-lhe que coragem e medo andam lado a lado e que, juntos partilham de um mesmo banquete: o coração do homem.

O ex-aluno nunca vira o antigo mestre naquele estado, envolto numa atmosfera diferente, como se, em transe, pudesse viajar para outros tempos e compartilhasse daquela experiência com seu discípulo.

Chateau pôs-se a falar que era preciso manter o medo aceso, desconfiando de tudo, para só então conseguir em frente.

O tom profético da conversa fez com que Monlevade, por um instante, achasse que seu ex-professor estivesse a um passo do delírio. Ele continuava a falar:

— Monlevade, se você não se entregar verdadeiramente a seus projetos, se não acreditar neles, você não chega a lugar algum. E eu te peço para temer o desconhecido. Não temer como teme um perdedor, mas temer por respeito, para conseguir ultrapassar os caminhos já trilhados. Olhe sempre pra frente, tente enxergar além do olhar dos que vieram antes. Ouse... Sonhe. Olhe também para os lados e veja quem se aproxima, com receio, mas sem ter medo de nada.

O jovem ouvia aquelas lições de vida, meio absurdas e um tanto quanto enigmáticas. Na dúvida, preferiu não manifestar o seu pensamento, recebendo as informações sem ter

qualquer tipo de preconceito. Nunca vira de fato, Chateau naquele estado de tamanha empolgação e vivacidade. Estava satisfeito por orientar, mais uma vez, aquele seu discípulo promissor.

Tempos depois, já em solo brasileiro, sentindo na pele o mormaço tropical do meio dia daquela manhã em que chegou, Jean Monlevade iria sorrir ao lembrar-se das palavras de seu professor, antes mesmo de sua partida para o futuro.

III

Quando as ideias de deixar a França para vir ao Brasil inflamaram o coração de Jean Monlevade, ele tomou conhecimento, em jornais ingleses, das notícias do Brasil. Descobriu exemplares do Correio Brasiliense, um periódico escrito em Londres, por um brasileiro, o jornalista Hipólito José da Costa.

Através daquele veículo e das longas conversas com Ildefonso Gomes, o brasileiro que conhecera na taverna, aprendera a ler e a entender o português. Falar, por enquanto, era um exercício de paciência.

Porém, isso não seria empecilho. Monlevade, era um homem com vastos conhecimentos, além da engenharia de minas. Desde criança, já demonstrava ter a mente inquieta e insaciável. Queria saber de tudo um pouco e sua mãe, Marie

via-se em apuros para sanar a curiosidade do menino. “Mãe, por que o sol se esconde quando a noite chega? E por que as estrelas brilham? Elas são como os olhos do céu?”. A mãe sorria, acariciando os cabelos do filho, tentando explicar o mistério do universo de maneira simples. Após ela falar dos astros, do movimento da terra; após explicar que o sol está no mesmo lugar, sendo a terra que gira sobre si e sobre o astro rei, o pequeno Monlevade queria mais e logo perguntava com a seriedade própria dos pequenos: “Mãe, e o céu tem fim?”

Assim, mesmo nos tempos da Escola Politécnica de Paris, Jean Monlevade explorava campos tão diversos quanto a literatura, a filosofia, as ciências naturais e a metalurgia. Do pai, Jean Antoine Dissandes de Monlevade, aprendera que era preciso ir sempre além. Por isso, buscava aprender e dominar os mais complexos processos de análise química de minerais.

Já como um engenheiro militar, as habilidades de Jean Monlevade abrangiam também as mais sofisticadas práticas de topografia, construção e mecânica. Por isso, foi integrado ao Corpo de Engenheiros Militares da França, uma posição que lhe conferia prestígio e responsabilidades. Por isso, acreditava que conseguiria as permissões necessárias para embarçar rumo ao Brasil, para estudar os recursos minerais e conhecer mais sobre a terra do amigo médico.

Naquela tarde, conversando com Ildefonso sobre o Brasil, Monlevade olhava para a página do Correio Brasiliense com uma expressão de confusão. O olhar fixo nas palavras que dançavam em uma língua que não era sua. Ainda.

Ildefonso, sentado ao seu lado, observava pacientemente o amigo francês, com a calma e o bom humor que só os brasileiros sabiam ter. “Não é tão difícil, Monlevade,” dizia Ildefonso, apontando para as palavras com o dedo. “Veja, aqui é ‘correio’ – como em ‘courrier’ no francês – mas a pronúncia é diferente. É ‘ko-REH-yo’.” E ria do amigo.

O francês repetia em voz baixa, tentando encontrar o ritmo do português, todavia, o som da língua parecia ter vida própria, se esgueirando entre as letras, mais suave e melódico do que o francês.

— E o ‘s’ aqui é mudo, como em ‘Brasil’”, Ildefonso continuava. Monlevade franzia o cenho, não conseguindo entender.

— Como algo tão simples como um ‘s’ podia ser mudo?

E ainda havia os verbos, com suas conjugações infinitas que pareciam mudar com a lua.

— O português tem essa beleza de ser mais flexível, Ildefonso explicava. Ele tentava quebrar a complexidade das regras.

— No francês, tudo é mais direto, mas aqui as palavras dançam, se encaixam de maneiras que você nem imagina.

Monlevade suspirou, largando o jornal com um sorriso de frustração, mas também de admiração pela nova linguagem.

— A língua parece ter uma musicalidade própria, disse fitando o amigo brasileiro com seus olhos azuis.

Ildefonso sorriu de volta.

— Você ainda captou o espírito da língua portuguesa por completo, mas em breve, vai começar a fazer sentido para você.

Tempos depois, já no Rio de Janeiro e agora ao lado de seu companheiro de viagem Thierry, ele se recordava daquelas aulas de português. Não foram muitas, mas o suficiente para compreender que o Brasil é bem diferente do *Brésil*.

Deixou a hospedaria sozinho, enquanto Thierry ficara no quarto e seguiu para fazer o registro de desembarque. Essa era uma burocracia obrigatória. Sem aquele documento, seria impossível embarcar para Minas Gerais, seu destino determinado desde a partida.

Na rua, Jean Felix sentiu o calor aumentar. Devia ser por volta das três da tarde e a cidade do Rio de Janeiro fervia. Sua pele branca de europeu e seus cabelos compridos e encaracolados, não estavam acostumados com aquele vapor que vinha do chão. Parecia um bafo sufocante a soprar constantemente.

Apesar da brisa marítima ajudar um pouco, o tempo era predominantemente quente e úmido na capital da colônia portuguesa. Além disso, as ruas tinham um cheiro forte de urina, que ele não sabia se eram dos animais soltos ou mesmo dos moradores, que a toda hora, abriam as janelas sem cerimônia para lançar longe seus despojos que voavam dos penicos.

Mais uma vez, em pouco tempo, percebia a realidade do *Brésil* escravocrata. Era verdade que lera e ouvira muito a respeito do Brasil nas páginas do Correio e nas conversas com o amigo Ildefonso. Mas nada se comparava com a visão de perto. Jean de Monlevade sentia o calor do Rio de Janeiro como uma pressão constante sobre seu corpo, mas não era apenas o clima que o incomodava.

O peso de sua educação refinada, forjada no rigor das academias francesas, evidenciava o contraste do que via. Homens, mulheres, crianças. Negros, fulos, mulatos, suados e descalços, carregando fardos pesados sob o sol inclemente. Estavam por toda parte.

Jean via suas mãos marcadas de calos, seus rostos repletos de cansaço. O que mais o chocava não era apenas o trabalho árduo a que eram submetidos; era o modo como eram tratados, como mercadorias. Os escravizados não tinham dignidade.

Uma mulher, talvez na casa dos 30 anos, passou por ele com um cesto imenso sobre a cabeça. Seus olhos estavam vazios e Monlevade sentiu uma dor aguda, ao ver que um menino de sete ou oito anos vinha atrás, carregando também um fardo. “Escravizados”, pensou ele. Novamente, desde que desembarcara, estava diante deles, que pareciam integrar a paisagem da cidade.

A palavra retumbou em sua mente e soava incompreensível. Ele, criado sob os valores da Revolução Francesa, onde a liberdade e a igualdade eram os pilares tinha que conviver com aquela realidade complexa.

Jean tentou afastar a perplexidade que o consumia, mas não conseguia. O contraste era demais. Como um fidalgo francês, educado para acreditar na dignidade do ser humano, ele se sentiu incomodado, desorientado. A visão de tantas vidas sendo tratadas como objetos, como peças em um jogo cruel, parecia uma distorção de tudo o que ele havia aprendido sobre humanidade.

Ele sabia que não estava ali para mudar a sociedade, para alterar o curso de uma história que lhe era ainda tão estranha quanto complexa. Ele precisava compreender o que via, precisava entender aquela realidade, mesmo que fosse algo que lhe apertasse o peito de angústia.

Monlevade era um homem de ciência, e, como tal, sua mente exigia compreensão. Como a escravidão poderia existir? Como os homens podiam normalizar tal crueldade? Ele sabia que estava diante de um sistema que transcendia qualquer entendimento simples.

Naquele maio, no Rio de Janeiro, em 1817, Jean de Monlevade observava a cidade com olhos atentos, absorvendo o cenário diante de si. A cada passo, um novo movimento, um novo som: o constante ir e vir dos escravizados era intenso. Eles eram a força invisível que mantinha a cidade pulsando, realizando tarefas incessantes que permeavam todas as esferas da vida urbana.

Nas ruas, nas ladeiras, nos largos, em toda parte, homens e mulheres faziam todo o tipo de serviço. Carregavam, nas costas ou sobre a cabeça, grandes recipientes cheios de água, abastecendo as moradias. Eles eram o fluido vital que corria por entre as vielas e escadarias do centro da cidade.

Outros, com os corpos dobrados sob o peso, transportavam tonéis pesados, ou se ocupavam de carregar todo tipo de lixo doméstico. Àquela hora do dia, um grupo de homens passou por Monlevade e o ar ficou carregado de um cheiro forte. Ele, que tinha conhecimentos químicos, pensou: é ureia e amônia. Mas de onde vinha aquele forte odor que

fizeram arder seus olhos? Perguntou a um menino que passava quem eram aqueles.

— São os tigres.

— Tigres, como assim? Por que?

— É apelido deles. Veja aquelas listras li ó.

Observando mais de perto, Monlevade viu que a substância que vazava dos tonéis deixava marcas nas peles pretas, eram listras brancas como cicatrizes de um veneno invisível. O contraste criava um padrão semelhante ao do animal selvagem – e o nome cruel ficou. “Quem carrega esse fardo não o tem só no corpo, mas na alma”, pensou Monlevade.

Carregar as liteiras era também obrigação dos escravizados. Quatro homens, dois à frente e dois atrás, levavam os senhores e senhoras nas cadeiras pelas ruas do Rio. Os assentos de madeira e tecido que serviam tanto para o conforto de seus senhores, davam ainda a visibilidade da diferença entre os brancos e os negros.

Havia também os escravizados de ganho. Estes prestavam serviços e vendiam produtos feitos nas casas de seus senhores. Tinham que voltar para casa com o dinheiro estipulado para as suas vendas. E, se não vendessem tudo ou faltasse dinheiro, era severamente castigados. Iam para o tronco, apanhavam com a palmatória, ficavam acorrentados.

Outros ainda corriam pelas ruas de pedra, descalços e apressados, entregando recados e cumprindo ordens, como se o tempo fosse algo a ser constantemente vencido.

Em todo lugar, por onde Monlevade olhasse, a escravidão se mostrava como a espinha dorsal da cidade. Onipresente. Jean refletia sobre isso e logo soube que o Brasil, em pouco

mais de trezentos anos, recebera milhões de africanos escravizados. E o Rio de Janeiro, com seus portos, recebia todos os dias, a carga humana vinda da África.

O Brasil respirava com a força de todos aqueles que não eram livres, mas que, paradoxalmente, eram os que sustentavam a liberdade dos senhores e a vida nas cidades através de seus esforços implacáveis. A prática de comprar escravizados, embora contra seus princípios, era a realidade do Brasil.

Para o francês, o novo mundo era estranho, como se recebesse, a cada instante, um banho de informações sensoriais nunca experimentadas. Antes da partida tinha conversado outras vezes com o amigo Antônio Ildefonso Gomes que o orientou acerca da colônia e de seus costumes tão distintos da realidade francesa.

Ao passar próximo a um chafariz no Largo da Carioca, viu de perto o que o amigo lhe dissera sobre os homens e mulheres que cantavam em suas línguas nativas. Agora, ali, numa das principais vias da capital da colônia, pôde constatar o que lhe dissera, tempos atrás na França, o amigo brasileiro.

Ouviu o som das vozes que pareciam emanar do próprio coração da terra. Era um cantar repleto de ancestralidade. O ritmo era marcado pelo batucar dos pés descalços sobre o chão de terra. Uns pareciam perguntar e outros pareciam responder.

Monlevade percebeu que a melodia carregava uma complexidade emocional que transcendia o momento presente. Era como se cada nota fosse uma oração, uma súplica, uma lembrança de um passado já distante, perdido em mares e

fronteiras. As vozes se entrelaçavam, formando uma rede sonora que atravessava o espaço e o tempo, unindo todos os que estavam ali, em um só espírito.

No ar, o som das palavras cantadas pelos escravizados se misturava com o vento quente e úmido. Poderia ser uma resposta para aquele cantar. Mas ninguém responderia às suas preces. Para o francês, o canto falava diretamente à alma, sem necessidade de tradução. De alguma forma, ele entendeu que aquele canto, entre lágrimas e sorrisos, entre dores e fé, era um grito para mostrar que o sangue negro sobreviveu. Sobreviveu à prisão. Sobreviveu às correntes. Sobreviveu à penosa travessia do Atlântico e que se mantinha vivo.

No alto do Largo da Carioca, também estava o imponente Convento de Santo Antônio, fundado duzentos anos antes, pelos Frades Menores Franciscanos. O prédio formava, junto à Igreja da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, um dos conjuntos mais belos que Monlevade tinha visto até então. Ele contemplou a edificação e também ouviu de lá, vozes que entoavam cantos gregorianos. O vento brasileiro, pensou, traz muitas respostas.

Foi quando Jean Monlevade sentiu um nó na garganta. Ele compreendeu que as vozes negras cantavam para seus Orixás, ao mesmo tempo, em que os católicos entoavam cânticos para Deus e seus santos, numa mistura inevitável. Ele elevou seus olhos em direção ao convento e rezou para Santo Antônio, cujo nome também trazia: Antoine.

Foi quanto sentiu seu coração acalmar. Olhou novamente os negros na fonte e fez uma promessa. Se tivesse sucesso

em sua missão de investigar os minerais brasileiros, não seria tão rude no trato dos escravizados.

Jean Monlevade sabia que precisava ter a seu lado, pelo menos, dois deles para ajudar na sua viagem até Minas. Ele trouxera, além de suas roupas, um baú com seus instrumentos para pesquisas. Era praticamente um pequeno laboratório portátil para análises, com toda a sorte de materiais: frascos com compostos químicos, lupas, vidrarias e porcelanas, balões, béqueres, pipetas, tubos de ensaio.

Além de livros diversos. De engenharia, de ciências naturais, de instruções mecânicas. Dicionários e enciclopédias de botânica. Para passar o tempo, também romances, entre esses, o livro mais procurado da França: Julie ou La Nouvelle Héloïse, de Jean-Jacques Rousseau, publicado em 1761 e que ainda era um fenômeno, por sua história de amor pulsante. Fora os clássicos como a Odisséia, de Homero e Os Lusíadas, de Luiz de Camões. Duas epopeias que narravam feitos heroicos, que inspiravam o jovem Jean.

Andando pelas ruas do centro do Rio, antes de chegar ao local de registro dos imigrantes, seguiu para a rua do Valongo, onde funcionava uma grande feira de escravizados. Mais uma vez, não foi por acaso que ficara horrorizado com o que viu ao chegar à comprida rua. Dezenas de casas tinham às suas portas, pessoas de todos os tamanhos, idades e sexos, expostos aos comerciantes. Não visitou todas e entrou na terceira casa, a partir do início da rua.

Ao lado da sala, num cômodo pouco iluminado, Jean viu homens, mulheres, uns mais velhos, outros, jovens e crian-

ças, acorrentados uns aos outros, jogados a um canto. À chegada do visitante, um pardo forte, de chibata na mão, veio recebê-lo.

Enquanto o que chegava vestia linho fino e sapatos de camurça, além da barba escanhoad e cabelos alinhados, o que ali estava apresentava a barba crescida, mas insuficiente para esconder cicatrizes do rosto. Tinha cara de poucos amigos quando olhava para os escravizados, mas tentava manter uma expressão melhor na hora de negociar com os homens que ali chegavam.

Com feições grosseiras e expressão dura, vestia um colete gasto sobre a camisa aberta no peito suado. Enquanto outros homens da colônia esforçavam-se para manter um aspecto cortês, com certos ares de fidalguia, aquele capataz só queria fazer negócios: vender os escravizados rudemente amarrados.

Era um típico empregado do tráfico negreiro, muito comuns nas ruas do Rio de Janeiro naqueles tempos. Assim que viu Jean de Monlevade aproximar-se, sorriu para ele, faltando dentes. Ao contrário dos verdadeiros traficantes de escravizados que eram homens ricos, com títulos de nobreza e que desfrutavam de respeito diante da coroa, seus agregados superavam o aspecto asqueroso e impunham até medo. O ambiente também colaborava para isso.

Mesmo durante a tarde, a sala era escura, iluminada apenas por uma lamparina de azeite que lançava sombras trêmulas sobre as paredes encardidas. O cheiro de tabaco e suor impregnava o ar, misturando-se ao odor salgado que

entrava pela janela aberta, trazido pelo vento do porto. Lá fora, o murmúrio do cais do Valongo nunca cessava: gemidos, ordens em língua áspera, o tinir de correntes arrastadas pelo chão.

Jean Monlevade recostou-se numa cadeira de jacarandá, cruzando as pernas com elegância estudada. Seus olhos claros examinaram o homem à sua frente. Rufino era seu nome. Era um agregado, um intermediário sem escrúpulos que conhecia cada passo do tráfico de almas naquela cidade. A conversa entre eles não demorou mais do que cinco minutos. O francês disse que seguia para Minas e que precisava de dois negros fortes que pudessem ajudar na viagem até Minas.

— Vosmissê vai pra Minas? É garimpero?

— Não, sou engenheiro.

— Só dois? — Rufino coçou o queixo espinhento. — Fortes? Novos? Ou só quer que durem uns anos antes de irem pra cova? Leva quatro pelo preço de dois. Tem dois aqui meio adoentados, mas que dão conta do serviço.

Monlevade ergueu a sobrancelha, como quem se incomoda com a rudeza

— Não. Preciso apenas de dois — respondeu Jean.

— Leva, num vá perder oportunidade...

— Preciso de mãos hábeis, Rufino. Não me interessam os doentes.

O agregado riu, um som áspero e sem humor.

— Ah, sinhô é daqueles que escolhe como se fosse no mercado de peixe. Mas aqui, doutorzinho, quem escolhe sou eu.

Monlevade tamborilou os dedos na mesa, pensativo.

— Não me venha inflacionar o valor. Sei quanto pagam os ingleses para que um navio saia carregado. E sei quanto é o lucro...

O agregado estreitou os olhos, a diversão abandonou lhe o rosto.

— E eu sei que se quiser, pode ir tratar com outro. Mas duvido que ache melhor.

O silêncio se impôs entre os dois homens. Lá fora, um grito cortou a tarde. Monlevade sorriu de leve, frio.

— Muito bem. — Vamos, deixe disso. Sejamos práticos e acabemos logo com isso – disse Monlevade.

— Então tá: Pode escolher! E Rufino levou Monlevade até a antessala. Com a chibata na mão, ele forçava os negros a mostrarem os dentes, a exhibir as canelas, os muques. Pediu para que dois esticassem bem os braços, andassem e corressem pela sala na penumbra.

Acorrentados, eles mal tinham forças para conseguir os resultados esperados, mas tentavam parecer bem mais saudáveis do que realmente eram. Jean olhava aquilo tudo espantado. Mas sabia que precisaria aprender a negociar com os traficantes de escravizados.

Foi ouvindo o homem falar:

— Óia a canela deste daqui. Ele é o Juvêncio. Escravo bão de trabáio. É ferreiro, tem as coxa forte e a canela fina. Canela grossa é sinal de nego preguiçoso. Também tem os dentes bons. Dentes sempre mostram a saúde do cativo... Aquele ali também num vai deixá o sinhô na mão. Negro esperto e que entende de estradas. Já me ajudou uma vez aqui. O nome

dele é Joaquim. Foi batizado e tudo o mais. Além disso, tem também dentes bons e canela fina. Arregaça a beíça, aí nego. Mostra os dente pro sinhô aí!

Para sair dali rapidamente, Jean acabou aceitando os dois que lhe foram ofertados. Abriu a algibeira, tirou um saco de dinheiro. Pagou. A transação estava feita. Rufino os desacorrentou e cuspiu no chão.

— São seus. Passar bem.

Monlevade os observou em silêncio, sem saber o que sentir. Anos mais tarde, aquela primeira e inusitada compra, se repetiria mais vezes, quando o francês chegasse a Minas e iniciasse o trabalho com a produção do ferro.

Saiu dali, acompanhado dos dois, meio atordoado com as cenas que presenciara no Valongo. Agora, sabia que precisava, o quanto antes, obter seu registro de imigrante junto à Polícia Real para poder seguir até Minas Gerais, mais precisamente até Itajuru. Monlevade seguia com os dois perto dele. Iam calado os três.

A Intendência Geral de Polícia da Corte e do Estado do Brasil, não era muito longe dali. O órgão, instituído em 1808, com a chegada da família Real, implantou e dirigiu a nova estrutura de Polícia e segurança pública da Corte do Rio e de todo o território nacional.

O prédio colonial, impunha-se pela austeridade. Erguido em alvenaria de pedra e cal, suas paredes grossas e escuras, sua fachada, sem grandes adornos, transmitiam a severidade da instituição. Suas grandes janelas e portas impunham respeito aos que chegavam. Era uma característica imposta

pelo rei de Brasil, Portugal e Algarves, Dom João VI. As casas deveriam possuir janelas grandes, arejadas, para evitar as degradações de mofo e pela falta de circulação de ar tão comum naqueles tempos.

Ali também funcionava o órgão que realizava o registro de imigrantes. Monlevade entrou sozinho. No interior, os corredores eram estreitos, o piso de tábuas rangia sob seus pés. No salão principal, havia uma escada que levava ao segundo andar, onde despachava o Intendente Paulo Fernandes Viana.

Monlevade dirigiu-se ao setor de imigração para fazer o seu registro e obter a necessária autorização para viajar pelas demais províncias da colônia. Como seu destino era Minas Gerais e aquela região era um dos principais filões do Brasil, precisaria de uma autorização do próprio rei Dom João VI para estudar os recursos mineralógicos do país.

Foi recebido por um funcionário que pediu para verificar seus documentos pessoais. Entregou-os. Inclusive, o emitido pelo governo francês recomendando a viagem. Burocracias... Pensou o francês

Enquanto o outro analisava, Monlevade observa o grande salão onde estava. O pé-direito era alto e havia poucos móveis. Uma mesa para atendimento, um armário de madeira onde estavam depositados alguns papéis e pastas, além de dois vasos, pintados nas cores da bandeira de Portugal reforçavam a severidade do ambiente.

— Qual motivo o trouxe ao Brasil? — Indagou o funcionário.

— Bem. Sou engenheiro do Corpo Real de Minas de Paris e vim para o Brasil com a intenção de aprofundar meus conhecimentos mineralógicos e de fazer pesquisas sobre os ricos minerais da colônia.

— Vieste sob a encomenda de alguém?

— Não. Vim por conta própria. Meu interesse particular sobressaiu sobre todas as coisas.

— E quais são seus planos?

— Tenho uma carta de recomendação de um bom amigo, a seu pai, que me aceite em sua fazenda em São Miguel do Piracicaba, nas Minas Gerais. Além disso, ouvi falar muito da fama desta província e de suas riquezas minerais.

— Ah, queres ir para Minas. Antes, é necessária uma permissão de entrada específica, assinada pelo Governo. Sem ela, sendo você estrangeiro, ainda mais francês, seria impossível percorrer aquelas paragens.

— Perdão? Não entendo.

— De certo, debes saber que Minas Gerais é umas das principais produtoras de pedras preciosas da Colônia. Portugal não gostaria de saber que um estrangeiro anda visitando aquelas terras sem a autorização necessária. Terás que aguardar.

Monlevade não respondeu mais continuou observando aquele espaço onde estava. Sabia que os portugueses não viam com bons olhos a presença de estrangeiros, por causa das riquezas da colônia. Qualquer um sabia que ela era mais rica que a metrópole e que essas riquezas eram rigorosamente vigiadas pelos representantes da coroa. Toda cautela seria pouca.

Na parede atrás da mesa, Jean observou um retrato que lhe chamou a atenção. Um homem com bochechas salientes, olhos esbugalhados, com aspecto de susto e timidez, além de uma boca entreaberta que deixava transparecer dentes horrendos, completavam aquela figura. Além disso, vestia um fardão de gosto duvidoso, que apesar da pretensão de gala, não tinha nada de garbo.

Monlevade perguntou ao funcionário que lhe examinava os documentos:

— Quem é a ilustre figura?

— Ora, não sabeis? É o nosso monarca Dom João VI.

E foi ali mesmo, na repartição do serviço de registro de estrangeiros, que Jean Monlevade ficou conhecendo alguns detalhes da vida inusitada da corte real portuguesa no Brasil. Ficou sabendo das exigências da rainha Carlota para que todos se curvassem perante a ela quando sua comitiva passasse nas ruas. Ficou sabendo da falta de certos alimentos para a população comum, já que havia muitas bocas da nobreza para serem alimentadas.

Jean Monlevade não se surpreendeu tanto com os problemas sociais, porque percebia na população do lugar, um certo ar de felicidade em ter perto de si, os mais importantes nobres portugueses da época.

No entanto, pelo tom da voz do funcionário de registros, notou que nem todos demonstravam esse contentamento. Apenas o velavam a fim de evitar repressões.

— Então, Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevade, vais para Minas? E vais levar dois escravizados?

— Sim. Como sou Engenheiro de Minas, não há lugar mais perfeito para dedicar-me às pesquisas. Os negros são para auxiliar-me no trajeto, com as cargas e meus materiais de pesquisa.

— Pois bem. Mas debes ter cautela com os traficantes de diamantes, com os fazendeiros doentes da febre do ouro.

— Febre do ouro?

— É a doença que mais ataca homens que querem ficar ricos a qualquer custo, na maioria das vezes, sem trabalhar muito.

— Compreendo. Conheço bem o potencial aurífero da colônia. Não é a toa que Portugal retira daqui tantas riquezas. Mas não estou interessado na exploração do ouro apenas. Sou um mineralogista e quero aprofundar minhas pesquisas a respeito dos metais desse Brasil.

— Eu posso imaginar quais são as suas expectativas. Os solos brasileiros são riquíssimos. Mas isso não é de minha competência. Bem, aqui está uma carta provisória para você e seu criado Thierry, poderem andar por aí sem que tenham problemas.

Recebeu o documento, que contava informações básicas a respeito de si:

14 de maio de 1817 – Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevade, francês, 28 anos, estatura regular, barba regular, sobrelhas cerradas e olhos azuis- vai para Minas e leva consigo dois escravizados.

Deixou a sede da Intendência, tomando o caminho de volta para a hospedaria. Ele sabia que a permissão de en-

trada em Minas Gerais demandaria tempo. Ficaria, portanto, um período no Rio de Janeiro antes de seguir sua viagem.

Monlevade chegou à hospedaria exausto. A negociação daquela, a conversa na Intendência ao longo da tarde, pesaram sobre seus ombros como uma couraça invisível. Mal percebeu que não estava sozinho. Atrás dele, as duas figuras silenciosas que adquirira no mercado do Valongo aguardavam qualquer ordem, qualquer gesto que lhes dissessem o que fazer. Mas Monlevade já não pensava neles.

Thierry, seu amigo e criado, esperava à entrada, os braços cruzados e o cenho franzido. Assim que viu Monlevade, aproximou-se.

— E então? Conseguiu os documentos? — perguntou. Monlevade soltou um suspiro e passou a mão pelos cabelos desgrenhados. Sim. Mas temos que esperar para ir a Minas.

Thierry bufou. — Sempre pedem mais. E sempre entregam menos.

O francês repetiu: Burocracia! E deu de ombros, cansado demais para discutir qualquer assunto. Agora só quero dormir.

Thierry assentiu, mas seu olhar logo passou por Monlevade e pousou nos dois homens à porta, imóveis como sombras.

— E eles?

Monlevade demorou um instante para entender. Só então voltou-se e viu os dois negros ali parados. Ele hesitou. Já era tarde, e a hospedaria não os aceitaria sob aquele teto. Por um instante, pareceu incomodado. Depois, apenas sacudiu a cabeça.

— Não há o que fazer por enquanto. Ficarão ali esta noite.

Thierry não disse nada. Apenas olhou para os dois homens com um misto de pena e resignação. Monlevade passou por ele e subiu as escadas, enquanto, do lado de fora, os dois escravizados se ajeitavam contra a parede, preparando-se para uma noite longa de espera.

O que os dois franceses não sabiam é que Juvêncio e Joaquim eram bastante espertos pois já tinham vivido e sofrido muito, embora com a pouca idade. A começar, pela penosa viagem que quase os aniquilou. Foi, aliás, uma travessia de horrores. Os navios que cruzavam o Atlântico, carregando as almas arrancadas da África, eram conhecidos como tumbeiros. Não eram apenas embarcações, mas sepulcros flutuantes.

Imenso e escuro, o navio era um monstro de madeira, arrastando-se sobre as águas turbulentas do Atlântico, carregando em seu ventre não apenas corpos, mas almas despedaçadas. Sob o sol implacável durante o dia ou o frio cortante das noites sem estrelas, o navio seguia seu curso, sob os ventos do comércio e da crueldade. E dentro, ali, onde a vida parecia se apagar a cada momento, os homens, mulheres e crianças eram levados para longe de tudo o que conheciam, em direção ao desconhecido.

Nos porões, o ar era pesado e denso, quase irrespirável, uma mistura de suor, excrementos e corpos humanos que se entrelaçavam como uma massa indistinta. Os cativos estavam amontoados uns sobre os outros, comprimidos, como mercadorias, amarrados pelos pés e forçados a existir em espaços inimagináveis.

Correntes pesadas prendiam-nos aos cascos do navio, rasgando-lhes a pele, enquanto o tempo, arrastado como a água que batia contra os cascos, parecia não passar. Cada movimento era uma dor, cada suspiro, uma luta pela sobrevivência.

Juvêncio e Joaquim ouviam o som do mar misturado aos gemidos de sofrimento que se espalhavam pelos porões, misturados aos estalidos da madeira. Durante o dia, o calor insuportável tomava conta do navio. O calor de corpos se comprimindo, de espíritos se quebrando, o calor de uma prisão sem ventilação. À noite, o frio cortante das águas invadia o porão, trazendo com ele uma sensação de morte iminente.

As doenças surgiam com rapidez, como um espectro que se alimentava da desesperança. A febre, a disenteria, o escorbuto, todas as enfermidades se espalhavam com a velocidade da destruição, dizimando aqueles que já estavam à beira do fim. E os que sucumbiam eram jogados ao mar, sem cerimônias, sem mais respeito pela vida que restava em seus corpos. A morte, ali, era uma constante. Uma morte que chegava antes, muitas vezes, de se poder viver o que quer que fosse.

Para os que ainda restavam, o pior estava por vir. O medo da terra desconhecida, o terror de ser vendido e desmembrado das famílias, de ser jogado em um lugar onde a vida já parecia perdida antes mesmo de ter começado. Quando finalmente o navio chegava ao porto, os cativos já não eram mais os mesmos. Suas almas estavam vazias, seus corpos exaustos,

como se o próprio mar tivesse consumido o que restava de si. O que restava de suas vidas era uma sombra, uma lembrança distante da liberdade arrancada no momento em que foram arrancados de suas terras, de seus lares na África.

A viagem, então, não era apenas uma travessia física. Era uma morte lenta, sem fim, que se estendia para além das águas do Atlântico, tocando cada alma que havia sobrevivido. Ela deixava uma marca profunda, indelével, não apenas no corpo, mas na memória daqueles que viveram para contar, ou para nunca mais contar, o que viram e sentiram naqueles dias intermináveis. No fundo do navio, a travessia era o abismo entre a vida e a morte, onde a humanidade se despedia de si mesma.

Diante do horror, Juvêncio e Joaquim tentavam manter-se vivos. A comida era milho, mingau e uma sopa rala. O mínimo para não morrerem de fome. Só podiam beber meio litro de água por dia. E havia outro inimigo que não podia ser visto, mas estava ali, imerso nas correntes invisíveis daquele vasto oceano vasto: o banzo. A melancolia profunda da saudade, uma saudade que não conhecia limites de tempo ou espaço.

O banzo era o desespero de quem sabia que jamais voltaria para a terra que os viu nascer, que não veria mais o rosto das mães, dos filhos, dos amigos. O banzo, alimentado pelas lembranças das savanas, das florestas, das águas dos rios que correndo juntos teciam o tecido de sua cultura, era uma dor insuportável, capaz de fazer o corpo definhando mais rápido que qualquer doença. E muitos, rendidos a esse va-

zio imenso que tomava conta de suas almas, caíam na morte, como se já não houvesse mais razão para viver naquele mundo estranho.

Quando chegaram, ao Brasil, um misto de alegria pela vida, mas de tristeza por saber que nunca mais voltariam às suas terras, tomava conta deles. Resistiram. Estavam fracos, adoecidos. Mas vivos.

Joaquim e Juvêncio comessem a se entender mais profundamente. Viam um no outro a esperança de viver naquela terra distante. Juntos, quando desembarcaram, mantiveram vivas as lembranças dos campos de Moçambique e o eco das vozes, dos cantos, de sua gente, familiares que nunca mais escutariam.

A noite caía e ali do lado de fora da hospedaria, passou por eles uma jovem com um tacho. O cheiro inconfundível fez os dois se entreolharem e falar quase juntos: vatapá. A moça era Luana, que cuidava do jantar dos hóspedes. Ela podia levar para os escravizados que dormiam nos fundos da pensão, o que sobrava do jantar, além do preparar alguma coisa para eles. Ela lançou um olhar para os dois:

— *Cês vai ficar aí? Vem comigo!* — Juvêncio e Joaquim se levantaram e foram entrando com moça. Passaram pela lateral da casa, numa viela pouco iluminada. Ao fundo, havia um barracão. Entraram e Luana saudou com alegria:

— *Boa noite, meu povo! Esses dois aí, ó, estavam lá na porta, foram comprados por um tal de estrangeiro, francês, que vai ficar por aqui mesmo. Não podia deixá eles lá fora não, senão o Vidigal e os homens dele não iam perdoar, né? Vocês sabem bem como é.*

Joaquim e Juvêncio olham ao redor. Um homem está encostado numa das paredes mexendo no reboco, enquanto três mulheres arrumam as esteiras. Luana se aproxima e as apresenta. Eles param por um momento para olhar os recém-chegados. Há uma tensão no ar, mas logo uma das mulheres, Maria, se aproxima.

— *Se Luana trouxe ocês, é porque estão pricisando, mas... cuidado. Aqui não é o lugar de qualquer um, não. E se o capataz passá aqui e ver dois a mais... pode ser castigo.*

Juvêncio e Joaquim olham para ela com uma expressão cansada, mas agradecida.

Sofia se aproxima, sentando-se perto deles.

— *Não me leve a mal, mas Maria tem razão. O que não falta por aqui são zóio espreitano, sempre prontos pra denunciar. E num é só o capataz, viu?*

José, que estava no canto, ergueu os olhos da sua posição e observou os dois recém-chegados.

— *Oceis são novo, mas aqui na cidade do Rio não tem moleza. Se o senhor de vocês vai dormir aí na hospedaria, ele deve pagar para vocês ficarem aqui.*

— *Eu sei, José eu sei. Né fácil não. Mas eles vão pricisá de um pouco de descanso. Hoje, deixe estar. Amanhã, eles saem antes do sol raiar. Tudo há de ficá bem.*

Catarina fita diretamente para Luana, com um olhar firme, mas preocupado:

— *Num seja doida Luana. Ocê sabe como as coisas são aqui... Não podemos brincar cum fogo. Ser der fuzuê, todos nós vamos pagar o preço da chibata.*

Nessa hora, Joaquim baixou a cabeça, murmurando, como se já soubesse dos riscos:

— *Agradecemos por nos deixá ficar. Não queremos atra-paiá. Apenas... discansar.*

— *Eu cá entendo* — disse Maria — *O corpo cansa, mas a alma é que sofre mais aqui. Não façam barulho. Amanhã é outro dia. Quem sabe a sorte vira...*

Luana e Sofia começam a servir as porções de vatapá com arroz e pedaços de peixe assado para todos. Naquela noite, Joaquim e Juvêncio começam a entender melhor o Rio de Janeiro. Eles recebem uma verdadeira aula de como é a vida na cidade e aprendem que, naquele lugar, a sobrevivência dependia da vigilância constante.

Na hospedaria, naquela noite, Jean sonhou, outra vez, com o chão iluminado, de onde brotavam montanhas também brilhosas, como se fossem de estrelas. Era tanta confusão diante de sua vista, que o impossibilitava definir o que havia por trás dos montes. Não estava certo, mas parecia que havia um sobrado grande, uma casa de janelas imensas e azuis.

Ainda dentro do sonho, ele esfregou os olhos e firmou o olhar para tentar entender o que aquilo poderia retratar, mas não conseguiu. Foi atirado, como num passe de mágica, para outra época, que não pertencia àquela. Chegou a um tempo distante, tão inimaginável quanto inalcançável. Um tempo de incertezas, onde havia pessoas diferentes, roupas diferentes e tudo não o pertencia mais.

Agora via, com mais nitidez. Via a si, mais velho, sentado numa varanda de uma casa grande que tinha quatro lados. Estava numa terra próspera, trabalhada pelas mãos de es-

cravizados. Não eram apenas dois. Eram muitos. Talvez duas centenas deles, trabalhando o ferro, como quem molda algo de argila, dando a ela as mais diversas formas.

Era um sonho diferente. Tinha ares de profecia ou de coisa nunca antes imaginada. Era um delírio? Daqueles noturnos, que tomam conta do coração dos homens em noites de muito cansaço? Mas aquelas imagens ficariam guardadas no coração de Jean, desde quando acordasse, até o fim dos seus dias.

Pela manhã, Jean despertou com o fervor das ruas. Uma grande movimentação de carroças, de gente passando, de vendedores de toda sorte ofertando seus produtos. Olhou para a cama ao lado, vazia e não viu Thierry. Na certa, descera para o café.

Ele estava no Brasil e sua vida seria, por alguns meses, naquele Rio de Janeiro, a capital da colônia portuguesa. Se arrumou para descer ao café e viu, assim que chegou ao salão, uma jovem sorridente e bonita. Era Luana.

O amigo Thierry já tinha comido um pedaço de bolo de fubá e um naco de queijo, acompanhado de café fumegante. Café bom. Monlevade se sentou junto dele e perguntou:

— Saudades do croissant, mon frère? E tomou a faca para cortar o bolo.

O amigo riu e os dois trocaram impressões do que viam ali. Luana, de longe, observando a conversa dos dois, logo percebeu que eles eram os tais estrangeiros, com a língua estranha, cheia de r. Esperta, ela correu aos fundos e avisou Joaquim e Juvêncio que os senhores tinham acordado.

Os dois foram para a porta da hospedaria e ficavam ali, à espera de comando. Foi quando Monlevade apareceu e eles levantaram. O francês olhou para eles e perguntou onde tinham dormido. Joaquim ia dizer algo, mas Juvêncio interrompeu.

— *Sinhô, nois dormimo por aqui mesmo.*

Jean franziu a testa em indagação. Mas Juvêncio, que era mais sabido puxou conversa.

— *O sinhô não repare. Mas sabia que tem um barraco nos fundos onde vive os preto? Ali, nois pode se ajeitá, se o sinhô deixá. E se o dono da hospedaria permitir.*

Monlevade era justo. Disse que ia ver o que poderia fazer a respeito. Foi até o balcão da hospedaria. Maria varria a sala com uma vassoura de piaçava e viu o francês falando que tinha dois escravizados e que pagaria para eles dormirem ao fundo. Melhor que deixá-los na porta rua. Maria riu baixinho e correu para contar para Luana.

— *O francês dos zoio azul vai pagá pros dois ficar.*

— *Eu tô achano é bão. Que assim não tem erro e não sobra pro nosso lombo.*

O atendente da hospedaria explicou que os dois escravizados do francês deveriam ter uma licença, um documento que provava que eles tinham dono. Caso não tivessem a licença, esse era recolhido ao Depósito Público e o senhor deveria pagar uma multa. Ele informou a Monlevade que ele deveria ir à Câmara Municipal buscar esse papel.

— *Mon Dieu! C'est burocratie.*

— *Quê? — disse o outro.*

— *Nada. Pensei alto. Merci!*

Monlevade e Thierry buscaram os papéis e chamaram Juvêncio e Joaquim. Explicaram a eles que podiam gozar de certos privilégios que outros não possuíam, como andar livremente pelas ruas.

Os dois se olharam e lembraram da conversa com José na noite anterior sobre os caminhos e encruzilhadas da cidade. Perceberam que enquanto estavam à mercê do francês, podiam até faturar algum dinheiro, servindo a outros senhores, como escravizados de aluguel ou de ganho. José vivia assim e ensinou aos dois como fazer o serviço.

Monlevade só ficou sabendo da empreitada dos dois quando Juvêncio, uns dias depois, entregou-lhe um saco de dinheiro.

— *Essa parte é do sinhô.*

— *Minha parte?*

— *Pois é. Eu mais Joaquim tamo trabaiaando para outro sinhô, enquanto vosmicê não vai seguir viagem. Ele paga pelo trabaio que fazemo: levar recado, entregar frutas numas casa... e essa parte é do sinhô. Nós já tiramo a nossa cota.*

O francês ficou admirado. Então era assim que alguns escravizados conseguiam dinheiro para seus senhores, trabalhando e sendo explorados por outros. Contou as moedas. E se lembrou da expressão que ouvira certa manhã, quando ele e Thierry adentraram numa venda, na Rua do Lavradio, para adquirir um caderno de notas. Ali viu passar uma senhora distinta. Tinha ares de gente de posses, mas nenhum de nobreza. Cumprimentou-a gentil, embora não a conhecesse. A mulher olhou-o também com distinção e percebeu nos modos que se tratava de um estrangeiro.

Ela seguia acompanhada por duas negrinhas de companhia. A senhora tinha um passo rápido, ia no sentido da Igreja do Carmo. As duas jovens, magrinhas e assustadas, iam atrás. Uma delas, de vez em quando, ajeitava-lhe a barra do vestido. A outra, cuidava para que nada atrapalhasse seu caminho. Porém, mesmo com as roupas bem-feitas e ornamentadas, a mulher não tinha nada de elegante.

Foi então que o dono da venda um português baixinho, comentou:

— Essa aí é a mulher do capitão Fernandes Costa. Ele não tem muito, mas pode ser considerado rico. Dizem que tem duas dúzias de escravizados, que os aluga a terceiros. Esses senhores de ganho, fingem pose, fingem posses, mas nada têm de nobreza.

Monlevade percebeu o que ele quis dizer:

— Vivem de aparências, não é ?

— Isso aí. Nesse mundo, pouco se vale se pouco se tem. Então tem gente que finge e disfarça.

Estava recordando essa ocasião, quando olhou novamente para Juvêncio e deu ordens para ele continuar a executar aquelas tarefas e determinou que ele e Joaquim fizessem, eles mesmos, a divisão dos lucros pelos serviços recebidos.

Era um voto de confiança, algo muito raro. Os dois sorriram.

— *Sinhô João, o sinhô não vai se arrepender.*

Foi a primeira vez que alguém o chamou de João. Quando ouviu, uma sensação quase íntima percorreu seu corpo. João... A sonoridade do nome parecia envolver sua alma de

uma forma inesperada, como se fosse um novo começo E afinal, estava mesmo começando.

Nunca havia pensado que alguém o chamaria assim, com a simplicidade e a leveza do som. De Jean, ele agora era João. Era como se, naquele momento, seu nome tivesse se transformado, como se ele mesmo tivesse se transformado. Estava no Brasil. E o nome, ao invés de incomodá-lo, trazia uma sensação de liberdade, de renovação. Algo se desfez dentro dele, um peso se soltou, e pela primeira vez, ele sentiu que estava em casa.

IV

Os quatro meses em que ficou no Rio de Janeiro, à espera da autorização para seguir viagem até Minas, Jean de Monlevade, ou melhor, o agora João Monlevade aprendera ainda mais sobre o Brasil. Tudo era muito diferente do que conhecia. A culinária, fora uma das coisas que mais chamaram a sua atenção. O consumo de carne suína era maior do que imaginara. A quantidade de sopas e caldos também. Naquele tempo, havia pouca ou quase nenhuma carne de frango.

Embora existissem muitas galinhas para serem vendidas, poucas estavam destinadas à população comum. Havia muitas bocas para serem alimentadas na corte de Dom João VI. A família real, além de criados, cônsules, marqueses e ou-

tros nobres, somavam mais de 15 mil pessoas, o que, de certa forma, prejudicava a população comum. Apenas a realeza tinha preferência na hora de comprar galinhas.

Por essas e outras razões em decorrência da permanência do rei em terras brasileiras, havia estourado, em Pernambuco uma revolta com fins separatistas.

Naquele ano de 1817, nasceu em Pernambuco um grande descontentamento popular, com o fato de uma capitania tão rica, permanecer como colônia de Portugal, fazendo ressurgir sentimentos revolucionários, acalentados desde a expulsão do governo holandês em 1654. João Monlevade lia as notícias pelos jornais e o burburinho corria solto nas ruas de que os revoltosos queriam proclamar uma República Independente. Era uma forma de dar um basta à submissão política a Portugal e que tanto prejudicava a vida da colônia.

Quando ficou sabendo que ainda havia resquícios da revolta pernambucana, Monlevade redobrou os cuidados. Por ser francês, correria um risco de ter seu visto de imigrante negado pelo rei Dom João VI e de ser expulso do Brasil.

Ainda mais, por que o monarca português viera ao Brasil, fugindo das tropas de Napoleão e havia rumores de que bonapartistas queriam aproveitar o movimento republicano para planejar a fuga do imperador para a América. Embora exilado na ilha de Santa Helena, a Revolução Pernambucana queria que Bonaparte, como em anos anteriores, chegasse às terras brasileiras.

Num jornal que lhe chegara às mãos, Monlevade, leu com atenção um relato que lhe causou uma estranha sensação de familiaridade e fascínio. Os ideais da Revolução Francesa –

liberdade, igualdade, fraternidade – que ele tanto conhecia e reverenciava, agora se espalhavam para além dos mares, chegando ao fervoroso movimento pernambucano.

“Em lugar de vossa mercê, diz vós simplesmente. Em lugar de senhor, é-se interpelado pela palavra patriota, que equivale a cidadão, e ao tratamento de tu. As cruzes de Cristo e outras condecorações reais abandonam as botoeiras. As armas desaparecem, assim como os retratos do rei”. Esse era o relato do compatriota, Louis-François de Tollenare em suas “Notas Dominicais”.

O comerciante francês, que se encontrava em Recife durante os dias de ebulição política da Revolução, narrava, com uma precisão quase documental, o clima de transformação que tomava conta da cidade. As palavras de Tollenare ecoaram nas memórias de Monlevade como um reflexo das esperanças e das turbulências que também começavam a moldar o destino do Brasil, a pátria que ele agora chamava de lar.

Por isso, apesar da maneira velada, João Monlevade sabia que tinha os passos vigiados por homens da Polícia da Corte Real, a mando do Intendente Viana. Paulo Fernandes Viana, atuava desde 1808 como o homem da lei. Fora nomeado pelo próprio Dom João VI para agir como um civilizador do Rio de Janeiro.

Sua função era evitar qualquer problema que pudesse ameaçar a ordem social. Ele era uma espécie de prefeito e de agente de segurança ao mesmo tempo. Monlevade estivera na Intendência quando chegou e sabia dos seus poderes.

Como polícia, ele cuidava para que atos de violência não atormentassem os cidadãos comuns, muito menos os no-

bres. Praticamente tudo que envolvia a ordem pública e o funcionamento da sociedade era de responsabilidade da Polícia da Corte.

Certa vez, Monlevade estava na venda do português, na rua do Lavradio, e ouviu um comentário sobre a rígida atuação do Intendente Viana. O nome dele estava frequentemente nas conversas, não como um simples oficial, mas como um homem de mão firme, implacável nas suas ações.

A curiosidade de Monlevade foi despertada quando, ouviu um caso curioso sobre um relojoeiro francês. João Batista Pletie era acusado de roubar um relógio que lhe fora confiado para conserto. O assunto ganhou os jornais, porque, ao ser confrontado pela acusação, Pletie afirmara que o relógio não passava de um objeto adquirido legalmente, comprado no Juízo de Ausentes, da Bahia.

Essa defesa, no entanto, não convenceu o Intendente, já que o dono do relógio acusava firmemente que fora furtado. Viana, com seu temperamento rigoroso e sua visão de justiça implacável, exigia uma investigação minuciosa, determinada a erradicar qualquer vestígio de transgressão que pudesse abalar a ordem pública.

Naquele balcão, enquanto Monlevade e Thierry tomavam um gole de vinho e comiam um bolinho de bacalhau, levou aos dois uma sensação de desconforto. Diante daquele relato, os dois amigos franceses sentiram que o clima estava tenso, diante da revolta em Pernambuco e, sobretudo, da investida contra os franceses. Monlevade começava a perce-

ber, nas entrelinhas, que havia algo no ar. O que para muitos era apenas um pequeno caso de furto, para ele se tornava a metáfora de uma batalha maior que ainda estava por vir.

Viana também mandava executar obras públicas. Fiscalizava a qualidade dos serviços sanitários, providenciava novas habitações para os portugueses que acabavam de chegar, como também, expedia passaportes para aqueles que vinham de fora. Era um dos homens mais influentes junto ao príncipe regente.

Ao lado de Viana, trabalhavam alguns agentes que tratavam com truculência excessiva, quem ousasse desafiar a ordem local. Um desses, agentes era o temido major Miguel Nunes Vidigal.

Foi com ele que Monlevade topou certa vez, na praia, quando observava o oceano numa tarde de calor e a saudade da França apertava-lhe o peito. O francês caminhava ao longo da orla, pensando que já era tempo de partir para Minas. Escrevera uma carta para o pai de seu amigo, o capitão Antônio Gomes de Freitas, explicando-lhe que era preciso esperar autorização do governo real, mas que não tinha desistido do convite para hospedar-se nas terras da fazenda Itajuru, em São Miguel do Piracicaba.

Olhando as ondas que se quebravam e que levantavam espumas brancas, inexas, não percebeu que era também observado de perto por um homem alto, forte. A figura era ameaçadora. Ele tinha os olhos fixos em Monlevade, as mãos à cintura, fardado e vigilante. Não parecia estar ali à toa.

Àquela hora, o vento do litoral zunia junto ao som do arrebentar das ondas o que criava um clima assustador, apesar do sol das quatro da tarde. Vidigal surgiu como uma aparição. Ao lado direito da cintura, um chicote de couro cru dava voltas antes da ponta tocar o chão. No esquerdo uma pistola.

Monlevade, quando se deparou com ele, sentiu um pressentimento de que talvez corresse perigo. Ele sabia que o major Vidigal era um homem violento e que sua fama de fúria não poupava ninguém.

Pensou em apressar os passos para sair dali. Na praia, só estavam os dois. Ninguém poderia vir em seu auxílio, caso algo lhe acontecesse. Porém, não poderia sair dali fugido, correndo. Afinal, apesar da situação incômoda, não tinha feito nada.

Acalmou os pensamentos e os colocou em ordem: estava esperando um sinal de positivo do governo para poder seguir viagem em busca de seus estudos mineralógicos em Minas Gerais. Tinha a licença para permanecer no Rio. Seus dois escravizados também. Não. Não tinha mesmo o que temer ali, apesar do olhar duro do major,

Voltou o olhar para o imponente Major e, em vez de fugir, caminhou ao encontro dele. O outro esperava-lhe. O francês, de altura mediana, ficou menor diante de Vidigal.

— O que traz um estrangeiro aqui, nessa praia deserta?

— A voz inquisidora, rouca e firme, parecia um estrondo, feito o das ondas. Foi a pergunta que ele fez a Jean de Monlevade, iniciando uma conversa que duraria pouco.

— Estava olhando o mar, para tentar matar um pouco das saudades que tenho do meu país e dos que deixei por lá. — Respondeu o francês, sem temor.

— Se a saudade lhe aperta, então por que não parte de vez para casa? O que faz aqui no Rio de Janeiro?

Uma de suas funções na Polícia era vigiar os estrangeiros, ainda mais, após os rumores de Pernambuco...

Como estava informado da situação política, Monlevade já tinha pensado na possibilidade de algum imprevisto dessa natureza ocorrer-lhe.

— Bem... até que se estivesse em meus planos, poderia ir embora dessa terra. Mas cheguei a pouco mais de um mês nesta terra e quero seguir com pesquisas em Minas Gerais. O senhor é da importante Polícia Real... Estive na Intendência e, além disso, não há quem nesta cidade de São Sebastião que não conheça o senhor Major Vidigal Nunes.

O outro apenas respondeu-lhe com um leve movimento de chapéu, sem piscar os olhos.

Jean prosseguiu:

— Ainda aguardo permissão para seguir minha viagem para Minas, como lhe disse. Imaginei que o senhor talvez estivesse de posse dela, já que veio a meu encontro.

— Eu não vim a vosso encontro. Estava de passagem quando o vi sozinho...

— Não pensei que olhar o mar, numa tarde quente como essa, fosse algo que despertasse o interesse das autoridades. Mas se é para o bem da coroa, como me parece, peço licença para voltar à minha hospedaria, onde aguardo a permissão real para seguir com meus estudos. Passar bem, meu senhor. Passar bem.

Foi a forma que Monlevade encontrou para despachar aquele homem rude. Ao passar por ele, percebeu que ainda

mantinha as mãos em seu chicote preso à cintura e o olhava com aqueles olhos de rapina, desconfiando de tudo.

Chegando à hospedaria, encontrou Thierry de conversa com Joaquim e Juvêncio. Informou-lhes do acontecido aquela tarde e avisou para que tivessem cuidado. Thierry se benzeu.

— Valha-nos Deus. E beijou a cruz que trazia sempre ao pescoço.

Mas tanto Juvêncio quanto Joaquim demonstraram pavor. Eles conheciam bem aquela figura. Monlevade mandou que eles contassem o que sabiam a respeito.

— *O sinhô, me adiscurpe. Mas é que num é fácil falar disso não.*

A resposta de Juvêncio aguçou ainda mais a curiosidade de Monlevade. Por que motivos o escravizado não gostaria de falar a respeito daquele homem?

— Pois fale Juvêncio. Diga-me tudo o que sabes.

— *Bem meu sinhô... Todo mundo aqui sabe que o Major Vidigal num é homi de bem não. Ele judia de nós sem dó.*

— Conte-me mais, Juvêncio. Conte mais.

— *Capitão João, o sinhô nem imagina o que os nego passa na mão dele. Ele vigia roda de capoeira, até nos nego de ganho, ele fica de olho. A gente num pode bobeá que ele desce o relho ni nós.*

Juvêncio e Joaquim contaram que, uma vez, o militar correu atrás de um escravizado nas ruas. O rapaz devia ter vinte anos e trabalhava para uma senhora, dona de uma pensão. O negrinho tinha o nome de Alcides.

Como servia a uma senhora de alta classe, Alcides tinha fino trato, educação. Sabia até ler e escrever. Assim, tinha a

confiança de sua dona, que o liberava nos fins de tarde, depois que ele tivesse realizado os serviços domésticos.

O rapaz se encontrava com uma negrinha, perto do chafariz da rua Riachuelo, todos os dias, por volta das cinco da tarde. Era quando ela ia buscar água para o jantar na casa de seus senhores. Ao contrário de Alcides, a moça não gozava dos mesmos privilégios e tinha hora marcada para chegar a casa.

Mas o amor deles era puro e tinha uma leveza no ar. Alcides respeitava as vontades de sua amada, que não queria se entregar a ele assim, como muitas outras costumavam. Não queria deitar-se em algum lote, sobre alguma cama de capim.

Mesmo juntos já há algum tempo ainda não haviam experimentado o gosto um do outro. Permaneciam imaculados e ainda, guardavam-se, esperando a hora mais desejada. Era bom que aquele respeito continuasse. Rosa temia engravidar, como acontecera com sua irmã Matilde. Não queria ter que trabalhar com aquela barriga, sendo desrespeitada por seu patrão. Além de ter medo do destino incerto do filho...

Preferia esperar para o dia em que Alcides conseguisse ser alforriado, juntasse o dinheiro necessário para comprar a liberdade dela também. Era a única maneira de viverem o seu amor por inteiro, como sempre esperaram.

Era mais um fim de tarde, que se tornaria inesquecível para os dois. Eles conversavam como sempre fizeram, ao lado do chafariz. Enquanto ela esperava os baldes encherem, os dois poderiam ficar ali, permitindo-se sonhar com o futuro...

Às vezes, quando ela se distraía olhando o movimento daquela hora do dia, ele mexia nos cabelos dela. Tocava-os com carícia. Nessas horas, Rosa ria, sem graça. Mas lançava ao amado um olhar doce, de admiração e, ao mesmo tempo, de desejo recolhido.

A presença dos dois naquele lugar era tão frequente, que já nem era notada pelos demais. Só os olhos de serpente do Vidigal não os deixavam tão à vontade. De longe, sempre com a mão sobre o imenso chicote, o chapéu encobrindo-lhe parte da face, ele não os perdia de vista.

Havia dias que vinha reparando naquele namorico em via pública. Só estava esperando uma oportunidade, um deslize sequer, para pôr as mãos nos dois negrinhos que nutriam sua paixão. Acontece, que por causa da timidez dos dois e dos inocentes gestos, o militar estava ficando impaciente com aquilo tudo.

Depois de tanto tempo com a vigília sem trégua, Vidigal não se conformava em não ter conseguido castigá-los ainda. Foram meses de expectativas frustradas, nos fins de tarde, sem tirar os olhos deles. Não havia nada demais, nem nada de mal. Para os dois, o que importava era apenas estarem na presença do outro. Mais nada.

Porém, o Vidigal não se contentava. De tanto observar os dois, de tanto querer flagrá-los cometendo algum delito que ofendesse a moral pública, de tanto imaginar os castigos e sovas que daria neles, Vidigal acabou se interessando por Rosa. O inesperado havia acontecido.

Ele vivia perseguido pela imagem daquela jovem. Não conseguia afastá-la de si. Como numa imensidão de rosas a

sufocar-lhe, de tanto perfume e desejos, Vidigal já não conseguia trabalhar direito. O calor do Rio nas horas da tarde só o fazia pensar em Rosa. No vestido surrado de Rosa. No sorriso brejeiro de Rosa. Na pele negra de Rosa. Que cheiros exalariam daquele corpo?

Todos esses pensamentos só o levavam ao delírio. A cada tarde, ele se dirigia ao chafariz e ali ficava esperando por eles. Aliás, por ela. Quando Alcides chegava primeiro, ele se consumia numa raiva profunda, num ódio sem razão de ser. Queria pegá-lo pelo pescoço, quebrar-lhe ao meio e acabar de vez com aquele safado.

Afinal, por que Rosa só dava atenção a ele?

Quando a fúria se apossava, quando estava prestes a estourar de ódio daquele que era dono do coração da jovem, Rosa chegava, com seu baldes vazios. A conversa dos dois dava a impressão de que não iria terminar nunca. Alcides levou as mãos aos cabelos da moça e ajeitou-os. Ela riu do carinho dele e beijou-lhe os dedos, com ternura e devoção.

A cena foi demais para Vidigal. Tomado de raiva e desespero, partiu para cima dos dois, mais como um cão enciumado do que como um militar de patente. Ergueu o chicote para espanto dos namorados e violentou o rosto de Alcides. Rosa começou a chorar e gritou pedindo clemência. Vidigal não parava de golpear o rapaz, que, mesmo caído ao chão tentava se defender. A sova repentina não o deixou saber o que estava acontecendo. Apanhando, levantou-se e fugiu.

Vidigal seguiu-o desferido golpes de chicote a esmo, acertando-o nas costas, com violência, sem o menor sinal de piedade. O jovem, aos prantos, mal conseguia correr, até

que não resistiu e caiu, sucumbindo à ira do algoz. Ferido, atirado a uma vala no canto de uma rua, o rapaz humilhado chorava de raiva, chorava de dor. Chorava de angústia, de vergonha. Afinal, o que ele fizera para apanhar daquele jeito no meio da rua? Foi o que pensou antes de desmaiar.

O Major, ainda não satisfeito com a sova, tomou uma das pernas de Alcides, laçou-a na ponta do chicote e seguiu arrastado o moço pelas ruas de pedra da Riachuelo, espantando a quem passava com tamanha truculência.

Vidigal arrastou Alcides até a porta de sua senhora. Não foi necessário chamar. Ela já estava à porta, devido ao alvoroço, sem saber ao certo do que se tratava. Não demorou muito a descobrir, para seu grande espanto, que se tratava do seu mocamo pessoal. A pavorosa imagem a deixou quase sem palavras e a única coisa que disse, foi um “Meu Deus, nosso Senhor”, entre dentes, quase como um sussurro.

Em frente à porta da mulher, Vidigal gritou:

— Este teu preto estava de sem-vergonhice em lugar público com outra pretinha safada. Mereceu o castigo dos que afrontam a ordem e os bons costumes.

E arrematou:

— Se morrer, será bem-feito. Que fique a lição.

E saiu balançando o chicote pela rua onde havia um rastro horrendo de sangue e dor. Tão cedo, os moradores não esqueceriam o acontecido. Principalmente, Dorotéia, que era a senhora de Alcides e sabia que aquele jovem escravizado letrado, tinha bons modos e que não havia outro motivo, senão a injustiça que explicasse a barbárie.

Rosa fugiu para não apanhar também. Sem rumo, pelas ruas do centro, ela deixou para trás os baldes com a água que deveria levar para o jantar. Chegando à casa em que servia, com o coração na boca de tanto correr, tentou explicar o ocorrido para a sua senhora. Mas não teve tempo. Vidigal chegara à sala e já explicava ao senhor tudo o que se passara. Disse que a negrinha era desfrutada e que colocava em risco a moral da corte do rei Dom João.

Não houve outro destino para Rosa, senão o tronco. Fora amarrada pelas mãos e, nas costas nuas, recebeu dez chibatadas pela falta de vergonha. A cada golpe, a moça pedia perdão a Deus e pensava no Alcides. Foram longos minutos de sofrimento, sentindo o sangue quente minar-lhe as costas.

Quando terminou, antes de voltar à senzala, Rosa foi submetida ao banho de sal e pimenta. Apesar do processo servir como método sanitário para evitar infecções diversas, era praticamente parte do castigo. E ela sabia disso.

O feitor pegou-a pelos braços. O corpo mole, sangrando, parecia mais com um animal abatido do que a mulher formosa de horas antes. Ela foi levada até uma parte alta do terreiro e dependurada de cabeça para baixo, nos galhos de um ingazeiro.

Apesar de sua dor conseguiu caminhar apoiada nos braços do feitor Josias. Não havia escravizado daquela casa que não contemplasse a cena, com o pranto vazando pelos olhos.

— *Piedade, sinhô*. Gritou Maria, uma das cozinheiras.

O homem nem titubeou e Rosa foi mesmo levada até os fundos do terreiro. A cena horrenda do castigo impressio-

nava a todos os escravizados. Mesmo os que nunca foram castigados, sabiam bem o que iria acontecer com a moça. A mulher, com as costas nuas e ensanguentadas, estava quase desfalecida. Mesmo assim, o feitor precisava terminar o serviço.

Depois que a moça ficou ali, esperando que o sangue das veias descesse para sua cabeça, Josias aplicou-lhe nas feridas, com um chumaço de pano, a terrível mistura de pimenta, sal e vinagre. Um grito apenas. Rosa não tinha mais forças para nada.

Quando Juvêncio terminou aquela história de amor e de sangue, Monlevade não disse nada. Lembrou-se do mestre e amigo, na escola politécnica, Chateau, que lhe falara dos espantos que teria ao desbravar aquela terra. Ficou ainda mais chocado com a covardia de Vidigal ao aplicar tão severa vingança ao casal apaixonado.

V

Jean Monlevade era um homem acostumado ao estudo e ao trabalho, de estatura regular, porte ereto e gestos precisos. A travessia do oceano e os meses sob o sol impiedoso do Rio de Janeiro haviam transformado sua pele outrora pálida. O branco europeu, agora exibia um tom bronzeado, manchado aqui e ali por um leve avermelhado, marcas da adaptação forçada ao calor dos trópicos.

Seu rosto, de traços bem definidos, trazia uma barba bem cuidada, de volume médio, que lhe conferia um ar de maturidade e decisão. As sobrancelhas cerradas acentuavam o olhar azul intenso. Não era o olhar de um aventureiro inconsequente, mas o de um engenheiro meticoloso, de um

homem que estudava tudo ao redor antes de dar um passo, além de tudo, ávido por conhecimento, tinha muito interesse pelo Brasil e sua diversidade.

As roupas, ainda com traços da elegância francesa, haviam cedido à necessidade prática: os tecidos leves, tingidos pelo pó das ruas e pelo suor dos dias quentes, moldavam-se ao corpo adaptado ao clima severo. Seu espírito, contudo, permanecia firme, como o ferro que viera estudar e transformar.

Através de sua formação clássica, sabia um pouco de música e literatura, de alemão, de inglês, e conhecia bem o latim. Por isso, nunca teve dificuldades para transitar entre culturas diversas.

Ainda nos tempos da escola de mineração aprofundou alguns estudos acerca de filosofia iluminista. E isso influenciava seu comportamento. Tomado por um espírito desenvolto e inquieto, o francês, durante seus estudos ainda antes de vir ao Brasil, caminhava lentamente entre as fornalhas e os cadinhos da metalúrgica, o calor das chamas enchia seu rosto de luz, marcado também pelo suor. Seus olhos, porém, estavam voltados para algo mais distante do que o ferro em fusão ou o brilho dourado das pepitas de metal.

Imersa nas ideias dos filósofos iluministas, que o haviam conquistado de forma irremediável, sua mente buscava enxergar além do que via. Ao observar os minerais sendo extraídos das profundezas da terra, Jean via mais do que apenas elementos químicos a serem refinados; ele percebia a metáfora perfeita da transformação que ele, como homem, deveria buscar.

Assim, refletia sobre a crença que nutria desde que lera pela primeira vez as obras de Voltaire e Diderot. A matéria-prima, para ele, não era apenas um composto de minerais a ser refinado no fogo. Comparava a própria humanidade, que poderia ser transformada pela “luz” da razão, afastando as trevas da superstição e da ignorância que ainda mantinham o povo nas garras de velhos dogmas e crenças infundadas. “Tal como o fogo purifica o metal impuro, a razão deve purificar a mente humana”, pensava Monlevade, enquanto examinava uma amostra de minério de ferro, com a meticulosidade de quem acreditava que todo conhecimento, assim como o minério, exigia um processo de mudança.

Para ele, a ciência e a razão eram ferramentas não apenas para o progresso material, mas para a libertação da mente humana. Seu trabalho na metalurgia era, então, uma metáfora viva para os princípios iluministas: a rejeição das verdades estabelecidas sem questionamentos, o desafio à autoridade cega e a busca pela clareza e pela verdade.

Dentre os companheiros do Corpo Real de Minas, Monlevade era conhecido por sua obsessão em aprimorar o processo de transformação dos minerais, sempre à procura de novos métodos. Mas seus colegas, embora respeitassem suas habilidades técnicas, começavam a perceber que sua paixão não estava apenas no metal, mas na ideia de que, através do estudo, da razão e da experimentação, poderia também “iluminar” as pessoas ao seu redor.

Para ele, os minerais não eram apenas matéria, gostava de compará-los à mente humana: o que parece impuro, denso e opaco pode se transformar em algo precioso, se trata-

do com o cuidado da razão. Seus pensamentos fluíam com a paixão de quem acreditava que o saber deveria ser compartilhado, não guardado apenas para poucos.

Jean de Monlevade não era apenas um metalúrgico, mas um engenheiro iluminista, que via em cada grão de minério não apenas uma matéria-prima para o avanço industrial, mas uma oportunidade de refinar a própria humanidade. O homem poderia ser, assim como o ferro, forjado pelo calor da razão e pela claridade do conhecimento. E, então, talvez, o mundo fosse mais iluminado.

Habitando-se ao Rio, naquele período de espera, recuperara suas forças. Ao chegar, tinha a aparência cansada, mas já tinha perdido um pouco da palidez costumeira. O calor da viagem não foi muito maior do que aquele que ele sentira naqueles trópicos.

Gostava de se vestir bem. A vaidade era algo típico dos franceses, embora Jean, às vezes, tivesse que dispor dela em nome de seus trabalhos. Mas isso não importava quando mergulhava, de corpo e alma, às vezes, mais alma do que corpo, numa expedição em busca de um mineral.

Ele sabia que a relação do pesquisador com seus objetos de pesquisa tinha que ser mais intensa do que qualquer outra. Por isso, era um engenheiro que, muitas vezes ensinava seus subordinados a lidar com as lavras e compartilhava seus conhecimentos.

Mesmo na França, ao redor do castelo onde fora criado, tentava analisar minerais que pegava do solo. Tudo em vão. Ali não havia material suficiente para suas investidas

científicas. Porém, a curiosidade e a vontade de partir para o desconhecido sempre foram motivadores de sua paixão. Gostava de cavalgar pelas manhãs e sempre que via algo inusitado, guardava para si, com o interesse de estudar, de tentar entender daquilo mais tarde.

Mesmo quando era um acadêmico da Escola de Minas, Jean queria ir além daquilo que aprendia. Toda essa vontade tinha apenas um significado para ele: entender a ciência dos minerais. Aprendeu muito de geologia, química e matemática, tudo em nome do que mais amava.

Ao partir para o Brasil, tinha a certeza de que, naquela terra, se realizaria, apesar de todos os pesares de uma nação ainda em construção na América do Sul. O medo do desconhecido nunca foi para ele um empecilho. Afinal, aquela empreitada seria uma chance imensa de ir além. Agora que estava nas terras tropicais, sentia-se pronto para viver novos desafios. Tudo para ele era muito novo.

A história que o Juvêncio contou a respeito da escrava Rosa e de seu namorado Alcides mexera com ele. Era mesmo de se espantar que alguém pudesse exercer tamanha crueldade, embora se tratasse de um homem pago pela coroa para vigiar a ordem. Mas aquilo era demais.

Ao lembrar-se de que também estivera com o próprio Vidigal na praia deserta não imaginava do que aquele homem fosse capaz. Àquela hora, não cabia mais pensar a respeito. Afinal, era um perigo que já tinha passado e ele não era homem de se intimidar por pouco. Riscos sempre existirão e eles são para ser corridos.

Naquela noite, Monlevade não conseguiu dormir direito. Ao se acomodar na pequena cama da hospedaria, junto de seu amigo Thierry, sentiu como se ali houvesse vários espinhos. Deitou-se de lado, para ver se o conforto chegava. De nada adiantou. O corpo queria dormir, mas a mente imaginava coisas que o perturbavam.

Olhou para Thierry que ressonava tranquilamente, sempre abraçado a um escapulário com a imagem da Virgem e do Sagrado Coração de Jesus. Era uma maneira de se abençoar contra os perigos. O rapaz tinha 25 anos e era um amigo de longa data, desde a meninice. Destemido, não negou o convite para cruzar o Atlântico e chegar ao Brasil com Monlevade.

Desde muito novo, Thierry demonstrava boa vontade em seguir os passos de Jean. Filho de um criado do castelo dos Bougenet, o garoto foi criado com Jean Antoine. Ambos desbravavam as terras ao redor do castelo, buscando brinquedos, querendo encontrar algo que os divertisse.

O nobre, três anos mais velho, sempre liderava as expedições, as viagens às paragens mais diversas e distantes, aos recantos mais absurdos que só a mente infantil pode alcançar. Mas as aventuras, os monstros, os perigos possíveis ficavam a cargo de Thierry. Em sua imaginação, ele arquitetava roteiros e acontecimentos que prolongavam a brincadeira para muito mais tarde.

Um galho solto de árvore transformava-se num terrível dragão de sete braços, que soltava fogo pela boca e rugia tão alto que, para derrotá-lo, somente usando um chapéu especial e uma espada banhada nas águas de prata do riacho que cortava aquelas terras.

Outra hora, alguns faisões do quintal viravam aves assassinas que desceram do céu em busca de carne humana. Somente dois destemidos heróis poderiam vencer aquele exército de penas. Como não podiam machucar as criações, Thierry inventava que elas eram intocáveis. Tão intocáveis que não havia forma de ataque, senão, tentar afugentá-las com as especiais bolas de barro, única arma que afastava tão estranhas criaturas. Quixotices infantis...

As aventuras não terminaram quando a infância ficou para trás. Na primeira juventude, Thierry e Monlevade ainda permaneceram amigos. Enquanto Monlevade seguiu para Paris, Thierry permaneceu no Castelo, ajudando o pai, que era ferreiro. Mas isso nunca os separou. Quando se encontravam, partiam em busca de diversão, sempre sem deixar de lado, a troca de experiências que cada um viveu quando andou longe.

Mesmo sendo um engenheiro capacitado pela Escola Técnica de Paris, Monlevade aprendeu muito com Maxime, o ferreiro. O domador de metais o ensinou a manusear os materiais, a dosar e a alimentar o fogo, as técnicas da forja. Jean aprendia tudo atenciosamente e contava que, na escola politécnica, ensinavam tudo diferente...

Apesar de crer que Deus estava na natureza e no homem, Thierry aprendera com a mãe, Anne, a rezar. Religioso, não abria mão do seu escapulário. Durante a travessia do oceano, ele sempre orava para que Santa Bárbara os protegesse dos maus tempos e de todos os perigos do mar.

Dormia como uma criança, sonhando coisas que não ficavam tão à mostra. Conforme Monlevade acreditava, ele era

um homem com coração de menino, tamanha a sua humildade, lealdade e vontade de aprender.

Ao mesmo tempo em que Monlevade procurava saber das coisas do Brasil, Thierry ficava horas de conversa com Juvêncio e Joaquim. Ele se divertia com as histórias que eles contavam do que viam nas ruas. Além disso, não tinha medo. Essa era uma de suas virtudes, inclusive, admirada por Monlevade. Gostava de falar o que pensava, mas respeitava as opiniões dos outros.

Enquanto observava o amigo ressonar, Monlevade recordava os momentos pelos quais passaram juntos. Não tinha dúvidas de que Thierry seria um excelente parceiro nas novas empreitadas. Quando ele revelou o interesse de viajar para o Brasil, o amigo disse que ouvira muitas histórias da colônia. Algumas o deixavam horrorizado, como as lendas das indígenas que, para vingar a exploração e a violência sofridas, seduziam os homens europeus e os matavam depois de um momento de prazer.

Monlevade achava graça naquilo tudo e sabia que muita coisa dita a respeito do Brasil era mais fábula do que verdade. Mas dava asas à imaginação do amigo.

— Thierry, mas você morreria após amar uma mulher?

— Não sei... Eu creio que isso seja um pecado.

— Pecado? Não seja tolo.

— Monlevade, o homem deve se entregar a uma mulher apenas depois do matrimônio abençoado pela Igreja.

— Se for assim, quantos senhores de escravizados não devem lotar o inferno?

— Ah, meu amigo! Muitos... abusar e violentar as escravizadas, as indígenas, deveria ser um crime. Isso não é de Deus.

As conversas dos dois no navio seguiam o balanço das ondas. Não havia muito o que fazer durante a viagem. No mar, todo homem se embriaga de tédio. Alguns enlouquecem e desembarcam completamente tomados por uma solidão tão grande, que os olhos ficam vidrados, mudam de cor e os gestos não se contêm junto ao corpo. Aquele banho de sal e azul cortantes de tanto céu e mar atormentam o corações mais frágeis e desavisados.

Tão logo desembarcaram naquela manhã de maio, Thierry olhou para as jovens mulheres da beirada do cais, sentiu um aperto tão grande no peito, que pensou estar morrendo. Elas eram impregnadas de sofrimento. Apiedou-se delas e fez uma oração, ao imaginar que muitas eram arrastadas pelos cabelos e violentadas sexualmente.

Os pensamentos de Monlevade iam longe quando o sono o alcançou e ele dormiu muito. Acordou tarde, com os sons do Brasil que invadiam o quarto da hospedaria. Abriu os olhos assustados, como se ainda sonhasse. Thierry lia uma pequena bíblia ainda na cama. Gostava do livro de Jó e das provas pelas quais o homem foi submetido.

Desde aquela manhã, a agitação da cidade era quase palpável. Todos comentavam sobre a cerimônia do beija-mão que aconteceria naquela noite. Dom João, como de costume, convocava a população a se submeter ao gesto de beijar suas mãos, ou as de outros membros da família real. A cerimônia era demorada, uma verdadeira maratona de devoção.

Ao anoitecer, Jean Monlevade e Thierry saíram para as ruas e observaram o movimento de pessoas, alegres com a grande celebração, indo a caminho do Paço Imperial. Negros forros, mulheres grávidas, homens de todos os tipos – desde os aleijados até os representantes das famílias mais tradicionais – estavam ali, todos em busca de um momento para demonstrar seu afeto à família real.

Era uma multidão imensa. As ruas, as praças e os arredores do Paço estavam repletos de gente, com uma sensação de impaciência no ar. Mulheres ajeitavam incessantemente os cabelos e ajustavam os decotes. Homens de posses ajustavam suas gravatas e alisavam as barbas, tentando parecer melhores do que realmente eram.

Os mais pobres vestiam suas melhores roupas de domingo, aquelas que usavam para a missa, na esperança de causar uma impressão solene. Crianças disputavam com as roupas bem passadas, tentando se manter impecáveis. A ideia era simples: ninguém poderia se apresentar de maneira inadequada diante do príncipe.

Os dois franceses observavam tudo com um olhar de total estranheza. Monlevade não conseguia deixar de pensar no tédio de Dom João, que, com sua mão esticada, passava horas permitindo que o povo demonstrasse sua devoção.

Porém, o que os franceses não sabiam é que naquele momento, o príncipe regente tinha como objetivo reforçar a reverência do povo à sua figura da realeza. Era parte de sua política de reafirmação de poder. Ao convocar a população

para beijar suas mãos, Dom João VI não apenas demonstrava sua autoridade, mas também estabelecia uma relação simbólica de subordinação entre o povo e a monarquia.

Thierry, por sua vez, se sentia indignado. Para ele, se aquela fosse uma homenagem a algum santo, a romaria seria mais curta. Mas, sendo um homem da família real portuguesa, que havia fugido de Napoleão por medo de perder a cabeça e o trono, ele não via motivo para tanta reverência.

— Bom príncipe esse... — ironizava Thierry. E seguiu em tom de revolta:

— Você realmente acredita que esse ritual não é uma verdadeira humilhação, Monlevade? — Thierry perguntou, com os olhos fixos na multidão que se aglomerava em frente ao Paço.

— Ora, Thierry, não se aflija com isso. Cada homem sabe o que é melhor para si e para o seu povo. — Monlevade respondeu, tentando manter a calma, embora também estivesse desconfortável com o que via.

— Melhor para si? — Thierry riu ironicamente. — Parece mais uma exibição de poder do que qualquer outra coisa. O que Dom João e sua mulher fazem não é governo, é um espetáculo de vaidade! E o povo? Bem, o povo se curva àquilo como se fosse uma honra. Você realmente acha que isso é necessário?

— Não é uma questão de necessidade, Thierry, é uma questão de tradição e... política. — Monlevade tentou amenizar, mas sua voz traiu um leve tom de dúvida. — O mo-

narca, por mais que possamos discordar de seus métodos, mantém essa aura de majestade. A monarquia se sustenta pela reverência do povo, o que não concordamos, é claro. Veja a nossa revolução que derrubou os reis.

— Exatamente. E para quê reverência? — Thierry se levantou, inconformado. — Isso é subordinação disfarçada! Um gesto de humilhação para o povo, e para ele próprio! Se fosse algo genuíno, de afeição, talvez eu compreendesse, mas o que vemos aqui é pura manipulação. Um rei que se esconde atrás do ouro e da pompa, mas que não tem a coragem de enfrentar a verdade. Ele e aquela mulher espalhafatosa... Não me convencem de jeito algum!

— C'est la vie, mon frère. — Monlevade suspirou, tentando dar fim à discussão. — Não podemos mudar o que já está enraizado. Estamos no Brasil, que não passou por uma revolução como a nossa. Aqui, a monarquia é governo... E disse baixinho: E a monarquia, você sabe bem como é que é...

— Você sempre encontra uma justificativa, Monlevade! — Thierry exclamou, com um tom de frustração. — O que é necessário para o povo é liberdade, e não viver de joelhos diante de um homem que se esconde atrás de uma coroa.

— Melhor deixar isso para lá. Vamos à taberna na Rua Mem de Sá tomar um vinho português e acalmar os ânimos. Eu pago!

Após aquela noite, eles não imaginam que viveriam, logo pela manhã, um dia especial. Ainda estavam terminando o café com bolo, queijo e ovos na cozinha da hospedaria, quando foram surpreendidos pela chegada de um mensageiro da Corte:

— Sou enviado do Ministro do reino, João Paulo Bezerra e procuro o francês, Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevade.

Um escravizado que estava na recepção naquela manhã foi chamar.

— O que desejas?

— Aqui está uma carta que deveria ser-lhe entregue em mãos.

Monlevade recebeu o documento e olhou para o companheiro Thierry. Tinha uma sensação de euforia e imaginou tratar-se logo da autorização que tanto esperava para seguir viagem para Minas Gerais. Suas expectativas se confirmaram: era mesmo a esperada carta, que chegara depois de quase quatro meses.

O mensageiro explicou-lhe que foi preciso o Ministro encaminhar o pedido a D. Manuel de Portugal e Castro, Governador mineiro, pedindo o ingresso do nobre francês naquelas terras. Por isso, aquela correspondência tinha demorado tanto. Quatro meses, mais precisamente.

A resposta do governante dava liberdade para o viajante francês percorrer sua jornada. No entanto, havia uma ressalva: Monlevade não poderia visitar o Distrito Diamantino.

Jean estranhou aquela recomendação. Por que se afastar do Tejuco? O próprio mensageiro não lhe poupou a resposta:

— Não é prudente que um estrangeiro circule por aquela região, tão rica em diamantes quanto o céu, de estrelas.

O francês concordou para evitar problemas. Afinal, sua pretensão era conhecer as terras ricas em minério, indicadas pelo amigo Ildefonso.

— Aceito a imposição real e garanto manter-me distante das terras dos diamantes.

Thierry ainda o olhou desconfiado, achando que o companheiro estava blefando. Curioso e tão apaixonado pelos mineiros que era, Monlevade não poderia aceitar aquela restrição. Mas ele lançou-lhe outro olhar, assegurando que estava falando a mais pura verdade. Se os governantes não o queriam em Diamantina, lá ele não colocaria os pés. Era um homem que honrava sua palavra e iria cumpri-la a todo custo.

— Então está tudo certo. Avise ao ministro da minha gratidão pelo empenho de conceder-me tal autorização.

O oficial retirou-se e os dois amigos comemoraram a chegada do documento. Com a ajuda de Joaquim e Juvêncio, trataram logo de arrumar a bagagem e providenciar o transporte das cargas até Minas. Já era hora de partir. Urgentemente.

Em dois dias, estavam com tudo pronto para seguir. Viariam pela estrada dos tropeiros, já que contrataram um arrieiro versado naquela rota para conduzi-los até o destino: o fabuloso estado de Minas Gerais.

A comitiva era pequena. Jean, Thierry, os dois escravizados e o arrieiro Quincas. Filho de um português com uma brasileira, nascido em Caeté e que ganhava a vida transportando viajantes e cargas pelas trilhas mineiras, ele levava uma encomenda de tecidos e farinha para a imponente Vila Rica e conduziria Monlevade pelos caminhos reais.

Era madrugada quando partiram. As ruas de pedra ressoavam ao trote das bestas e dos eios-eios, pronunciados por Quincas. A escuridão era quase completa, não fosse por

alguns resistentes lampiões que ainda não tinham queimado toda a querosene que os alimentava.

Enfim, partiam para Minas. Aquela viagem tinha acendido novamente o espírito desbravador do francês. Agora, estava de volta o homem sedento por aprendizados e que não via limites para as pesquisas que realizava.

Aos poucos, a paisagem ia mudando. O caminho ora de pedras, ora de terra vermelha ia ganhando novos aspectos a cada curva. Ao nascer do sol, já estavam longe do Rio, subindo o a serra e sabiam que ainda faltava muito.

Quincas explicava aos dois franceses que aquele caminho era chamado de caminho novo, o principal acesso até Minas. O caminho era novo porque havia outro, aberto pelos bandeirantes e usado desde meados do século XVII, muito longo, de difícil trânsito, formado por trilhas e picadas até às minas de ouro. Esse fora extinto pela Coroa, receosa do desvio da riqueza mineira. Assim, todos eram obrigados a percorrerem apenas a estrada oficial.

Monlevade tinha interesse por tudo: perguntava da natureza, dos elementos geográficos, das vilas ao redor daquele trajeto. Ficou impressionado com o grande número de fazendas de imigrantes alemães na subida da Serra da Estrela. O caminho sinuoso, por onde passavam apenas mulas e tropas, era cansativo e fizeram a primeira parada num reduto de tropeiros da época.

Ali, naquele pouso, a manhã ia alta. Devia ser por volta das 11h, quando veio a refeição. Uma jovem escravizada trazia os pratos de madeira onde era servido feijão, torresmo,

farinha, carne de porco, ovos fritos e couve rasgada. Quincas comia o seu quinhão com os dedos mesmo. Não era homem de talheres. Era um tropeiro.

Juvêncio e Joaquim também apreciavam a iguaria e comeram satisfeitos. Apenas Monlevade e Thierry os observavam. Nunca tinham comido aquele prato, muito menos, com garfos de madeira.

Ao perceber que os dois estrangeiros, apesar da fome, nada levavam à boca, Quincas estranhou.

— Não venham com frescura! Aqui no mato, não há outro jeito de comer. Apreciem, é comida de qualidade, saborosa por demais.

— Não queremos fazer desfeita, Quincas. Estou achando tudo isso muito diferente. Nunca vi uma refeição como essa.

— Respondeu Monlevade.

— Ora, aqui na estrada, só se come assim. A carne vem salgada na lata, que é para não estragar. O feijão cozido há dois dias, segue também nessa manta de couro cru, para não azedar. A farinha é misturada na hora e os ovos são fritos aqui mesmo, em cima de um fogareiro, com a gordura que a gente pega da lata de carne. Todo tropeiro se nutre desse feijão. Ele é nossa energia. Eu só como com a mão, acho o gosto melhor. Mas vocês podem comer com os garfos de madeira.

Thierry não fez mais cerimônias. Pegou o rústico talher e devorou um naco de pernil. Sentiu a gordura escorrer pela língua e apreciou. Mastigou o pedaço assado e logo provou também do feijão, da couve e da farinha. Achara tudo muito bom.

Monlevade também começou a comer e percebeu que aquilo tinha um sabor totalmente diferente de tudo o que já tinha experimentado. Não gostou muito do tempero forte de alho e pouco sal. Mas aprovou a carne e a couve, além dos ovos, que dava um sabor peculiar àquilo tudo.

Estava entregue aos novos costumes e não podia negar que se espantara com aquele almoço. No entanto, sentia que precisava entender aquele universo que se abria a cada instante. Tudo era uma novidade e a aventura estava apenas começando.

O dia seguiu com sol forte, mas o clima ia ficando ameno à medida que avançavam serra acima. Em cima das mulas, Monlevade e Thierry não viam a hora de encontrar um pouso para descansar, tirar o suor do corpo e dormir. Mas isso ainda não estava perto de acontecer.

Quincas percebeu a falta de ânimo dos dois. Ele comentou que todo mundo quando subia a serra pela primeira vez tinha aquela sensação fatigada.

— Isso é só nas primeiras horas. Depois, a gente acostuma. Fiquem sossegados. — Consolou.

O balanço das mulas fazia um vai e vem como o dos barcos e deixava o corpo deles moles, sonolentos. Quincas, o arrieiro, ia na frente do grupo entoando cantigas que embalavam a subida da Serra da Estrela:

*“— Ai, morena ficou para trás, ai, ai
E a saudade é que chegou
Ai, madrugada serenô, ai, ai
Onde anda o meu amor?”*

A melodia suave e prazenteira fazia com que Jean de Monlevade recordasse muitas coisas. Era como se, naquela cantiga, ele pudesse voltar no tempo e ver-se novamente na França. Fechou os olhos e voltara a um dia na infância.

Da janela de um dos quartos do Castelo ele via sua mãe cosendo no pátio. Ela tinha o costume de bordar algumas peças de mesa nos fins de tarde. Sua mãe, Mme. Marie Sallé du Sioudray, era suave como uma brisa de maio. Dela, Monlevade herdara os olhos azuis e os gestos calmos e nobres.

Ela era doce. Não elevava a voz quase nunca e mantinha-se sempre serena, por mais complicada que fosse a situação. Com ela, aprendera a ouvir mais e a falar menos, além de saber olhar os outros com os olhos do coração.

Aprendeu a generosidade e a entender que cada pessoa é diferente. Que cada homem é um só, portanto, deve ser tratado com distinção. As palavras da mãe ecoavam em seu pensamento:

— Meu filho, seja bom. Respeite as diferenças das pessoas porque ninguém é igual a ninguém e nem deve ser. Essa é a principal coisa que um homem de bem deve seguir.

Agora que estava em outras terras, vivendo outros costumes e partilhando outras culturas, Monlevade sabia o quanto ela estava certa. Os ensinamentos enriqueciam sua forma de ver o mundo e eram úteis naquele país diferente. As lições aprendidas com seu pai também começavam a fazer mais sentido naquele momento em que avançavam serra acima, para chegar a Minas Gerais.

Do velho Jean Monlevade, além do nome, o filho herdara a determinação e a força do caráter. Seu pai sempre lhe disse

que um homem não pode temer os desafios por maiores que eles pareçam.

— Escuta, Jean. Um homem nunca deve recuar, nem voltar atrás com suas palavras. Deve ir até o fim, por mais difícil que as coisas pareçam, nunca deve desistir dos sonhos que plantou.

Seu pai, Jean Félix Dissades Monlevade era um homem forte. Mais gordo do que magro, tinha os olhos claros e a voz austera. Acreditava na França e abraçou as causas revolucionárias, tornando-se um Jacobino. Nas reuniões do grupo no mosteiro de San Jaques, era um dos que mais se entusiasmava com as discussões em prol do seu país. Apoiava o povo e queria uma nova República onde o povo estivesse junto do poder e participasse dele.

Monlevade sabia que seu pai não era a favor da violência. Mas para o bem da nação, participou de algumas execuções em praça pública, durante a chamada era do Terror. Mas, sobretudo, era um homem determinado e que acreditava em seus princípios.

Naquela época, ainda criança, Monlevade não compreendia muito bem a ausência do pai, mas sua mãe sempre dizia que ele estava envolvido com questões importantes para o país. Portanto, para todos eles. O velho jacobino, morreu em 1809, quando Monlevade tinha partido para Paris mergulhar no mundo da Engenharia de Minas. Mas a sua lembrança e seus ensinamentos permaneceriam para sempre.

Percebendo que o francês ia distraído, Quincas resolveu contar-lhes uma história sobre aquela região pela qual pas-

savam. Estavam a caminho do rio Paraibuna, que marcava a divisa do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

O tropeiro disse que aquela região era rica em plantações de café. E que, ao longo dos anos, muita gente herdou fortunas e prosperou o negócio. Outras fazendas, no entanto, se acabaram como num sonho. E contou a história da Sinhá Maria Cafeeira.

Ao pronunciar o nome, Juca e Juvêncio, os dois negros que cuidavam das mulas de carga, se aproximaram para ouvir também aquele caso. Thierry também se mostrou interessado e pareou sua montaria com a do tropeiro. Quincas começou a falar.

Maria era uma mulher que se casara com um rico fazendeiro de café daquelas bandas. Viveram bem por muitos anos. Ela cuidava do marido e o marido dos cafezais prósperos. Era uma mulher despojada. Não se intimidava frente aos outros homens e tinha coragem para permanecer na sala enquanto o seu marido recebia negociantes das sacas que produzia.

Tanto ela ouviu, tanto ela participou das negociações que acabou aprendendo a lidar também com a compra e venda de café. Só que o inesperado aconteceu. O marido pegou uma doença e foi se acabando aos poucos.

No início, todo mundo pensou que era um resfriado forte, já que o homem ia tossindo e, cada vez que tossia, ia ficando magro, triste e sem forças. Era uma sina que estava marcada e o pobre mesmo sabia que não teria outro destino feliz.

A mulher, preocupada com a saúde do esposo, procurou todo tipo de oração e de remédio, mas não achou jeito de curar o mal que levava seu homem para o fundo da terra.

Uma preta que morava numa fazenda vizinha, disse que aquilo era uma praga ruim que tinham desejado ao marido dela. Uma coisa muito forte que tinha se apegado a ele.

Não demorou duas semanas e o homem foi para a cama e de lá, não saiu mais. Ficou deitado até morrer. Maria chorou e, muito triste, jurou que o desgraçado que tinha lançado aquela praga contra o marido ia amargar em suas mãos.

Nessa parte da história, os negros já tinham se benzido quatro vezes e chamado pelo nome da Virgem do Rosário. Thierry, para disfarçar dos arrepios que percorriam seu braço, coçava-se todo. Monlevade ouvia calado.

Quincas continuou. A tal Maria, depois que enterrou o marido, voltou para casa e imaginou que aquilo só poderia ter sido obra de alguém que negociava com ele. Alguém que não teria ficado satisfeito com o rumo de alguma transação.

Por isso, ela decidiu assumir os negócios para ver se descobria quem era o responsável por aquela desgraça. E ela mataria o safado, nem que tivesse que morrer para isso.

E assim, Maria começou a negociar sacas de café com os homens da região. As suas vendas ficaram famosas porque ninguém sabia ao certo o que acontecia na sua sala. Uns que entravam ali saíam com o sorriso no rosto, como se tivessem visto um anjo ou recebido um grande prêmio. E isso despertava o interesse de outros comerciantes até de cidades mais longe.

O mais interessante é que ninguém sequer comentava o que havia acontecido na sala de reuniões daquela jovem viúva. O certo é que estavam sempre voltando para provar daquele momento especial com Maria, a mais bela cafeeira daquela região.

Um dia, quando a tarde já estava caindo, apareceu um homem na varanda do casarão e pediu para falar com ela. Disse que viera de muito longe e que há muito tempo, esperava por aquele momento. Maria logo imaginou que era aquele homem que ela tanto procurara. Mandou-o entrar em seu escritório.

Ali, a sós com o desconhecido, sentiu que ele não era uma pessoa como as outras. Ele falou da fama dela e que estava disposto a comprar todas as sacas de café que ela tinha produzido. Não queria deixar nada para os outros.

— E o que aconteceu a partir desse momento, Quincas? — questionou Monlevade com certa curiosidade.

A mulher — continuou Quincas — negou de imediato aquela proposta. Falou, inclusive, que não estava querendo mais negociar com ele. Foi nessa hora que o tal homem misterioso, se levantou e tirou uma faca da cintura, apontando na direção dela.

Maria, que não andava desprevenida desde o dia em que enterrou o pobre do marido, também sacou um punhal de dentro de suas meias e o ergueu até o rosto do desconhecido. O homem, surpreso com aquela atitude, não deixou por menos e desafiou:

— Vais ter coragem de matar-me, dona?

Ela não respondeu. Sentiu a fúria tomar conta de seus lábios e apertou-os tanto, que chegou a fazê-los sangrar. O outro sorriu com ironia e contou que fez um trabalho para matar o marido dela. E que, para o serviço ficar completo, só

faltava mesmo dar a ela a lição merecida. Também afirmou, com todas as letras, que ninguém poderia atrapalhar os negócios dele e sair ileso disso.

A partir daí os dois puseram-se a lutar. Os escravizados e os feitores de nada puderam fazer, já que a porta estava trancada. Lá dentro do escritório, a luta horrível estava terminando de jeito inesperado. Maria achou que tinha ferido de morte o homem estranho, que tombara primeiro.

Quando ela se aproximou para ver de perto se ele ainda respirava, ele se virou de repente e atirou a faca no pescoço dela. Sem ar e sem conseguir gritar por socorro, ela sucumbiu àquele golpe fatal. Na verdade, ela o havia ferido de raspão, no braço. Ele é que fingira de morto só para atacá-la quando ela menos esperasse.

O homem fugiu pela janela e desapareceu no meio da noite sem deixar vestígios. Nunca mais foi encontrado. Já a mulher fora enterrada ao lado do marido. Dizem que o assassino era um fazendeiro de posses que se sentia ameaçado pela força do casal. Outros contam que ele era um enviado do mal que veio para cobrar a vida de quem pactua com o demo.

O certo, é que depois da morte da mulher, os escravizados foram desertando aos poucos e a fazenda foi ficando abandonada, até tudo se acabar com tanta praga e outros males provocados à lavoura de café.

Thierry se benzeu e foi seguido pelos dois negros. Monlevade ajeitou o seu chapéu e perguntou o que aconteceu depois disso. Quincas não pensou duas vezes e continuou a história.

Depois que a fazenda ficou em ruínas, todo mundo que passava por aquelas bandas, jurava ouvir do mato uma voz de mulher chamando para negociar café. Quando o viajante se aproximava de onde vinha a voz feminina, não via ninguém. Só ouvia um choro baixinho, seguido de um pedido:

— Mate o homem que cortou minha garganta!

Juvêncio e Joaquim se encolheram e pediram a Nossa Senhora do Rosário que os livrasse de tal assombração. Monlevade ficou espantado e olhou para o amigo Thierry, que já tinha o rosário nas mãos. Quincas nada mais disse. Apenas apontou o pouso, à margem do rio Paraibuna e disse que ficariam ali naquela noite.

— Pela manhã, estaremos em Minas. Vamos dormir aqui mesmo por que a noite vem logo.

Monlevade achou correta a decisão porque eles já estavam famintos e cansados além de não esconderem o receio de ouvirem alguma voz pedindo vingança. O melhor mesmo era comer e dormir.

Naquele pouso, foram servidos de caldo de feijão preto com farinha e nacos de carne de porco. A refeição veio em boa hora. Estavam caminhando e cavalgando desde muito cedo e precisavam repor as energias perdidas no caminho.

A comida quente aqueceu o espírito também. Monlevade perguntou ao tropeiro se ainda faltava muito para chegar a Vila Rica. Ele disse que em pouco tempo estariam lá. Era só seguir rio acima que logo estariam próximos de outras cidades importantes de Minas. Ainda bem.

VI

Naquela noite, dormiram pesados e ninguém sonhou com nada. O coração de Monlevade despertou feliz. Ele sabia que, em pouco tempo, estaria já em solo mineiro. Talvez por isso, antes mesmo do sol apontar no horizonte, ele já estava de pé. Foi o primeiro a despertar naquela paragem. O rio Paraibuna corria calmo e suas águas brilhavam no lusco fusco da manhã que se anunciava para breve.

Quincas se aproximou e lavou o rosto nas águas frias da margem. Thierry ainda cochilava quando o amigo o despertou. Chegara, mais uma vez, a hora da partida.

Juvêncio e Joaquim cuidavam das montarias e das cargas e logo seguiram viagem. Quincas explicou que, de agora em diante, era preciso um pouco de cuidado com saqueadores de cargas, ladrões e fugitivos da coroa.

E, falando em fugitivos, Quincas contou a Monlevade sobre os quilombos que havia naquela região. O francês quis saber o que era aquela palavra. O tropeiro deu uma risada de leve, acedeu um pito de palha e seguiu explicando que eram pequenas comunidades formadas por escravizados fugitivos. Eles se uniam para resistir à opressão e à escravidão. A vida nas matas, entre árvores densas e arbustos, se transformava em um ato constante de resistência. Embora as condições de vida fossem muitas vezes precárias, esses quilombos representavam muito mais do que simples refúgios: eram locais de preservação de dignidade e autonomia, onde eles podiam viver longe da tirania dos senhores, conservar seus cultos a seus orixás, sua música e preservar suas histórias ancestrais.

Eles viviam de forma clandestina. O acesso aos quilombos era secreto e somente seus moradores, os quilombolas, sabiam onde era. Nesses locais, a luta pela sobrevivência era implacável.

As condições eram duras, mas havia uma organização que proporcionava estrutura e a solidariedade. Os quilombolas tinham seus próprios líderes, conselheiros, curandeiros. A vida dentro do quilombo não era apenas uma fuga, mas uma afirmação da identidade e da cultura africana, longe da opressão e da violência dos senhores.

Quincas, ao explicar a situação dos quilombos para os estrangeiros, falava com uma certa admiração pela resistência dessas comunidades. Ele descrevia como os quilombos

formavam uma sociedade paralela, com leis e costumes próprios, funcionando dentro de um sistema alternativo à lei imposta pelos brancos.

Ali, os fugitivos da escravidão encontravam acolhimento e proteção, formando uma rede de apoio vital para sua sobrevivência. Embora vivessem à margem da lei dos senhores, criavam seus próprios mecanismos de justiça, com regras e punições para aqueles que desrespeitavam as normas da comunidade.

Essa realidade dos quilombos representava uma ameaça constante ao poder da coroa e à ordem estabelecida. Por isso, os capitães do mato, sempre a serviço dos senhores, eram enviados com a missão de erradicar qualquer um. A ordem era clara: se encontrar, prenda, mate e destrua qualquer foco de resistência.

Monlevade ouviu as explicações e tomou notas numa caderneta que levava. Sempre que algo o surpreendia, anotava, descrevia. Era uma forma de conhecer e entender mais daquela terra. “Quilombo é como resistência”. Escreveu.

A viagem agora estava melhor. Depois de cruzar as trilhas tortuosas da serra, a estrada era mais agradável. Quincas explicou que, em breve, estariam em Serraria, onde morava o poderoso Barão do Piabanha. Poderiam descansar um pouco na Fazenda dele, uma das maiores da região, na divisa das capitanias do Rio e de Minas.

Àquela hora, o dia estava radiante, o sol raiava iluminando a vasta paisagem. Jean de Monlevade, com seu chapéu de feltro bem ajustado à cabeça, seguia ao lado do tropei-

ro Quincas, que guiava a pequena comitiva, formada também pelos escravizados Joaquim e Juvêncio, além do amigo Thierry.

A região de Serraria, onde chegavam, era um dos redutos mais prósperos daquela fronteira entre as capitanias de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. A terra, fértil e generosa, era dominada pelas plantações de cana-de-açúcar e os engenhos que ali prosperavam, marcavam o ritmo da vida local. O cheiro doce e penetrante do açúcar pairava no ar, uma fragrância que Jean logo associou à riqueza daquelas terras.

À medida que se aproximavam da Fazenda Serraria, o cenário se tornava ainda mais impressionante. Os canaviais verdes vibravam ao sabor do vento, feito ondas do mar, estendendo-se por todos os lados. As folhas balançavam e se curvavam num movimento impressionante. Jean olhou para o vasto horizonte, seus olhos percorrendo a paisagem com uma determinação silenciosa.

Já perto da casa, viram uma figura imponente na varanda do casarão. Era Hilário Joaquim de Andrade, primeiro e único barão do Piabanha. Um homem cuja presença era tão poderosa quanto a de suas próprias terras. Sua estatura alta e seu traje de linho branco, simples, mas de uma elegância que só homens de grande poder podiam ostentar naquela época, chamavam a atenção dos viajantes.

— Quem são vocês? — perguntou o Barão tomando uma xícara de café, com uma voz profunda e cálida.

— Sou Jean de Monlevade, monsieur. Engenheiro, estudioso da mineralogia. Estou de passagem rumo ao coração

de Minas, em busca de... como direi... segredos enterrados sob vossa terra fértil. Comigo seguem o tropeiro Quincas, meu criado e amigo Thierry e dois cativos.

— Pelo jeito de falar, João, você não é brasileiro... Disse ao fazer um sinal para que apeassem e para que alguns escravizados segurassem as rédeas das montarias daqueles que chegavam.

— Vim da França, monsieur. Vim ao Brasil estudar os recursos minerais e aprofundar pesquisas.

— Ah, então Minas é o destino certo. Uma senhora terra cheia de mistérios, ouro e ferro que brota de suas entranhas feito água de mina. Já ouviu falar do Barão de Eschwege? Ele também é estrangeiro, alemão, se não me engano.

— Friedrich Ludwig Wilhelm von Eschwege! É claro que já. Grande geólogo e que fundou fábricas em Minas, além de percorrer toda a região.

— Sim, sim! Fundou a fábrica Patriótica em Congonhas do Campo. Dizem que ela cospe ferro como o diabo. Uma maravilha do engenho moderno. Coisa rara por aqui.

— Interessante... muito interessante.

— Ora, ora, meu senhor. Estás a pensar não é? Vamos. Desça. Fiquem aqui esse resto de tarde e passem a noite para descansar.

A comitiva aceitou o convite. O resto da tarde se estendeu tingida de dourado pelo sol que começava a se inclinar sobre as plantações onduladas. Jean de Monlevade, ainda sob o impacto da conversa com o Barão de Piabanha, deixou-se conduzir pelos caminhos da fazenda.

O Barão orgulhava-se da terra, que tinha mais de mil alqueires. Ele mostrou ao francês os vastos campos de cana e mandioca, os currais onde se reuniam os bois de carro, as senzalas dos escravizados e a pequena capela erguida em devoção Nossa Senhora de Mont Serrat.

Monlevade caminhava atento, absorvendo tudo com olhos de engenheiro e espírito de sonhador. Notava o desgaste das ferramentas, o improvisado das ferragens, os eixos de madeira onde faltavam peças de ferro — detalhes que passariam despercebidos a outros, mas que para ele eram sinais claros: ali havia demanda. Ali havia um vácuo que clamava por técnica, por indústria, por modernidade.

Entre um café servido por mãos negras e uma fatia grossa de queijo curado, Monlevade e o Barão voltaram a falar de Eschwege, da fábrica em Congonhas e das possibilidades que a província oferecia. O Barão, embora homem do campo, mostrava-se atento ao avanço do mundo, e via na chegada do francês uma fagulha de algo novo. Talvez fosse apenas vaidade – a de hospedar um estrangeiro culto, vindo de Paris –, mas havia também um certo brilho nos olhos: o de quem percebe, ainda que vagamente, que a roda da história pode estar prestes a girar diante de si.

Enquanto o céu se avermelhava sobre a Pedra do Parai-buna, Monlevade ficou alguns instantes sozinho na varanda da casa-grande. Dali, podia ver o rio ao longe, as matas cercadas em torno dos canaviais e lembrou-se das conversas com Idelfonso, que lhe falou da Fazenda em São Miguel, seu destino.

Começou a pensar que poderia erguer uma forja. Não sabia quantos homens, quantos fornos, quantos anos seriam necessários. Mas uma certeza já se firmava em sua mente: havia ali uma centelha. E, com o tempo, faria dela fogo — e do fogo, ferro.

Naquela noite, ao deitar-se na cama arranjada pelo Barão, Jean de Monlevade dormiu com a mente fervilhando. E sonhou de novo com o chão que brilha, com a terra que suava minério. Sonhou com Minas. Minas forjada.

Logo ao amanhecer, despertaram para seguir viagem. Monlevade e comitiva despediram e agradeceram a hospitalidade do Barão de Piabanha que lhes ofereceu comida e pouso.

— Até um dia Monlevade. Espero revê-lo.

— Obrigado Barão. A vida se encarregou de nos aproximar. Que bela surpresa.

Quincas estava na porteira com Juvêncio, Joaquim, Thierry esperando a partida. Seguiram e não demorou para o tropeiro anunciar que estavam em Minas. A região era formosa de natureza e chamava a atenção pela grande movimentação de viajantes e tropeiros. Uns, a caminho de Minas, outros, seguindo para o Rio. Estavam na fronteira. Cruzaram vilas, pequenos arraiais, como os de Chiador, Santana do Desterro, Pequeri, seguiram para Matias Barbosa onde compraram um arreio novo para uma das mulas e seguiram rumo ao norte, para Santo Antônio do Paraibuna.

Ali, deram de beber aos animais e apearam para esticar as pernas. Monlevade e Thierry olhavam tudo ao redor com certa curiosidade. A forma de falar daquelas pessoas

era diferente. Muitas mulheres preparavam o feijão tropeiro em várias barracas, como aquelas pelas quais passaram no meio do caminho.

A maioria era de escravizadas de ganho, que aproveitavam que aquele arraial era ponto obrigatório para os que iam a caminho da capital da colônia ou voltava para Minas.

Thierry andava por entre as barracas olhando as comidas, mas sem deixar de apreciar as negras daquela vila. Monlevade não sabia, mas o amigo era um homem que vivia em conflito. Se por um lado acreditava tanto em Deus, tinha fé nas escrituras e não se separava de um rosário; por outro, vivia tentado pelas mulheres, sobretudo as negras do Brasil.

Sua formação religiosa era fruto de uma mãe portuguesa, devota de Nossa Senhora e que queria fazer dele um padre. Isso só não aconteceu porque seu pai, criado no Castelo dos Monlevade e amigo do pai de Jean, foi contra:

— Meu filho não vai usar saia e nem vai servir a um Deus que vira as costas para o povo.

A mãe dele ia às lágrimas, mas sempre persistia na vontade de torná-lo um sacerdote. Ele não foi para a igreja, é verdade. Mas criou um espírito religioso que o partia ao meio. Thierry já tinha amado mulheres da vida, é verdade. Não era de todo puro. Mas nunca tivera uma negra nos braços. Ao chegar ao Brasil, apesar de saber que a história das negras que matavam brancos de tanto amar era mentira, ficou interessado nelas.

Por mais que despistasse e que fingisse normalidade diante de uma escrava, começava a suar frio na palma da mão e

sentia comichões por dentro do pescoço que quase o sufocava. Era um desejo que vinha testar a sua fé. Tentações...

Monlevade, por sua vez, estava impressionado com o colorido da vila. Pencas de banana nas barracas, flores em jarras, negros e negras andando por todos os lados. Meninos vendendo doces, pretos e brancos, homens negociando qualquer coisa aos gritos. Era o Brasil, era Minas Gerais. Aquilo tudo mexia com ele e o encantava.

Foi Quincas o primeiro a tirar-lhe daqueles pensamentos ao chamar-lhe para o almoço.

— E então, gostando dessa região?

— Não se pode negar que aqui há uma diversidade sem igual. Muita gente, muita comida, muita cor. Muitos sons. É uma efervescência!

— O Brasil é assim mesmo — Quincas riu alto. E continuou — Sempre há muito que se ver e o que se fazer. Esta terra precisa de homens para o trabalho.

— Eu sei. Vim para esta terra esperando por isso mesmo.

— A vantagem é que sempre há algo prestes a acontecer.

— Sabe, Quincas. Esses dias com você têm sido tão cheios de surpresa. Você é um homem sábio.

— Eu, quem sou eu, sou apenas um pobre arrieiro das Gerais, vivo subindo e descendo essa serra, levando gente e carga, por todo lado.

— Mas a sua sabedoria reside exatamente aí. Por tanto andar, por tanto bater a terra vermelha, por conhecer as pedras que rolam com a chuva, tornas-te um homem sábio.

— Não fale assim, meu senhor. Fico vexado com tanto elogio!

— Quincas, um homem não tem que ficar pensando no que as pessoas pensam dele, mas apenas nos seus atos. Se amarrar o seu pensamento no que os outros podem pensar de ti, não chegará a lugar algum.

— É. O senhor tem razão. Se ficarmos pensando nos outros, a gente não faz é nada. Cada um tem um pitaco, uma solução... É melhor deixar pra lá mesmo. Aprendi com os caminhos a seguir o que diz o coração. Por isso, sou tropeiro e conheço as estradas dessa vida...

A conversa deles durou até Thierry chegar. Tinha dado uma volta pela aquela feira e ficou impressionado. Tudo era novidade. Monlevade também sentiu que estava em outro espaço. Sabia que aquela região era mesmo muito especial. Enquanto almoçavam, teve uma sensação diferente. Pensou na vida daqueles homens que ali se reuniam para conversar sobre suas viagens, suas aventuras e desventuras nas estradas de Minas Gerais.

Monlevade, apesar de toda a sua formação humana e técnica, se assemelhava aos tropeiros sob alguns aspectos. Sobre tudo, por ser um homem predestinado ao desconhecido. Tomara gosto pelas viagens, pelo prazer de desbravar regiões e aplicar seus conhecimentos diante do novo. Aprendera a lançar, a cada dia, um olhar diferente para aquilo tudo que ia conhecendo. Era uma forma interessante de aprender a lidar com as diferenças e a superar os desafios que o Brasil lhe oferecia.

E eram muitas as coisas que ele via à frente. Minas Gerais era fascinante. Seduzia com os seus quadros coloridos, sua vida pulsante. Monlevade sentia-se feliz por agora fazer

parte daquele cenário. Lembrou-se do amigo Ildefonso, o primeiro a falar-lhe mais profundamente sobre aquele lugar tão repleto de espantos e encanamentos.

Naquela noite em Paris, quando se conheceram e Ildefonso narrou algumas coisas de Minas e do Brasil, ele não imaginou que fosse tudo tão rico, tudo tão do jeito que agora assistia. Ele não lhe falara muito, é verdade, sobre aquele arraial que recebia tão bem os viajantes que por ali passavam. Santo Antônio do Paraibuna tinha os braços abertos. Gostara.

Após o almoço tradicional junto aos tropeiros, Monlevade, Quincas, Thierry, Joaquim e Juvêncio se juntaram a um grupo animado de outros viajantes. Todos conversavam e falavam ao mesmo tempo.

Alguns tomavam um café fresco, coado na hora. Outros fumavam grossos charutos de fumo que eles mesmos descascavam com canivetes de cabo de madeira. Lâmina afiada que sempre vinha junto ao corpo e que era útil para usos diversos. Outros riam com espaços entre os dentes à mostra. Eram todos homens de muita coragem.

— Vocês vieram então do Rio de Janeiro?

A pergunta veio de um tropeiro que se servia do bule de café. Ele parecia um pouco mais velho e experiente do que os outros. Tinha uma voz rouca, que pigarreava um pouco. Era Fernão Santos, homem que ganhava a vida transportando cargas e traçando novos caminhos e rotas nas trilhas de Minas.

— Viemos. Estamos a caminho de Vila Rica, onde entrego encomendas de tecidos, de farinha e especiarias, além desses viajantes franceses e seus dois escravizados. — Essa foi a respostas de Quincas, que estava em pé, conferindo as abas de seu chapéu de couro.

— Pois deram sorte de nada ter-lhes acontecido na travessia da serra. — tornou o outro.

Monlevade aproximou-se e, com a distinção que lhe era característica, indagou ao experiente homem as razões do que poderia ter-lhes acontecido pelo caminho.

— Vejo que o senhor passa por estas terras pela primeira vez. E teve sorte mesmo de não terem topado com o Mão Santa.

— Mão Santa? O que um homem com um nome desses pode oferecer de perigo? — Questionou Jean, rindo da ironia que lançara. Mas ninguém riu com ele.

— Não sabem mesmo da quadrilha do Mão Santa? Ele aterroriza nossas viagens e interrompe nosso trabalho. Às vezes, mata ou surra para conseguir levar o que quer. Ele age em bando, sem oferecer a menor chance para suas vítimas e saqueia tudo o que encontra.

Então Fernão começou a contar-lhe que Mão Santa tinha esse nome por ter sido sacerdote por muitos anos e deixara a vida religiosa para viver de assaltos aos viajantes nos caminhos de Minas para o Rio ou para São Paulo.

O grupo era formado por homens de vida perigosa. Uns eram foragidos da justiça, outros desiludidos com a vida decente, outros porque procuravam todo o tipo de aventura

mesmo. Desajuizados e sem escrúpulos, o grupo punha em risco todas as pessoas que cruzassem o seu caminho.

— Conte mais meu senhor. — Foi o que pediu Monlevade.

— Até agora, não sei a quem dirijo minhas palavras.

— Oh, então deixe-me apresentar. O senhor fala a João Antônio Félix Dissandes de Monlevade. Sou francês, engenheiro de Minas e estou aqui no Brasil para aprofundar minhas pesquisas mineralógicas. Sigo para a Fazenda do Itajuru, em São Miguel do Piracicaba.

— Pois bem. O senhor ainda está longe de lá. Vai ter que andar muito para por os pés nessa fazenda. Eu conheço bem aquelas terras, já que negocieei muito com o capitão Antônio Gomes de Freitas, o senhor de Itajuru e um dos principais fazendeiros das terras banhadas pelo rio Piracicaba.

— Então conheces meu anfitrião? O capitão Antônio Gomes é pai de um grande amigo, que recomendou a mim a vinda a esse lugar.

— Ora! O menino Ildefonso é seu conhecido? Não me diga...

— Menino ele não é mais. Estive com ele em Paris, onde nos conhecemos e nos tornamos amigos de todas as horas. Ildefonso é um grande homem, médico e sábio.

A conversa entre eles tornou-se ainda mais interessante, quando dois homens se aproximaram e narraram que foram pilhados pelo grupo do bandoleiro. Eles vinham de São Paulo para Minas. Eram os irmãos José e Afonso Santiago, tropeiros e comerciantes de temperos. José era o mais velho. Era também mais robusto e tinha uma cicatriz na altura do

lábio superior à esquerda da face. Afonso, mais magro, tinha os olhos pequenos e tristes, como se carregasse n'alma, todas as dores do mundo.

José narrou que em sua última viagem, quase teve os olhos arrancados pela ira de um dos ladrões. Depois de tentar levar o cavalo dele, os dois partiram para a luta corporal e o bandido pegou a faca, tentando furar as vistas do tropeiro.

— Apesar de não ter conseguido, o maldito deixou-me essa cicatriz na face. Mas eu, pelo menos, consegui fazer com que ele fugisse também ferido. Nessas estradas, quem não tem coragem suficiente, morre.

Outras histórias referentes ao Mão Santa foram emergindo naquela roda. Uns contavam, inclusive, que ele não era gente. Mas uma espécie de criatura maligna, um filho do inferno e que tinha brasas saindo pelos buracos dos olhos.

— Ele ficou assim depois que renunciou ao nosso Senhor Jesus Cristo e caiu no mundo do crime. — Foi o que disse Afonso, irmão de José.

O homem contou que o bandido tinha sido um padre bom e caridoso com os pobres. Não era de agradar a fazendeiros cruéis com seus escravizados e não gostava dos novos ricos, homens que receberam fortunas inesperadas e que enriqueceram da noite para o dia. Esses eram tipos desprezíveis. Não respeitavam os amigos dos tempos de pobreza, mas também não tinham boa aceitação junto às grandes rodas. Ficavam no meio termo sempre, agindo de forma truculenta com uns em detrimento da subserviência de outros. Era desses que Mão Santa menos gostava.

O ex-padre atacava as cargas com encomendas dos ricos para entregar aos pobres e aos menos favorecidos. Conhecia bem as trilhas de Minas, já que não tinha pouso fixo. Podia ser visto, num dia, nos arredores de Vila Rica, em Catas Altas e Santa Bárbara; no outro, já estava a caminho da região do Paraibuna, sempre pilhando, sempre agindo contra os ricos em função dos mais pobres.

Monlevade e Thierry se arrepiavam com cada caso desses. E se tivessem encontrado com tão perigosa figura? Será que ele roubaria seus instrumentos de trabalho? Seu quinhão de comida e algumas moedas de ouro? Deveras tiveram sorte de não terem cruzado com Mão Santa.

Aquela história incomodava. Como poderia um sacerdote agir contra os homens que evangelizara um dia? Minas tinha coisas sublimes. Recordou-se, mais uma vez, do seu antigo professor Chateau. O mestre estava certo: Minas também era repleta de espantos.

VII

Depois que deixaram a região do Paraibuna na manhã seguinte, aquelas histórias ainda assombravam os dois franceses. Eles sabiam que corriam certos riscos e que poderiam topor com a figura indesejada a qualquer momento. Monlevade e seu compatriota seguiram em silêncio até chegar à Vila de São João Del Rei.

Ali, naquela região das vertentes, Minas era outra. O lugar simpático tinha belas igrejas e vida social intensa. As coisas todas se transformavam diante deles. Tão logo chegaram, dirigiram-se para uma hospedagem simples, à rua Direita da Matriz de Nossa Senhora do Pilar.

Era a primeira vez, depois de muito tempo, que iam dormir em uma cama confortável, diferente daquelas oferecidas em pousos à beira da estrada. Joaquim e Juvêncio levavam

as bagagens enquanto Quincas foi mostrar aos franceses alguns monumentos daquela cidade.

Um dos que mais chamou a atenção de Monlevade foi a Ponte da Cadeia, uma construção em arco que passava por sobre o córrego do ribeirão Lenheiros ao lado da prisão da vila.

— Que construção belíssima! — Disse o francês admirado.

Aquele lugar oferecia muitas coisas, algumas bastante curiosas. Mas, as principais delas, eram os numerosos sinos das principais igrejas da vila. Elas formavam uma espécie cruz. Era interessante. Foi Quincas quem mostrou a eles a curiosa disposição dos templos.

— Dizem que foram construídas assim para mostrar a força da Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo. No centro, está a Matriz de Nossa Senhora do Pilar. Atrás dela, fica a igreja de Nossa Senhora das Mercês. Quase em frente à Matriz, tem a igreja de São Francisco de Assis e, do lado esquerdo, está a igreja de Nossa Senhora do Rosário e, do lado direito, a de Nossa Senhora do Carmo. Todas são uma lindeza só.

Thierry foi o que mais se empolgou com a descrição. Em cada uma delas, entrou e fez uma prece, pedindo proteção a ele e a seu companheiro. Monlevade era mais cético, mas não duvidava da existência de Deus. Sabia que Ele era grande e que suas obras também. Afinal, estava ali, em solo mineiro, após deixar a Europa, depois de sua penosa viagem de navio, depois da estadia no Rio em que conheceu tantas belezas e aprendeu muito sobre o Brasil. Tinha motivos de sobra para acreditar que Deus estivera com ele. E pedia fé no futuro que estava diante dele, a ser descortinado em breve.

Na matriz do Pilar, embora estivesse com a fachada em construção, percebeu detalhes góticos, que o fez lembrar de Notre Dame, em Paris. Por um momento, teve a sensação de estar indo para casa, seguindo o caminho da Escola Politécnica. Ouviu os sinos tocarem, chamando os fiéis para a missa. Talvez estivesse em Paris e, aquilo tudo, não passasse de um sonho! Um sonho diferente, como o que teve com um lugar de solo luminoso...

De repente, seu olhar voltou-se para o altar principal. O corpo doía naquela posição. Não sabia quanto tempo tinha ficado ali, rezando e recordando de outrora. À sua frente, o dourado do ouro o lembrou de que estava em Minas Gerais. Era preciso acostumar-se com isso. A tão esperada Minas era de verdade. E ele ficaria junto dela para sempre.

A noite chegou e com ela o cansaço de tanta estrada e poeira. As aventuras do dia foram muitas e o corpo, saudoso de cama e lençóis limpos e macios, era um convite ao descanso sagrado a que todo homem tem direito.

Na madrugada fria de outono naquela terra de Minas, Monlevade dormiu logo e sonhou que queria ir para casa. Ele sempre sonhava com a França, principalmente, quando o cansaço tomava conta de todo o seu corpo.

O seu país era uma espécie de lugar confortável para a memória, onde suas lembranças se convergiam num estado de calma constante. Os sonhos com a França não eram vãos. Eles o ajudavam a encontrar-se de novo com a pátria materna.

Naquele espaço em que os devaneios se apresentam tão normais quanto qualquer ato natural, Monlevade sentia de novo todas as sensações da infância. Tornava a viver, tudo

o que passara na juventude. Ali, ele tinha a certeza de que estava bem, fortificado e protegido. Sonhando, voltava para os campos franceses no entorno do Chateau Monlevade, revivia aulas na Politécnica, voltava a se deliciar com as madeleines e o chá da tarde que sua mãe sempre servia ao lado da lareira.

Mas os sonhos também o projetavam para adiante. O futuro estava aberto, como um grande mapa ainda por desenhar, e Jean de Monlevade, com sua mente inquieta e coração assertivo, sabia que o Brasil lhe oferecia grandes possibilidades que a velha Europa não mais poderia dar. Trabalhar, pesquisar, descobrir jazidas e riquezas minerais – tudo aquilo o fascinava. Era como se a terra vermelha de Minas falasse com ele em murmúrios antigos, como se os veios ocultos de ferro e ouro sussurrassem segredos guardados por séculos, esperando apenas por alguém que os escutasse. E esse alguém era ele.

Às vezes, ao cair da tarde, naquele ocaso quando o céu se pintava de tons de cobre e púrpura, ele deixava o olhar perder-se pelas serras mineiras ao longe e sentia uma espécie de vertigem – não de medo, mas de admiração. Aquela vastidão o lembrava dos campos europeus, das colinas que cercavam sua infância, e uma saudade aguda o invadia. Sentia falta do frio cortante, do aroma do pão recém-saído do forno da mãe, das conversas sussurras sobre a Revolução Francesa.

Mas o Brasil, com sua exuberância quase indomável, lhe oferecia uma nova linguagem – a da natureza ainda por ser decifrada, do trabalho ainda por ser realizado, da história

ainda por ser escrita. Estaria ele inseguro diante de tantas novidades? Talvez. Mas se alguém o perguntasse, não saberia dizer.

Havia uma inquietação dentro dele, sim, mas era do tipo que move o homem para frente, que o arranca dos lugares comuns e o empurra em direção ao desconhecido. Não era medo, era impulso. E, talvez, pensava ele enquanto observava a vida no Brasil, fosse exatamente isso que o destino reserva aos que atravessam o oceano: não certezas, mas caminhos.

Logo que amanheceu na Vila de São João Del-Rei, Monlevade comentou com o tropeiro Quincas:

— Essas manhãs nubladas me fazem lembrar de Londres.

O tropeiro preparava os animais para mais uma etapa daquela jornada.

— Londres eu nem sei como pode ser não. Mas aqui, a neblina sempre tampa nossa visão. — Respondeu o tropeiro, conferindo as cargas. Não precisariam levar muito alimento para comer na estrada. Estariam em Vila Rica ainda naquela noite, mas mesmo assim, era preciso se prevenir.

Monlevade não se incomodava com aquela neblina constante. Estava acostumado com o mau tempo. Thierry também estava pronto para seguir viagem, mas não estava tão tranquilo como o amigo. Sentia um frio, mas um frio diferente. Sentia um frio na espinha.

Monlevade o perguntou:

— Que tens, meu amigo?

— Não tenho nada, ora que haveria de ter?

— Não sei. Parece-me inquieto...

O amigo preferiu se calar e foi conferir de perto o arreio que estava em sua montaria. Monlevade o observava também em silêncio e desconfiava o que se passava no coração de Thierry.

A religiosidade do amigo o perseguia ainda mais naquele lugar. A cada toque dos sinos, cada vez que ouvia os cânticos sagrados das irmandades cristãs, sentia o coração vir à boca e se apegava ao seu rosário com mais fé e mais virtude.

Porém, ao mesmo tempo, o seu olhar se perdia quando cruzava com os das corpulentas escravizadas de rua. Elas estavam em toda parte e pareciam mais belas que as da corte. Traziam em suas cabeças balaies com comida, roupas a serem lavadas à beira do Lenheiro, doces de toda sorte, traziam um pouco de tudo. Inclusive, malícia.

E isso perturbava bastante Thierry. Seu coração europeu dividido entre a fé e o desejo, parecia um pêndulo, indo a cada hora, para uma direção. Sua vontade era de rezar, de cair de joelhos para fugir de seus pecados. Mas ao menor movimento de quadris, ao menor sorriso nos lábios grossos e carnudos daquelas mulheres, queria pecar, queria amá-las urgentemente.

E depois, tornava a se arrepender dos pensamentos, para depois voltar a encontrá-los ainda com mais ardor e volúpia. Apesar disso, atrás de todo esse desejo, o francês se sentia mal, ao pensar no quanto poderiam sofrer aquelas mulheres nas mãos dos senhores brancos, donos de seus corpos e de suas vontades. Quanta tirania.

Enfim, chegou a hora da partida para Vila Rica. Quincas, Monlevade, Thierry e os dois escravizados, Juvêncio e Joaquim que seguiam puxando as mulas. Em Vila Rica seria o fim daquele ciclo. Mas seria o início de outra parte desta longa jornada, cujo destino final seria a Fazenda Itajuru, em São Miguel do Piracicaba. Mas ainda havia muito chão e muita poeira da estrada a serem vencidos.

O acaso não existe. Monlevade acreditava nessa máxima e sabia que nada aconteceria sem que isso deixasse alguma consequência. Uma árvore que caísse no chão, uma ferradura de animal que se partisse poderia modificar todo um destino. E ele sentiu isso na pele quando foram obrigados a parar em Congonhas do Campo, antes de terminarem sua viagem. A previsão era de chegar a Vila Rica ao anoitecer. Mas os planos mudaram e mudariam também, o destino de Monlevade.

Enquanto saíam da região das Vertentes, a neblina baixa, se transformou em pesadas nuvens que fechavam o céu. Os fortes ventos assobiavam em seus ouvidos. Os animais estavam assustados e todos não tinham dúvidas de que haveria temporal a pouco.

— Chiiii. Vamos ter que parar e pousar em Congonhas do Campo. Do contrário, perco toda a carga de tecido. — Comentou Quincas, determinando o pouso inesperado.

Apertaram o trote dos animais para que as águas não os engolissem desprotegidos. Faltava meia légua para chegarem ao destino e os trovões anunciavam o aguaceiro.

Monlevade comentou com o tropeiro:

— É comum chover nessa época?

O outro respondeu, coçando a cabeça, meio com dúvida:

— Uai, chuva pesada mesmo não tem muito não. Mas esse tempo está doido que só Deus mesmo para saber.

Thierry entrou na conversa:

— Deus sabe muito bem o que faz homem! Não se pode discutir os seus desígnios. Se essa chuva veio para atrasar nossa viagem, que assim seja feita a vontade Dele.

Tornou o tropeiro:

— É verdade. O senhor está certo, seu moço. Agora é torcer para não molharmos muito!

Os escravizados puxavam os animais com mais vigor. Quincas, à frente da comitiva, já sentia no rosto os respingos da chuva que vinha das bandas da serra de Ouro Branco. Monlevade ia firme. Não temia chuva e nem trovões. Já tomara muitas vezes, água no rosto em expedições a minas, estava acostumado a situações adversas.

A verdade é que o temporal se armou muito rapidamente, mas só caiu mesmo quando eles já estavam abrigados em uma estalagem na vila de Congonhas do Campo.

As águas desmoronavam pesadamente enquanto eles saboreavam pratos especiais servidos naquele pouso. Caldo quente de carne com farinha de mandioca, acompanhado de pão, torresmo, arroz com galinha e tomates com cebola. Todos serviram bem.

Um estrangeiro não fica imune ao olhar dos nativos. Monlevade e Thierry foram logo rodeados por outras pessoas que estavam ali, querendo saber de onde vinham e para

onde iam. Sempre cortês e sempre ouvindo mais do que falando, Monlevade respondeu a todos com distinção.

Assim que revelou ser engenheiro de minas teve grata surpresa. Um homem logo se apresentou:

— Bem-vindo seja a essas terras, viajante! Meu nome é Romualdo José Monteiro, lavrador de ouro dessa região. Também fui pego de surpresa por essas águas e tive que me refugiar aqui, antes de seguir para minhas terras.

Monlevade respondeu àquele homem, senhor de meia idade que tinha ares de fidalguia, mas era corpulento como um trabalhador braçal:

— Pois o senhor está certo. Não há nada que se possa fazer quando os céus desabam sobre nós.

O outro ainda ponderou:

— E chuva assim é muito perigosa. Os raios são inevitáveis nos campos abertos dessa região.

A prosa continuou. Monlevade contara ao seu novo interlocutor alguns de seus planos no Brasil. Foi quando descobriu que o homem era um empreendedor dos minerais. Ele estava instalando em suas lavras, um processo hidráulico para facilitar a extração de ouro.

Claro que o processo interessou ao jovem Jean. Ele queria ir visitar aquelas lavras assim que a chuva diminuísse.

— Com muito gosto, levo o senhor a conhecer as minhas terras. Agora, engenheiro como és, decerto conheces o Barão de Eschwege!

— E quem não o conhece? Eu, ainda de nome e fama, meu senhor. Estive no Rio de Janeiro e visitei o Gabinete Real de

Mineralogia, fundado por ele. Mas não o conheci como gostaria. Espero que um dia o encontre. Quando estive no Rio, ele estava em viagem.

— Pois ele está viajando por essas terras. Ainda amanhã terei com ele e se o senhor quiser, posso intermediar um encontro entre vocês.

O francês nem pensou duas vezes. Aceitou logo a proposta daquele recém amigo, acreditando que muito poderia ser útil a amizade com ilustre figura, como o Barão de Eschwege.

Avisou ao tropeiro que ficaria ali, por uns tempos, já que teria que conhecer uma pessoa importante. O tropeiro entendeu que a viagem deles terminaria ali, em Congonhas do Campo. Suas encomendas não podiam mais esperar e ele sairia no dia seguinte.

— Mas ainda não é tempo para despedidas, meu bom arriero. Fiquemos juntos aqui nessa vila, pernoitemos com o meu novo amigo e amanhã, segues teu destino até Vila Rica. — Falou Monlevade.

O viajante sabia que se partisse depois que a chuva perdesse um pouco a força, poderia atolar as mulas no barro que, certamente, se formaria nos caminhos. Aceitou a proposta do amigo.

— Está bem, Monlevade. Está bem. Vai ser um prazer ter mais esse tempo com você.

Logo pela manhã, Jean acordou cedo e tivera mais um sonho com a França. Vira a bandeira enrolada num castelo em ruínas. Ele tentou salvar a flâmula, mas não conseguia alcançar. No sonho, decidiu erguer o próprio castelo e co-

meçou a empreitada com as próprias mãos. Quanto mais cavava, achava mais impossível erguer a construção. Cansado, tombou para o lado e viu que não estava mais na França, mas em Minas, perto de um rio, à sombra de uma figueira. Uma mulher sorria para ele. Mas ele não a conhecia. De um sonho passou a outro. Agora, beijava a mulher e ela era muito carinhosa consigo. Despertou com o cantar de um galo, antes do sol.

Vestiu o casaco, pois após a tempestade do dia anterior, o frio aumentou e a neblina de sempre pairava naqueles campos. Saiu a pé para ver a vila, foi quando avistou, de longe, o santuário sobre o morro. Uma súbita comoção tomou-lhe o peito. A bruma leve da manhã, erguendo-se entre os vales, conferia à cena uma aura de encantamento.

À medida que se aproximava da basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, seus olhos de engenheiro, treinados para calcular ângulos e medir estruturas, se rendiam à beleza que escapava à razão. Que arquitetura! Que palácios e casarões bem armados! A cidade se desdobrava em ladeiras, erguidas com graça e firmeza, como se cada pedra tivesse sido colocada com devoção. Mas foi diante dos profetas de pedra-sabão que Jean estacou, sem palavras.

Ali, enfileirados diante da igreja, os doze profetas esculpidos por Aleijadinho pareciam observá-lo de volta. Havia em cada rosto um mundo inteiro – não apenas fé, mas dor, altivez, dúvida, fúria contida, uma humanidade pungente gravada em pedra com mãos doentes, quase mártires do próprio ofício.

Jean aproximou-se e subiu os últimos degraus lentamente. O silêncio do adro ao amanhecer não era vazio, mas pleno. Cada estátua guardava uma história, uma sentença, uma dor e uma esperança. Os doze profetas recém erguidos, há apenas 14 anos, estavam ali não apenas como peças esculpidas, mas como presenças vivas, antigas, maiores do que o tempo. E foi assim que o jovem engenheiro francês, sentiu-se: pequeno diante da densidade deles. Quem dera o homem sobrevivesse ao tempo, seu nome, sua obra...

Neste instante, olhou Isaías, que o fitava com olhos de fogo e urgência. Profeta da visão e da justiça, parecia ver o futuro em brasas. Brasas que moldam ferro... Jean sentiu o peso de suas próprias escolhas. Estaria também ele destinado a anunciar algo, a construir algo maior que si mesmo? Aquele olhar o desafiava a enxergar além das montanhas, além do ferro e do ouro que viera buscar. Mas ouvir também seu coração.

Então encarou Jeremias, o choroso, que trazia em seu semblante a tristeza de quem amou profundamente e viu seu povo errar. Jean viu nele o espelho da sua saudade da França, da terra natal deixada para trás. No rosto esculpido, reconheceu a nostalgia, o sentimento de quem carrega um mundo dentro de si e, ainda assim, caminha em outro.

Porém, Ezequiel, com sua expressão entre o êxtase e o espanto, era o profeta das visões grandiosas — rodas de fogo, seres alados, o impossível revelado. Jean, recém-chegado ao Brasil, identificou-se com esse olhar de assombro e espantos. O Novo Mundo era para ele também uma profecia viva. Cada paisagem, cada rosto mestiço, cada expressão popular o desafiava a ver mais do que via.

E assim, admirou Daniel, que trazia nos olhos a coragem dos que enfrentam leões. Jean sentiu em si uma centelha dessa coragem. Estava sozinho, estrangeiro, numa terra desconhecida, mas pronto para enfrentar os perigos com a fé dos ousados. A sorte está no caminho dos que a procuram e o profeta Daniel o inspirava.

Oséias, com sua expressão de dor amorosa, falava de traições e perdões. O profeta falava ao seu coração que era preciso deixar o passado onde estava e seguir em frente, ir além do horizonte, sempre. Baruque, o escriba, tinha nos olhos o peso da memória, da palavra preservada. Jean, homem da ciência, viu ali a importância de registrar, de compreender, de manter viva a história. Era como se a própria missão dele no Brasil – observar, anotar, compreender – ganhasse um novo sentido. Não apenas técnica, mas testemunho.

Joel, o profeta do apocalipse e da esperança, parecia pairar entre a destruição e a promessa. Jean viu nele a dualidade do mundo novo: ao mesmo tempo brutal e promissor. O Brasil era terra de contrastes: de opulência e miséria, escravidão e fé, violência e poesia. O rosto de Joel era como um mapa do país que começava a desvendar.

Abdias, o mais breve dos profetas, trazia no olhar a raiva contida e a justiça inevitável. Jean sentiu nele a inquietação contra a opressão. Havia visto com incômodo os negros acorrentados, teve que aceitar que o Brasil ainda mantinha a escravidão e as marcas do cativo. E Abdias parecia confirmar essa angústia permanente.

Já o pastor profeta, Amós, tinha um rosto simples, mas firme. Falava pela boca dos humildes. Jean viu nele o povo das vilas, dos tropeiros, das lavadeiras, dos escravizados

que conhecera nas estradas. Percebeu que a grandeza do Brasil estava não apenas no minério, mas naquele povo resistente e criador.

Jonas, o fujão de Deus, parecia contemplá-lo com olhos de quem entende o medo e a fuga. Jean reconheceu-se sua própria hesitação. Tantas vezes pensara em desistir, em voltar. Mas ali, entre profetas e pedras, compreendeu que até os que fogem podem ser trazidos de volta ao caminho. Jonas era também redenção. Habacuque, o questionador, tinha uma expressão de dúvida profunda. “Por que, Senhor?” parecia dizer. Monlevade se viu refletido nessa pergunta. Por que cruzara o mar? Por que o Brasil? Por que aquela terra de contrastes o fascinava tanto? Habacuque lhe deu o direito à dúvida, e também o consolo de que até os profetas duvidam.

Naum, por fim, era o rosto da justiça derramada, do castigo anunciado. Mas nos olhos do profeta, Jean percebeu não a fúria, mas a advertência. Como se dissesse: “Construa algo que permaneça. Algo que não será derrubado.” Naum falava ao engenheiro, ao criador de estruturas. Pedia-lhe responsabilidade, sabedoria e força.

O dia clareou com todos os seus sons. Jean deu um passo atrás, olhando o conjunto dos doze. Não eram apenas figuras do Antigo Testamento. Após observá-los e meditar tanto, percebeu que eram reflexos de sua própria alma. As estátuas eram fragmentos da humanidade esculpidos por um homem que soube traduzir, com pedra e sentimentos vários, as contradições entre os abismos e as alturas do espírito humano.

Ali, diante deles, Jean compreendeu que o Brasil não era só promessa de futuro. Era também espelho.

— C'est incroyable... — sussurrou em francês, quase como uma oração.

Jean permanecera longo tempo em silêncio, os olhos perdidos no perfil severo dos profetas. Acostumado aos minerais, Jean pensava na composição da pedra-sabão ou esteatito. Riu... Como aquela rocha metamórfica, abundantemente encontrada em Minas se transformava naquela maravilha? A arte do escultor Aleijadinho não era cálculo, era oferenda a Deus. Era a resistência à passagem do tempo. Era a imortalidade.

Jean ouvira falar de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Ele tinha esse nome depois que uma severa doença o acometeu. Com ela, perdera os dedos dos pés, arrastava-se de joelhos; seus dedos das mãos atrofiaram e caíram. E, ainda assim esculpiu o impossível.

Como pôde ele suportar? Pensava Jean. “Como pôde criar tamanha beleza com tamanha dor? E, então lhe ocorreu algo que nunca antes pensara: talvez a grande obra não nasça da força, mas da urgência. Do que não se pode calar. Aleijadinho esculpiu apesar da dor – esculpiu porque era impossível não fazê-lo. Como se a alma procurasse escapar pelas mãos antes que o corpo sucumbisse de vez.

Jean levantou-se devagar e olhou novamente para os profetas. Sentiu uma faísca no peito, um calor que não era só admiração. Quis, pela primeira vez, fazer algo que não fosse apenas útil, mas eterno. Uma obra que resistisse ao tempo,

que contasse quem ele foi, o que viu, o que sonhou. Teve uma epifania, feito as que tinha em sonhos e gritou, não só para os doze profetas, mas para o universo: Eu quero. Sim, eu quero construir, não apenas para os homens do meu tempo, mas para os que virão!

E enquanto o céu de Congonhas acolheu seu grito de fé, o engenheiro francês, compreendeu que seu destino no Brasil seria grandioso. E que uma obra grandiosa não começa nos braços. Começa na alma.

Voltou à hospedagem onde os outros o esperavam para seguirem à casa do sr. Monteiro. Um palacete. A fazenda grande, tinha vistosas palmeiras imperiais em seus jardins. Uma varanda comprida que circundava toda a residência, além de um jardim bem cuidado, com um caminho de pedras que guiava os recém-chegados até o sopé da escadinha que dava acesso à porta de entrada.

Tirando o chapéu e chamando os escravizados para ajudarem os viajantes com a bagagem, Romulado Monteiro saudou-os mais uma vez:

— A casa é humilde, mas a honra de tê-los comigo é imensa.

Monlevade respondeu-lhe com cortesia:

— Ora, é o senhor quem me honra ao oferecer-nos pouco, comida e por apresentar-me ao ilustre Barão.

A conversa durou horas. Romualdo narrou as histórias do ciclo de ouro de Minas Gerais. Muitas pareciam ter saído dos contos fantásticos das Mil e Uma Noites. Eram feitos extraordinários de homens, de mulheres, de vidas que se construíram e que se perderam em função daquele metal precioso.

Tudo em Minas girava em torno da extração aurífera e a ganância e os grandes feitos ganhavam ainda mais força.

E dentre todas as que foram narradas, a que mais chamou a atenção de Jean de Monlevade, sem dúvida, foi a de João Baptista Ferreira de Souza Coutinho, o Barão de Catas Altas.

— Nunca se viu tamanho esbanjamento nessas bandas de Minas Gerais.

Romualdo começou a contar a história daquela extraordinária figura que, sem dúvida, foi umas das mais extravagantes da história do ouro. Ele tinha fama em todos as regiões e seu nome era pronunciado em todas as rodas. Dos mais ricos, aos escravizados mais humildes, entre as senhoras casadas, as viúvas e até as mocinhas solteiras. A vida de João Batista impressionava por sua própria grandeza.

O anfitrião contou a Monlevade que João Batista nascera em família humilde, tinha sido sacristão da igreja de Catas Altas, que, na época era apenas uma pequena aldeia cujo nome veio a se tornar, mais tarde, a alcunha do baronato daquele homem.

De baixa estatura, de aparência esquisita, ele acabou se casando com uma das filhas do capitão-mor José Alves da Cunha, famoso por ser sovina e por gastar pouco da imensa fortuna que construía.

João Batista viveu por muitos anos na sombra do sogro, fazendo todas as suas vontades, exercendo várias funções na casa dele. Ladino, acabou se tornando um dos principais nomes à sucessão nos negócios da família.

— A astúcia dele era tanta, que acabou arranjando um casamento do pai de sua esposa com uma de suas irmãs.

— Como? — Questionou Monlevade.

— É. Ele deu um jeito de fazer o velho José Alves se casar com uma das irmãs dele. Agora ele também era cunhado do próprio sogro.

— Entendo. Prossiga meu amigo. Prossiga!

E Romualdo continuou a narrativa.

Com a morte do sogro e agora cunhado, João Batista tanto fez com o testamento, que acabou se tornando único dono das minas do Gongo Soco que na época pouco produziam.

Mas ele era um homem de sorte. Em pouco tempo, as minas passaram a dar tanto ouro que se tornaram célebres em todo o mundo. O antigo sacristão era um dos homens mais ricos de Minas Gerais e até do Brasil.

Suas extravagâncias iniciaram quando ele construiu verdadeiros palácios pelo interior de Minas. Em Caeté, Vila Rica, Sabará, Santa Luzia, Brumado e a monumental Gongo Soco...

Além disso, em todas essas casas dele, sempre há, dia e noite, mesa posta para quem chega de viagem. Com ele não há miséria. O Barão de Catas Altas é um homem que gosta de ostentar sua grande riqueza com festas e mais festas.

— Dizem que, em alguns banquetes, chega a usar uma baixela toda em ouro da melhor qualidade e serve as bebidas, vinhos vindos da Europa, em cristais da Alemanha. Além disso, tem a fama de espatifar os objetos riquíssimos atirando-os contra a parede e pede aos convidados para fazer o mesmo.

Monlevade não acreditava no que ouvia. Mesmo nos maiores palácios por onde passou na França, nunca viu tanta opulência e ostentação.

— Que figura extraordinária! Nunca pensei que pudesse saber um dia que existissem pessoas desse tipo no Brasil.

— É um figurão mesmo! Vais ficar boquiaberto, meu bom ouvinte! Sabia que, num de seus jantares, o Barão de Catas Altas mandou servir almôndegas...

— Que tem isso? Almôndegas não é um prato apreciado por aqui? — Questionou Monlevade.

E Romualdo Monteiro continuou:

— Almôndegas são comuns sim, meu amigo! Mas essas. Eram de ouro maciço! Sim! Almôndegas de ouro as quais os convidados puderam levar para casa como um presente seu.

— Que maravilha! Estás a me enganar com todos esses casos, não?

— Não é nada disso. Essa é a mais pura verdade, você pode perguntar a qualquer um que quiser.

— Ora! E tem mais. Depois desse dia, por várias vezes, ele surpreendeu seus convidados com nozes, avelãs e castanhas de ouro. Por isso, uma multidão de curiosos, interesseiros e papa-jantares seguia-o por onde passava, sempre à espera de um novo gesto de sua generosidade absurda e estranha!

O Barão de Catas Altas não parou por aí. Com a sua vaidade crescendo junto com a sua fama e riqueza, foi ficando à beira do delírio ao mandar fazer ferraduras de ouro para os cavalos...Mal pregadas, elas ficavam pelo caminho para quem tivesse a sorte de achá-las.

— Que figura impressionante! Tanta riqueza, tanta fortuna e tanto esbanjamento! Ainda vou ter com esse homem.

A noite corria alta em Congonhas quando Monlevade e Romualdo encerraram aquela conversa. Das imensas jane-

las daquela fazenda, Monlevade olhou a lua cheia sobre as montanhas de Minas e suspirou. Era um quadro invejável aquele. Quanta riqueza! Era de se esperar que as pessoas de Minas fossem mesmo extremamente cheias de um brilho diferente. Tudo por essas terras parecia encantado. Que luar, que céu, que terras repletas de tanto absurdo e maravilhas!

Naquela madrugada, Monlevade sonhou que estava em outro lugar, fazendo ferro. Era uma casa alta, com uma fábrica pequena, que produzia muito. Ele era um senhor de escravizados e dos metais, sempre requisitado por outros fazendeiros na fabricação de utensílios. De repente, ele crescia. Seu tamanho ia aumentando à medida que vendia os materiais.

Era um mistério. Seu corpo crescia assustadoramente. Suas mãos, seus pés, seus cabelos. Seus olhos ficavam ainda mais azuis, sua força ficava ainda maior. Tudo aumentava desproporcionalmente. Era um delírio de grandeza que fugia à sua realidade. Não havia como controlar aquela força estranha que o elevava tanto.

Não havia casa onde pudesse morar. Não havia prédio que pudesse comportá-lo. Não havia lugar onde pudesse ir. Tinha se tornado um homem imenso. O desespero tomava conta dele porque, mesmo sendo grande, forte, poderoso, não podia se mover. O que fazer agora? Se desse um passo, faria a terra toda tremer com o impacto de seus pés gigantes. Se tombasse, amassaria tudo quanto havia ao seu redor. Estava fadado a ficar ali, cercado de montanhas, impossibilitado de fazer qualquer coisa por conta do seu gigantismo.

Acordou de repente, com os primeiros cantos dos pássaros. Dormira pesadamente. Antes de se levantar, olhou para o corpo, conferindo se estava tudo em ordem. Mas a sensação do sonho estranho da noite passada o levava à dúvida. O que aquilo significara? Sonhos, sempre seus sonhos...Há muitas coisas que não se pode explicar. Lembrou Shakeas-pere: “Há muitos mistérios entre o céu e a terra do suspeitam a nossa vã filosofia”.

Conversou naquela manhã que se seguiu com o anfitrião, o lavrador Romualdo, sobre fábricas de ferro naquela região.

— De Ferro? Há algumas em Minas. Eschwege fundou a Fábrica Patriótica aqui em Congonhas. Na certa, saberá falar melhor com o senhor.

— Ah, mas é claro! Como poderia esquecer do ilustre Barão de Eschwege? Não é que estamos mesmo esperando por ele?

— Sim. Creio que ainda hoje ele chega a Congonhas. Não há de tardar o seu encontro com ele. Agora, vamos ao café. Seus amigos estão no salão à sua espera.

Na mesa de café da manhã, foram postas iguarias para os visitantes. Pães, bolos de todo tipo, tortas, mingaus, frutas-do-conde, mamão papaia, bananas da terra cozidas, requeijão, queijo fresco, café forte e leite espumoso completavam o desjejum.

Thierry e Quincas já estavam comendo quando Monlevade se sentou. O primeiro a falar foi o amigo e criado francês:

— Dormiu muito Monlevade? Você e Romualdo ficaram conversando ontem até mais tarde...

— É. Foram as histórias do ouro! Falamos muito de casos diversos. Mas depois, descansei bastante. E não esperava sonhar tanto como sonhei.

— Pois conte seu sonho, queremos compartilhar dele também.

— Não foi nada demais. Imagine que sonhei que eu tinha virado um gigante. Tinha crescido tanto, que não podia mover-me. Caso contrário destruiria tudo ao redor. Imóvel e aterrorizado, pensei que fosse morrer ali, no meio das montanhas que me rodeavam.

O criado francês não escondeu a risada:

— Você, um gigante? Só mesmo em sonho!

— Ora, não zombe de mim.

Quincas, que ouvia o caso calado, retrucou:

— Não se deve brincar com os sonhos. Eles podem dizer muito mais do que se imagina. Nós é que não sabemos decifrá-los como deveríamos. Os mistérios que eles trazem são sempre uma forma de aviso. Alguma coisa isso quer dizer. Pode ter certeza.

O dono da casa foi quem mudou a conversa. Ele chamou os convidados para conhecer de perto as suas lavras, após o café.

— Será um prazer — disse Monlevade, já se preparando para se levantar.

— Bem, eu não posso acompanhar os senhores. Vou-me embora para o meu rumo. — Era Quincas explicando que tinha de chegar a Vila Rica ainda naquele dia.

Monlevade se levantou e abraçou o tropeiro. Chegou a hora da despedida daquele homem que o trouxe a Minas. Ti-

nham criado uma relação amistosa. Afinal, foram dias e dias juntos, dividindo comida, pouso, água nas moringas e as histórias de todo aquele novo mundo. O francês sabia que o tropeiro rude tinha um coração bom e que, sem ele, não teriam aceitado com tanta facilidade os desafios da empreitada.

— Mon amie, só tenho a agradecer-lhe o empenho e a companhia nesses dias todos de viagem.

O outro respondeu o agradecimento:

— Apesar de viajar por toda essa terra, de saber de cor as curvas desse caminho de nosso Deus, a gente sempre se surpreende quando aparece uma companhia boa como a dos senhores!

Os dois sabiam que talvez nunca mais se vissem novamente. Portanto, selaram aquela amizade com um longo abraço, apertado, como deve ser os abraços entre aqueles que se gostam e que confiam um no outro.

— Adeus, Monlevade. Siga o seu caminho em paz e nunca se esqueça de que os sonhos trazem mensagens de outros mundos, do futuro e do passado. Aprendi isso com uma velha amiga cigana, que leu a minha mão.

— Não esquecerei de ti, amigo Quincas. Um dia, quem sabe, nossos caminhos não se cruzam de novo?

— Deus é quem sabe senhor! Só Ele.

Monlevade pagou o com algumas moedas de ouro. Cada qual seguiria para o seu destino agora. Mas ficaria, no francês, para sempre, a marca daquela amizade.

O arrieiro reuniu as mulas no pátio, ajudado pelos escravizados Juvêncio e Joaquim. Eles também criaram estima por aquele homem. Ele não os destratava e até os divertia,

com seus casos de trilhas e das gentes que conhecia por Minas a fora e a dentro. Puxando o comboio de oito mulas, ele partiu para Vila Rica naquela manhã, deixando um certo vazio no ar, quando sumiu na curva da estrada da fazenda.

Nas lavras de ouro de Romualdo Monteiro, Monlevade perguntava tudo e fazia considerações anotadas na pequena caderneta que sempre levava consigo. Foi informado dos processos de garimpagem do ouro, da separação e da lavagem das terras auríferas que vinham do fundo da mina. Era curioso porque podia trocar experiências com aquele homem que acabara de conhecer.

Na França, tivera contato com algumas minas de galena, outras de minerais menos nobres. De ouro mesmo, apenas nos livros da Escola Politécnica e em poucas expedições que tivera oportunidade de participar junto ao Corpo Real das Minas.

Era diferente estar dentro de uma mina de ouro nas Gerais. As daquela província pareciam ser encantadas, diferentes. Possuíam uma energia forte, um brilho mais intenso que, fazia tontear a cabeça dos menos preparados. Era algo energético, como se debaixo daquelas terras, a riqueza também estivesse presente, possuindo os exploradores, tomando seus corações com uma ambição dourada e permanente.

— É estranho estar aqui embaixo. Sinto algo que nunca senti antes! — Disse Monlevade, limpando o suor que minava de sua testa.

— Sentes? Essa é a força das minas desta província. O poder do ouro irradia uma luz que toma o corpo da gente, que

nos deixa incomodado de alguma forma. Eu sei bem o que é isso. Se não souber controlar essa sensação, na certa, ficarás doente com a febre do ouro...

— O senhor não é o primeiro a falar-me de tal doença.

— A febre do ouro é um mal que faz os homens matarem a si. É uma força que coloca uns contra os outros e destrói. É algo que entra nas ideias e vai corroendo o crânio, como uma força bruta tomando conta de tudo.

— E há como remediar-se dela?

— Remédio? Só a morte... Alguns ficam tão gananciosos que morrem no meio de sua própria riqueza acumulada. Acabam sucumbindo ao mal que eles mesmos fizeram para si.

Um escravizado veio correndo até eles e interrompeu a conversa. O Barão de Eschwege tinha chegado. Não viera só. Trazia consigo uma comitiva com alguns cientistas e alguns homens do governo.

O alemão Wilhelm Ludwig von Eschwege estava com quarenta anos, embora o rosto marcado pelo sol e pelo tempo lhe desse ares de alguém que já vivera muito mais. Era alto, como são, em geral, os homens de sua terra natal. Ele se destacava com natural imponência onde quer que estivesse. Os olhos, de um azul intenso e atento, pareciam observar o mundo como quem decifra enigmas antigos escondidos sob a superfície da terra. Um longo bigode, espesso e bem aparado, pendia sobre os lábios quase sempre cerrados.

A pele, tostada pelo sol tropical, era avermelhada. O calor do Brasil deixou sua marca definitiva sobre aquele corpo europeu.. Apesar do porte firme, havia nele um traço de exaus-

tão que o traía. Frequentemente, era visto com um lenço às mãos, enxugando o suor que escorria pela testa em filetes persistentes.

Era um homem de saber vasto, desses que nascem em séculos raros. Formado em engenharia e forjado também pela disciplina militar, possuía uma mente que não se contentava com o conhecimento técnico: dominava línguas estrangeiras, compreendia as Ciências Naturais com a mesma facilidade com que discutia Direito, Arquitetura ou Filosofia.

Deixara a Alemanha em 1803 e seguira para Portugal, onde desempenhou papel importante na instalação de fábricas e tornou-se referência na arte de fabricar ferro, um saber que exigia tanto precisão quanto intuição. Veio ao Brasil a convite do imperador Dom João VI em 1810 e estava na colônia há sete anos. Ele chegou com a missão de revitalizar a decadente mineração de ouro e contribuir para o desenvolvimento da incipiente indústria siderúrgica. Além disso, ficou responsável por ensinar as ciências da engenharia aos futuros oficiais do exército. Portanto, trabalhava com afinco na organização e modernização da exploração mineral, desafio que encarava não como simples dever técnico, mas como missão civilizatória. Para muitos, era apenas um estrangeiro excêntrico de modos metódicos. Para outros, um visionário.

Romualdo, sem cerimônias, apresentou os dois homens:

— Meu caro Barão de Eschwege! Este é Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevade, engenheiro de Minas francês, que segue para São Miguel, aprofundar seus estudos mineralógicos!

— Monlevade, este é Barão de Eschwege, ilustre homem das minas no Brasil!

Os dois se cumprimentaram e trocaram um olhar mútuo de admiração. O francês vez, sabia da fama daquele homem e conhecia bem sua capacidade de pesquisa e técnicas para retirar os minerais do solo. Estava diante de um dos principais nomes da mineração daqueles tempos. E, para ele, era mais que um orgulho o conhecer. Era uma oportunidade de aprender também.

Eschwege foi quem começou a conversa:

— Monlevade — disse o Barão, com um leve aceno de cabeça. — Ouvi falar de ti. O francês que deixou o Rio a caminho de São Miguel do Piracicaba. Dizem que traz consigo mais do que ferramentas e livros: trazes ideias.

— E eu ouvi muito mais sobre o senhor, Barão. Monlevade sorri. Para mim, é uma honra. Estar diante do senhor é como encontrar um dos próprios veios desse solo: profundo, rico, essencial.

Eschwege arqueou uma sobrancelha, entre divertido e lisonjeado.

— Então, vieste ao Brasil motivado pela febre do ouro?

— Diria que foi por uma febre, sim, mas não doentia como essa. — Monlevade respondeu, com um tom que misturava leveza e seriedade. — Foi uma sede de conhecimento, uma vontade de ir além do que a Europa já me ensinou.

— Ah... esse tipo de febre é benéfico, então. — O Barão assentiu com um sorriso quase nostálgico. — Também sofri dela na juventude. E, confesso, nunca me curei. Só fui contaminado ainda mais pelas entranhas desse país.

O Barão Eschwegwe era agradável e cativara logo a atenção de Monlevade. Ele chamou o jovem para conhecer o processo hidráulico que instalaria nas lavras de Romualdo Monteiro. O rapaz aceitou prontamente.

Eschwege, sempre disposto a compartilhar, conduziu o jovem para mostrar onde implementava o processo hidráulico nas lavras de Romualdo Monteiro. O som da água correndo por canais engenhosamente traçados contrastava com o ranger das engrenagens de madeira.

Enquanto caminhavam lado a lado, Eschwegwe contou, que, em 1812, instalara em Itabira do Mato Dentro aquela forma de retirar os metais do solo. E ali, fora extraído, pela primeira vez, ferro por malho hidráulico. Por meio de uma roda d'água, todo um mecanismo começava a funcionar e dava início à retirada dos metais do fundo da terra. Numa bateia, em seguida, os escravizados iniciavam as catas. Aquilo economizava braços e fazia com que a retirada fosse mais eficaz. No mesmo ano em Congonhas, tinha iniciado a produção de ferro com sua Fábrica Patriótica.

O jovem Monlevade observava atento, anotando em seu caderno com precisão e entusiasmo. Há tempos não tinha uma conversa técnica e apurada quanto aquela. Quando o Barão falava, seus olhos acendiam. Eschwegwe relatou também sobre a Fábrica Patriótica, erguida no mesmo ano em Congonhas, onde o ferro fundido ganhava forma e força para abastecer um país em formação.

— É mais do que tecnologia — refletiu Monlevade em voz baixa. — É o começo de algo maior...

O Barão ouviu e concordou com um meneio de cabeça. Havia ali, no francês, algo que reconhecia em si mesmo anos antes: uma inquietação construtiva, um desejo de transformar o mundo por meio do conhecimento.

— E quais são teus planos, jovem engenheiro? Tens pressa de chegar a São Miguel do Piracicaba?

— Bem... pretendo me hospedar com o capitão Antônio Gomes de Abreu, senhor das terras, e realizar estudos sobre o potencial mineral da região. Quero entender a fundo essas montanhas.

Eschwege sorriu largo, como quem já sabia a resposta que daria.

— Pois tenho uma proposta melhor para ti. Pelo menos por enquanto...

Monlevade ergueu os olhos, intrigado.

— Melhor?

— Sim. — O Barão caminhou lentamente em torno da mina, limpando o suor da testa com um lenço amarrotado, antes de continuar. — Preciso de alguém com tua visão, tua juventude, tua coragem. Queres viajar comigo pelo interior da colônia? Ajudar-me a instalar novas fábricas de ferro? A Patriótica vai bem, mas o Brasil precisa de mais. Muito mais.

Por um instante, Monlevade sentiu o mundo girar sob seus pés. A proposta não era apenas inesperada – era um divisor de águas.

— Sim. — respondeu ele, sem hesitação, como se aquela resposta já estivesse em seu destino antes mesmo de ser pronunciada.

Eschwege riu, um riso leve, satisfeito.

— Sabia que aceitaria. Há uma centelha em ti, rapaz. E ela acende o que ainda está por vir.

Assim, sob o céu cinzento de Minas, dois dos maiores nomes da siderurgia brasileira selavam, sem contrato ou papel, uma aliança que mudaria os caminhos do ferro e da história. Seriam parceiros. E bons frutos colheriam.

Conversaram por toda a tarde. O sol já havia caído além das serras, tingindo o céu de um laranja desbotado que logo cederia ao azul profundo da noite mineira. Na varanda da casa grande, Monlevade se sentou num banco rústico de madeira. Thierry se aproximou devagar, limpando as mãos com um pano de algodão. Vinha de um galpão da fazenda de Romualdo, onde passara a tarde observando o reparo de peças em uma oficina.

— Alors, monsieur Jean... Então é verdade que vamos com o Barão?

Monlevade assentiu com um leve sorriso, surpreso pela velocidade com que a notícia chegara.

— Sim, Thierry. Ele me convidou hoje pela tarde. Quer que o acompanhem pelas estradas, que ajudemos a montar novas fábricas de ferro no interior. Uma oportunidade que talvez não se repita.

Thierry sentou-se ao lado dele, os olhos vagando pelas estrelas que começavam a surgir.

— Mon ami, sabes bem que eu vim até aqui porque confio em ti. Mas isso? Viajar com um barão alemão por esse sertão? Há onças, febres, indígenas que podem atacar viajantes...

Monlevade riu baixinho.

— Eu sei. Também pensei nisso. Mas... algo me diz que é ali, longe dessas montanhas que já começamos a conhecer, que está o verdadeiro desafio. E talvez... nosso futuro.

Atrás deles, na sombra do alpendre, Joaquim e Juvêncio terminavam de guardar os instrumentos do dia. Eram homens silenciosos, de gestos precisos. Mas atentos, escutavam tudo, mesmo quando fingiam não ouvir.

Thierry olhou para os dois, depois baixou a voz.

— E eles? Vão conosco?

Monlevade virou-se. Havia uma gravidade tranquila em seu tom.

— Claro que sim. Como poderia deixá-los? Iremos todos juntos. E, onde Deus não quis andar, nós vamos abrir caminho. Com coragem.

Juvêncio deixou escapar um riso curto, quase zombeteiro.

— Com coragem e um pouco de sorte, né, sinhô...

Todos riram, até Thierry, que fez o sinal da cruz por via das dúvidas.

A noite desceu, inteira e densa. Ao longe, o som de um martelo ecoava do fundo do vale, lembrando a todos que a exploração do ouro jamais dormia. No dia seguinte, ao raiar do sol, partiriam rumo ao interior de Minas. O mundo ainda não sabia, mas o caminho do ferro no Brasil acabara de ser traçado.

VII

Meses se passaram após o primeiro encontro de Monlevade e Eschwege, o que adiara sua ida a Itajuru. Os planos com o Barão mudaram os seus. E ele voltou ao Rio de Janeiro com amostras de minerais retiradas das viagens que fez pelo interior.

Ao lado do alemão, Monlevade visitou Vila Rica e encantou-se com as minas de ouro daquele lugar. Deslumbrou-se com a grandeza da capital da Província de Minas Gerais, principalmente, por conta da intensa vida que captou ali.

Eram escravizados por toda a parte, alguns sujos de lama de tanto escavar buracos, outros vendiam produtos de seus senhores nas praças principais. As ladeiras do lugar, assim

como os casarões imponentes deixaram a sensação de que aquele lugar parecia mesmo uma pintura feita por um grande artista.

Ali, recolheu amostras diversas de tantas pedras e metais. Era uma riqueza, uma fartura de tantas coisas sem igual. Vila Rica mostrava a sua força. Seu laboratório astronômico desenhava as estrelas do céu, defronte do claustro da cadeia horrenda, mas de magnífica arquitetura logo em frente. A rua Direita e sua vida comercial e casas de família levavam até a parte mais baixa, onde estava a imponente igreja do Pilar.

Thierry arrepiava naquele lugar. Sempre cheio das tentações que ameaçavam abalar a sua fé, ele mantinha-se fiel em seu propósito de não ceder aos encantos de nenhuma escravizada. E isso era difícil.

— Monlevade, quando iremos partir desse lugar?

— Ora, meu amigo. Ainda tenho amostras a recolher, ainda tenho trabalho. Mas porque a pressa?

— Porque não quero me perder.

Monlevade riu do comentário do amigo:

— Por que te afliges tanto? Reze o teu terço, faça nomes do pai, tome banhos frios, mas esqueça isso. Você precisa vencer. Precisa escolher quem deve governar seu coração: a fé, ou o pecado?

— Não me coloque à prova também. Estou mal com isso.

— Amigo, você veio de longe comigo. Eu prezo tua amizade e confiança. Só quero que fiques bem, escolhendo de uma vez o seu caminho.

Enquanto percorriam as ruas de Vila Rica, Thierry sempre lançava o seu olhar para as altas torres, mas alguma coisa desviava a sua atenção para as jovens negras das ruas, becos e vielas. Estava difícil. Até Joaquim e Juvêncio se engraçaram com duas mocinhas, que vendiam doces perto da Igreja de Mercês de cima, o que o francês religioso condenou.

Monlevade, que tinha comprado aqueles dois para auxiliá-lo em suas andanças, não deu importância. Pensava diferente de outros senhores, que só queriam ver seus escravizados esfolando de tanto trabalhar. Preferia deixá-los mais soltos, desde que cumprissem suas obrigações. Exigia zelo, compromisso e confiança. Não os castigava porque os dois não o desapontavam.

— Thierry, não se importe com a vida dos pobres escravizados. Se eles quiserem ter com as negrinhas, deixe-os. Isso em nada me incomoda.

— Não? Como tolerar esses dois sempre de riso, contando dos beijos de uma, da curva dos seios da outra? Não aguento. Definitivamente, não aguento.

E dizia essas frases de repressão, antes de correr para a igreja mais perto, a fim de expiar os pecados que pensava em cometer com as escravizadas.

O trabalho com o Barão em Vila Rica deu ânimos a Monlevade. A viagem ao Brasil estava sendo compensada diante de tantas grandezas. Nem sonhar com a França ele sonhava mais. Os dias eram tão repletos de atividades, que dormia profundamente, depois dos banhos mornos e da sopa quente de galinha ou dos caldos de feijão e carne nas muitas tabernas.

De Vila Rica, seguiram para Sabará. Ali, as tentações de Thierry foram menores. Monlevade viu jazidas de minério de ferro por toda a parte e ficou deslumbrado com o brilho do chão. Lembrou-se imediatamente de uma noite na França, quando sonhou com uma terra cujo chão brilhava. Recordou-se do mestre Chateau, que também lhe falara do solo brasileiro... Lembrou-se de Quincas, o tropeiro, que lhe falou para não desfazer dos sonhos. Aquilo tudo fazia senti-lo agora.

Sentia-se em casa. Sentia-se bem. Em Sabará, escreveu artigos que enviou ao Corpo Real das Minas. Contava das preciosidades que encontrara naquelas paragens. Era de fato curioso tudo aquilo. Teve a certeza de que aquela terra tão rica de minerais e tantas histórias ficariam gravadas nele para sempre.

Eschwege gostava do que via. Achava naquele jovem amigo um homem sagaz, um pesquisador determinado e que teria futuro nessas terras. Muitas vezes, o próprio Monlevade pegava as ferramentas e mergulhava em grutas, adentrava recôncavos para retirar os seus materiais. Fazia questão de ensinar os escravizados e afirmava para quem o questionasse:

— O futuro depende da educação, do conhecimento. Pois como posso fazer esses negros entenderem de mineração se eu mesmo não os ensinar?

De Sabará, voltaram para Congonhas onde o Barão de Eschwege trabalhava com empenho na Fábrica Patriótica e Monlevade o auxiliava. Depois disso, voltou ao Rio outras vezes. Agora, menos impressionado com a travessia da ser-

ra. Decidiu reunir os artigos que escrevera para o Corpo Real das Minas e chamou-os de Memórias Mineralógicas:

Estas memórias serão o futuro desta terra prodigiosa. Aqui, estão muitos dos minerais encontrados na Europa. Vastas montanhas cujas rochas abundantes misturadas de ferro oxidado e oligistos, frequentemente auríferos, parecem pertencer essencialmente aos terrenos de transição. Essas terras são vastas, cheias de tantos minerais, quanto de histórias fecundas que até assustam. Espantam. Seguem alguns minerais que eu mesmo recolhi. Separei-os em oito classes para ficar mais fácil a sua identificação. A maioria são provenientes de Sabará e Vila Rica, cidades deveras ricas de tudo.

J.A.F.D. Monlevade.

Em cada carta ele expressava o seu interesse de permanecer aqui por mais tempo e, num futuro, regressar à França, tão logo conseguisse concluir seus trabalhos. Não escondia o interesse de lecionar na Escola Politécnica e, por que não, enviar novos alunos ao Brasil.

O ano de 1818 veio com muitas chuvas. O Rio de Janeiro estava enlameado, inundado nas partes baixas e cheio de entulhos que escorriam com as enxurradas. Dom João VI completava dez anos no Brasil e ordenara a seus súditos que preparassem uma festa para a celebração daquela década. No fim do ano anterior, já fizera uma festa pomposa, que ficou marcada em toda a corte, consumando o casamento do filho, o príncipe-regente Dom Pedro de Alcântara, com a

princesa austríaca Maria Leopoldina de Habsburgo. Ela chegara ao Brasil em 4 de novembro de 1817 e não se falava em outro assunto no Rio de Janeiro.

Monlevade soubera dos detalhes daquelas bodas e da importância silenciosa por trás do enlace distante. Primeiro, eles se casaram por procuração, na Áustria, no dia 13 de maio, um dia antes dele próprio chegar ao Brasil. Ele ficou sabendo que essa mesma data era aniversário do Príncipe Regente, Dom João VI, pai de Dom Pedro. O casamento real não era apenas uma união de nomes e títulos. Era uma jogada hábil no tabuleiro das nações e foi parte de um acordo diplomático entre as casas reais da Áustria e de Portugal e que tocaria os destinos do Brasil.

E mais: aquela união, nascida no coração da Europa, lançaria sementes férteis no solo americano. Maria Leopoldina, culta, decidida e afeita às ideias do Iluminismo, seria mais do que uma imperatriz – seria cúmplice e conselheira nos dias que viriam. Nem Monlevade, nem ninguém poderia imaginar que a presença daquela mulher ao lado de Dom Pedro, contribuiria no futuro, para a marcha que levaria o Brasil à independência.

De volta a Minas, o Barão de Eschwege recepcionou Monlevade com alegria e entusiasmo. Estava satisfeito por perceber que Jean de Monlevade aprofundara mais seus estudos na Corte e fizera bom proveito dos materiais que levava consigo.

Além disso, em fins do ano anterior, tinha conseguido aprovação pelo Governo dos estatutos das sociedades de

mineração sugeridos por ele. Isso era um grande passo, já que isso estabeleceria as bases para a fundação da primeira grande companhia mineradora do Brasil.

Monlevade comemorou o feito com o amigo. Com aquela aprovação, o progresso seria iminente. Estavam mesmo no caminho certo.

O Barão anunciou:

— Esta é uma notícia perfeita! Que estupendo. Agora, poderemos ir adiante. Sempre em busca do futuro!

— Ao futuro! — Monlevade o saudou também.

Os acontecimentos que se sucederam deram um salto grandioso na vida de Jean de Monlevade. Depois de ter auxiliado o Barão a fundir ferro na região de Congonhas, ele seguiu para Caeté. Eschwege o indicou ao capitão Luis Soares de Gouveia, um fazendeiro importante daquela região:

— Esse homem precisa de um cientista meu caro Monlevade. Pediu-me ajuda, mas estou impossibilitado. Quem sabe tu não sejas a pessoa mais indicada? Tenho a certeza de que irás auxiliá-lo tanto quanto eu o faria.

— Fico lisonjeado pelo confiança. Não o decepcionarei, meu bom amigo. — Disse Monlevade, pouco antes de partir.

Monlevade chegou a Caeté numa tarde fria de junho de 1818. A estrada sinuosa serpenteava entre colinas cobertas por matas cerradas e nuvens baixas, quando ele avistou, ao longe, o casario branco e o campanário da matriz de Caeté. Naquela época, Caeté não era uma simples vila mineira perdida no tempo. Seu solo estava marcado a fogo e sangue por um dos capítulos mais conturbados da história colonial.

Fundada no auge do ciclo do ouro, a cidade nascera do próprio desejo insaciável dos homens pelo nobre metal amarelo dourado que brotava das bateias. Era chão de promessas e disputas, onde cada morro e a imponente serra, escondiam riquezas e cada trilha podia levar à glória ou à morte.

Enquanto cavalgava pelas ruas de pedra desigual, Monlevade sentia o peso dos acontecimentos que ali se desenrolaram. Anos antes, na virada do século XVII para o XVIII, aquelas mesmas ladeiras haviam sido palco de batalhas ferozes entre paulistas e portugueses: a Guerra dos Emboabas. Paulistas, os primeiros a desbravar aquelas terras e descobrir as minas. Portugueses, os recém-chegados da metrópole, determinados a tomar para si o direito de explorar o que tanto haviam buscado.

O sangue dos vencidos ainda parecia escorrer pelas frestas das pedras centenárias, e os nomes esquecidos daqueles que lutaram e morreram ali pareciam sussurrar com o vento que cruzava as janelas antigas. Para Monlevade, a história não era apenas um encadeamento de datas, mas uma matéria viva, feito o minério de ferro, abundante sob seus pés. E Caeté acabaria se tornando mais uma peça essencial na tessitura que unia o ouro de ontem ao destino de ferro que se descortinaria no amanhã.

A subida da serra exigira muito dele, de Thierry e dos escravizados Joaquim e Juvêncio. Estavam exaustos quando chegaram à Fazenda da Barra do Rio Preto, propriedade de Gouveia.

— Bons ventos o trazem, meu jovem. Na certa, és o enviado do Barão de Eschwege?

— Sou eu. Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevade. Esses são meus companheiros: o francês e amigo Thierry e Juvêncio e Joaquim que cuidam da bagagem.

— Sintam-se em casa.

O fazendeiro era um homem de muitas posses e bem-sucedido. Tinha plantações, gado. Tivera ouro, que herdou do pai, nos bons tempos. Com a decadência do metal, agora, estava interessado mesmo, no negócio da siderurgia que emergia na região. Monlevade, que chegara ali com o interesse de explorar também as minas, tomara gosto pela fabricação de ferro. Logo, percebeu que a parceria daria certo.

As terras da fazenda eram altas e tinham jazidas a serem descobertas. Luis Gouveia contou a Monlevade que, tempos atrás, entrou em contato com Manoel Ferreira da Câmara Bittencourt, o conhecido Intendente Câmara. Homem de alta confiança do Governo e que conhecia bem os aspectos mineralógicos de Minas Gerais. Ele foi quem primeiro fabricou ferro líquido no Brasil em 1814.

— O Intendente Câmara foi quem me recomendou procurar o Barão Eschwege. Disse-me que minhas terras tinham mais valor do que eu imaginava. Que por baixo dessas encostas havia ferro escondido como tesouro de rei. Mas o alemão, parece, anda ocupado demais...

Monlevade assentiu e falou que trabalhara junto ao grande mestre mineralogista.

— Pois bem — prosseguiu Luis Gouveia — na impossibilidade do Barão, ele mandou o jovem engenheiro francês. E disse numa mensagem que tu és cheio de ideias, corajoso e

que poderia dar conta do recado. E cá estás. Aceitas explorar essa terra e trabalharmos juntos? — propôs Gouveia, com um riso largo.

Monlevade levantou o olhar. Seus olhos azuis examinaram a paisagem uma vez mais. Quando chegou, em poucas horas, já havia percorrido parte do terreno, vistoriado cursos d'água e encontrado, entre pedras e ravinas, sinais promissores de minério. O engenheiro sentia que aquele lugar podia ser extremamente fértil e percebeu que ali poderiam erguer uma fábrica para fazer ferro coado.

— Senhor Luís Gouveia — disse ele, com voz firme — aceito a proposta de sociedade. Aqui, podemos erguer uma pequena forja. Começaremos modestamente, mas com qualidade. O ferro será coado, forte, limpo. Pode confiar.

O fazendeiro soltou uma gargalhada satisfeita e levantou-se de imediato, erguendo os braços como se saudasse um antigo amigo:

— Ora, como não haveria de dar certo, se és enviado do Barão de Eschwege? Aquele homem é sábio como um profeta e entende dos metais como ninguém.

E, aproximando-se de Monlevade com entusiasmo sincero, completou:

— Dê cá um abraço, homem, pra selarmos de vez nossa sociedade!

Monlevade levantou-se e retribuiu o gesto com calor. Naquele abraço, mais que um acordo, firmava-se o alicerce de um novo empreendimento. Selaram um pacto de ferro.

Nas semanas que se seguiram ao abraço, o silêncio das matas em torno de Caeté foi quebrado por sons novos. Estalos de machado, arrastar de toras, batidas de marreta contra

pedras. Ali, entre encostas antes adormecidas Jean Monlevade e Luís Gouveia começavam a transformar sonho em estrutura, e estrutura em fogo.

Não havia mais ouro naquele chão. Mas havia ferro. E para Monlevade, aquilo era ainda mais valioso, pois intuía que o futuro seria construído a partir do minério. Sob a liderança do francês, homens escravizados ergueram com suas mãos os primeiros alicerces da fábrica: uma fundição modesta, com paredes de adobe reforçado e um forno de barro e pedra, que seria alimentado dia e noite com carvão vegetal.

E assim seguiram os dias. Com auxílio de Joaquim e Juvenício, que se tornaram braços e olhos de Monlevade na Fábrica, ergueram o canal d'água que moveria o malho, construíram os fornos de fundição e abriram trilhas para o transporte de minério bruto. Thierry, o fiel companheiro francês, anotava tudo em cadernos manchados de carvão, já meio encantado pelo ritmo árduo e mágico daquela criação. Então, num entardecer que parecia ter sido escolhido pelos deuses do fogo, chegou o dia da primeira fusão.

O forno foi alimentado com carvão e minério batido. As labaredas começaram tímidas, mas logo rugiam com vigor, lambendo as paredes do forno como se devorassem os séculos que antecederam aquele momento. Um suor coletivo brotava nas testas, não só pelo calor – mas pela tensão, pelo ineditismo, pela possibilidade do fracasso.

Monlevade aproximou-se da abertura do forno e, com olhos firmes, fez o sinal para verter.

— Agora — disse ele, em português arrastado, porém firme.

O ferro correu como um rio espesso, incandescente, um brilho alaranjado que iluminou os rostos de todos ao redor. A massa viva caiu sobre a forma de barro, rangendo, chiando, cuspidando faíscas no ar escuro do galpão. Era o nascimento. Era a promessa cumprida.

— Está coado — gritou Gouveia, sem tirar os olhos da peça que começava a esfriar. — É ferro de verdade.

— E o primeiro de muitos — completou Monlevade, com um sorriso.

Ali, naquela pequena forja em meio às serras, erguia-se mais do que uma fábrica. Era um marco. Um sopro de modernidade no coração da colônia. O som do metal fundido batendo contra o molde ecoava como um sino inaugural naquela região e anunciava que, a partir dali, Minas já não era apenas ouro que escorria pelos dedos, mas ferro que se moldava em mãos firmes. E aquela chama não se apagaria tão cedo.

Naquela noite, Jean Monlevade observava os trabalhadores após mais um dia exaustivo. Os escravizados dispersavam-se aos poucos, exaustos, suados, a caminho das senzalas. Com eles, Joaquim e Juvêncio, também seguiram esfregando os ombros cobertos de fuligem.

Nos olhos dos escravizados, Monlevade percebia o que os senhores raramente viam: não era só cansaço. Era a falta de esperança, reforçada por um silêncio que lhes consumia o peito. Foi então que ouviu a voz alta de Luís Gouveia no fundo do galpão, seguida do estalo seco de um chicote no

ar. Um grito abafado respondeu. Jean Monlevade se ergueu de imediato. Caminhou rapidamente, com passos firmes, até onde o companheiro ralhava com um dos rapazes que deixara cair uma pesada ferramenta quente, causando um pequeno acidente no molde.

— Gouveia, pare com isso! — disse ele, com firmeza inesperada na voz. — Não é assim que se ensina a fazer ferro.

O fazendeiro ainda segurava o chicote, agora suspenso no ar. Virou-se, surpreso, encarando o francês.

— Ele quase botou tudo a perder, Jean! Um erro de segundos... e lá se vai o trabalho do dia inteiro!

— E tu achas que é com dor que se aprende uma arte tão precisa? — retrucou Monlevade, apontando para o forno. — O ferro exige disciplina, sim, mas também compreensão. O que fazemos aqui não é arrancar metal da terra, como se fossem mandiocas ou batatas — é domar um elemento. É ciência. É técnica. E isso, Gouveia... isso não se aprende com castigo.

O silêncio caiu entre eles. O rapaz, com os olhos baixos e as mãos ainda trêmulas, respirava fundo, aliviado de não ter levado uma surra.

— Precisamos ensiná-los. É essa a mão de obra que temos. Vão errar? Sim. Mas que possam tentar outra vez e quantas vezes forem preciso. Estamos ensinando algo novo a eles. Algo que nem os senhores de terras e fazenda sabem fazer.

Monlevade se aproximou mais e completou, agora num tom mais brando, porém sério:

— Se queremos ferro de verdade, precisamos de mãos humanas, não de corpos quebrados.

Gouveia abaixou lentamente o braço e deixou o chicote escorregar pelos dedos, até cair no chão de terra batida.

— Tu és diferente, Jean... Falas como se todos pudessem ser mestres de forja — disse, quase irônico.

— Talvez não todos. Mas alguns, sim. E isso já basta para mudar tudo. — Monlevade olhou em direção aos escravizados que ainda se moviam, em silêncio:

— Não quero trabalhar com aço à custa de dor. Quero ensinar. Formar ferreiros. Mestres do fogo. Gouveia o olhou por um momento, pensativo, depois assentiu devagar.

— Pois espero viver para ver isso, Jean Monlevade.

Naquela noite, o chicote ficou no chão. E o fogo da forja, já brando nas brasas, parecia murmurar que uma espécie de mudança, embora lenta, já havia começado.

Naquela noite, Monlevade foi dormir, mas não seus pensamentos. Ele refletia sobre a sua vinda ao Brasil. Estava aqui há pouco mais de um ano e já tinha aprendido tanto! Lembrou-se do que Thierry lhe dissera ainda a bordo do navio:

— A gente é o que é, meu amigo. E ninguém tira isso de nós.

O amigo estava certo. Viera com um propósito e mantinha-se fiel a ele. E nada, nenhuma adversidade, nenhum contratempo o havia afastado de seus planos. Mais do que nunca, naquele momento, ele estava feliz. Realizado com as suas experiências e preparado para o que viesse pela frente.

Numa manhã, Monlevade, enfim, partiu para Itajuru. Precisava conhecer as terras indicadas pelo amigo Antonio Ildefonso. Avisou ao sócio Luis Gouveia que se ausentaria por algum tempo, mas que voltaria.

Partiu cedo, antes do nascer do sol, para São Miguel do Piracicaba, que não era muito longe dali. Thierry, seu fiel amigo, seguira junto. Joaquim e Juvêncio ficaram trabalhando em Caeté.

No caminho, passaram por algumas vilas grandes e importantes, como Santa Bárbara. Chegaram à bela igreja do Rosário e apearam.

— Veja Thierry, a igreja se parece com a proa de um navio. Que impressionante.

O amigo, católico fervoroso, se ajoelhou ao entrar e pediu a Jean que fizesse o mesmo. Observaram a beleza das pinturas, que substituíam as clássicas esculturas. Apesar da simplicidade, já que era um templo frequentado por negros, mestiços e cativos, a igreja não perdia em beleza.

Na mesma rua, mais abaixo, estava a imponente Matriz de Santo Antônio, com suas belas pinturas de Mestre Ataíde. Jean Monlevade Thierry já tinham ficado admirados com o trabalho dele em Vila Rica. Ali, em Santa Bárbara, perceberam ao lado do altar mor, os desenhos geniais que pareciam azulejos portugueses. Monlevade se admirava.

— Thierry, se não há azulejos, que se faça da madeira azulejos. Assim como não há mármore, que se faça da madeira, o mármore. Isso é uma sabedoria excepcional, uma riqueza cultura, mon Dieu!

E Thierry fechava os olhos para rezar nos templos barrocos mineiros. Ele admirava as belas artes sacras, tão ricas naquela região. E sorria de encantamentos:

— Monlevade, não imaginava que após Vila Rica, pudéssemos ver tamanha beleza num sertão como esse. Deus é maravilhoso e Minas, certamente, são muitas!

Deixaram a matriz e seguiram pela vila. Por onde passavam, as perguntas vinham como poeira levantada pelas patas dos cavalos – rápidas, persistentes, e sempre as mesmas: “São da comitiva do Barão?”, “Vieram para o jantar em Gongo Soco?” Ou ainda: “Estão com o senhor de Catas Altas?”

Em cada lugar que passavam, o nome de João Batista Ferreira de Souza Coutinho, o Barão de Catas Altas, surgia com o peso de um sino. Dono de extensas terras e das minas que alimentavam os sonhos de riqueza da região, era figura de grande prestígio, autoridade e influência.

Monlevade, estrangeiro ainda em adaptação ao espírito das Minas Gerais, ouvia com atenção. Estava acostumado a admirar engenheiros e naturalistas como Eschwege, mas começava a compreender o poder discreto e profundo dos grandes proprietários. O Barão de Catas Altas era um deles, um verdadeiro senhor de minas.

No dia seguinte, uma comitiva seguia de Santa Bárbara para o Gongo Soco. Haveria um jantar especial na casa do Barão. Seria comemorado o aniversário de sua sobrinha, Clara Sophia de Souza Coutinho. Junto de outros convivas da cidade, Jean de Monlevade e Thierry também tomaram aquele rumo.

O Gongo não era longe de Santa Bárbara e, pelo caminho muitos convidados foram se juntando a caminho de mais uma noite de festa na casa do poderoso Barão. A comitiva serpenteou pelos últimos trechos da estrada de terra, ladeada por eucaliptos altos e pedras antigas. À medida que se aproximavam da residência do Barão de Catas Altas, os sons do campo – cigarras, ferraduras, o murmúrio do vento, foram sendo substituídos por uma música suave, tocada por cordas e flautas que se adiantavam ao grande encontro.

Jean Monlevade, sobre o lombo do cavalo, trazia o olhar atento e uma calma aparente. Mas por dentro, cada passo em direção àquela casa era um mergulho mais profundo no coração do poder mineiro. E então a viram: a casa grande, de janelas altas, varandas com balaústres e um alpendre largo onde luzes bruxuleavam em candelabros de prata e lampiões de vidro soprado.

A entrada estava forrada com tapetes vermelhos de origem oriental, colocados sobre o solo de pedra. Um capricho, já que as botas dos convidados estavam repletas da poeira dos caminhos. Cortinas de veludo rubro e azul escuro pendiam nas janelas, embaladas por uma brisa fresca e perfumada.

Logo que os cavalos pararam, uma fileira de recepcionistas, entre criados e damas de companhia surgiu à porta. Os homens e mulheres escravizados eram muito bem vestidos. Eles, trajavam casacas escuras, golas engomadas, enquanto elas, vestidos ornamentados com fitas e aventais de renda. Todos sorriam e cumpriam seu papel: mostrar que ali a hospitalidade era lei, e o luxo, uma bandeira erguida.

Jean desmontou do cavalo e teve seu chapéu recolhido por um criado antes que pudesse sequer tirar as luvas. A elegância do gesto era acompanhada por um murmúrio de boas-vindas.

— O senhor vem da Europa? — perguntou um dos homens, em tom respeitoso. — Seja bem-vindo à casa de Sua Excelência, o Barão de Catas Altas. Esperamos que desfrute desta noite memorável.

Monlevade se admirou com a educação e presteza do escravizado. Ao adentrar a casa, sentiu-se como quem cruza os portões de um outro mundo. Os salões brilhavam, literalmente: lustres de cristal pendiam do teto alto, espelhos dourados refletiam as figuras que se movimentavam entre colunas brancas. Havia arranjos florais em cada canto. Rosas, dalias, lírios e cravos, misturados de forma exuberante.

Dentro do salão, mais escravizados estavam por toda parte. Igualmente bem-vestidos como os da recepção: camisas brancas impecáveis, calças de sarja escura, e em alguns casos até gravatas. Carregavam bandejas de prata com taças de champanhe, copos de cristal com vinho do Porto, e pequenos pastéis folhados, carnes frias temperadas com ervas finas, doces delicados cobertos por fios de ovos e açúcar. Havia música ao fundo, conversa refinada nos salões, e um clima quase teatral de opulência.

Cada novo convidado que entrava era saudado com honra, como se fosse um duque, uma condessa ou um ilustre embaixador. O Barão fazia questão de tudo isso – cada gesto cortês, cada flor no lugar certo, cada bandeja bem servida. Quanto mais olhos vissem sua riqueza, mais real ela se tornava aos seus próprios olhos.

Jean, embora mais acostumado ao som dos fornos e ao barulho das marretas que moldam ferro, percebia claramente a lógica ali: a riqueza não servia apenas para ser guardada, mas exibida, exposta, para despertar o deslumbramento. Era, naquele mundo de opulência, uma linguagem e o Barão de Catas Altas era seu mais fluente orador.

— Thierry... — sussurrou Monlevade para o amigo, que o seguia de perto, com os olhos arregalados. — Espero que nossas roupas estejam à altura, ou seremos confundidos com criados- Disse com bom humor.

Thierry riu, nervoso, e aceitou duas taças da bandeja que passava.

— Com esse vinho, ninguém vai reparar. Está tudo deliciosamente... exagerado.

Monlevade sorriu e levou a taça aos lábios.

O francês encontrou o Barão na Copa, cercado de convidados. Era feio, mesmo usando luxuosas roupas. Baixo-te, era também franzino e não possuía modos coerentes a quem ostentava toda aquela fortuna. Não combinava com o título que tinha. Era inversamente proporcional a tudo o que exibia.

Mas Monlevade manteve a cordialidade:

— É uma honra estar na presença de homem tão ilustre!

O Barão, que não era um homem inocente e adorava surpresas, notou de imediato o sotaque francês do recém-chegado:

— És francês?

— Sou, sim senhor. Permita-me apresentar-me. Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevade, ou apenas João Monlevade, como me chamam os brasileiros.

— Senhor Monlevade, a que devo sua visita?

— Desculpe a intromissão, mas ouvi tanto falar muito do senhor e aproveitei a festa. Confesso que segui juntos a alguns convidados. Esse aqui é meu companheiro Thierry. Está comigo desde a infância na França.

— Ora, mas um homem estrangeiro e sábio como o senhor, não precisa de cerimônia em minha casa. Sejam bem-vindos! E dizendo isso, ordenou que trouxessem uma cadeira para o visitante, que foi colocada ao lado da sua. Ficaram conversando sobre a França, a ascensão e queda de Napoleão e também sobre o Brasil, o imperador, o casamento de Dom Pedro no Rio com a princesa Leopoldina.

O Barão explicou que aquela festa era muito especial porque era comemorado o aniversário de sua sobrinha Clara Sophia. E mandou chamá-la. Assim que adentrou o recinto, os olhos de Monlevade não se perderam mais dela. A jovem era muito encantadora. Cumprimentaram-se com cordialidade.

Jean sentiu o sangue pulsar mais forte quando tocou de leve, as mãos dela. Mesmo cobertas por linda renda, ele percebeu a maciez de seus dedos, a palma delicada e formosa.

Na refeição, os pratos especiais serviram o batalhão de pessoas que se espalhavam pelos salões de jantar. Na mesa, baixelas de prata traziam iguarias diversas, tanto da culinária brasileira quanto a de outros países. Cristais tilintavam a todo momento em brindes ao Barão e à saúde de sua sobrinha. Todos compensavam a fartura com vivas e goles generosos das bebidas de boa qualidade.

Monlevade pouco estava interessado na comilança. Ficava o tempo todo admirando a beleza da sobrinha do Barão.

— Belle jeune femme! — Por que ela mexera tanto com ele? Não sabia dizer. Mas desconfiava de que ela trazia em si, algo que revelaria uma beleza maior, uma especial formosura ainda em estado de crisálida. Quando será que despertaria?

Os pensamentos foram interrompidos quando o Barão, confirmando o que muitos já haviam falado, lançou a própria taça contra a parede. O carpete bonito ficou manchado de vinho. Sem cerimônia, ordenou, como se estivesse louco:

— Quebrem! Quebrem tudo!

Os convidados, então, começaram a atirar todos aqueles cristais na parede carpetada. Em poucos minutos, ela toda estava manchada de vinhos caros. Enquanto isso, o Barão gargalhava!

Monlevade e Thierry assistiram à quebradeira atônitos, sem jogar nada na parede. A aniversariante já tinha se recolhido. Ela não gostava daqueles atos de selvageria e de loucura do tio. Principalmente, porque sabia que parte daquela fortuna fora usurpada dela e de seu irmão, João Álvares Coutinho.

Ninguém confirmava, mas muita gente acreditava que João Batista se apropriara indevidamente de parte da herança dos sobrinhos. Talvez por isso, a moça demonstrasse não estar tão à vontade e feliz, como ficam as aniversariantes. Tinha um ar distraído, de quem se ausenta. De quem se preserva.

Por isso, não conversou com o francês que a olhava tanto. Mas isso não foi empecilho para que ele levasse a imagem dela no pensamento quando partiu. Na saída da casa

do Gongo, disse ao Barão que voltaria depois, já que tinha de estar em São Miguel do Piracicaba. O anfitrião festeiro acenou com as mãos e falou que esperaria por ele. Poderia voltar quando quisesse.

Pela manhã, no caminho de Itajuru, em São Miguel, falou a Thierry:

— Reparaste na sobrinha do Barão?

— Ora, Monlevade! Ela não é mais do que uma moçoila.

— Eu sei, mas ela mexeu comigo. Há algo nela que me atrai, não sei bem o quê. Há qualquer coisa que fascina. Não sei se nos olhos...

— Apaixonado? É isso mesmo que estou percebendo?

— Pare Thierry. Não é nada disso. Você está me confundindo...

— Tudo bem, não vou tocar mais nesse assunto. Mas se você está gostando dela, por que não falar com o Barão para visita-la de vez em quando?

— Não. Não posso. Tenho outras atividades para concentrar-me. E vamos logo mudar o assunto.

— Nem vai ser preciso. Vês ali na frente? Pois acho que chegamos já a São Miguel.

Um grande movimento tomava conta da vila naquela hora. Estava perto do meio dia e havia muita gente na praça, perto da matriz. No adro, um escravizado amarrado em troncos, chorava pedindo clemência. Não fora atendido. A multidão pedia para o carrasco ir logo com aquilo.

O homem grande, vestido de preto e com um capuz tapando-lhe a face, tinha um machado nas mãos. Monlevade

e Thierry ainda estavam longe, mas ele parecia zombar do negro amarrado:

— Quer roubar mais, negro safado? Quer roubar?

— *Piedade!* ... — Gritava o homem.

O carrasco olhava para a plateia e repetia com deboche:

— *Eu num robei, eu num robei...*

Isso aumentava o clamor da multidão que gargalhava. Monlevade foi se aproximando e entendeu logo do que se tratava. Um escravizado tinha furtado uma venda e o dono do estabelecimento pagou ao senhor dele para que fosse castigado.

Acontece que não tinham total certeza se aquele mesmo era o ladrão. Pouco importava isso. O caso é que alguém iria pagar, perdendo uma das mãos, para servir de exemplo aos outros que não se deve roubar.

O carrasco, depois de imitar o negro amarrado, de dançar com o machado nas mãos, de fazer horrendo gracejos, exibindo-se para a plateia, decepou a mão esquerda do negro, que uivou alto antes de desmaiar de dor.

O francês, horrorizado, perguntou a um menino onde ficava a Fazenda Itajuru. Ele o levou até lá. A cena do castigo público impressionou os dois viajantes que seguiram em silêncio.

VIII

Estavam perto da Fazenda. A entrada de Itajuru impunha-se com certa solenidade. Um vasto terreiro de terra batida estendia-se diante do casarão, cercado por árvores frondosas e por um vaivém constante de negros escravizados que carregavam cestos, vasilhas ou instrumentos agrícolas. Alguns pararam o que faziam e olharam com curiosidade a figura que se aproximava a passos firmes.

Jean Monlevade, recém-chegado de uma longa jornada pelas alterosas mineiras, trazia no semblante o misto de cansaço e expectativa. Sabia que, enfim, estava perto da casa do amigo que conhecera em terras francesas, Ildefonso Gomes.

Como dissera o companheiro de Paris, a casa grande situava-se mais ao fundo, protegida por um jardim caprichosamente cuidado, onde flores tropicais, de cores vibrantes,

contrastavam com a arquitetura simples e sólida do grande edifício colonial. Monlevade respirou fundo. O calor era úmido e o cheiro da terra misturava-se ao perfume das flores.

Um homem, que parecia estar de saída, vinha em sua direção. Tinha uma expressão reservada, barba por fazer e carregava uma pequena valise de couro nas costas. Os olhos, porém, não deixavam de examinar os recém-chegados com atenção.

— Por acaso, és filho de Antônio Gomes de Abreu e Freitas? — indagou Monlevade, em português com forte sotaque francês.

O outro hesitou por um instante, como se ponderasse sobre o estranho que o interpelava.

— Não. A casa dele é aquela ali. — disse, apontando com a cabeça, antes de seguir seu caminho, aparentemente alheio.

Monlevade assentiu com um aceno e ia retomar a marcha quando ouviu, pelas costas, uma frase em francês:

— Vous êtes Français, n'est-ce pas?

Jean voltou-se, surpreso e quase incrédulo. Os olhos do outro brilhavam com uma curiosidade genuína. Sua voz, pausada e culta, revelava um francês límpido e elegante. Monlevade sorriu amplamente, como quem reencontra um irmão perdido.

— Oui, monsieur. Jean de Monlevade, ingénieur. Et vous?

O homem deu alguns passos de volta e se apresentou com um leve inclinar de cabeça:

— Auguste de Saint-Hilaire, naturaliste. À votre service.

O engenheiro não conteve a emoção. Estendeu ambas as mãos ao compatriota e, num gesto espontâneo, o abraçou.

— Que alegria encontrar um francês por estas bandas! Esse é meu companheiro de viagem e amigo Thierry, também francês.

— Nem imagina o quanto partilho desse sentimento, monsieur Monlevade — respondeu Saint-Hilaire, sorrindo. — Minas é uma terra rica e deslumbrante e cheias de encantos, espantos e surpresas.

Por alguns minutos, os dois homens ficaram ali, à sombra de uma mangueira, trocando impressões sobre o interior do Brasil. Saint-Hilaire falava de suas observações sobre a flora local, sobre espécies que jamais imaginara existir, enquanto Monlevade relatava as vilas que atravessara, os contrastes da terra, os desafios de seu projeto de industrialização. A França parecia perto, como se houvesse uma ponte invisível ligando aquelas montanhas remotas à Europa ilustrada.

O naturalista contou o que vira do Brasil.

— Monsieur Monlevade, o senhor não faz ideia do que é viajar por estas terras. O Brasil é um país de contrastes que surpreendem a cada dia. Suas serras são majestosas, suas matas, vastas e por vezes intransponíveis. Mas o que mais me fascina é o povo — completou, enquanto tirava o chapéu para enxugar o suor da testa.

Monlevade, curioso, fez um gesto para que continuasse. O engenheiro já ouvira falar da reputação daquele homem — não apenas como naturalista, mas como um verdadeiro observador da alma brasileira.

— Já estive nas margens do São Francisco, atravessei o sertão, conheci vilas coloniais e aldeias indígenas — contou

Saint-Hilaire. — Em cada canto, observei algo novo. A forma como o povo cultiva a terra, como cozinham, como rezam. Vi engenhos de açúcar onde a vida gira ao redor da cana. Conheci pequenas capelas no alto das serras, onde o sino parece ser o único elo entre o céu e a terra.

— E os indígenas? — Indagou Monlevade com sincera curiosidade.

— Fascinantes — respondeu prontamente o naturalista. — Estive entre os borum, também chamados botocudos. Eles têm esse nome por que usavam botoques labiais e no ouvido. São temidos por serem considerados canibais. Mas eu consegui interagir com eles, sem perigo. Muitas tribos vivem nessas matas que margeiam o rio Piracicaba, no sentido do grande rio Doce. São um povo resistente, de hábitos que nos chocam à primeira vista, mas que revelam um senso de organização e ligação com a natureza que nós, europeus, muitas vezes ignoramos. Registrei tudo. Costumes, vestimentas, crenças. Escrevo não apenas sobre as plantas, mas sobre o espírito dessa gente.

Fez então uma pausa, os olhos fixos no horizonte, como se relembresse imagens vívidas demais para caberem em palavras.

— Meu trabalho principal é botânico, claro. Estou reunindo material e são tantas informações que devo escrever ao menos duas grandes obras. Recolho espécimes, catalogo, desenho, anoto usos populares. Aprendi com os indígenas que há folhas que curam febres, raízes que eles usam para

combater o cansaço, flores que as mulheres tingem os tecidos... O Brasil é imenso, repleto de saberes ainda não reconhecidos.

Monlevade, atento, não escondia o entusiasmo.

— Imagino o valor disso para a ciência... E para a França. Saint-Hilaire assentiu com gravidade.

— O saber do povo brasileiro é tão vasto quanto sua terra. Infelizmente, muitos aqui não o valorizam. Quando retorno a Paris, pretendo tornar tudo isso acessível. Espero que meus escritos inspirem novas gerações. Não apenas botânicos, mas pensadores, que compreendam que a natureza e a cultura caminham juntas.

— E tua viagem agora? Para onde segues? — perguntou Monlevade.

— Vou descer o rio Doce até a província do Espírito Santo. É um largo rio e dizem que desliza majestosamente por entre as margens de florestas. Os krenak, indígenas que moram em suas margens, o chamam de Watu, que significa rio grande. Quero compreender como é essa riqueza...

Por um instante, o silêncio se instalou entre eles. Apenas o som dos insetos e o murmúrio distante da senzala preenchiam o ar. Monlevade, impressionado, via em Saint-Hilaire não apenas um cientista, mas um homem profundamente comovido pelo que via.

— Monsieur Saint-Hilaire, vossa jornada é tão grandiosa quanto útil. Espero que um dia tudo isso esteja nos livros, e que os brasileiros aprendam com vossos olhos estrangeiros a reconhecer a beleza e o valor de sua própria terra.

O naturalista sorriu, com uma expressão serena.

— É por isso que escrevo, monsieur Monlevade. Não para os homens do meu tempo, mas para aqueles que virão depois de nós.

Saint-Hilaire, que estava de saída, se despediu, com um leve toque no chapéu.

— Espero que voltemos a nos encontrar, monsieur Monlevade. Há muito que conversar ainda.

— Sem dúvida, monsieur Saint-Hilaire. Que sua jornada continue segura e iluminada.

E assim, separaram-se dois homens que, embora distantes de sua pátria, encontraram-se como se o destino houvesse escolhido aquele exato momento para cruzar seus caminhos.

O som de um tropeço de cascos sobre o terreiro anunciou a chegada de um cavaleiro. Era o capitão João Gomes de Freitas. Trazia nas mãos um bastão de madeira escura e um olhar arguto que se suavizou ao reconhecer Monlevade. Apeou da montaria e abriu os braços:

— Então és tu o engenheiro que Ildefonso tanto me falava... — disse, com um sorriso e ofertando um abraço.

— Boa tarde, capitão. Sim, sou eu, João Antônio de Monlevade. E esse é thierry, amigo nessa viagem, que veio comigo da França.

Sem cerimônias, o capitão mandou-os acompanhar, adentrando o terreiro da Fazenda.

— Eu já esperava por você! Recebi sua carta, dizendo que aguardava autorização para vir a Minas. Meu filho também

escreveu-me dizendo que você viria. Só não imaginei que demorasse tanto.

— Muita coisa se passou comigo, capitão. Mas fico feliz pela acolhida.

Os dois franceses entraram na casa grande e se alojaram num quarto. Ficariam por ali por muitos dias. Na temporada que ali passaram, conversaram muito sobre a região, sobre a fazenda e sobre a vida em São Miguel. O capitão Antônio Gomes era um homem que conhecia muito daquelas terras.

À noite, depois de descansados e após um farto jantar servido na copa grande e imponente do capitão, Jean ouviu uma história que o fascinou. O capitão João Antônio Gomes perguntou se Monlevade era cristão. O francês disse que sim, por via das dúvidas, embora seu espírito iluminista fizesse dele mais racional e cético.

— Pois vou lhe contar um caso que vai fazê-lo voltar a ter fé.

O capitão enrolou um cigarro, cruzou as pernas e começou a falar.

— Isso tem pouco tempo, no ano da graça de 1811. O capitão contou a história de milagre e fé, de um negro escravizado, fugido de uma fazenda próxima. Era no começo de maio. Como é comum na região do Piracicaba, a manhã nascera úmida e silenciosa sobre os campos. Uma névoa fininha se enroscava nas copas das árvores, e o gado, disperso pelas pastagens, mugia baixo. Na sede da Fazenda, o Capitão Anastácio Correia Barros tomava o seu café forte, de olhos semicerrados, absorto nos preparativos para a colheita.

Mas algo o incomodava. Fazia três semanas que Jeremias havia fugido. Um negro alto, de fala mansa e olhos fundos, Jeremias era conhecido entre os outros cativos por sua habilidade com o entalhe da madeira – dom que aprendera com o pai, nas bandas da Bahia, antes de ser vendido ao Capitão. Fugira temendo a chibata após quebrar, acidentalmente, uma peça da moenda de cana. Anastácio não perdoava perdas, fosse de ferro ou de gente.

Monlevade e Thierry tinham os olhos fixos no capitão Antônio Gomes. Ele prosseguiu narrando.

Contudo, naquela manhã, o clima estava diferente. Antes de seguir para a plantação, Anástácio viu uma figura emergir da mata. Sujo, coberto por marcas de galhos e espinhos, era Jeremias, que avançava pela estrada de terra com passos lentos. Mas ele não estava só. Sobre os ombros, envolta num pano de estopa, ele carregava uma escultura. Seus pés descalços pisavam com reverência o chão da fazenda que havia deixado. Retornava humildemente, como se seguisse para o juízo final.

Ao vê-lo, os trabalhadores pararam. Alguns deixaram cair as ferramentas, outros se benzeram. Era como se um espectro tomasse forma entre eles. No alpendre da Fazenda, o Capitão Anastácio se levantou devagar, surpreso. Os olhos fixos naquele homem que ousava retornar.

— Que pensa fazer, negro? — disse com voz grave, recostando a mão no cabo do punhal.

Jeremias parou a alguns passos. Levantou devagar o pano que cobria a escultura e revelou a imagem de um Cris-

to crucificado, entalhado com impressionantes detalhes. A madeira escurecida pelo óleo parecia transpirar dor e misericórdia. Os olhos de Jesus, profundamente humanos, pareciam contemplar não a dor do mundo, mas a de quem o carregava dentro de si.

O silêncio se fez. O vento soprou leve, como uma bênção.

Então, Jeremias falou:

— *Sinhô, meu padrinho está aqui.*

Anastácio não respondeu. Sua expressão endurecida se quebrou, sutil, como cerâmica antiga. Sua esposa, Ana Maria Gonçalves Pereira, veio de dentro correndo aflita e também contemplou a imagem do Cristo. Ela fora feita por mãos do escravizado, trazida como oferenda, como pedido de perdão e afirmação de fé, os desconcertava.

O Capitão Anastácio e dona Ana deram um passo à frente. Estenderam as mãos. Não para bater – mas para tocar o madeiro. Jeremias abaixou a cabeça, esperando sua sina e entregou a escultura. Ninguém ousou dizer palavra. Naquele instante, até o gado parou de mugir, o vento não soprou e todo o arraial de São Miguel do Piracicaba percebeu que a fé salvara aquele homem condenado a um castigo severo que poderia levar-lhe à morte.

O capitão Antônio Gomes conta a Monlevade que escravizados fugidos costumavam pedir perdão a um intercessor, a um padrinho, para não serem castigados, quando fugiam. Thierry se benzol e bradou:

— Quem tem Cristo como padrinho não morre em vão. Glória a Deus, que Jesus seja louvado!

Monlevade ouviu tudo em silêncio e sentiu, mais uma vez, como são grandes os espantos de Minas Gerais. Antônio Gomes disse que o levaria para ver a estátua, que ficava na Fazenda de Anastácio, onde muitos peregrinavam para rezar.

— Até hoje, muitos fiéis vêm aqui agradecer a milagres atribuídos ao senhor Bom Jesus, Monlevade. Você terá oportunidade de ver de perto, como a fé move o povo.

Seguiram falando à mesa, enquanto a noite avançava. Monlevade contou de sua aventuras e viagens desde que desembarcara. Inevitavelmente, falou dos trabalhos com a Fábrica Patriótica e também com a sociedade com Luís Gouveia, em Caeté, e da primeira corrida de ferro que fizeram.

— A história do escravizado Jeremias me lembrou de quando falei com meu sócio e amigo Luís, que não devíamos castigar os cativos. Precisamos deles bem nutridos e bem cuidados para melhor executarem os trabalhos — falou. Castigo, só se for muito necessário e se não tiver um padrinho como Bom Jesus...

Antônio Gomes ouvia com atenção o amigo falar e ficou impressionado com a desenvoltura do francês. Ao saber dos planos de Monlevade em erguer uma fábrica em Caeté, o capitão contou que, nos arredores dali, havia uma região rica em jazidas de minério.

— Existem montanhas do mineral no entorno de um lugarejo aqui perto. Algumas léguas abaixo. Além do o rio Piracicaba, há alguns córregos montanhas de florestas virgens.

— Pois seu filho já tinha me falado dessa região lá na França. Quando poderemos conhecer tal lugar?

— Amanhã mesmo eu faço questão de levar você até lá.

— Então estamos combinados.

Naquela noite, Monlevade sonhou com a sobrinha do Barão de Catas Altas. Ela lhe apareceu bonita, madura, mulher. No mesmo sonho, havia sons de ferro forjados, havia negros trabalhando e, do chão, um brilho intenso de minério partia até o céu, ofuscando as estrelas mais miúdas.

Acordou sem sono e pensou no Bom Jesus. Estava ansioso com o passeio que faria em breve e tomou o café rapidamente. Thierry não quis ir. Ficou descansando até mais tarde para depois ir rezar na pequena capela que ficava na lateral da casa grande da Fazenda Itajuru.

O capitão Antônio Gomes já o esperava com os animais preparados. Monlevade admirou a boa vontade daquele homem que até poderia ser seu pai. Gostara dele, apesar da expressão séria que sempre trazia no rosto.

— Vamos? Até lá não demoramos uma hora para chegar. E eu tenho uns afazeres no arraial, que devo cumprir na volta.

— Como quiser capitão.

No caminho, a paisagem foi se modificando. Havia mais matos fechados do que imaginava. Eles cresceram por causa das chuvas do período passado e o solo grudento de lama ameaçava atolar os animais a todo momento. Monlevade notou que ali havia muitas árvores de troncos grossos que dariam carvão em abundância para alimentar fornalhas.

O rio Piracicaba acompanhava o percurso da estradinha estreita. Em alguns locais, as margens se distanciavam de tal forma, que pareciam sumir de vista. Em outros, porém, pequenas pontes as uniam novamente.

O capitão contou-lhe que o Piracicaba seguia para São José da Lagoa, de onde partia para Antônio Dias, até encontrar-se com o Rio Doce e ganhar mais força para chegar ao mar.

— O rio, mesmo caudaloso, precisa unir forças para chegar a seu destino. Sem isso, ele se enfraquece em si mesmo e não chega a lugar algum. — Disse o brasileiro.

Monlevade concordou:

— Estás certo, senhor. Sem união, sem parceria, é difícil chegar aonde desejamos. Eu só cheguei aqui, porque seu filho me falou desse lugar. Posso afirmar que ele foi a mola propulsora que me trouxe aqui.

— Antonio Ildefonso nunca se esqueceu deste pedaço de chão. Quando saiu para estudar no estrangeiro, chorou ao embarcar. Quando ele me escreve, parece chorar também de saudade.

— Ele tem um coração do bem. Posso garantir que o senhor tem um filho notável.

A região era cercada de florestas, tinha algumas clareiras. Havia um riacho que descia em direção ao Piracicaba e muitas jazidas de minério.

— Monlevade, boquiaberto, constatou que tudo o que via era muito parecido com as imagens que vira nos seus sonhos, ainda na França.

— Não dá para acreditar. É incrível. Parece que já conheço tudo isso!

Tivera a mesma sensação ao chegar a Sabará. E, novamente, voltara a impressionar-se. Mais uma vez, recordou o tropeiro Quincas e sua recomendação de não zombar dos sonhos. Estava ficando certo de que aquilo tudo tinha grande importância em sua vida. Ele só não sabia como e nem por quê.

Aquela região era bela. Montanhas em torno esverdeavam o vale. O rio pouco abaixo da parte plana seguia obstinado o seu caminho. À direita da margem havia uma mata ainda mais densa. Que mistérios poderiam existir ali? Mas o que mais impressionava era a grande quantidade de minério que vinha do solo. Dava para pegá-los com as mãos com pouco esforço. Vinham no vento. Estavam soltos nas terras vermelhas. Faziam parte daquele lugar encantando, repleto de pássaros diversos. Ali, haveria de encontrar muito trabalho. Bastaria começar a realizar seu sonho que parecia impossível. Mas para ele, impossível não havia.

Enquanto Monlevade e Antônio Gomes percorriam as terras abaixo de Itajuru, Thierry ficara na fazenda. Gostara muito do que vira ali. A organização do trabalho dos escravizados era notável, cuidavam dos animais e das plantações com dedicação. A vida ali parecia boa era tão cheia de calma que o ar parecia mais fresco do que de outros lugares.

E a capela erguida era também admirável, apesar de não possuir ouro opulência. Mas era um convite à oração naquela calmaria. As portas e janelas azuis estavam sempre abertas.

Algumas cadeiras e bancos esperavam os fiéis para os dias de missa. Uns pequenos altares com algumas imagens talhadas em madeira completavam o cenário.

O francês entrou. Tirou o chapéu, ajoelhou-se como de costume e rezou em silêncio de olhos fechados. Precisava desse momento consigo e se entregou aos suaves caminhos do espírito, esquecendo-se da matéria e das mazelas do mundo. Não pediu nada. Apenas agradeceu.

Estava bem agora. Por um momento, experimentou daquela comunhão de bem-estar. E sorriu com tranquilidade. Ao deixar o local sagrado, deparou-se com uma jovem negra, linda, de rosto delicado. Os lábios carnudos dela e seu corpo esguio debaixo de um vestido simplório acabaram com toda a paz interior que ele acabara de experimentar. Relutou. Tentou ficar calmo de novo, mas não conseguiu. A moça se aproximou dele:

— *O sinhô qué alguma coisa?*

Aquilo de dizer o sinhô, com a voz das mais sedutoras mulheres o deixou tonto. Esqueceu-se completamente de quem era e o que fazia ali.

Engoliu em seco para responder que não precisava de nada.

Talvez por vê-lo naquela situação desconfortável, a moça tomou coragem e chegou perto dele. Ela, cheia de dengos, tinha nos olhos uma vontade tão grande de pecar, que poderia abalar a fé de qualquer homem.

— *Tava veno o sinhô rezá.*

Thierry sabia que aquela era a sua maior tentação. Talvez a maior provação que tivesse de passar. A moça era linda. Os olhos eram agateados, a pele negra emanava um perfume atraente, seu corpo, parecia ter sido esculpido à mão e tudo isso acendia nele uma paixão desesperada.

Ela foi chegando perto. A cada passo, as formas se avolumavam debaixo da saia. Os seios trepidavam sob os farrapos que por pouco não os encobriam. Ela iluminava-o.

Thierry quis fugir, quis desaparecer como fumaça. Não teve jeito. Era tarde demais. A jovem negra, com ares de menina mulher, estava ali, ao alcance de um toque. Ele sentia seu hálito fresco, como se ela mascasse folhas de hortelã.

— *O sinhô é bonito por demais.*

Falou isso olhando nos olhos dele. Thierry suava frio. Era como se vivesse um sonho. Parecia que nada daquilo era real. Mas o coração dele batia tão forte que seu corpo todo estremecia.

Voltou a si, quando ela tocou o rosto dele, cheia de vontade, cheia de malícia. O gesto suave dela foi forte como um puxão que o arremessasse contra a parede, que o esmagasse no solo e o deixasse sem reação. Estava totalmente dominado pelos encantos daquela escravizada.

— *O sinhô é bonito demais.* — Repetiu.

Ele não dizia uma palavra sequer. Pensou em correr, em pular no rio, pensou em beijá-la. E beijou com a força dos que se amam de repente. Estava consumido de desejo e se perdeu nele. Como que se afogando, queria o ar. E o ar era ela. Era aquela boca de lábios grossos, a sugar dele tudo o que sempre quisera.

Saíram dali. E foram se amar à beira d'água, entregues ao delírio de dois corpos que se necessitam. Dois corpos que se completam em si e se consomem com a mesma fúria, com a mesma ganância de querer tudo um do outro.

X

— Vamos voltar agora? Como disse, ainda tenho que resolver algumas coisas no arraial. Falou o capitão Antônio Gomes.

— Mas é claro, como queiras! — Respondeu de imediato o francês.

No caminho de volta para as terras de Itajuru. Monlevade comentou que talvez um dia adquirisse aquelas terras. Tinha gostado demais daquela região e alguma coisa lhe dizia que aquilo seria um passo grandioso em sua vida. Com olhar atento de engenheiro, compreendeu as possibilidades de extrair minério e montar uma fábrica na região.

Antônio Gomes falou que ele estava certo. Se tinha o interesse de ficar no país, certamente haveria de ter uma terra, uma casa, alguns escravizados para fazer a vida.

— O senhor está certo.

Mas Monlevade sabia que aquele era um assunto para depois. Afinal, ele ainda tinha a sociedade com o capitão Luís Gouveia, em Caeté e deveria retornar. E algo estava desperto dentro dele. Pressentia que tinha se tornado, de certa forma, um brasileiro também. Gostava da Colônia e entendia que ali poderia passar o resto de seus dias. Poderia, inclusive, casar, ter filhos, edificar uma obra. Por que não? Eu quero — disse para o universo.

Ao chegarem de novo a Itajuru, Monlevade não viu Thierry no quarto onde dormiam. Perguntou a algumas escravizadas da casa se elas o tinham visto. Ninguém sabia dele. Imaginou que ele estivesse na capela. Não estava também.

— Onde será que ele está?

Depois de muito tempo sem notícias, quando a tarde já ia cainho, o amigo apareceu. Estava diferente. Os olhos ficavam parados, a voz quase não saía. Monlevade logo o interrogou sobre o que tinha acontecido. Ele não falou. Disse apenas que não conseguira vencer as tentações.

Claro que Monlevade sabia do que se tratava.

— Mas como assim, não resistiu?

— Eu amei uma mulher hoje a tarde. E gostei.

— Mas que mal há nisso?

— Não, Monlevade. Você não entende. Não houve amor nesse ato. Apenas desejo, apenas carne.

E balbuciou ainda:

— Apenas pecado.

O amigo não sabia o que dizer para ajudá-lo. Thierry pensava naquelas moças com piedade. Escravizadas de serviço,

escravizadas de cama. No caso dele, apesar de ter sido a negrinha quem se oferecera, ele sentia culpa.

Ela o quis. Mas ele deveria ter resistido. Não conseguiu. Rezou pedindo perdão, pedindo paz interior pelo pecado ter vencido a batalha dentro do seu coração.

Monlevade, para distraí-lo, contou do lugar que vira. Falou das jazidas de minério, das matas e das águas abundantes. O amigo parecia não o ouvir. Pensava na mulher e também pensava que não deveria ter pecado com ela. Aquilo fora demais:

— Monlevade, vou voltar à França.

O outro recebeu a notícia com susto:

— Voltar? Thierry! Não te aflijas por tão pouco...

— Não é por isso. Já cumpri minha missão a teu lado. Vamos juntos. Tu estás seguindo teus caminhos. Até já possuis uma fábrica! Eu é que preciso regressar.

— Mas podes ficar do meu lado, ser meu ajudante. És bom ferreiro, como teu pai.

— Eu? Logo eu que não sei nada de mineração, nem de minas... Já está decidido. Parto depois que chegarmos a Caeté. Vou esperar alguma comitiva a caminho do rio. Haverá alguma.

Deixaram as terras de Itajuru no dia seguinte pela manhã. O capitão Antônio Gomes falou que já era um costume receber estrangeiros que por ali passavam. Saint-Hilaire não fora o primeiro a estar ali e eles não seriam os últimos. Ainda mais, um amigo de seu filho Ildefonso. Poderiam voltar quando quisessem. Monlevade agradeceu a atenção e voltaria sim.

Partiram em silêncio pelas estradas de Minas para chegar à Fazenda Barra do Rio Preto, se possível, ainda, não cair da noite. Havia muito o que fazer nos próximos dias.

A fábrica seguiu produzindo um ferro coado de excelente procedência, no período em que ficaram em São Miguel. Em pouco mais de seis meses, a sociedade com Luís Gouveia ia de vento em popa. Como já previsto, a fábrica era pequena e fazia um ferro melhor do que o de outras fábricas em Minas.

Com a influência do Intendente Câmara, amigo de Luís Gouveia, a clientela vinha chegando. Eram consumidores de outros arraiais, inclusive, do Tejuco. Vinham de longe comprar a matéria prima ali produzida.

Monlevade estava confiante nos resultados daquele processo. Aos poucos, já se tornara um homem conhecido e respeitado. Fiel aos seus princípios, ensinara os negros Juvêncio e Joaquim, assim como duas dúzias de escravizados do Luís Gouveia a lidar com o maquinário da fábrica. Acreditava que educar, ensinar a arte do ferro aos negros era um caminho para melhor desenvolver o processo de fabricação.

Estava mais tranquilo agora. Tinha, na sede da Fazenda do Rio Preto, um pequeno escritório onde organizava as vendas e a produção. Também ali, escrevia artigos e cartas aos parentes franceses, dando notícias de sua vida no Brasil.

Juvêncio chegou esbaforido e o tirou do sossego numa tarde de quarta-feira:

— *Licença! O sinhô tem que chegá na fábrica que lá tá com problema.*

Monlevade, supresso:

— Problema, que problema Juvêncio?

— *O carvão tá acabando lá.*

Como pudera ter esquecido daquilo? Que descuido irremediável. Sem carvão, a fornalha não queima e, sem fogo, não há como fazer ferro. Havia ainda uma produção grande a ser enviada para Vila Rica e Minas Novas. Não podia ficar sem o produto.

Monlevade correu até a fábrica e já no meio do caminho viu alguns escravizados à toa conversando. Apertou o passo, já prevendo o que veria lá. Um fogo baixo e que não daria conta de terminar a produção. O carvão tinha acabado.

Enquanto o carregamento não chegasse com as remessas do combustível não seria possível continuar. Não havia nada a ser feito. O prejuízo era iminente.

Comunicou o acontecido ao sócio. Claro que ele não gostara daquele ocorrido, mas compreendeu bem a justificativa dada pelo francês:

— Calculei mal a quantidade de carvão a ser consumida. Mas nem tudo está perdido. Havia necessidade de manutenção na fornalha e essa será feita enquanto os fornos estão parados. Percebi desgastes no refratário. Se isso ficasse para depois, as consequências seriam ainda maiores.

— Que se há de fazer, não é? Não podemos ficar à mercê do carvão alheio e devemos providenciar a nossa própria fabricação. Há males que vem para bem.

O inconveniente atrasou em vinte dias a entrega das encomendas. Enquanto não produzia, Monlevade reparou parte da fornalha que tinha se quebrado. Depois, forrou a parte

interna da mina para evitar que projéteis se lançassem dentro do forno, evitando futuros inconvenientes. Estava feito o reparo.

Após o incidente, fundiu muito ferro de que se fizeram bigornas, agulhões, almofarizes, vasos e tambores meio rústicos e grosseiros pela falta de moldadores e utensílios próprios para essas obras. O importante é que produzira tudo isso ali, no meio daquele arraial pequeno.

Apesar de modesta, a fábrica chamava atenção de muita gente. O Barão de Eschwege esteve lá algumas vezes e elogiou o processo:

— Então, tornas-te também um siderúrgico! Grandes resultados é o que vejo aqui. Teu forno é alto e produz bem.

— Que isso! A fábrica é bem modesta e deixa muito a desejar da sua grande Patriótica! Estamos pelejando.

— Pois tenho notícias boas para você, amigo francês.

— Notícias? Pois diga logo.

— Há uns oito anos, iniciei uma expedição pela região noroeste da Província, no Abaeté. Lá, há inúmeras jazidas de galena a serem estudadas. Não tive tempo de terminar e nem terei, já que regresso a Portugal.

— Entendo, mas...

— Conversando com outras autoridades políticas daqui, vimos que não há outro nome para desbravar aquele sertão, senão o teu.

— Isso muito me lisonjeia.

— Tenho a certeza de que não irás te arrepender.

Outra vez, Eschwege o inseria em uma missão. Foi assim também em Caeté. Ele sorriu para a sorte e a sorte lhe sorriu de volta.

Em poucos dias, o Barão alemão embarcou para Portugal e Thierry voltou para a França. Monlevade ficara só, trabalhando com Luís Gouveia e pensando na proposta feita por Eschwege. Aquilo seria bom para a sua carreira. Era mais uma tarefa a ser desenvolvida no Brasil em pouco mais de cinco anos, desde que desembarcou.

Em maio de 1823, o médico e constituinte Antonio Gonçalves Gomide, que travara amizade com Monlevade por meio do Barão de Eschwege escreveu ao ministro José Bonifácio de Andrada, indicando o nome do francês para continuar os estudos das minas de galena no Abaeté.

O médico foi além, ao propor ao ministro a criação de uma companhia para melhor empreender aqueles trabalhos. A direção dos negócios poderia ficar a cargo de João Batista Ferreira de Souza Coutinho, o Barão de Catas Altas.

Monlevade não pensou que a indicação viesse tão rápida e, principalmente, seguida de um interesse ainda maior. Ele não poderia ir de imediato, porque tinha um compromisso com Luís Gouveia, na fábrica de Caeté.

No entanto, ele não queria mais aquela sociedade. Monlevade se entediara daquela produção pequena. Além disso, a tentadora expedição ao sertão era um passo definitivo para ele mergulhar de vez naquelas terras misteriosas de Minas Gerais.

O Luís Gouveia, como era de se esperar, não aceitou a proposta do francês para desfazer os negócios. Ele sabia que Monlevade era a principal força motora da fábrica. Seus conhecimentos, sua habilidade e todas as qualidades do en-

genheiro motivavam os trabalhadores. Não foram poucas as vezes em que o francês mesmo exerceu a função de ferreiro e foguista.

Mas, determinado como estava, empolgado pelo empreendimento no campo e ainda com a possibilidade de manter contato com o Barão de Catas Altas, não houve jeito de persuadi-lo do contrário. Monlevade aceitou a indicação e, mesmo a contragosto, desfez a sociedade com a fábrica de Gouveia em Caeté.

— Estás mesmo certo de que queres partir para este desconhecido?

— Estou. — Disse apenas.

Luís ainda tentou, inúmeras vezes, fazer com que ele ficasse para tocar a fábrica. Mas Jean, quando tinha algo em mente, nada o tirava de seu propósito e não desistia tão facilmente dos seus objetivos. Luis Gouveia, sem alternativas, apenas desejou-lhe boa sorte. Dessa vez, não se abraçaram como da outra.

Monlevade fizera a coisa certa. Tinha vindo ao Brasil realizar pesquisas, aprofundar estudos. Aquela oportunidade era única e preencheria outros propósitos. Partiu em poucos dias rumo ao sertão mineiro.

Ouvira falar que o Abaeté era o lugar mais triste do mundo. Tinha algumas poucas casas, isoladas umas das outras. A paisagem também, árida, contribuía para o aumento da solidão. Poucas aves. Poucas matas. À medida que adentrava aquele sertão, Monlevade ia deixando para trás alguns receios, alguns medos. Era como se ele se transformasse em outro naquele recanto.

O tempo tinha passado para ele também. Não era mais apenas o jovem sonhador e ingênuo do que o esperava, que chegara a uma terra desconhecida para estudar. Aprendera muito. Tinha agora uma missão pela frente e a cumpriria a qualquer custo. Não haveria obstáculo que pudesse contê-lo. Era esse o seu espírito.

Ele sabia que a sorte sempre favorece os destemidos. Por isso, aceitara aquela missão como um presente, como um desafio nobre que cabia apenas a ele. Tinha receios, algumas dúvidas. Mas seguia em frente, confiando em sua autoestima e em sua capacidade para vencer. Sempre fora assim, desde criança.

Por mais que se sentisse angustiado, acreditava que seria capaz de vencer qualquer obstáculo. Foi assim que aprendeu que o medo é também parte de nós mesmos. Por isso, poderia vencê-los sempre. Assim, chegou ao Brasil. Não se intimidou, não titubeou. Sabia que se entregasse à insegurança, mal conseguiria ficar de pé. Naquelas terras, tão cheias de mistérios, não havia lugar para os fracos. Era preciso estar sempre alerta, preparado para tudo...

Só assim teve animo para vencer a solidão profunda daquele lugar. Entregou-se, mais uma vez, ao trabalho sem descanso. Só ele o interessava naquele momento. Focado em seus objetivos, lembrou-se do rio que sempre segue seu curso, ainda que barreiras sejam colocadas. Nada pode deter um obstinado. Era esse pensamento que o nutria.

Como pesquisador, ao fim de muitos dias debruçado nas minas, encontrou muita galena que foram transformadas em 703 arrobas de chumbo derretido.

Durante todo o ano de 1824, ele permaneceu ali, mergulhado no trabalho. A cada dia, descobria o potencial mineralógico da região. E tomava notas dos processos realizados, da quantidade de material encontrado. Dos detalhes da região inóspita. O calor em Abaeté era seco, cortante, e a poeira fina se infiltrava em tudo – no ar, na roupa, no pensamento. Jean Monlevade, de mangas arregaçadas, curvava-se sobre um conjunto improvisado de fornos e cadinhos, montados com engenho e obstinação. Não tinha os aparatos adequados naquele sertão, nem a mão de obra treinada. Estava só, entre rochas e mato, com ferramentas rústicas, algumas peças que mandara forjar com ferreiros locais e o conhecimento que trazia na memória e no coração obstinados.

Fazia dias que trabalhava no processo. Derretia o minério, testava proporções, anotava reações, separava os resíduos. O chumbo, pesado e opaco, resistia à depuração. A prata, se ali estivesse mesmo, ainda se escondia sob camadas escuras, como que zombando de seus esforços. Mas Monlevade era homem de paciência e fé. Não no milagre, mas na ciência. No rigor da experiência, no método que ele aprendera entre livros, fornalhas e noites insones na Escola de Minas.

E então, naquela tarde que já começava a declinar, algo aconteceu. Do cadinho principal, depois de horas sob calor constante, escorreu uma massa metálica que brilhava de maneira distinta. Mais leve que o chumbo, mais clara. Ele aproximou o olhar, quase sem respirar. Pegou a pinça e retirou a pequena peça. Levou-a até a luz trêmula da lamparina. Rasgou o metal com a lima. O som que ouviu... aquele som agudo e puro... não deixava dúvida.

Era prata.

Ficou parado. O silêncio do mato era absoluto. Nenhum vento, nenhum pássaro. Apenas o estalo do forno ao fundo, ainda liberando calor residual. Monlevade levou a mão ao rosto suado. Os olhos fixos no pequeno lingote que tremia entre seus dedos. Sentou-se lentamente sobre uma pedra, como se as pernas já não tivessem força. Por um instante, parecia que o mundo se dissolvia em redor dele, e só existia aquilo: a prata. A prata que ele extraíra no meio do nada.

Ao final da fundição, pesou tudo com precisão. Vinte e duas libras e meia de prata fina. Prata verdadeira, limpa, reluzente. Extraída de cinquenta arrobas de chumbo bruto. Um rendimento surpreendente — superior ao que vira em outras minas.

Ficou pasmo. Encantado. Mas também inquieto. O que mais se escondia sob aquelas montanhas silenciosas? Que fortuna era aquela, deixada ali, quase ao abandono, nas mãos de quem tivesse o conhecimento e a coragem de descobri-la?

Sozinho, no sertão de Minas, Jean Monlevade havia feito prata. Com fogo, suor e ciência, trouxera à luz a riqueza do subsolo brasileiro. E, naquele instante, sentiu-se menos só. A prata brilhava nas mãos como um presságio. Não era apenas um metal. Era um sinal. A prova viva de que ali começava algo maior.

Escreveu um relatório encaminhado às autoridades da Província dando fé de tudo o que vivera naquele período. Destacou, detalhadamente, a constituição geológica da re-

gião do Abaeté, sua abundância de águas, a posição da jazida e as riquezas que ali se achavam escondidas. Aquele lugar deveria ser mais valorizado e explorado, não tinha dúvidas.

Ao retornar, após o período de pesquisas, fora recebido com estima pelo médico e amigo Antônio Gonçalves Gomide e pelo Barão de Catas Altas, homens interessados naquelas minas. No Gongo Soco, ocorreu uma festa de boas-vindas. Mas havia algo no ar. Já não havia as pompas de outrora.

Por mais improvável que parecesse, o Barão estava passando por dificuldades. As minas já não rendiam tanto como outrora, no tempo em que se dava ao luxo de gastar o ouro com suas extravagâncias. E as previsões não eram animadoras. Se não encontrasse mais ouro, a solução seria dar fim àquilo tudo e aceitar a proposta de venda para uma companhia inglesa.

Mas, naquele dia, não era de prantos. O francês cumprira sua missão especial e merecia uma recepção para celebrar. Mas nada grandioso. Os tempos eram outros. Nada de almôndegas ou nozes de ouro. Muito menos, a quebradeira de cristais.

Monlevade narrou aos convidados o que ocorreu na região do Abaeté. Não deixou de transmitir a eles a impressão da riqueza que poderia ser explorada. Ninguém mais tocou em assunto de companhia de mineração, mas celebraram as descobertas com entusiasmo.

Nesse dia, pela primeira vez, Monlevade conversou com a sobrinha de João Batista, a jovem Clara Sophia. Estava formosa. Não tinha nada daquela menina de tempos atrás. Mas

Monlevade teve a mesma sensação que tivera na primeira vez que a vira: o sangue correu depressa em suas veias e não pôde evitar os olhos dela cruzando com os seus em diversos momentos.

Após o almoço, quando os homens se reuniram para fumar charutos, ele queria sair dali e ter com ela, que passeava no jardim do palacete. Gomide e outros ilustres falavam das riquezas de Minas, comentavam a respeito do futuro da região, mas Monlevade não parecia escutá-los. Tinha o pensamento na graciosa morena que via da janela.

— João Monlevade, como achas que será o nosso futuro?

— Ah? Desculpe...

— Está distraído, homem? Nós aqui falando de futuro, de riquezas e você aí, desligado de tudo!

— Perdon, cavalheiros. Acho que, como fiquei muito tempo sozinho, enfiado naqueles matos, aprendi ainda mais a valorizar o silêncio.

Disse isso sempre olhando Clara Sophia no jardim, que conversava com Senhorinha da Silva, escravizada que era a companhia dela. Mal sabia o francês que a moça também falava dele. Ela contava à Senhorinha que, da outra vez em que aquele homem esteve naquela casa, ela demorou a dormir de noite.

Ficara rolando na cama, pensando no par de olhos azuis que não a perdiam de vista. Mesmo sendo pouco mais velha do que uma criança naquela época, tinha noção do que sentia: amor.

Na sala de fumar, o francês repetiu com convicção, o que falara há tempos com o antigo sócio, Luis Gouveia:

— O futuro, cavalheiros, não está no ouro! Mas na fabricação do ferro!

Depois que o Intendente Câmara conseguira revolucionar os processos de fabricação em Minas, a província já contava com quase cinquenta forjas. Faltava especialização. Muitos deixavam sua empresa nas mãos de pessoas pouco versadas no assunto, o que era ruim para os negócios.

Por isso, Monlevade sempre acreditou na criação de uma escola metalúrgica, para melhor obter os resultados esperados:

— Apenas com educação, com a formação e a capacitação de mão de obra qualificada, as forjas vão prosperar, meus senhores.

Dizia aquilo sem obter total concordância dos homens daquela sala. Mas ele não estava preocupado com isso.

Enquanto isso, no jardim, Clara e a escravizada continuavam conversando:

— Vês, Senhorinha! Vês como ele me olha da janela?

— *Eu vejo nhanhá. Ele num para de arrearar em vosmecê...*

A sobrinha do Barão estava já na idade de casar. Pretendentes não lhe faltavam. Quem não queria receber o dote daquela rica moça? Mas ela não gostara de nenhum deles. O Barão até que já tinha falado a ela para se preparar para casar. Ela não queria qualquer um. Romântica, acreditava no amor. E só por ele receberia um homem por marido.

Quando decidiu entrar, foi inevitável o encontro com Monlevade, que descia a escada do casarão. Ele a cumprimentou com distinção. Ela enrubesceu e respondeu com um leve inclinar de joelhos. Tremeu quando ele lhe dirigiu a palavra:

— O tempo fez bem para a senhorita. A primeira vez que a vi, era ainda quase uma menina.

— O senhor é muito ousado! — Foi o que ela comentou sem alterar o tom de voz.

— Desculpe minha franqueza, mas é que não pude deixar de notar o quanto é bela a sobrinha do Barão.

Clara sorriu com timidez e continuou subindo as escadas sem fazer alarde do que se passava em seu coração que batia forte em seu peito, arfando sob o decote. A cabeça tonta, meio confusa. Sim! Gostara daquele francês. E muito.

Monlevade percebeu que fora indelicado com a moça, falando abertamente o que tinha sentido. Pensou em desculpar-se com o tio dela. Depois achou que não. Melhor pedir permissão para frequentar aquela casa mais vezes.

— Barão! Antes de me despedir, quero permissão para visitar sua casa mais vezes e cortejar a sua sobrinha...

— Clara? Ó, isso é uma notícia extraordinária. Clara anda mesmo em idade de se casar, mas ela recusou todos os pretendentes que por aqui passaram.

— Oui, entendo...

— Pode vir quando quiseres Monlevade! Agora, para cortejar a moça, isso será com ela. Falarei com minha sobrinha.

— Saiba que quero me casar e ficar no Brasil. Fale com ela!

Deixou a casa do Gongo e seguiu de novo para Itajuru. Estava mudado. A barba crescera, os olhos ganharam uma tonalidade ainda mais azulada. Era um novo homem. Estava decidido a lançar agora, a pedra fundamental de seu futuro. Ficaria no Brasil e compraria as terras que o capitão Antonio Gomes de Freitas lhe mostrara aquele dia.

A região do Piracicaba, deveras, enchera seus olhos. Abundavam reservas de minério de extrema pureza. Muitas matas em torno poderiam oferecer carvão suficiente para alimentar fornalhas e, claro, não lhe faltavam fontes de águas para a sobrevivência própria e nem para a movimentação dos mecanismos.

Outro fator que o empolgou foi o rio que se passava ali ia a caminho do rio Doce e este, desaguava no mar. Estava no rumo do litoral e isso poderia facilitar por demais o escoamento dos seus produtos.

Ergueria ali uma fábrica. Sim! Seria uma fábrica que, talvez no início, pudesse ser modesta. Mas seria uma fábrica própria, sem sociedade. Poderia colocar em prática os seus conhecimentos mineralógicos com determinação. Precisaria de alguns escravizados. Mas isso não seria problema. Antonio Gomes poderia vender-lhe alguns.

Em breve, faria surgir nas montanhas daquele interior uma fábrica de ferro, a princípio parecida como tantas outras existentes Minas afora. Mas que se diferenciaria pela sua qualidade e primazia.

Não demorou para adquirir algumas sesmarias de terra, duas léguas abaixo do arraial de São Miguel. Com a ajuda do capitão Antônio Gomes e influência do amigo médico Antônio Gonçalves Gomide, Monlevade conseguiu-as através de uma arrematação pública.

Na verdade, as terras compradas compreendiam parte da margem esquerda do rio Piracicaba. Era cercada de montanhas por todos os lados e cobertas por mata virgem. Haveria ali espaço para o cultivo de animais e de plantas, caso quisesse, para a sua subsistência. Ali, na parte banhada pelo ribeirão estariam os pilares da forja.

Como uma fagulha em palha seca, as obras seguiam num ritmo acelerado. Monlevade participava de tudo, acompanhando a derrubada das árvores, a limpeza das clareiras, a abertura de novas estradas para a região. Abriu caminhos

na direção de São Gonçalo, Gongo Soco, Santa Bárbara, Itabira do Mato Dentro e São José da Lagoa, além da vila de São Miguel do Piracicaba. Todos os dias, vinha de Itajuru até aquelas paragens, que ia ganhando novas formas a cada dia. De muitas árvores que foram derrubadas, das muitas terras que foram reviradas no processo, é que surgiram os materiais para erguer a sede de uma fazenda para ele morar.

Para a execução do serviço, foi contratado o mestre de obras João de Figueiredo. O homem era muito solicitado para fazer fazendas naquela região, tendo construído com maestria a fazenda de Santo Antônio, em Caxambu. Além disso, realizara alguns serviços de reparo em construções em Itabira do Mato Dentro, na própria São Miguel do Piracicaba e São José da Lagoa. Ele ganhava uma pataca por dia e previu que a casa estaria de pé em três meses, folgando somente aos domingos e dias santos.

— Nessa casa, edificarei minha vida. Eu confio nos seus serviços! — Foi o que disse Monlevade ao assinar o contrato para a construção do edifício.

— O senhor não há de se arrepender de nada. Será uma casa ampla, forte e com ares de fidalguia, como é o senhor.

— Assim espero, meu caro Figueiredo.

Monlevade então explicou ao mestre de obras que queria uma casa ampla, cercada por quatro varandas, de onde observasse a movimentação dos escravizados e também o serviço na Fábrica. De onde também, pudesse assistir ao nascer e ao pôr do sol a cada dia. Era disso o que precisava. Não gostava de espaços pequenos, nem da sufocante falta de ares frescos entrando pela casa.

O outro entendeu o pedido e, por isso, escolheu janelas grandes e amplas portas. A casa teria dois andares. Nos de cima, ficariam os quartos de visita e o do senhor. Haveria um salão de jantar e uma sala menor, anexa. No primeiro andar, ficariam a cozinha, a dispensa, também uma sala de recepção principal e alguns quartos menores.

Feito mágica, a construção imponente punha fim à terrível solidão daqueles arredores. Era uma iluminação no meio da mata escura. A equipe do construtor tinha cerca de trinta homens e algumas dezenas de escravizados, que incansáveis, punham em prática o que estava desenhado no papel.

Monlevade, em homenagem ao amigo Thierry e também por ser um costume na região, mandou erguer uma capela, no segundo andar, perto da varanda que dava acesso ao pátio dos fundos.

A construção magnífica enchia os olhos de todos. Para chegar até ela, o francês determinou que ampliassem as trilhas e ordenou a construção de uma ponte sobre o Piracicaba para não ficar totalmente isolado.

Os escravizados cantavam enquanto carregavam o barro em latas, que seria macetado nas estruturas da parede. Os sons da obra dominavam a paisagem outrora tranquila. As vozes dos negros cortavam altas, motivando o exercício que era feito, motivando os movimentos dos serrotes, da pregação das taboas, do surgimento da vida.

Quando estava quase pronta a casa grande, foram construídos os pavimentos da senzala dos escravizados, na parte esquerda da entrada principal, perto dos fundos. Os galpões eram grandes, amplos e igualmente arejados.

— Não quero meus escravizados no sufoco, jogados no fundo de um buraco como vejo em muitas fazendas. Eles hão de ter uma moradia adequada, já que vão trabalhar na minha fábrica. Preciso deles saudáveis. Fazer ferro, não é como trabalhar na plantação. Já tive a experiência na Fábrica de Caeté com meu amigo Luis Gouveia.

Figueiredo, o construtor, estranhava aquela postura. Ele sempre fizera casas e senzalas, mas nunca ouvira um pedido como aquele.

— Estás certo? Deveras queres uma casa ampla para teus escravizados?

— Como não poderia querer? Se eles são os responsáveis pelo meu trabalho?

— Bem, isso é apenas uma observação. O serviço ficará conforme o senhor desejar.

E a casa grande da Fazenda Monlevade ergueu-se no mapa, como uma miragem no meio do deserto. Ela veio para modificar todo aquele cenário e, logo, se tornaria referência para viajantes e pesquisadores que se aventurariam naquelas terras.

Não demorou muito para Monlevade concluir que também tornara-se um senhor importante daquela e para a aquela região. Sua casa passou a receber pessoas diversas, de diversos lugares que vinham, ora pedir pouso antes de seguir viagem ora chegavam para buscar informações mineralógicas.

O francês era sempre solicitado para esclarecer dúvidas de fazendeiros, no entorno. Alguns achando que tinha ouro em suas terras e logo chamavam-no para verificar se não era ouro de tolo.

Chegava gente de longe, trazendo amostras de minerais, pedaços de rochas ou metais encontrados no solo de suas terras, querendo consultoria. “Vale a pena investir no negócio? Minhas terras são proveitosas? O senhor pode me confirmar se esse metal é nobre?” Eram perguntas frequentes.

Na maioria das vezes, aquilo não passava de pequenas amostras sem grandes valores. O senhor de Monlevade, como agora era conhecido, quase sempre dava respostas desanimadores aos seus interlocutores.

Um deles, certa vez, apareceu com uma esmeralda grandiosa. Vinha de longe. Estava viajando há cinco dias, a cavalo e trazia consigo um escravizado forte. Ambos armados com facões e bacamartes, chegaram às terras de Monlevade em meio a uma chuva de março. Vinha de perto da Bahia, na região do rio Jequitinhonha. Chamava-se Fernando Gomes dos Santos.

— Tomei conhecimento, em minha terra, de que o senhor é um grande químico, um grande físico e senhor da sabedoria dos minerais.

— Não chego a tanto! — Disse o francês com certa modestia.

— Mas o que te traz até a minha casa?

— Tenho isso.

E retirou de um embornal, a generosa pedra esverdeada. Monlevade nunca vira uma esmeralda tão grande e pesada. Somente aquela pedra possuía um valor incalculável.

— De onde ela saiu, pode vir muito mais — disse o viajante recém chegado.

Monlevade ficou admirado com o tamanho e peso daquela esmeralda. Sem dúvida, apenas aquela amostra era o suficiente para tornar o homem rico.

— É um mineral exemplar. Uma esmeralda pura que deve valer, por baixo, uns 100 contos de réis.

Os olhos do homem brilharam. Ele não sabia que aquela pedra pudesse valer tanto assim. Foi então que contou a Monlevade que a achara por acaso. Ele dinamitou uma parede de rocha, no fundo de sua fazenda, para ampliar o curral. Foi quando, depois da explosão, no meio das migalhas e do pó encontrou aqueles pedaços verdes.

— Pode ser que tenha achado um veio de esmeraldas ou pode ser que fosse apenas uma formação pequena. É preciso um estudo aprofundado.

— É por isso que vim aqui. Preciso dos seus serviços.

— Ora, o senhor sabe. Estou montando uma forja de ferro e preciso estar por perto para coordenar os trabalhos.

— Eu insisto. Não há no interior de Minas homem tão nobre e senhor de tantos conhecimentos.

— Suas terras estão longe, não posso ausentar-me.

— Mas posso bem recompensa-lo.

Os dois ficaram negociando durante os três dias em que o homem pousou na Fazenda de Monlevade. Ele insistia para que o francês o acompanhasse. Monlevade pensou que a empreitada poderia ser proveitosa já que precisava de capital para erguer a fábrica de ferro. Apesar da distância daquela localidade, haveria ainda tempo para voltar antes de concluir os trabalhos de implantação da forja.

Aceitou partir para aqueles campos distantes. O caminho, ora tortuoso, ora trafegável, enchia a vista do francês. Seguiram por São José da Lagoa, Antonio Dias de Baixo, Barra do Cueté e diversas outras vilas e arraiais que margeavam o imenso rio Doce.

Seguiam Monlevade, seus dois cativos de viagem, Joaquim e Juvêncio, além do fazendeiro Fernando Gomes dos Santos e Martinho, o escravizado forte que viera com ele.

Fernando Gomes tinha amarrado a seu corpo o naco de pedra esverdeada e era sempre ladeado pelo escravo Martinho, que não falava nada. Não era aberto a conversas, nem com os dois escravizados de Monlevade. Preferia olhar o horizonte, segurando as rédeas do cavalo com a mão esquerda e, com a direita, segurava o cabo da faca.

Apesar de mais uma empreitada ao desconhecido, Jean Monlevade mantinha-se firme e tranquilo. Por diversas vezes, ele seria requisitado para este tipo de serviço: pesquisar, extrair e avaliar potenciais mineralógicos. Mesmo trabalhando na produção siderúrgica, Monlevade era um engenheiro de minas e não negava trabalho a quem os contratasse.

Aquela região era um alumbramento. O rio imenso, às vezes, impedia a visão da outra margem. No meio, algumas ilhas se formavam, com matas fechadas e muito barulho de animais selvagens. Havia indígenas diversos e de todo os tipos. Alguns podiam ser vistos nus, pescando tranquilamente. Outros espreitavam os viajantes do alto de árvores frondosas.

Monlevade lembrou da conversa com Saint Hilaire que lhe falou da existência dos botocudos que por ali tinham aldeias numerosas. Monlevade pode ver seus lábios com grandes talas de madeira que aumentavam o tamanho e os deixava com uma aparência incrivelmente particular. O francês observava aqueles seres em silêncio. Eles faziam parte de outro universo, de outro mundo estranho ao qual ele jamais teve acesso. E tanto o naturalista francês quanto seus companheiros de viagem, sabiam que era prudente seguir sem mexer com eles, já que eram temidos por serem bravos.

Estava mesmo numa terra especial. Isso, porque além da riqueza do solo, dos rios e de uma natureza exuberante, ainda havia muitas histórias. Histórias que ele ouvia, enquanto seguiam pela estrada que margeava o rio Doce, sem acreditar, mas sem duvidar também.

Não é que devesse botar fé em tudo o que escutava, mas os causos os assustavam.

— Igual à lenda do caboclo d'água... — Isso quem narrou foi Fernando Gomes.

Ele falou a Monlevade que o povo todo daquela região sabia a história de dois escravizados que pescavam numa canoa. Era noite de lua e, como se sabe, essa é a fase em que as assombrações ganham mais força e se confundem com as folhas balançando no alto das árvores, ficam mais visíveis nas sombras que a lua traz para a terra, nos pios dos bichos da noite.

Numa noite como essa, os dois pescavam tranquilos, proseando a respeito da lida diária. Acontece que eles não

poderiam estar pescando naqueles dias, que era época da desova dos peixes. A lua refletia nas águas, fazendo brilhos bonitos.

Parecia coisa de encantamento: as águas correndo bonitas para o mar e os dois no meio daquele rio, puxando toda sorte de fêmeas de dourados, tucumãs, traíras e outras espécies que subiam o rio para desovar nos cantos mais rasos.

Eles falavam sobre uma certa Madá, negra formosa que vivia oferecendo charme para os escravizados mais bonitos.

— *E ocê, se deitou com a Madá então?*

— *Fiquei oiando aquela moça bunita, aquele corpão lindo demais...*

— *E aí?*

— *Aí eu fui me chegando, como um gato chega na fêmea no cio.*

— *E?*

— *E aí...*

A prosa cortou-se de repente. Um braço verde de lodo, imenso e forte como um jacarandá, surgiu no meio do rio e sacudiu o barco com violência, até quebra-lo ao meio. Os dois caíram na água e desapareceram para sempre. Dizem que os pescados voltaram à vida e, como num passe de mágica, saíram nadando de dentro do balaio. E ninguém nunca mais teve mais notícias daqueles dois.

Essa prosa toda deixava Monlevade meio assustado. Ele teve que aprender os mistérios das Gerais e entender que, na terra onde tinha ido morar, essas esquisitices não eram só coisas dos escravizados. E tinha que respeitar.

Depois de cinco dias de viagem, enfim chegaram às terras altas da região do rio Jequitinhonha. A paisagem era diferente. Altos montes cercavam uma planície extensa, ladeada pelas águas fortes daquele rio.

A fazenda do pecuarista era extensa e havia ainda plantações de mandioca e um engenho de farinha. No dia seguinte, foram logo ver a parede detonada de onde brotara aquela preciosidade.

Monlevade levava consigo algumas pequenas picaretas e foi, com elas, abrindo a rocha descamando-as com perícia. Era preciso cuidado para não prejudicar o que havia por baixo da fina camada de pedra.

Não teve dúvidas de que descobrira ali, um veio imenso de esmeraldas. Poderiam dali ser retiradas quantidades generosas do mineral precioso e que, certamente, mudaria toda a vida daquele fazendeiro.

A notícia foi dada sem rodeios:

— O senhor tem aqui uma poderosa jazida de esmeraldas, que vale uma fortuna.

O homem ficou com os olhos paralisados sem compreender direito o que Monlevade acabara de dizer:

— Estás rico! És o senhor das esmeraldas dessas paragens e, quiçá, de toda Minas Gerais.

Fernando Gomes quase desmaiou. Estava tonto. De repente, rico. Estava, sem dúvida, chocado com a notícia dada pelo francês. Mas Monlevade sabia que o homem teria que enfrentar a burocracia governamental para conseguir licen-

ça para explorar aquele veio. Além disso, teria que pagar o quinto à coroa portuguesa, o que certamente, o fazendeiro não gostaria de fazer.

Quase ninguém gostava de enfrentar aqueles trâmites que tanto atrapalhavam os negócios. Ao ser informado pelo francês dos procedimentos que deveria seguir, o homem esbravejou:

— Daqui, não sai nada para aqueles porcos portugueses! Monlevade ainda tentou dissuadi-lo:

— Se não registrar os minerais junto às casas da moeda, não poderás negociá-las. Ficarás com ela em estado de rocha para sempre, sem valor de comércio.

— Não vou dar essas pedras que eu achei em minha propriedade para esses portugueses imbecis. Jamais darei. Monlevade não discutiu com ele. Na certa, estava deslumbrado com tamanha riqueza encontrada.

Naquela noite da descoberta, o fazendeiro fez uma festa sem igual em seu terreiro. Matou porcos e bois. Providenciou muitos quitutes para os convidados. Serviu vinho e caça produzida na região.

Ele respondia a todos que o perguntavam do motivo daquela festa inesperada, que estava feliz e tinha feito bons negócios com o senhor de Monlevade, grande mineralogista que se encontrava entre eles.

O francês aceitava a desculpa e se admirava mais uma vez com os brasileiros que conhecia. Tudo era razão para comemorações e grandes festas. Era mesmo uma felicidade poder participar daqueles eventos.

Regressou dias depois para as suas terras, trazendo moedas de ouro como pagamento e mais dois escravizados doados pelo fazendeiro. Firmino que já tinha alguma experiência como carvoeiro e Fortunato, outro negro que sabia lidar com fornalhas.

As obras da fábrica estavam quase prontas quando a comitiva do senhor de Monlevade apontou na margem direita do rio. Faltava pouco para iniciar o processo da primeira fábrica de ferro da região do Piracicaba.

No começo, era só mata e silêncio. Mas à medida que os dias passavam, os sons de ferro cru tilintavam. Em pouco tempo, aquela região ficou impregnada do cheiro metálico da produção do francês. No coração do vale, surgiu a Fábrica de Ferro de Monlevade, uma maravilha engenhosa para a época, uma das mais bem estruturadas de Minas Gerais.

No complexo, a forja catalã crepitava como se tivesse vida própria. Alimentada por uma roda d'água, ela operava segundo o antigo método europeu. Era ali que o ferro era forjado. Os escravizados, cobertos de fuligem e suor, comandavam o fogo dos fornos, moldando a matéria-prima.

Monlevade caminhava entre os homens, atento aos detalhes, às temperaturas, ao tempo de resfriamento. Seus olhos brilhavam com a convicção de quem sabia: sua fábrica era era o embrião de um novo tempo. E, enquanto o vapor subia em espirais do chão quente, misturando-se às névoas das manhãs, a história se escrevia em ferro e fogo.

Durante todo o ano de 1826, ele produziu muito ferro de qualidade e aprofundou as negociações com fazendeiros

vizinhos e de outras regiões. Suas relações pessoais ajudavam nos negócios. Ele vendia ferramentas, utensílios e vergalhões usados na base de pontes e de outras construções.

Estava feliz com o seu empreendimento. O trabalho com o ferro exigia dele certos entendimentos a respeito do novo lugar. Não era apenas ele que ensinava, mas também aprendia os costumes e as tradições que os negros contavam.

Certa vez, enquanto mostrava a Adão, o jeito correto de retirar o refugo no fundo da caldeira, ouviu-o dizer, a respeito daquele novo trabalho:

— *Adesculpa meu sinhô de falá uma coisa...*

— Pois diga, Balbino. Não temos muito tempo para conversa, mas pode dizer.

— *É que o sinhô num é tão ruim como uns costuma dizê.*

— Quem costuma, Adão?

— *Acho que num carece dizê, não, né?*

— O que eles falam de mim?

— *Num quero apanhá...*

— Não vou lhe castigar.

— *Por Nossa Senhora do Rosário, mãe dos preto, num quero apanhá.*

— Pois dou-te minha palavra.

— *Então tá... É que a gente, na senzala, conversa muito antes de deitá. A lida é dura e o corpo da gente, de tão cansado, num consegue dormir assim não. Então, nas prosa que a gente leva, já ouvi nego falar que o sinhô veio de longe, para essas terra, com medo de morrer de doença braba das oropa.*

O senhor fitou-o com os olhos azuis, sério e sem mover um músculo da face. O negro, sentindo o castigo a caminho, pediu perdão, pelo erro cometido ao afrontar o seu senhor com aquela conversa:

— *O sinhô, não bate neu não, pela graça de Nossa Senhora.*

— Não vou te bater, Adão.

Monlevade sorriu e disse a ele que essas eram algumas coisas que ele já tinha escutado por aí. Mas que não estava preocupado com aquilo. A bem da verdade, queria mesmo era que aquele escravo fosse um bom ferreiro.

— Vim para cá, para ensinar, vocês a lidarem com o ferro. O ferro, que você vai aprender a domar como se fosse parte de você. Você quer saber isso, Adão? Ou você quer que eu mande costurar a sua boca, para que nunca mais diga besteiras como essa?

— *Pela graça da Virge, meu sinhô...*

— Então pare de acreditar em tolice e preste atenção ao trabalho.

— *Obrigado meu sinhô, obrigado...*

Jean Monlevade não castigava seus escravizados sem motivos. Afinal, precisava daquela mão de obra cara. Ele sabia que um escravizado experiente na arte do ferro valia mais. E era difícil treinar, ensinar, fazer o africano ficar bom para a execução do trabalho.

XI

Ainda em abril daquele ano, Monlevade tinha como propósito, aumentar a produção de ferro em sua fábrica e já tinha escravizados suficientes para isso. Precisava mesmo era de mais máquinas e de mais suporte técnico.

Com o ouro recebido como pagamento da vistoria da mina de esmeralda de Fernando Gomes dos Santos, além de uma quantia de capitais familiares que mantinha guardado na França, decidiu adquirir um completo maquinário inglês, que dariam novo fôlego aos trabalhos. O processo catalão, de redução direta do minério, na certa, render-lhe-ia frutos maiores.

Não pensou duas vezes: em maio de 1826, tratou de escrever a um engenheiro inglês, Lourenço Aquiles Lenoir, conhecido velho da época da Escola Politécnica de Paris, pe-

dindo a ele para mediar a compra de um engenho de laminar, preparar e fabricar ferro.

Lenoir recebeu com alegria e entusiasmo o pedido do francês:

— Quer dizer que Monlevade seguiu mesmo para o Brasil e quer minha ajuda na implantação de uma poderosa fábrica de ferro? Não poderei negar-lhe esse favor.

E escreveu de volta ao amigo francês, avisando que já tinha recebido no banco de Londres, as 306 libras que foram remetidas por ele para aquisição dos aparelhos, o que aconteceu imediatamente.

Quando Monlevade recebeu a missiva, já estava envolvido com outros procedimentos: tinha mesmo decidido se casar com a bela Clara Sophia, sobrinha do amigo Barão de Catas Altas.

Eram dois procedimentos distintos. Enquanto as máquinas eram negociadas ainda na Europa e esperavam despacho para serem remetidas ao Brasil, Monlevade providenciava a conquista da moça.

Assim que as chuvas de maio diminuiriam um pouco, seguiu para a casa do Barão para pedir-lhe a mão da jovem em casamento. Foi recebido, como de costume, com distinção pelos escravizados do Barão.

Muita coisa tinha acontecido ao ilustre João Batista Coutinho. Em 1825 ele decidiu vender as terras e a casa do Gongo Soco para uma companhia mineradora inglesa. Agora, toda a família tinha se mudado para Brumal e era lá que Monlevade encontraria Clara, sem saber que ela também desejava muito encontrar-se com ele.

Foi o próprio Barão que veio a seu encontro, ainda na entrada do terreiro da casa grande:

— Meu nobre Monlevade! Há quanto tempo não nos vemos!

Jean respondeu-lhe amistosamente:

— Amigo Barão! Fico satisfeito de tornar a ter-me contigo!

— Pensei até que não quisesse mais nada com a minha estimada sobrinha Clara!

— Ora, mas é isso que me traz aqui. Quero ter com ela e oficializar o meu pedido!

— Não me diga! Isso é uma grata surpresa. Merece comemoração!

— Ainda não Barão! Ainda preciso falar com ela.

Os dois caminhavam pelo pátio e antes de subirem a escadaria que dava acesso à varanda, foram vistos por Senhorinha da Silva, que olhava para a janela, enquanto Clara lia *Romeu e Julieta*, de Shakespeare:

— *Sinhá, o seu francês evém chegano.*

A moça deu salto sobre a cama, fazendo o livro tombar no chão.

— Santo Deus! Ele está mais lindo do que nunca.

E ordenou à Senhorinha que a ajudasse a entrar num vestido bonito, guardado para ocasiões como aquela. A escravizada preparou a roupa da sinhazinha com carinho:

— *Faço de tudo pra vê a sinhazinha filiz!*

— Ora, Tu me ajudas tanto... Não me esquecerei de ti.

Clara se aprontava para descer as escadas quando o tio a viesse chamar. Enquanto isso, na sala de estar, o Barão e

Monlevade falavam de negócios. O Barão de Catas Altas estava eloquente. Contava ao amigo as peripécias da venda do Gongo.

— Pois vendi as terras, com a casa e a mina, além de 200 escravizados especializados em mineração.

— Não me diga! E por que vendeste?

— Aquilo ali me aborrecia! Não dava mais tanto ouro... E aqui no Brumado, ainda há chance de garimpar muito mais. O Gongo estava secando!

Monlevade ouvia pacientemente e, de tempos em tempos, voltava os olhos para a escadaria, esperando ver seu anjo iluminado. Saberla ela que ele estava ali?

O Barão falava sem parar, o tempo todo, repetindo gestos e imitando o inglês enrolado dos negociantes naquela noite em que fecharam o negócio mais grandioso de toda Minas Gerais.

— Vendi as terras por 95 mil libras esterlinas. Além disso, cada escravo bom de mina foi vendido a 200 reis cada um! O dobro do que valem geralmente.

Monlevade, boquiaberto com aqueles valores, demonstrou admiração, o que encheu os olhos do homem:

— Há de se concordar que o valor poderia ser ainda maior...

— Certamente, Barão! Certamente. — disse.

Ele sabia que não poderia desapontar João Batista, principalmente, por que precisaria de seu consentimento para casar-se com a sobrinha dele. Ele não imaginava que tio e sobrinha tinham uma relação pouco íntima e que não eram tão amigos como podia se pensar.

A sobrinha, sabendo das negociações da venda das terras do Congo, pedira em cartório que o tio lhe desse a sua parte na herança paterna. O Barão não gostou da atitude dela, mas acatou o seu pedido e deu-lhe 80 contos de réis. Que era isso para ele? Nada. Mas para a moça, era um valor grandioso e suficiente para oferecer como dote de casamento.

Na sala, os dois amigos continuavam a conversar sobre o futuro das terras. O francês tinha a certeza que o futuro estava ligado aos negócios com o ferro. O Barão insistia na exploração aurífera. Entre goles de licor de jabuticaba, sua bebida preferida, ele afirmava com gestos largos:

— Só o ouro, Monlevade! Só o ouro dá a glória ao homem!

— Concordo, Barão! Mas ei já disse e repito: o futuro dessa terra está no ferro, na mineração... Mas depois falamos disso. Vim mesmo visitar Clara.

— Ora! Que descuido! Não é que devo chamá-la?

O Barão ordenou que chamassem Clara Sophia. Havia visita para ela. Em pouco tempo, chegava. Deslumbrante. O vestido azul celeste era comprido, rodado, como se usava na época. Tinha os olhos acesos por uma expectativa tremenda. Sabia que ali, seria selado o seu casamento com o tão distinto senhor da França.

Monlevade tirou o chapéu, cumprimentou-a:

— Estás muito graciosa!

A voz dele rasgou os ouvidos dela como fazem os raios em noites de tempestade. Estremeceu como estremecem as nuvens em estrondos de trovão.

O Barão concordou:

— Não há no mundo moça mais bela do que minha estimada sobrinha. Veja que olhos, que pele delicada, que mãos ágeis e belas!

— Titio! Assim fico constrangida.

A conversa entre os três seguiu animada e Monlevade contava da construção do solar.

— Não é tão grandioso como a tua morada, Barão! Mas é belo e está esperando uma mulher para me ajudar a cuidar dele.

Disse isso com os olhos azuis pregados nos de Clara Sophia. Ela corou. Sabia que ele estava falando aquilo para ela. Não poderia demonstrar o seu amor por ele, assim de imediato. Precisava de tempo.

Então Monlevade fez o pedido oficial à moça e ao Barão:

— Quero me casar com você Clara! O senhor aceita meu pedido, Barão? E, Clara, o que me dizes...

Era como se ocorresse um turbilhão dentro dela. O peito arfava dentro do vestido e seu rosto corava de emoção. Esboçou sorrisos, sentiu a boca seca. Nunca imaginou que fosse ser tão fácil e tão difícil viver aquele momento de tanta felicidade. Esperou o tio falar, como deveria ser:

— O senhor é um bom homem e fará a minha sobrinha feliz! Basta ela aceitar...

Sem deixar que o tio falasse por ela, como parecia evidente, respondeu que sim.

— Aceito! Só consigo dizer agora que eu aceito!

— Então casaremos!

O Barão de Catas Altas abriu uma garrafa de champanhe. Nada mais indicado para a ocasião festiva que se anunciava.

Durante aquela tarde e noite, o casarão do Brumado viveu momentos grandiosos. Foram brindes diversos em homenagem aos noivos, seguidos de vivas e de outras honrarias.

Monlevade deixou o Brumado e seguiu para Mariana, onde entraria com os papéis para que o casamento se realizasse o quanto antes. Escreveu a Thierry e à sua mãe e irmã, comunicando o fato.

Enquanto isso, os preparativos de embarque das máquinas estavam quase conclusos também. Enquanto aguardava o casamento, também esperava a chegada de suas peças inglesas.

Em constante correspondência com Lenoir, ele lhe explicou que a firma vendedora dos equipamentos, John & Sons, de Londres, embarcariam as mercadorias pesadas no navio Plata, do Capitão White, em novembro daquele ano de 1826.

— Devem chegar ao Brasil em janeiro! — Pensou Monlevade, enquanto aguardava o alfaiate medir-lhe o corpo para fabricar o fardão de casamento.

Ele não estava enganado. O amigo na Inglaterra tornou a enviar-lhe outra carta, contando que a empresa Henrique Hiller & Cia era a consignatária da carga. Além disso, como ele era o seu representante no exterior de toda aquela transição, seria necessário que Monlevade providenciasse um termo de responsabilidade, atestando que as máquinas seriam realmente usadas na fabricação do ferro e não teria outras finalidades.

O francês, no Brasil, pensava na burocracia como algo que atrapalhava todo o desenvolvimento do trabalho.

— Se não há outro remédio, remediado é que já está. — E tratou logo de providenciar os documentos pedidos, de preencher declarações e formulários exigidos por lei, para que seus empreendimentos chegassem bem ao Rio de Janeiro.

Tudo estava acontecendo muito rápido: O ano de 1826 terminava, ele se casaria em janeiro de 1827, sua fábrica crescia e ainda iria prosperar com a chegada dos novos materiais. Monlevade estava radiante, mais do que nunca.

No Natal daquele ano, organizou a primeira festa no Solar Monlevade desde que tinha se mudado para lá. Mandou convites aos amigos Gomes de Freitas de Itajuru. No entanto, seus principais convidados eram a noiva Clara Sophia, o Barão de Catas Altas, sua esposa Laura, e os futuros cunhados, João Álvares de Souza Coutinho e Manoel Marianno Alves de Souza Coutinho.

Mandou preparar a casa especialmente para a recepção. Os escravizados passaram dias caçando as paredes e lavando as tábuas do assoalho com perfumadas águas de flor de laranjeira. Tudo deveria estar perfeito para a primeira visita de sua noiva, àquela futura casa. Organizou os jardins e mandou cobrir os balaustres da varanda com flores do campo. Os escravizados de dentro tomaram banho e ganharam novas vestes. Os de fora, deveriam evitar aparecer. Caso isso acontecesse, que fossem educados com os convidados do senhor.

Monlevade mandou as cozinheiras prepararem vistoso banquete: leitões assados, frangos ao molho de jabuticaba, arroz com cebolas. De entrada, serviria sopa de aspargos e

de sobremesa, doce de abóbora com queijo, que aprendera a admirar em Minas Gerais.

No dia do Natal, a comitiva do Barão chegou cedo. As mulheres vieram de Caeté, em liteiras coloridas. Clara tinha ido ter com a sua tia, que estava passando um período de descanso naquelas terras altas, respirando os ventos frescos da serra.

Por isso, queria que a cerimônia de seu casamento fosse realizada lá. Apesar da capela erguida no Solar do futuro marido, ela preferia se casar na mesma igreja em recebera a primeira eucaristia. Monlevade não discutiu, aceitando logo os pedidos da moça.

Todos ficaram admirados com a grandiosidade da casa do francês. Clara, mesmo acostumada aos luxos e aos exageros do seu tio Barão também não escondeu que gostava daquele lar. Adorou as escadarias ornamentadas com tantas flores e gostou das janelas amplas.

— Adoro casa arejada, não há nada melhor para a saúde do que sentir a fresca matinal!

Monlevade concordava com ela e sorriu ao ouvir o comentário:

— Não foi à toa que as escolhi assim. Se gostas, fico muito contente, por que aqui será a tua morada!

Estavam mesmo apaixonados. Durante o Natal, após a missa celebrada na Capela do Solar, beberam vinho francês que Monlevade encomendara e comeram petiscos especiais para a ocasião. O Barão ainda gostou de ter conhecido a fábrica de ferro do francês. Ele não sabia que aquela fosse ser

tão diferente das demais. Não era suja, nem havia montes de carvão por todos os lados e os escravizados ainda usavam uma espécie de uniforme: uma camisa numerada nas costas contribuía com a extrema organização.

Havia uma parede onde estavam depositadas as ferramentas de uso mais contínuo, um armário que recolhia as menos usadas e ainda, o telhado de barro evitava a propagação do calor. Aquilo despertara o interesse do Barão:

— Interessante a tua fábrica! Não imaginava que pudessem ser assim, tão grandiosa!

O francês agradeceu:

— O que posso ter de grandioso diante de tanta riqueza que o senhor possui?

Monlevade contou que mandara vir da Inglaterra um novo maquinário pesado, que deveria economizar os braços dos negros e multiplicar os lucros e a produção, além de instalar uma nova fábrica. O Barão se admirava:

— Não me digas? Que fato interessante. Depois não vais assumir que tua fábrica seja grandiosa!

— Sou um pobre homem das minas, meu Barão...

Clara não escondia a admiração pelo noivo. Após o almoço, ela, sempre acompanhada de Senhorinha, sua dama de companhia, Laura, a esposa do Barão e duas escravizadas de Monlevade foram passear pelos jardins e pomares da fazenda. Foi Dioga, uma escravizada do francês quem contou à futura sinhá que as roupas eram lavadas e quaradas na beira do rio, lá embaixo:

— *O sinhô manda nós lavá a roupa na beira da água e não deixá a pueira do ferro estragá os tecidos.*

Clara gostou daquilo. Os escravizados do senhor já estavam acostumados ao serviço da casa, o que era muito bom. Assim, poderia dedicar-se à leitura de seus romances e dramas preferidos, enquanto o marido coordenava a fábrica.

A tarde veio rápido e com ela o anoitecer trazendo seus sons de grilos e sapos preenchendo a escuridão. Faltavam dez dias para o casamento. Clara estava nervosa e não dormiu muito bem naquela noite de 26 de dezembro.

Era estranho dormir numa casa que seria sua dali a pouco. Mas que, por enquanto, não tinha nada dela. Ela era uma mulher decidida, que gostava de literatura. Não era do tipo que aceitava imposições masculinas e não se submeteria tão fácil às ordens implicadas pelo casamento.

Pensou em decorar as paredes com alguns quadros. Talvez uma tela da anunciação de Maria ficasse bem na sala principal. Quem sabe? Preferiu esperar a mudança definitiva para ver no que aquilo resultaria.

Monlevade também demorou a dormir porque além da euforia do casamento que se aproximava, pensava também no maquinário que já deveria estar chegando ao Porto do Rio de Janeiro, assim como ele chegara há quase dez anos. Aquelas máquinas mudariam a sua vida.

No dia três de janeiro, Monlevade seguiu para Caeté para se casar com Clara Sophia. No dia seguinte, ocorreria o matrimônio na capela de São Caetano de Macaúbas, próximo à matriz de Caeté.

Estavam todos com muita expectativa, para ver a noiva. Clara Sophia era a mulher mais adorável de toda a região. Deslumbrante, ela surgiu na Igreja, descendo da carruagem.

Vestia branco de colarinho alto, com rendas no colo. Nos cabelos, trazia arranjo de flores de laranjeira, que perfumavam seus passos. As mãos calçadas com luvas de renda, os pés protegidos por fino sapato vindo da França. Aparecia com os olhos grandes, bonitos como duas amêndoas e um ar imperial tomava conta dela. Era a noiva mais deslumbrante que Monlevade já vira.

O noivo vestia um fardão verde, com detalhes de ouro nos botões. Tinha sapatos de verniz, recém comprados no Rio de Janeiro. Também estava radiante. Ele sabia que o casamento não era apenas para gerar filhos, erguer uma família. O casamento era uma lição de amor e precisava acontecer porque ele amava aquela pequena desde o primeiro momento em que a viu. Por isso, precisava desposá-la. E isso acontecia em Caeté, justamente na primeira cidade onde ele edificara sua primeira fábrica de ferro no Brasil. Tudo começara ali. E isso o agradava muito.

A cerimônia ocorreu às três horas da tarde. Fazia um calor que anunciava chuvas de verão e a capela de São Caetano era beneficiada pelos fortes ventos da serra. Os dois noivos seguiram para o Sobrado dos Coutinho naquela vila para serem homenageados por um jantar de trezentos e vinte talheres. Era o êxtase de uma celebração sem igual, só comparada aos casamentos dos grandes reis.

A festa aconteceu durante toda a noite, mas os noivos não esperaram até o final. Ávidos de amor e de desejo um pelo outro, partiram logo para as suas núpcias, num quarto especialmente preparado para eles, no sobrado dos Coutinho.

— Senhor, tenho medo do que irá acontecer...

— Meu amor, sou todo teu. Não te aflijas.

— É que sempre temi esta hora e ...

Ele beijou-a com ternura, interrompendo a frase insegura. Sentiu o coração de Clara Sophia pulsar forte dentro das rendas do vestido e tomou-a para si.

— Serei o rei. E tu, Clara Sophia, a minha rainha.

XII

Ao amanhecer, seguiram para o Solar de Monlevade. Clara levou para morar consigo a inseparável Senhorinha da Silva, que a acompanhava desde a adolescência. As duas riam na carruagem, felizes para a nova vida que se descortinava.

Monlevade, no cavalo, ia à frente da comitiva com dois escravizados trilheiros. Era preciso cuidado para descer a serra entre Caeté e Santa Bárbara. Ainda mais agora, que sua amada esposa estava em sua companhia. Sentia a brisa matinal. A brisa, sempre ela, parecia-lhe dizer que a vida seria toda reinventada. Sentia a intensidade da manhã, o sol tímido a romper as nuvens baixas da serra. Ouvia os tapaculos, os piriquitos-rei, os tangarazinhos em festa. Toda a sorte de aves da região faziam a trilha sonora da viagem para casa.

As orquídeas davam vida aos barrancos da descida, a grama úmida, em meio às pedras do caminho, eram um tapete para a felicidade.

Chegaram à tempo para o almoço. Uns 20 escravizados formaram duas fileiras na entrada do Solar, até os primeiros degraus que davam acesso à sala, saldavam o novo casal, jogando pétalas enquanto, seguiam para a Casa Grande. Monlevade fazia gosto e Clara era só felicidade.

— Meu senhor, que recepção...

Monlevade sorriu-lhe de volta. Era, agora, casado e sua esposa chegava ao seu império. Ele sabia que Clara Sophia estava acostumada ao luxo, à riqueza ostentadora da casa do tio barão. Mas ela nunca fora dona da própria morada. Por isso, tudo o que pudesse ser feito para garantir a ela, uma vida de sonhos, seria pouco. Estava disposto a tudo, por amor.

Os negócios prosperavam. A fábrica crescia a cada dia e as encomendas não paravam de chegar. Tudo ia bem e parecia ainda melhor com as notícias que chegaram do Rio. Os equipamentos, sob o comando do amigo engenheiro Aquiles Lenoir, responsável por toda a negociação, já tinham partido para Vitória e, em breve, deveriam vir para Minas.

Foi por essa época que Monlevade escreveu ao Presidente da Província, o Visconde de Caeté, solicitando apoio necessário para transportar suas pesadas máquinas pelo rio Doce.

Ele sabia que aquela travessia pelo caminho das águas não seria nada fácil. De Vitória, até a foz do rio, as máquinas

subiriam em embarcações menores. Porém, depois de deixar o oceano e começar a fazer o caminho inverso da correnteza do rio Doce, as coisas mudariam de figura.

Além disso, corria o risco constante dos saqueadores pilharem as cargas e assassinares seus transportadores. A intervenção do governo era mais que uma atitude prudente: isso garantiria que seus investimentos chegassem a salvo até o terreiro de sua fábrica.

O Visconde de Caeté conhecia Monlevade e sabia dos seus planos grandiosos no Brasil. Tivera com ele, desde os tempos da sociedade com o Luis Gouveia e tinha estima pelos seus conhecimentos mineralógicos e por sua dedicação ao trabalho nas minas e forjas de ferro. Por isso, não mediu esforços para que toda a ajuda fosse dada ao importante engenheiro francês.

No dia 13 de março de 1827, o diretor da Junta de Colonização e Civilização dos indígenas, o militar e humanista Guido Thomaz Marlière recebe o comunicado do Presidente da Província para cuidar de todos os detalhes para que os equipamentos adquiridos pelo Senhor de Monlevade chegassem bem às terras dele.

Ao ler a determinação do Presidente, Marlière pensou:

— Isso vai ser um trabalho e tanto!

Ninguém mais do que ele era conhecedor de toda a bacia do rio Doce. Ele sabia dos perigos das corredeiras, das adversidades provocadas pelas águas rasas e das pedras, além das cachoeiras que dificultariam o trajeto. Além disso, Mar-

lière era militar. Ele tinha capacidade e conhecimento técnico suficiente para gerenciar equipes e organizar o trabalho do transporte.

Possuía uma trajetória de vida repleta de histórias fascinantes. Ele chegara ao Brasil na mesma comitiva de Dom João VI, em 1808. Apesar de nascido na França em 1767, estava na colônia há muito tempo e era já reconhecido por seu trabalho com os indígenas da região do rio Doce.

Porém, seus primeiros dias não foram fáceis. Herói de guerra na França, chegou a lutar no Exército de XVI até o ano da Revolução Francesa, quando se aliou a Napoleão Bonaparte em suas batalhas por toda a Europa.

Porém, após cinco anos de tanto sangue derramado em nome daquele imperador poderoso, decidiu rebelar-se, fugindo para a Alemanha. Chegou a Portugal em 1802, quando ingressou na Guarda Real a Pé e a Cavalos daquele país. Promovido a alferes, veio junto com a corte para o Brasil e era homem de confiança do príncipe regente.

No Brasil, Marlière atuou em Vila Rica como militar da Tropa Paga da Capitania. Em 1811, chegou a Tenente Agregado do Regimento de Cavalaria de Linha do Exército. Mas o destino deu-lhe um golpe que mudaria para sempre a sua vida.

Apesar das altas patentes, pouca gente sabia do seu passado ao lado de Napoleão. Como nesse período, as animosidades da coroa portuguesa com a França de Bonaparte estavam à flor da pele, ele acabou preso na cadeia pública de Vila Rica, acusado de ser um espião do imperador francês.

Na prisão, escreveu em favor de sua inocência. Mesmo com a falta de estudos acadêmicos, Guido Marlière era um homem versado em várias culturas. Lia bem os Iluministas e sabia algumas leis. Além disso, dominava o idioma Português, o que facilitou a escrita de sua defesa.

Julgado o processo, no Rio de Janeiro, correndo o risco de ser deportado para a França, foi inocentado. Era tudo o que precisava, pois na certa seria morto por algum seguidor de Napoleão.

Mas o perdão de Portugal teve um outro significado em sua vida. Como ele gostava do país e estava interessado pela cultura indígena, poderia aproximar-se deles no Brasil.

Ele dominava bem o Tupi Guarani, a língua dos indígenas e sonhava em vê-los civilizados, trabalhando com os brancos nas plantações, nas construções civis e, por que não, na arte do ferro que se emergia na Província.

Marlière, inclusive, chocava muita gente com os seus posicionamentos: era contra a escravidão em favor do emprego remunerado dos indígenas, a quem considerava os legítimos filhos da terra.

Talvez por isso, como desculpa pelos constrangimentos sofridos e pelo inconveniente das suspeitas vãs foi nomeado Diretor Geral dos Indígenas da Freguesia de São Miguel do Pomba.

— Em Portugal, paga-se os enganos com pequenos títulos. — Pensou ao receber a nomeação.

Chegou ao rio Doce em 1820. Ali, era sempre chamado para resolver conflitos entre tribos rivais ou mesmo para ten-

tar alguma negociação entre os indígenas e fazendeiros brancos. Tornara-se, por título, autoridade máxima da região.

Respeitado tanto por brancos, negros e vermelhos, Marlière tinha a missão de abrir caminho para a ocupação e a colonização daquelas paragens, onde algumas tribos eram antropófagas e outras eram hostis demais. Por isso, o presidente da província não teve dúvidas quanto à solicitação dos seus trabalhos para ajudar no transporte do maquinário de Jean de Monlevade.

O chefe da expedição indígena explicou ao compatriota dos planos traçados para garantir o sucesso da empreitada. Todas as seis Divisões que estavam sob o seu comando foram notificadas para realizar o serviço com maestria, ficando a 6ª responsável pela condução da fronteira da Província do Espírito Santo com a cachoeira do Baguari.

Já a 1ª, fora encarregada da condução da carga a partir desse ponto até Leopoldo. As 2ª e 4ª Divisões levariam todo o maquinário dessa região até o Porto das Canoas, onde terminaria o auxílio do militar. Para tanto, Marlière autorizou todas as canoas que possuía e convocou os melhores pilotos de sua equipe para chegar com tranqüilidade até o ponto desejado.

Monlevde retribuiu o empenho do amigo noutra carta, agradecendo àquele compatriota por todo o esforço dedicado. Enquanto redigia a correspondência em seu escritório, o francês foi surpreendido por Clara:

- Eu vim saber se está tudo bem.
- Pois como não poderia, meu amor?
- Tenho uma notícia para ti.

— Que notícia? Espero que seja boa, pela tua expressão...

— Sim! Estou desconfiada de que teremos companhia neste casarão imenso.

Monlevade levantou-se da mesa e chegou mais perto da mulher. Ela estava ainda mais bonita do que quando a vira pela primeira vez nas terras do Gongo.

— Ande, agora estou curioso! Companhia?

— Mas não estás muito ocupado aí, com teus papéis?

— Ora, sempre há tempo para ti, amada minha! Como assim, teremos companhia?

— Desconfio de que estou grávida! De que em breve, teremos um herdeiro para a tua fábrica de ferro!

O francês ergueu a mulher no ar e beijou-lhe a barriga. Eufórico, não imaginava que uma notícia como aquela pudesse deixá-lo tão bem, tão satisfeito. Seria pai. E seria o melhor pai do mundo.

— Clara, que notícia magnífica! Nada poderia ser melhor. Nada como isso para me fortificar! Eu te amo, meu amor.

— Eu também te amo, senhor meu marido. Também te amo tanto!

Desde aquele dia, a rotina de Monlevade mudou. Ele diminuiu as viagens à região só para dedicar-se à esposa. Estava grávida. E daquela barriga que começava a crescer, nasceria um homem que seria senhor do ferro, como ele. Era só o que esperava.

Numa tarde em que estavam na varanda da Fazenda, fazendo planos para a criança, ouviram gritos na senzala. Eram de pranto. Monlevade seguiu para lá para ver o que se passava:

— O que está acontecendo aqui?

Os escravizados choravam e apontavam para um outro deitado no chão. Era Chitão, escravo comprado a pouco tempo. Ainda estava aprendendo a lidar com o processo catalão e morrera de repente.

— *Morreu, sinhô. O nego morreu.*

— Como assim morreu? Estava doente?

— *Tava não.*

— E como isso aconteceu?

— *Ele caiu de repente, ainda agora. Levou a mão no peito, fez uma careta e morreu aí.*

Monlevade se aproximou e olhou para o corpo. Pelos sinais, parecia ter sofrido um infarto fulminante. Não havia nada a fazer. Deu ordem aos negros para organizarem a limpeza do salão. Era preciso levá-lo para fora.

Chamou outros dez escravizados fortes, que estavam menos abalados com o ocorrido e ordenou:

— Subam alguns metros da fazenda e construam um cemitério. É preciso enterrar esse pobre homem, que trabalhou para mim e que não pode ser deixado ao relento para ser comido por urubus.

Aquela ordem surpreendeu os escravizados. Não eram muito comuns cemitérios para eles. Mas acataram a ordem do senhor e trataram de abrir, no alto de uma pequena colina a alguns metros dos fundos do Solar, um cercado simples. Ali, cavaram uma sepultura para Chitão. Seria a primeira de muitas outras.

Monlevade foi conferir de perto a construção do cemitério dos escravizados. Até aquele momento, ninguém havia morrido naquelas terras e era mesmo prudente ter um

cemitério nos arredores do Solar. A qualquer momento, a qualquer hora, outra visita da indesejada das gentes poderia levar alguém.

Clara também ficou nervosa. Ora, viviam em plena tranquilidade e não esperavam que uma morte, ainda que de um escravo, pudesse assustar tanto. Quando Monlevade voltou para casa, encontrou a mulher no quarto. Tinha tomado um banho para afastar o calor e decidiu descansar. O marido comentou que tudo estava pronto para o sepultamento de Chitão.

— Menos mal. — Disse ela.

— Não poderia deixar que o corpo de um escravizado da Fazenda fosse lançado ao rio ou enterrado em cova rasa no quintal. Todos nós precisamos de um pouco de dignidade nessa hora.

— É o melhor a ser feito.

Continuaram a conversa quando foram surpreendidos por toques de atabaques que vinham do terreiro. Depois que escurecia, Monlevade não costumava ir ao pátio. Ele chegou a uma das varandas para observar o que estava acontecendo ali. Os negros fizeram uma fogueira grande. Ao redor dela, eles dançavam e cantavam em línguas afro, em homenagem ao morto que estava deitado sobre uma mesa antiga de madeira.

Era um ritual de velório e todos os escravizados da senzala participavam. Alguns choravam e gritavam o nome do morto. Outros, mais solenes, observavam em silêncio. O senhor francês respeitou aquela manifestação e não deu or-

dens para que o barulho fosse interrompido. Ele apenas avisou ao feitor Jacinto para ficar de olhos abertos. Não queria que um evento fúnebre fosse motivo para fugas ou badernas.

Durante toda a noite, os cantos ecoaram pelas terras de Monlevade. Os escravizados despediram-se do companheiro que, apesar de jovem, era visto como filho de santo pelos escravizados e, por isso, merecia todas as honrarias na hora de sua despedida.

O cortejo seguiu pela manhã. Saiu do pátio da fazenda por volta das 9h e os negros levaram o companheiro para a primeira cova no cemitério recém construído. Monlevade, Clara Sophia e Senhorinha da Silva, sentada a um canto, acompanharam a partida da varanda. Os dois sabiam que até poderiam participar daqueles ritos, mas preferiram apenas olhar.

Retornaram para o casarão e Monlevade foi ao escritório. Por aqueles dias, o que mais o preocupava era a trajetória de suas máquinas. Ao todo, elas pesavam quase 500 arrobas, o que tornava a subida do rio bastante complicada. Em diversas partes, por causa das cachoeiras, elas deveriam vir por terra, em carros de boi, até que fossem contornadas as quedas d'água.

Marlière acompanhava tudo pelo quartel general de Guidowal. Ele entraria pessoalmente em ação assim que a encomenda chegasse à divisa de Minas com o Espírito Santo. Isso, provavelmente, aconteceria na vila de Linhares.

Monlevade estava sem notícias de sua carga e Marlière ainda aguardava o sinal positivo para acionar as suas divisões. Ele chegou a pensar que houvera algum extravio.

— Não é possível que eles ainda não tenham conseguido vencer as corredeiras. Será que naufragaram? — Pensou o francês militar.

Decidiu enviar doze canoas em auxílio aos navegantes. E convocou indígenas botocudos para ajudar. Eles conheciam, como ninguém o rio Doce e seriam fundamentais na condução da carga de Monlevade. Já havia dois meses, desde a partida do Rio de Janeiro e não haviam recebido informações seguras da viagem. Estava deveras preocupado.

Enquanto isso, na subida do rio, Lenoir e outros homens encarregados de fazer o trajeto, lutavam contra bancos de areia que, a todo momento, impediam as canoas de seguir a viagem.

A expedição de Marlière voltou sem notícias. Não haviam encontrado o comboio até o ponto em que seguiram e voltaram para avisar ao comandante do insucesso da missão.

— Não é possível. Isso não pode ter acontecido com tão preciosa carga. Eles ainda hão de surgir. Ainda surgirão. — Disse Marlière.

Escreveu ao presidente informando-o de suas suspeitas suas inquietações. Afinal, já era tempo de as canoas chegarem a Linhares. O mês de novembro passou e dezembro entrou com suas águas, o que favoreceu a cheia dos rios, facilitando assim, a vitória sobre os bancos de areia nos leitos do rio. Por outro lado, a força da correnteza aumentou consideravelmente, o que exigia mais empenho e mais força dos remadores.

Somente em fevereiro, Lenoir conseguiu avisar Marlière de sua localização. O francês enviou novamente as canoas

com uma centena de indígenas borum para ajudar. Mandou uma carta a Monlevade que não precisava mais se preocupar por que as máquinas estavam a caminho.

Enquanto Monlevade respirou aliviado por saber que seus equipamentos estavam chegando, a esposa Clara só pensava na chegada do primeiro filho e parecia mudada. O marido sabia que toda mulher fica temperamental, frágil e necessita de mais atenção nesse período interessante. Ela passara a agir de forma inusitada com ele, querendo comer as coisas mais estranhas e nos horários mais impróprios.

Certa noite acordou querendo comer um torrão de minério de ferro.

— Sinto-o dissolver na minha língua. Deve ser delicioso!

O marido tentava contornar aquelas esquisitices, mas não conseguiu. Teve que se levantar, no meio da noite e buscar um torrão cinza e brilhante daquela terra para a esposa comer.

Assim que retornou ao quarto, ela tomou das mãos dele o torrãozinho, mas não o comeu, dizendo que havia perdido a vontade totalmente.

— Melhor assim — Ponderou Monlevade aliviado.

— É. Vamos dormir que isso passa.

Pela manhã, estava sentindo-se feia. A barriga de sete meses mudara-lhe as formas graciosas e isso a revoltava. Os pés, inchados, não cabiam mais nos sapatos aveludados que costumava usar. Os vestidos justos, que tanto valorizavam sua silhueta, foram substituídos por outros mais largos, que mais lembravam camisolas.

De mau humor, ela pouco conversava com marido. Tinha vergonha dele e evitava-o. Sentia-se disforme. Mas o marido não achava. Sempre oferecia-lhe carinhos, sempre bajulava-a realizando os caprichos dela e fazendo pequenos momos.

Mas isso não adiantava nada. O humor da mulher mudava muito e, ao mesmo tempo em que ela sorria de um gracejo dele, logo sentia vontade de chorar.

Certa manhã, uma escravizada jovem e bonita apareceu na sala com uma bandeja repleta de quitutes. Eram os croissants, que Monlevade gostava de degustar entre o café e o almoço.

— Como é o teu nome, jovem?

Assustada com a pergunta, a moça respondeu rápido:

— *Filomena, sinhô!*

Monlevade, com a mesma calma na voz e com os olhos azuis pregados no rosto da moça, elogiou:

— Que belo sorriso tu tens!

A moça, em vez de envergonhar-se, sorriu ainda mais. Dessa vez, revelou ter os dentes perfeitos, o que era muito incomum para os escravizados.

— *Obrigada, sinhô! É que eu masco folhas de hortelã e lavo bem a boca todos os dias. Ajuda a mantê a boca fresca...*

— Faz bem, Naná! Faz muito bem.

— *Grata, sinhô.*

Monlevade não viu, mas Clara ficou com ciúmes daquelas palavras. Não gostara do que ouvira e logo pensou que o seu marido estava se deitando com aquela mocinha nos matos da fazenda. Ainda mais agora, em que se sentia tão pouco atraente.

Para o marido, que degustava seus croissants enquanto terminava a leitura de um jornal, ela não demonstrou a irritação. Fingiu naturalidade e se aproximou dele. Ele tocou a barriga dela com as mãos e fez um carinho antes de levantar-se e seguir para a fábrica.

Clara não engolira aquele elogio à escravizada. No quarto, olhou-se no espelho. Mirou a barriga. Redonda, imensa. Sentiu vontade de chorar. Onde estava aquela figura graciosa de meses atrás? Será que seu corpo voltaria logo ao normal? E se Monlevade estivesse mesmo gostando daquela mocinha e rolasse com ela pelos matos, por trás da fábrica, ou na beira do rio?

Não, aquilo não poderia ser. O conflito dentro dela crescia e seu ódio pela escravizada tornou-se impossível de ser controlado. Assim que o marido saiu para conferir a produção, chamou o feitor Jacinto e ordenou que ele a transferisse da cozinha para os serviços mais pesados da lavoura.

— Quero essa negrinha bem longe daqui. Que vá quebrar pedra, ou capinar o pasto atrás dos morros. Que trabalhe até o fim do dia, todos os dias. E nada de colocar essa cara bonita na casa de novo.

O feitor hesitou. Sabia que Filomena era uma das mais habilidosas na cozinha, muito elogiada até pelo próprio patrão. Mas não ousou contrariar a senhora.

Filomena foi tirada da cozinha sem aviso. Com os olhos arregalados, carregando a tábua de madeira com as xícaras ainda fumegantes, mal teve tempo de perguntar:

— *Fiz alguma coisa errada, senhora?*

Mas Clara apenas virou o rosto.

— Apenas obedeça. E da próxima vez que pensar em sorrir para meu marido... pense duas vezes.

No dia seguinte, durante o café, Monlevade estranhou a ausência da jovem Filomena.

— Onde está a moça que costumava trazer meu croissant?

Clara respondeu com doçura:

— Achei que ela estava atrapalhando teu apetite. Mandei trocá-la. Emília é mais experiente.

Monlevade não insistiu. Ajeitou os talheres, mordeu o pão, e em silêncio, olhou para a esposa por alguns segundos. Ela sorriu, vitoriosa.

— Às vezes, precisamos dar um jeito naquilo que ameaça a ordem da casa — disse Clara, enquanto acariciava a barriga — e cuidar do que é nosso.

Ele seguiu para a fábrica já que as encomendas não paravam de chegar. A fama da qualidade do ferro fabricado pelo senhor de Monlevade corria todo o sertão das gerais e ele esperava aumentar ainda mais a sua produção, tão logo instalasse o trem de laminar junto à forja catalã.

Enquanto produzia encomendas para outros, Monlevade pensava nas suas próprias encomendas. De acordo com as últimas notícias de Marlière, o maquinário já deveria ter chegado. Mas imprevistos sempre acontecem. Será que estariam ao longo do rio Doce? Não dava para imaginar em que altura do rio a carga estava.

O tempo corria feito sua produção. A fábrica estava em seu limite e ele precisava do novo maquinário. O mês de março passou com suas chuvas pesadas. Abril chegou e, com

ele, algumas boas notícias. O desembarque de suas peças estava sendo realizado no porto do Onça Pequena, próximo de Antônio Dias.

— Viva! Agora sim! — Comemorou Monlevade.

E tratou de seguir para o lugar indicado para recepcionar o amigo Aquiles Lenoir e apertar a mão do compatriota Marlière, que tanto fora útil para o sucesso daquela empreitada.

XIII

O desembarque fora até fácil, se comparado com a travessia. Monlevade saudou o amigo inglês com um longo abraço. Ele estava cansado, suado, mas com a sensação de dever cumprido.

Marlière dava as últimas ordens aos indígenas borum para o desembarque das máquinas no cais. Era alto e tinha o olhar aquilino. Apertou a mão de Jean de Monlevade, saudando- pela coragem de ter comprado tantos equipamentos na Inglaterra.

— Não estariam aqui se não fosse por tua competência.
— Disse apertando a mão do General.

— Na verdade, se não fosse com a ajuda dos indígenas, não teríamos desembarcado com essa pesada carga.

Lenoir e o capitão francês contaram os quão complicados foram os dias a bordo das canoas. Quantas dificuldades passaram. Os materiais para a nova fábrica eram muito pesados e corria o risco das canoas e embarcações afundarem no leito do doce.

— Os céus pareciam nos contemplar na jornada. A gente rezava, mas não tínhamos resposta — disse.

E o inglês e Marlièrie relataram como fora transportar os equipamentos para a fábrica de ferro de Monlevade desde o litoral do Espírito Santo até o coração de Minas. Parecia algo improvável. Ao todo, sete mil e quinhentos quilos de carga. Martelos, bigornas, caldeiras, moldes e ferramentas que ainda carregavam o cheiro salgado do mar.

A força ancestral dos indígenas que conheciam os rios como ninguém foi fundamental no trajeto. Com deles, antigos guerreiros da mata, formaram a expedição. Em doze canoas militares, largas e fundas, singraram as águas traiçoeiras como se conduzissem uma oferenda sagrada aos deuses. Lenoir os acompanhava, mas eram eles os verdadeiros guias da jornada. Deslizavam com destreza entre corredeiras, desviando de pedras ocultas e troncos submersos.

Foram semanas de travessia. O rio Doce, largo e impetuoso, exigia atenção e resistência. O Piracicaba, mais estreito e traiçoeiro, testava os limites de cada um dos homens. À noite, acampavam nas margens. Acendiam fogueiras pra espantar as Yaguara da região. E os cantos dos Botocudos misturavam-se ao estalar da madeira e aos esturros vindos da mata fechada. A umidade parecia infiltrar-se nos ossos, os mosquitos atacavam sem trégua, e as febres, a malária

e outras pestes, rondavam silenciosas. Mas havia também algo mais. Uma sensação poderosa e inexplicável de que estavam abrindo caminho para algo que ultrapassava suas próprias existências.

Monlevade não tinha palavras para tanta gratidão. Não havia dinheiro, nem ouro que pagasse aquele empenho para que a sua fábrica prosperasse. Os materiais vindos de tão longe estavam, agora, diante dele. Ele tocou os equipamentos e olhou os amigos admirado com todo o relato:

— Graças a vocês, com isto, mudaremos o futuro, disse a Marlière e Lenoir.

Com o tempo, Marlière lembraria daquela travessia não apenas como uma proeza logística, mas como um marco de sua vida. Do porto do Onça, o militar seguiu para o quartel general. Precisava encaminhar com urgência o relatório ao Presidente da Província sobre o sucesso do transporte pelo rio Doce.

Lenoir aceitou o convite de Monlevade para passar uns dias no Solar. Ali eles relembrou as expedições da Escola Politécnica e o inglês ainda contou detalhes da travessia:

— Quase naufragamos no rio Manhuaçu. Ali havia muitas corredeiras e as canoas pesadas eram arrastadas para a parte funda do rio. Depois disso, quase nos perdemos umas cinco vezes. Deus estava do nosso lado. Do contrário, não estaríamos aqui hoje com a sua carga preciosa.

— Meu amigo, esse seu gesto será inesquecível para mim.

O inglês explicou a Monlevade que o restante das peças, mais leves, deveriam chegar por volta do início do mês de maio, já vinham em comboio de carros de boi. Infelizmente

ele não poderia esperar a montagem, já que tinha de retornar para Londres.

Clara não participava muito daquelas conversas. Estava entrando já no nono mês e em breve nasceria seu primeiro filho. Precisava descansar. Gostaria muito que fosse uma menina, mas pressentia a chegada de um menino.

E suas previsões se confirmaram na tarde do dia 16 de maio de 1828. Nascera esperto, gritando a plenos pulmões, um menino grande e vermelho. Na porta do quarto, Monlevade esperava ansioso. Quando entrou, pegou a criança nos braços, ergueu-a o mais alto que pôde e sorriu muito. Era seu primeiro filho:

— Vai se chamar João. Esse foi o nome que ganhei no Brasil e ele irá servir para o meu filho também. — Disse Monlevade.

Clara não foi contra. Sorria de felicidade ao ver pai e filho juntos pela primeira vez. E eles estariam unidos para sempre. O menino foi batizado de João Pascoal de Monlevade e encheu de alegria e vida todo o Solar.

Aquele mês de maio foi especialmente grandioso. Além do nascimento do primogênito, os carros de boi trazendo as peças da fábrica também chegaram, aumentando o entusiasmo do engenheiro Jean. A vida se renovava e um novo desafio estava diante dele: Ampliar a produção da Fábrica e aprender a ser pai. Estava muito feliz com todos esses acontecidos.

A preparação do novo processo de fabricação do ferro começou dias depois. Durante meses, Monlevade dedicou-se de corpo e alma para a montagem da nova fábrica, um

pouco mais abaixo da primeira. Devido à criança, o local escolhido evitava a fumaça e o barulho das máquinas pesadas. Ele coordenava os serviços pessoalmente e treinava os antigos ferreiros para lidar com aquele maquinário grandioso e poderoso.

João Monlevade desviou parte do ribeirão Carneirinhos para mover uma grande roda que erguia uma mão de pilão para, em seguida, processar violentamente o minério. Era o processo catalão que invadia o Solar e, com ele, Monlevade passou a fabricar toda a sorte de objetos: enxadas, foices machados, alavancas, pás, ferraduras, cravos, martelos, puxavantes, freios para animais, moendas para engenhos de cana, além de trituradores que eram vendidos, sobretudo, para a Mina do Morro Velho. As encomendas que não paravam de chegar, obrigavam-no a trabalhar desde muito cedo até quase noite. Mas ele estava realizando com tudo aquilo que fizera.

Naquela época, seus escravizados usavam uma espécie de uniforme. As vestes de tecido cru, tinham números às costas, para que fossem facilmente identificados. O francês era muito metódico e gostava de tudo feito com muito planejamento e organização. Além disso, deixava os escravizados livres, aliás, deixava-os terem essa sensação. E muitos, mesmo podendo viajar levando cargas e peças para Morro Velho ou Itabira do Mato Dentro, sempre voltavam. E entre os cento e cinquenta escravizados que compunham a força vital daquele complexo, havia um cuja habilidade transcendia a rotina pesada do ferro.

Chamava-se Elias. Era um negro de olhos fundos e mãos prodigiosas, um verdadeiro artista oculto entre as chamas e engrenagens. Suas ferramentas eram extensões do próprio corpo, tamanha a sua habilidade. Com ele, as limas, os martelos e as serras tornavam-se delicados pincéis sob seu comando.

Monlevade logo percebeu que Elias não era um operário comum. Viu-o, certa tarde, na sombra da oficina, entalhando peças de precisão para um objeto que ninguém compreendia. Quando perguntou do que se tratava, Elias respondeu com timidez e sotaque africano arrastado:

— *É um relógio, sinhô... de parede.*

Jean ficou em silêncio, observando a engenhoca inacabada, com rodas dentadas feitas de ferro polido e um sistema de pesos que desafiava o improviso das oficinas coloniais. Qual foi a surpresa do francês, é que tempos depois, o mesmo homem criaria uma máquina de costura rudimentar, funcional, feita com peças que ele mesmo moldava ao calor das fornalhas.

A notícia espalhou-se discretamente pela região não por boca dos senhores, mas entre os próprios trabalhadores, que viam em Elias um sopro de gênio, um homem feito para outro tempo, não o acorrentado como aquele.

Monlevade pensou em vendê-lo por um preço alto diante de tanta habilidade. Mas preferiu não. Ao contrário, passou a proteger Elias. Tirou-o do trabalho pesado e montou uma oficina para ele. O negro sorriu de gratidão. A ofici-

na se tornou seu domínio, e ele colaborou muito nos avanços da fábrica, lapidando peças delicadas, criando produtos utilitários que o francês vendia.

E assim, no silêncio das madrugadas, enquanto os fornos ainda ardiam e a fumaça subia como prece, Elias ajustava engrenagens, polia hastes, projetava peças com paciência. Um dos relógios foi dada de presente ao Barão de Catas Altas, por ocasião de seu aniversário e o homem não acreditou que aquela peça magnífica tinha sido construída por mãos de um escravizado.

Os tempos na nova fábrica de Monlevade parecia voar. O filho João Pascoal crescia e, aos dois anos, iria ganhar um irmão. Ou uma irmã. Clara anunciou a segunda gravidez sem grandes mistérios. Estava querendo ter outro filho fazia tempo. Na verdade, a maternidade era também uma realização para ela que imaginava o Solar repleto de crianças.

Monlevade pegou Joãozinho no colo e recebeu a notícia com alegria demasiada:

— Outro filho? Essa vida é mesmo um conjunto de surpresas! Não poderia imaginar que estaria tão bem aqui, com minha família e meu trabalho.

Dessa vez, o parto do segundo filho foi demorado. Na porta da alcova, outra vez, o francês ouvia os gritos da mulher, atendida pelo médico Cândido Raimundo, de Santa Bárbara e de duas parteiras. De tempos em tempos, uma delas abria a porta e saía depressa em busca de água quente e de novas toalhas.

— *A criança tá garrada. Parece que num qué nascê* — disse aumentando a aflição de Jean.

Assustado e sem ter o que fazer, foi à capela e rezou. Há muitos não rezava sozinho. Lembrou-se de Thierry, o companheiro de viagem que vivia dividido entre a fé e o pecado. Eles trocavam cartas e o amigo sempre terminava as missivas, afirmando para confiar em Deus, que sempre zela por nós. E, nessa hora de desespero, Monlevade decidiu fazer uma promessa: Se nascesse menina e ela sobrevivesse, haveria de casar-se com um parente dele.

Não soube explicar porque pensara naquilo. Poderia ter prometido qualquer coisa, doar a fábrica, libertar os escravizados... mas prometeu casar a filha com um francês como ele, caso ela sobrevivesse. E se fosse homem? Não teve tempo de pensar: em poucos instantes, ouviu o choro de uma menina saudável.

Foi batizada de Mariana Sofia de Monlevade. Era lourinha, tinha os olhos azuis, como os do pai e uma beleza incrível. Lembrava um anjo. Clara, estava exausta e dormiu profundamente. O médico, Raimundo, disse que a mulher precisava descansar e que Monlevade precisaria ser paciente. Devido ao esforço e a complexidade do parto, talvez ela não pudesse ter mais filhos.

O primogênito João Pascoal Monlevade, era um menino de olhos atentos e espírito inquieto. Crescera solto nas encostas de São Miguel e nas amplas terras do solar da família, onde o cheiro de carvão e metal quente se misturava ao ar da infância. Fascinado pelo vai e vem ritmado dos martelos

na forja catalã, passava horas escondido entre os cantos do galpão, observando os escravizados ferreiros sob o olhar de seu pai. Curioso por natureza, Joãozinho não apenas via, mas procurava entender o funcionamento das bigornas, foles e fornos, gravando os sons metálicos – os tuns tuns – como se fossem parte de uma melodia secreta.

Já Mariana, dois anos mais nova, carregava em si uma doçura sonhadora e um olhar sempre voltado para o que havia além dos morros. Em contraste ao irmão, encontrava abrigo nas palavras. Incentivada pela mãe, desenvolveu desde cedo o hábito da leitura, encantando-se com as novelas infantis enviadas do Rio de Janeiro, que chegavam embrulhadas em papel delicado e cheiro de coisa nova.

Gostava das artes e dos bordados, mas era nos livros que moldava seus sonhos: castelos, bailes, promessas e encantamentos. À medida que crescia, Mariana alimentava um ideal romântico de mundo, esperando, quem sabe, um príncipe lindo que viesse leva-la para uma terra de encantos.

Desde que chegara ao Brasil, muita coisa aconteceu a Monlevade. Os anos se passaram muito rápido. João Monlevade, sequer poderia imaginar que tonaria um chefe de família e homem de respeito naquela sociedade. Criou laços afetivos com pessoas importantes, como o próprio Barão de Catas Altas e o Alferes Joaquim Martins de Oliveira. Com ele, Monlevade fizera uma parceria e dividiram a Fazenda Paciência, em Brumado. A esposa dele, Maria José de Souza Coutinho era parente de Clara Sophia e os casais tinham afinidade e se visitavam com frequência. Dessa fazenda, vinha

parte dos alimentos do Solar Monlevade. Já que, na região, a produção era limitada, já que as terras não eram tão férteis e produziam pouco.

Com a chegada dos dois filhos e a ampliação das atividades de sua forja, João Monlevade percebeu que era hora de ampliar seus domínios. A aquisição de mais escravizados para a sua potente fábrica de ferro demandava também uma fonte estável de sustento. Foi então que decidiu investir em novas terras, e assim comprou a Fazenda Serra, situada nos arredores de Tombos do Carangola, após conhecer a região numa viagem. A escolha não fora casual: além da posição estratégica, o vasto território da fazenda permitia um modelo de exploração mais amplo, unindo a produção alimentar ao comércio agrícola.

A Fazenda Serra era diferente das propriedades menores do entorno. Seus campos largos e férteis eram ideais para o cultivo de cana-de-açúcar e também café. Além disso, havia a criação de gado e produção de mantimentos que abasteciam não só os trabalhadores da fazenda, mas também os da fábrica de ferro.

Metódico, João Monlevade tinha o controle absoluto de suas duas propriedades, e isso incluía a formação direta dos cativos que possuía. Não lhe bastava apenas a força de braços. Ele exigia disciplina e eficiência moldada ao seu modo. Era ele mesmo quem observava os jovens recém-chegados, testava suas resistências, e decidia, conforme o temperamento e a destreza, onde cada um seria melhor aproveitado.

Entre as suas duas principais propriedades, o francês organizava uma espécie de rotatividade estratégica dos cativos. A fazenda Serra, de vastas plantações e pastagens, era o campo inicial de formação. Ali os escravizados, geralmente mais jovens, trabalhavam sob o sol forte nas lavouras, cuidando do gado e da manutenção da terra. Era trabalho bruto, que exigia vigor físico, mas também o aprendizado do ritmo da natureza e das ordens do feitor.

Quando atingiam por volta dos trinta anos, muitos desses homens e mulheres eram então transferidos, junto com suas famílias, para a fazenda Monlevade, onde as exigências mudavam. Na propriedade junto à fábrica, o serviço se tornava mais técnico: ali estavam os carvoeiros que alimentavam os fornos da forja, os tropeiros que levavam as cargas pelas trilhas e os ferreiros treinados para o trabalho com o ferro.

E Monlevade, ainda que senhor de escravos, via alguma utilidade em manter certa organização social entre os cativos. Permitia os casamentos e estimulava a formação de núcleos familiares estáveis em suas terras. Para a esposa Clara Sophia, ele dizia que um homem com mulher e filhos dava resultado, já que os vínculos familiares ajudavam a manter a ordem e a continuidade da produção.

João Monlevade via seu mundo ordenado como uma engrenagem, girando sob sua vontade, sustentado pela força dos braços cativos que ele próprio moldava, como moldava o ferro incandescente nas entranhas de sua forja.

E ele queria o mesmo destino para o filho João Pascoal. Muito tempo se passou desde aquela tarde em que o menino João saiu para pescar com o seu pai e ouviu dele:

— Você vai virar homem e irá tomar conta de tudo isso para mim.

A frase ecoava no pensamento do agora jovem João Pascoal e ele estava decidido a seguir os passos do pai. Principalmente, porque estava apaixonado pela sua prima Mariana Paes Leme, que vivia no Rio de Janeiro. A primeira vez que a viu, teve uma sensação arrebatadora. Seu coração bateu tanto que ele pensou em voz alta:

— Vai explodir.

Nessa hora, a moça perguntou:

— O quê?

E ele, na maior naturalidade, afirmou:

— Meu coração!

Ela riu, mas ele acabou beijando-a, de maneira ousada demais. Ela se assustou, pensou em fugir, mas estava também repleta de encantos pelo rapaz. Não demorou muito e o casamento aconteceu. Eles vieram morar no Solar de Monlevade, onde ele já começava junto do pai, a tomar conta da fabricação do ferro.

O casamento ocorreu no Rio. O pai da noiva, Pedro Dias Paes Leme era camareiro do imperador Dom Pedro II e ofereceu uma festa para oitocentos convidados. A expectativa maior era que o Imperador aparecesse. Todos os convidados estavam ansiosos da presença do monarca. Mas ele não apareceu, pois estava em viagem para a Europa. No entanto,

não deixou de mandar um representante e um presente luxuoso: um conjunto de copos de cristal indiano, que tirou suspiros da noiva.

Mariana Paes Leme fora educada pelos melhores mestres e falava bem o francês e o italiano. Tinha gestos suaves e tratava as pessoas com uma delicadeza absurda, que levou a sua cunhada Mariana Sofia, a dizer:

— Ela deve achar que as pessoas se quebram fácil.

Assim que se mudou para o Solar do sogro, encantara-se deveras pela quantidade de árvores do pomar e pelas belezas dos jardins em torno da casa grande. Ali, ela matava as saudades do Jardim Botânico que ficara para trás, assim como todos os anos de sua infância.

Enquanto isso, João Pascoal e Monlevade cuidavam da fábrica com zelo. Pai e filho, juntos, faziam questão de conferir as primeiras peças fabricadas e vistoriavam os procedimentos com olhos exigentes. O francês não deixava que falhas ocorressem e prejudicassem o produto final.

— João, meu filho! Esta fábrica é fruto de um sonho antigo, que tive muito antes de vir para o Brasil. Ela era o meu destino.

— Meu pai, essa história eu conheço bem. E por isso, estou a seu lado, aprendendo a cuidar de tudo.

— Isto tudo, mon petit, um dia, será seu. Por isso, trate de aprender tudo.

Mas embora se esforçasse, João Pascoal não tinha o talento e a sabedoria do pai. Ele aprendia o ofício, é verdade, mas não tinha tamanha vocação para fazer ferro assim

como o seu pai. E ele guardava isso dentro de si, para não chatear o velho Monlevade.

Dentro de casa, após o casamento do filho João, D. Clara e também a filha, Mariana Sofia poderiam dividir as tarefas do lar com a nora, Mariana Paes Leme. Mesmo com as escravidões, as três gostavam de deixar toda a casa com um toque especial, mais pessoal. E isso modificava a rotina do Solar.

De repente, a casa ganhara ainda mais vivacidade com a chegada do novo casal, levando D. Clara a pensar:

— Como é que apenas duas pessoas podem modificar tanto uma casa!

As duas Marianas tornaram-se grandes amigas e confidentes. Como eram praticamente da mesma idade, elas tinham muita coisa em comum além do nome. Apenas uma diferença imperava: Mariana Sofia era mais decidida e tinha a mesma força do pai. Era o que faltava na cunhada.

Foi numa tarde de domingo, com o sol filtrando-se em feixes dourados pelas venezianas do Solar, que Mariana Sofia fez a revelação que poderia mudar o rumo das coisas. Estavam na sala principal, e a jovem dedilhava suavemente o piano que o pai lhe dera de presente no último aniversário – um belo instrumento comprado do Alferes Joaquim amigo da família. O presente era um luxo para aquela época, mas a moça, que era afeita às artes, queria muito aprender a tocar o instrumento. O pai, que fazia as suas vontades, não mediu esforços para comprar o piano e surpreender a filha e a todos.

O verniz escuro do piano refletia, como espelho velado, a inquietude que a jovem Mariana Sofia guardava no peito. Os

acordes de uma melodia de Bach preenchiem o ambiente, alternando doçura e tensão, como se antecipassem o que viria.

A cunhada, sentada em uma poltrona próxima, folheava distraída um volume antigo de novelas francesas, quando Mariana interrompeu a execução, deixando as últimas notas suspensas no ar. Então, com a voz trêmula, mas firme, Mariana disse:

— Eu vou fugir. Com ele. Já está decidido.

A cunhada ergueu os olhos, primeiro com incredulidade, depois com algo mais próximo do espanto.

— Fugir? Com quem?

Mariana desviou o olhar, seus dedos ainda repousando sobre as teclas brancas e negras, como se buscassem coragem nelas. Aquela era a primeira vez que punha em palavras o sentimento que há meses lhe corroía o silêncio. Ninguém, até então, sabia. Era o segredo mais bem guardado de seu coração. Agora, ali, com o coração pulsando mais alto que a própria música, ela dividia aquele segredo com alguém. E ao fazer isso, tornava-o real.

Foi então que contou para a cunhada que conheceu o moço quando passeava em São Miguel, na Festa do Jubileu do Bom Jesus. Chamava-se João Batista Viana Drummond, tinha 18 anos, morava em São José da Lagoa e estava de mudança para o Rio de Janeiro. Mariana apaixonara-se por ele. E ele não tirou os olhos dela durante a missa. Os dois seguiam na procissão. Ele, na fila dos homens, ela, na das mulheres, acompanhada da mãe e da cunhada. Mesmo assim, o rapaz a olhava insistentemente, fazendo com que ela lesse em seus lábios:

— Quero falar com a senhorita depois.

A moça ficou com aquela imagem na cabeça. Endoideceu. A partir desta hora, não mais conseguiu prestar atenção à missa. Encontraram-se atrás da Matriz de São Miguel, num momento de distração de D. Clara.

João Batista era bonito. Tinha os cabelos pretos, os olhos escuros e uma voz aveludada, forte. Contou à Mariana que já a tinha visto em outras ocasiões nas ruas de São Miguel. Ele era comerciante, nascido em São José da Lagoa e gostara dela. Verdadeiramente.

Logo, procurou saber quem era ela e não teve dificuldades para descobrir que ela era filha do Sr. Monlevade. João Batista veio algumas vezes até o Solar, na tentativa de falar com a moça. Mas não conseguira. Decidiu esperar a ocasião certa para dizer à jovem o quanto ela era especial para ele.

Desde o primeiro encontro, Mariana Sofia e João Batista souberam que não poderiam ser vistos juntos. Ela, filha do senhor Monlevade um dos mais influentes fabricmtnates de ferro de Minas Gerais. Ele, rapaz de ideias inquietas, filho de um comerciante de tecidos e mantimentos, sonhador confesso, com os olhos voltados para o futuro, mas sem terras ou posses. Era uma paixão delicada e perigosa.

Sabendo que jamais teriam aprovação do senhor Monlevade, os dois entregaram-se ao que podiam: encontros às escondidas, palavras sussurradas na pressa e promessas trocadas entre olhares. João Batista Drumond, com sua vocação para as letras, tornara-se mestre de um amor epistolar. Escrevia-lhe longas cartas em papel rústico, onde mis-

turava versos próprios com trechos de Victor Hugo, Goethe e autores franceses. Às vezes, eram declarações ardentes; noutras, relatos de sonhos e planos com ela.

As cartas eram entregues com o risco constante da punição. O intermediário era Tobias, um escravizado da casa de João Batista, rapaz silencioso, de confiança, que passava os bilhetes escondidos. Mariana lia cada linha com o coração em chamas, sozinha no jardim ao cair da tarde ou trancada em seu quarto, enquanto o resto da casa dormia.

Os encontros eram poucos, mas sempre apaixonantes. Às vezes, se viam no caminho que ligava o Solar Monlevade a São Miguel, embaixo de uma jaqueira, numa curva do rio Piracicaba. Ali, longe dos olhos do mundo, viviam breves instantes de eternidade: ele a tomava pelas mãos e lhe falava sobre liberdade, sobre o futuro, sobre escrever o próprio destino e ela, com o coração acelerado, ouvia como quem acredita na força de cada palavra.

Mariana Sofia, em sua inocência de moça bem-nascida, sentia-se como as heroínas das novelas que tanto lia. Só que ali, sua história era real, e o perigo também. O medo do pai, a rigidez das normas sociais, a ameaça do escândalo, tudo isso a cercava. Mas ainda assim, preferia o risco à indiferença. João Batista era a sua chama e, como toda chama, podia tanto iluminar quanto destruir.

Nos encontros, entre beijos apressados e mãos entrelaçadas, selavam um pacto que só o tempo e o destino saberiam cumprir: amar, mesmo que à revelia do mundo. Até que numa tarde, João contou a ela que estava de partida

para o Rio de Janeiro, onde pretendia ganhar a vida como jornalista.

— Queres fugir comigo?

A pergunta dele soou forte nos ouvidos da moça. Ela jamais imaginara que pudesse ouvir tamanha ousadia. Corou. Não respondeu, quis fugir de medo. Mas suas pernas estavam bambas, seu fôlego faltava-lhe. Acuada, pelas aquelas palavras, não conseguiu resistir quando ele chegou perto e beijou-lhe os lábios com uma ternura e paixão profundas. O beijo furtivo, a deixou estarrecida. Eles se despediram, mas antes disse que esperava uma resposta dela.

A cunhada Mariana ouviu a história, mas não conseguiu dizer uma palavra sequer. Incrédula. Será que a irmã de seu marido teria coragem de largar tudo e ir embora com um desconhecido?

— Não conte isso a ninguém. Mas vou fugir com ele. — Disse.

— Terás coragem? Por que não pede a ele para falar com o teu pai? — Questionou a outra tentando encontrar uma maneira fácil de resolver toda aquela situação.

— De que jeito? Papai quer me casar com um parente dele da França.

Foi então que Mariana Sofia contou a promessa feita por Monlevade no dia em que ela nasceu. Ela cresceu ouvindo aquela história e discordava. Não aceitava. Afinal, por que alguém tem que pagar a promessa feita por outra pessoa?

Talvez por isso, Jean Monlevade gostava tanto da filha. Por ela, ele tinha um carinho especial e cuidava para que

todos os seus desejos fossem realizados. Ele atenderia qualquer um. Menos aquele para quebrar o prometido de anos passados.

D. Clara apoiava o marido nessa decisão. Religiosa e devota de Nossa Senhora da Conceição, ela acreditava que Deus era maior que tudo e o que foi prometido a ele, deveria ser cumprido a qualquer custo. Mesmo que isso custasse a felicidade da filha.

Mas Mariana Sofia estava disposta a fugir para viver aquele amor proibido. Seria feliz. Depois que estivesse bem, daria notícias de seu paradeiro. Tudo se resolveria assim.

João Batista sabia que Monlevade não aprovaria o romance. Ele, na certa, não gostaria que a caçula se casasse com um reles comerciante, de origem pobre. Para viver o seu amor, teria que fugir com ela e para uma nova vida longe dali.

Então, ele elaborou um plano e o enviou através do seu fiel mensageiro Tobias. Ele sabia que a moça era leitora de Shakeaspeare e enviou um livro de poemas de presente. Dentro, havia uma carta com todo o combinado.

No dia e hora marcados, ela deveria estar pronta assim que anoitecesse. No início da madrugada, Mariana se encontraria com ele na ponte sobre o Piracicaba, abaixo dos olhos do seu pai e dos agregados da fazenda. Dali partiriam para a felicidade.

Mariana Sofia, contou os planos à cunhada. Como confidente, ela deveria saber explicar a todos as razões da fuga, dizendo que partira a caminho da felicidade.

Só que Mariana Paes Leme de Monlevade ficou tão impressionada com aquela história, que não segurou o segredo na boca. Antes de dormir ela ficava andando de um lado para outro no quarto e acabou contando tudo ao marido. Ele perguntou a ela o motivo de tanta ansiedade.

— Não vens deitar? Faz tempo que tu não saís dessa janela. O que passa?

— Nada, meu bem. Nada.

Mas João Pascoal não era tolo e percebeu que a mulher lhe escondia algo. Havia algum segredo. Pressionou-a:

— O que está havendo? Tua cara não me engana...

— Nada, não é nada. Estou com calor, é isso. Mas vou deitar-me agora.

— Não me esconda nada, Mariana. Eu te conheço.

Então Mariana entregou, com a voz hesitante e o coração apertado, o plano de fuga da cunhada. Disse tudo: o encontro marcado à beira da ponte, o rapaz que a esperaria à luz da lua cheia, as cartas, os poemas, até os nomes dos escravizados que serviam de intermediários.

João Pascoal ouviu tudo em silêncio. Sua expressão era uma mistura de fúria, incredulidade e uma pontada de vergonha. Irmã dele, filha de Monlevade, fugir com um rapaz sem origem, nem fortuna, sem o nome que lhe garantisse honra? Jamais deixaria. Na mesma hora, foi até o quarto dos pais.

João respirou fundo, tentando conter a urgência que lhe queimava o rosto.

— É Mariana, pai. Ela pretende fugir. Com um rapaz. Amanhã, ou na próxima noite de lua cheia. Vão se encontrar

na ponte dos tropeiros. Já está tudo planejado. A não ser que o senhor a impeça.

O velho Monlevade demorou alguns segundos para reagir. Primeiro baixou o livro sobre a mesa ao lado, depois ergueu-se com lentidão, como se cada movimento contivesse uma força prestes a explodir. Os olhos, outrora cansados, tornaram-se pedras. Um silêncio gélido tomou o aposento.

— Fugir? — repetiu, com a voz grave como trovão abafado. — E você tem certeza disso?

João assentiu com a cabeça, tenso.

— Ela o conheceu em São Miguel. Um moço qualquer, filho de um comerciante. Sonha em ser jornalista. Enviava-lhe cartas por meio de um escravizado. Estavam jurando amor como se fossem personagens de folhetins...

Monlevade permaneceu um instante imóvel, como se calculasse todas as variáveis num jogo perigoso. Não havia apenas o temor da desonra familiar. Havia o orgulho. A autoridade. A ideia de que ninguém, muito menos uma filha sua sairia pelas portas do Solar como um escravizado fugitivo.

— Pois que se ponha fim a isso imediatamente — disse, por fim, num tom que não admitia réplica. Ela não irá a lugar nenhum. E quanto ao rapaz... ele vai entender que certos sonhos, neste mundo, têm um preço que ele não pode pagar. O pai e o filho se encararam por um instante. O destino de Mariana, que até então estava nas mãos da paixão, seria corrigido.

Clara Sophia também ouviu a história foi correndo aos aposentos da filha. A porta estava trancada. A mãe bateu

e chamou. Ela não respondeu. Estava terminando de escrever uma carta de despedida quando foi surpreendida pelo chamado inesperado.

Pensou em pular a janela do Solar e se esconder no mato até a hora do encontro. Tarde demais. Viu o feitor Jacinto junto de seu irmão rondando a casa com candeeiros nas mãos, como se procurassem alguém.

— Meu Deus! Descobriram tudo. Estou perdida.

Na mesma hora, sentiu o gosto da traição entupir-lhe as veias. Mariana, sua cunhada fora capaz de entregá-la! À porta, a mãe não parava de bater:

— Mariana minha filha, abra para tua mãe.

Ela não teria coragem de encará-la. O que diria para os pais agora? O que João Batista pensaria dela? Não tinha mais tempo. Era o fim do seu conto de fadas.

Abriu a porta e tentou fingir naturalidade. Clara estava uma fera. Estapeou o rosto da filha e gritou:

— Eu não criei filha para fugir e abandonar os pais. Ingrata.

Mariana caiu em prantos e nada disse. Chorou em silêncio, de vergonha e frustração, enquanto a mãe não parava de xingar. O sermão durou até quase o amanhecer, hora em que João Batista deveria encontrá-la. Clara Sophia só se calou quando Monlevade, depois de ter vistoriado os arredores da Fazenda sem ter encontrado nada, voltou.

Ele entrou no quarto da filha e não fez perguntas de espécie alguma. Apenas avisou:

— Tu vais te casar com meu sobrinho, teu primo Félix Antoine Isidoro de Saint-Edme, que está no Brasil. Está de-

cido. E cerrou a porta antes de mandar todos que estavam nos corredores da casa para os seus aposentos. Aquela noite tumultuada deveria ter um fim.

Mariana nunca soube, mas João Batista esperou por ela até os primeiros raios de sol, atrasando sua viagem ao Rio. Ele só partiu, porque ouviu dois escravizados que estavam a caminho de São Miguel contando o que ocorreu na Casa Grande. Era o fim do seu amor, agora inútil.

XIV

Os últimos acontecimentos no Solar fizeram com que Clara não saísse mais de perto da filha Mariana, enquanto preparavam o casamento. O sobrinho de Monlevade, era o tipo de jovem que não passava despercebido nos salões ou nas conversas à sombra das varandas coloniais. Viera da França a pouco e adaptara-se com espantosa naturalidade aos costumes brasileiros.

Em pouco tempo, falava um português fluente e elegante, de entonação quase nativa, e já se aventurava no inglês com um domínio que surpreendia até os que haviam estudado fora. Educado, refinado e de modos discretamente encantadores, Saint-Edme logo se tornara presença desejada nas rodas de conversa das famílias influentes.

As mães viam nele o genro ideal: culto, gentil, bem relacionado, sobrinho de Monlevade e com um futuro promissor. As moças, por sua vez, sonhavam em ser escolhidas por aquele jovem de sorriso comedido, sempre impecavelmente vestido, que parecia reunir o melhor do Velho Mundo com o charme da nova terra.

Seu nome, quando pronunciado, vinha quase sempre seguido de suspiros, comentários entredentes e conjecturas matrimoniais. Mas o destino o uniu à sua prima. Seu casamento, anunciado sem aviso prévio, surpreendeu a muitos e decepcionou as várias famílias que já contavam com sua mão para selar alianças vantajosas. Mas Mariana Sofia, com o coração partido, não estava apaixonada e, sem querer aquele futuro para si, foi obrigada a se casar com o primo.

Até o dia do casamento, marcado para o dia 13 de abril de 1847, a jovem Mariana não perdoou a cunhada. As duas que eram quase irmãs, deixaram de se falar. Quando Mariana Paes entrava na sala, Mariana Sofia saía. Nunca mais voltaram a ter a amizade de antes.

O rapaz por mais gentil que fosse, não conseguiu arrancar do peito de Mariana Sofia aquela saudade de seu João Batista. Pensou que era o seu destino carregar a dor amor irrealizado, até o fim dos seus dias. Mas ela não sabia que o tempo é sempre o senhor da razão e cura todas as feridas.

A cerimônia de matrimônio ocorreu na igreja de São Miguel e foi realizado pelo vigário João Pinto da Cruz. Mariana e Saint-Edme, com tempo, foram construindo a vida a dois. Ela compreendeu que de nada adiantaria seguir de mal com

a vida por conta de uma paixão juvenil. Assim, com o tempo que tudo cura e traz transformações, o que pareceria improvável, tornou-se um belo relacionamento.

Não demorou e Mariana anunciou a gravidez. A família Monlevade ficou em festa com a chegada de Fernando Alvarez François de Monlevade. O parto, correu bem, mas Mariana ficou doente pós o nascimento do filho, necessitando de muita atenção e cuidado. O marido, Saint-Edme, tinha planos de mudar para a França, mas a viagem foi adiada para o ano seguinte, após a plena recuperação de Mariana.

Com a chegada do filho e o casamento que se estabelecia, ela nem poderia imaginar que anos depois, João Batista Vianna Drummond se tornaria, no rio, o Barão de Drummond no Rio de Janeiro, um dos homens mais importantes para a história da ferrovia brasileira, para a abolição da escravidão, além de ser o inventor do jogo do bicho no Brasil.

Monlevade e Clara estavam felizes por terem conseguido cumprir a promessa. Enfim, a filha estava casada e de volta à França. O que não imaginavam é que eles nunca mais a veriam. Anos mais tarde, ela morreria em virtude de complicações no parto da segunda filha.

A vida no Solar, ao lado do filho, da nora e dos netos, mas longe da caçula, seria muito diferente. Sua voz firme, seu olhar macio e seu jeito carinhoso de tratar o pai acabaria deixando um vazio no peito do velho Monlevade. Uma dor que ele disfarçava, mas que era só dele e de mais ninguém.

João Monlevade estava se sentindo velho, pesado, apesar de estar apenas com 58 anos. Era uma sensação estranha e

nova, que lhe tirava o sono e o deixava meio triste às vezes. Clara o consolava, dizendo que isso eram coisas da idade.

— Você deve deixar João Pascoal levar adiante a fábrica. Deve descansar agora.

Ele contestava. Assegurava que ainda tinha vigor e força suficientes para tocar a fábrica de ferro como no início de tudo. Não era homem de abandonar o barco ainda no meio da jornada.

— Mas você está se cansando muito, anda reclamando demais...

Monlevade não respondeu. Levantou-se, selou o cavalo e foi campear nos arredores do Solar. Sempre que precisava arejar o pensamento, agia assim, cavalgando pelas estradas que mandara abrir. Sozinho, na sela da montaria colocava em ordem os seus demônios interiores.

Não queria confessar à esposa que sentia falta da filha. Apesar de João Pascoal estar sempre a seu lado, apesar dele ser o herdeiro nato, ele tinha um carinho especial por Mariana Sofia. Principalmente, por ver nela, um espelho do que fora um dia: Audaz e sonhadora.

Depois de muitos anos, ele voltou a sentir saudades da sua terra. Estava no Brasil há três décadas e nunca mais voltara para lá. Teria ele agora coragem de atravessar o oceano novamente? Agora, pelo menos, os navios movidos a vapor diminuía o tempo de viagem. Talvez fosse interessante regressar à pátria querida, visitar a filha, reencontrar-se com Thierry.... Pensou em vender a fábrica e deixar para sempre aquele Brasil que o acolhera bem e viver o resto de seus dias na França.

Ele recordou-se da história de Ulisses, que deixou sua amada ilha de Itaca para se aventurar pelos oceanos ao redor do mundo durante vinte anos antes de regressar definitivamente. Estaria ele vivendo uma espécie de odisséia também?

Voltou à casa e antes de falar com a mulher e com o filho, trancou-se no escritório e redigiu um longo documento de proposta de venda da sua fábrica de ferro para o Governo da Província.

Na carta, oferecia a fábrica e o Solar, além da mão de obra dos mais de 150 escravizados que possuía, para que ali se implantasse uma escola de engenharia, destinada ao ensino da metalurgia do ferro. Antes de enviar a missiva, reuniu a esposa, o filho e a nora na sala para o veredito:

— Vamos para a França.

A mulher olhou para o marido incrédula:

— França? Morar na França?

— Sim, respondeu ele. Aqui está uma proposta de venda destas terras e desta Fábrica para o Governo. Se eles aceitarem, Minas Gerais terá uma excelente Escola Normal de Engenharia e Metalurgia. Há tudo quanto necessário para a formação de novos engenheiros. Além do mais, Mariana está lá. Ficaremos todos juntos de novo.

O filho nada disse. Sabia que a vontade do pai sempre fora soberana e respeitada. Apesar de ter sido estudado para tocar os negócios na ausência do pai, ele não poderia descumprir um desejo dele. Se assim ele queria, assim iria ser:

— O senhor meu pai sempre tomou as decisões certas. Assino embaixo.

Monlevade ficou com a sensação de missão cumprida. Saiu para o pátio da casa e observou o movimento dos trabalhadores escravizados àquela hora do dia. Fizera um bom trabalho. Ele sabia que ultrapassara todas as suas expectativas ao vir para o Brasil, edificado o sonho de aprofundar os estudos. Nunca pensou que chegaria aonde chegou.

Lembrou-se do sonho que tivera anos atrás, quando se viu produzindo ferro, crescendo assustadoramente, até que ficava preso por sua própria grandeza. Compreendia agora aquilo tudo muito bem. Lembrou-se de Quincas, o tropeiro e primeiro amigo no Brasil que falava para nunca duvidar das forças dos nossos sonhos. Ele estava certo.

Além disso, tinha vivido muito ali. Fizera amigos importantes, como o Barão de Eschwege e o Barão de Catas Altas, ambos agora mortos. Ele sobrevivera. Estava firme e tinha outros propósitos ainda. Quem sabe, não poderia ministrar aulas na França? Quem sabe publicar um livro com suas memórias, como fizera Saint-Hilaire, o viajante compatriota com quem cruzou um dia na fazenda Itajuru?

Postou a carta para Vila Rica e ficou aguardando resposta. Enquanto ela não vinha, não deixou o trabalho de lado e nem desleixou com a sua produção. Continuava fazendo ferro vorazmente, dando melhor que podia sempre. Era como se a oportunidade de regresso o deixasse ainda com mais vontade de produzir, superando as 30 arrobas derretidas diariamente.

A esposa Clara e o filho João nunca viram João Monlevade daquele jeito. Parecia elétrico, afoito, ávido por novidades. Devorava jornais que recebia da França e da Europa. Escrevia artigos e fazia resumos sobre a produção. Voltou a desenhar, como fizera seu autorretrato na chegada ao Brasil, agora, fizera um novo, dele mais envelhecido.

Mas apesar dos quase 60 anos, o vigor retornara. Ele apressava os escravizados e ensinava outros tantos a trabalharem também. Sentia que precisava deixar um legado. Não apenas aquele patrimônio que edificara, mas algo que ficasse na história daquele lugar, mesmo depois que ele partisse. Recordou aquele dia em Congonhas quando viu os profetas de Aleijadinho e disse para o universo: Eu quero!

Três anos se passaram rápido e a resposta do governo ainda não viera. Em 1850, a fábrica continuava produzindo assustadoramente. Ele tinha, ao longo do tempo, ensinado a arte do ferro a duas gerações de escravizados. Isso já trazia resultados: O ferro feito ali tinha extrema qualidade. As minas de Morro Velho e a companhia inglesa, que comprara o Gongo Soco, eram as principais consumidoras de seus trituradores. Seus carretões sempre estavam em viagem com as peças para grande parte de Minas Gerais. Como as empresas também cresciam, sua produção também aumentava a cada dia.

Numa noite de calor, acordou sem sono. Abriu a janela do quarto e pôs-se a olhar a escuridão do pátio lá embaixo. A fábrica, àquela hora parada, promovia o mesmo silêncio terrível de anos passados. Monlevade sentiu orgulho da vida que levava àquele canto de terra.

Recordou-se do dia em que cavalgou ali pela primeira vez, ao lado do Capitão Antônio, pai do seu amigo, que o recebera em Itajuru. Lembrou-se da travessia das máquinas, Rio Doce acima. Recordou-se das primeiras encomendas à fábrica de Monlevade. Lembrou-se dos filhos nascidos ali e toda a sua criação daquele lugar.

Um sentimento diferente tomou conta dele. Estava orgulhoso de sua obra e de tudo o que fizera até então. Insone, foi para a biblioteca e, para distrair-se, abriu um jornal recém-chegado da Europa. As notícias que vinham da França eram inquietantes. Ali, ficara sabendo que a monarquia, conduzida por Luís Filipe, o “rei burguês”, enfrentava uma resistência de todos os lados: os legitimistas, nostálgicos da dinastia Bourbon, clamavam pela restauração da linhagem pura; os republicanos agitavam as ruas com panfletos e barricadas, sonhando com a queda de todos os tronos; e até os bonapartistas, fantasma ainda vivo do Império, alimentavam conspirações em nome de glórias passadas. Paris fervia e há décadas o país não encontrava mais repouso.

Monlevade permaneceu imóvel por longos minutos. Seu olhar perdia-se entre as serras que começavam a se iluminar com os primeiros raios do sol. Há muitos anos deixara a Europa em busca de um novo destino, e aos poucos, sem perceber, o Brasil o tomara por completo. Erguera suas fábricas, seu nome, seus filhos. Aqui, as coisas ainda obedeciam ao ritmo da vontade e do trabalho – e não aos gritos volúveis das ruas de Paris.

— Não — disse baixinho, como quem crava uma estaca no solo. — Não é mais a minha terra.

João Monlevade renunciou ao que restava de saudade. Não regressaria à França para morrer. Ficaria no Brasil, na América do Sul, a sua nova pátria.

— Não posso desistir assim — falou baixinho, em meio à escuridão da noite.

João Monlevade não era de abrir mão de seus sonhos e de seus projetos. Mas diante dos crescentes pedidos de produção para atender à necessidade do enorme mercado do ferro, além da falta de resposta do Governo da Província e dos conflitos na França, decidiu, então, ficar.

Como da primeira vez, reuniu a família na sala principal e anunciou:

— Ficaremos. Aqui edifiquei minha vida, aqui me fiz homem de verdade. Não abandonarei esta terra. Não deixarei para trás, o trabalho de uma vida. Vida forjada na labuta e na realização de um sonho.

D. Clara sem saber as razões, ficou emocionada e abraçou o marido. Via nele os mesmos traços de outrora e que a fizeram apaixonar. Estava vivo ainda. E Monlevade tinha a certeza disso.

Junto de João Pascoal, providenciou nova compra de maquinário na Europa. Agora, queria implantar um alto forno, para produzir ferro líquido e ampliar ainda mais a venda de seus produtos.

Mandou erguer um novo edifício de 240 palmos de comprimento, 104 de largura e 45 de altura. Nesse espaço, ficariam os equipamentos modernos que chegariam mais

rápido do que os primeiros. Estava vivo novamente. Aquela decisão de ficar fizera dele um novo homem. Clara e a nora Mariana admiravam a disposição do velho Monlevade:

— Parece o garoto que conheci anos atrás quando regressou das minas do Abaeté.

Monlevade ouviu o comentário e retribuiu:

— Não. Agora não conseguiria ficar tanto tempo longe da civilização como foi naquela vez. Mas hoje, eu garanto que tenho mais forças e experiência para continuar indo em frente.

Com energia surpreendente, trabalhava desde cedo até tarde da noite, enfrentando com sabedoria os problemas que iam surgindo no dia a dia. Mas alguns saíam de seu controle, como as fugas de escravizados. Alguns queriam ir para quilombos na região de São Domingos do Prata ou São José da Lagoa. Eles fugiam para outras fazendas da região, principalmente, para a Fazenda do Rochedo e pediam para ficar lá. Mas eram sempre devolvidos, após intervenção do alferes José Joaquim Gomes de Freitas, que sempre trazia o pedido para serem perdoados, o que quase sempre acontecia.

No fim do ano de 1853, Monlevade recebe uma carta do Governo da Província. Antes de abrir, pensa que se trata da resposta esperada há longos anos. Mas o assunto do documento era outro e surpreendeu o francês. Era um pedido do Presidente Francisco Diogo de Vasconcelos para que ele elaborasse um relatório completo das minas de minério, informando as condições de produção e o número de fábricas existentes naquela região. O francês chamou o filho e o encarregou de tomar conta de todos os serviços pendentes. Ele se ausentaria para atender àquele pedido do governo.

Durante dias, Monlevade escreveu tudo o que conhecia daquela região. Detalhadamente, contou que havia cinco principais cordilheiras de ferro em Minas e que existiam 85 forjas em plena atividade entre Ouro Preto e Itabira do Mato Dentro. O francês tinha total consciência de que o ferro produzido em Minas Gerais era muito superior ao produzido na Europa, apesar da arte da fabricação ser recente na Província. “Na Província de Minas, além de inúmeras camadas de mineral de ferro, mais ou menos extensas, existem cinco principais cordilheiras; e pode-se afirmar que uma só delas encerra mais ferro do que todas as da Europa reunidas...”.

Era verdade. Monlevade conhecia bem aquelas montanhas como poucos. Cavalgara por suas ladeiras, escavara suas entranhas, recolhera com as próprias mãos o minério bruto que cintilava sob o sol. Mandara analisar em laboratório, e os números confirmaram sua intuição: 76% de ferro puro, o mais rico que se conhecia. Era como se a terra gritasse sua vocação para o aço.

Relatou a paisagem, os aspectos culturais do povo. Desenhou mapas, localizando as principais vilas e fazendas e valorizou a localização da região. Ele sabia que se o governo ajudasse no escoamento dos produtos, poderia ampliar seus clientes e fazer crescer ainda mais os seus negócios. Portanto, além de descrever as estradas que ligaram o Solar a outras regiões de Minas, escreveu também falando da necessidade de uma estrada em linha reta para a Vila de Vitória, na Província do Espírito Santo.

Defendeu ainda a criação de uma escola de metalurgia para formar engenheiros e mão de obra. Aproveitou ainda a ocasião para pedir ao Governo que pagasse aos produtores

mineiros, os mesmos 25% de tributos que eram pagos pelo ferro estrangeiro, defendendo todos os produtores.

No documento, o engenheiro francês detalhou com precisão técnica a estrutura monumental que havia erguido com suor, cálculos e uma obstinação que muitos julgavam até mesmo insensata. Descrevia suas fábricas como verdadeiros centros produtivos que pulsavam com a força da água do ribeirão Carneirinhos. Ali, os martelos movidos a roda-d'água, os ventiladores de fole, os laminadores, as serras e os moinhos dançavam num balé de engrenagens e vapor, que fundia o passado colonial à promessa do progresso.

Fazia menção às estradas e pontes erguidas com recursos próprios, à circulação de carretões transportando para várias companhias mineradoras, as peças de ferro forjado por ele. Falava do trânsito constante de tropas e tropeiros, das encomendas que chegavam de várias vilas da Província e dos mercados consumidores que já se esboçavam, sedentos por ferramentas, estruturas de mina e maquinaria.

Ainda contou detalhes de seus 200 escravizados ferreiros, treinados por ele, além dos processos adotados para ampliação da capacidade de sua produção e descreveu a forma de organização do seu trabalho.

Enquanto produzia o longo relatório, Monlevade nutria a íntima convicção de que o governo, mais do que respeitá-lo, admirava-o em silêncio, como se sua experiência e seus conhecimentos, forjados entre os fornos e as serras de Minas, fossem patrimônio vivo da própria Província.

Talvez por isso jamais lhe ofereceram preço pelas terras que ocupava. Não queriam vê-lo partir. Sabiam, ainda que sem dizer, que sua ausência deixaria um vazio difícil de preencher entre os homens e as máquinas, entre o minério bruto e o engenho da transformação. Era útil demais para ser dispensado, e também, em certo sentido, enraizado demais para ser movido. Porque aquela terra, aquele chão áspero e secreto, iluminado por metais e espantos não era apenas matéria de seu ofício: era também sua pátria adotiva. Minas o moldara tanto quanto ele a moldava. E no silêncio do poder, talvez houvesse uma súplica para que ficasse e levasse adiante todo o seu legado. Enviou o documento no dia 12 de dezembro daquele ano, certo de sua grande contribuição para o desenvolvimento e o progresso mineiro.

XV

Em vez dos amanheceres alaranjados que iluminavam o céu, rasgando as montanhas com a força do sol, aquele ano de 1872 viera com manhãs mais nubladas do que de costume. Deitado ao lado de D. Clara, Jean de Monlevade demorou para se levantar. Estava com mais preguiça do que o normal. Na fábrica, as rodas d'água que tinham força para mover o mundo, continuavam com a sua obstinação: produzir ferro. Eram exatamente aqueles sons, que sempre o motivaram por toda a vida, que agora o deixavam com uma moleza no corpo, com vontade de descansar até mais tarde.

Tossiu. Virou-se para Clara e perguntou:

— Clara, estás dormindo?

Ainda de olhos fechados, ela respondeu com a voz arranhada dos que acabam de despertar:

— Agora não estou mais, João.

— Que dia é hoje, Clara?

— Dia 14 de dezembro.

— E da semana, Clara. Hoje é que dia da semana?

Ela, entre bocejos, respondeu:

— Quarta-feira.

— Eu já te falei, Clara, que cheguei aqui numa manhã azul de uma quarta-feira de maio?

— Já. A vida toda, você me falou isso, João.

— Eu gosto de lembrar-me daquele dia, em que desci pela primeira vez no Brasil, junto de Thierry, Clara.

— Eu sei que você gosta... Vive sempre falando isso mesmo.

— Clara, eu sinto uma saudade de Mariana, Clara. Por que ela nos abandonou?

— Não sei João. Eu também sofro ao pensar que nenhum filho poderia morrer antes dos seus pais. E não só os filhos. Os irmãos não poderiam sepultar irmãos.

— Pois é. Eu passei esses anos sentindo a falta de nossa filha, mas eu sabia que ela vivia na França. Depois da morte dela, foi como se tivessem arrancado uma parte de mim. Um braço, um pé, um pedaço do coração, Clara.

D. Clara se virou para o marido e viu que ele chorava. Secou-lhe as lágrimas e tentou consolá-lo:

— Deus sabe o que faz João. Só ele sabe. É muito triste perder a quem amamos. Nossa filha se foi, longe de nós. Silente e distante como uma estrela que se apaga. É o preço que se paga pela vida longa. Não recordas o quanto sofri na-

quele, 16 de setembro do ano passado, quando enterramos a Senhorinha da Silva? Ela que não era simples escravizada de companhia, mas quase uma irmã...

Antes que ele falasse mais alguma coisa, a nora Mariana bateu à porta, chamando-os para o café.

— Estamos a caminho. — D. Clara respondeu.

Em quase todas as manhãs, eles tinham aquela conversa. O marido sentia saudades da filha que morrera longe, na França e chorava em silêncio. D. Clara quase sempre era quem o consolava e o animava a descer para o café com a nora, com o filho João Pascoal e com os netos João e Francisco.

Após alimentar-se com seu prato de mingau de aveia e bananas amassadas, só então, Monlevade animava-se. Ao lado do filho ia percorrer a fábrica e chamava pelo nome, os netos dos antigos escravizados ferreiros que ele mesmo ensinou a trabalhar. Depois, ele voltava para a Casa Grande, onde ainda computava algumas vendas e analisava transações. Sentia-se satisfeito por conseguir ainda conferir de perto tudo o que fabricava.

Mas, nessa época, estava cansado, estava doente.

Sentado na cadeira de vime da varanda olhava tudo ao redor. Era mesmo um encanto ter chegado até onde chegou. Passara mais da metade de sua vida naquele pedaço de chão e ali encerrava os seus dias. Apesar de não confessar aos parentes, sobretudo à esposa, sabia que seu tempo expirava a cada segundo, a cada tosse.

João Antônio Félix Dissandes de Monlevade não era o mesmo Jean Antoine Felix Dissandes de Monlevade que deixou a França aos 28 anos de idade para viver uma aventura

acadêmica e curar os males que acometem só os que têm sede e fome de conhecimento. Era, agora, um homem realizado e que tinha a certeza de que em breve, iria morrer. Vivía os dias com a certeza de que estava pronto. Mas feliz por isso.

Com o passar dos anos e da vida, fora deixando, aos poucos, de ser um francês para tornar-se brasileiro. Tinha tantas memórias profundas sobre o povo e sobre a terra. Tinha direitos de lembrar e de contar as histórias pelas quais passou, viu e ouviu. Como Fortimbras de Hamlet, poderia recontar tudo o que vivera até então, como quem acorda de um sonho e pode dizer aos companheiros de casa, o quão real pareciam aquelas coisas todas que se passaram enquanto dormiam. O que era mesmo real? O que era mesmo um sonho?

D. Clara ficava de longe observando o marido. Naquele dia, ele estava mais calado e mais quieto do que nunca. A impressão era a de que ele não estava mais ali, olhando fixamente para a sua fábrica de ferro, sem saber se o que via eram reflexos do passado ou alguma luminosidade do futuro.

Foi se aproximando devagar. Sentou-se ao lado dele e tentou vislumbrar a mesma coisa. Ele sorria para a fábrica. Não tinha nada à sua frente que fosse engraçado, mas ele sorria.

— Estás rindo de quê?

Não houve resposta.

— Anda, João! Estás rindo de quê?

— Eu rio, Clara, da passagem do tempo. Só ela revela os

segredos do mundo. Só a passagem do tempo é capaz de ensinar, de apontar caminhos, de dizer quem está certo ou não, de mostrar a verdade, Clara.

— Entendo o que estás falando. — respondeu a mulher.

E ele continuou:

— Se eu não tivesse casado Mariana com meu sobrinho talvez ela ainda estivesse aqui. Se nós a deixássemos fugir, quem sabe ela não estaria mais feliz?

— Não digas nada, deixe de bobagem, homem.

D. Clara Sophia não gostava daqueles assuntos. A filha morrera alguns anos após o nascimento do segundo filho. Não houve médico que curasse aquele mal e ela acabou deixando Joana e Fernando órfãos.

Os netos vieram ao Brasil com o pai, Saint-Edme, mas logo regressaram à Europa para estudar. O sobrinho de Monlevade, casou-se novamente. Dessa vez, com Rita de Oliveira, uma parenta de Clara Sophia, sua ex-sogra.

Monlevade não se conformara com a morte da sua filha caçula. Queria que o tempo lhe dissesse se fora ele quem errara. Mas as respostas não vinham. Apesar de tudo o que edificara, apesar de toda aquela existência maciça, ainda havia o questionamento a perturbar lhe: e se ela tivesse fugido com João Batista?

O sol começara a surgir lentamente por entre as nuvens. A manhã já ia alta e era quase hora do almoço. O céu, apesar do calor de dezembro, não dava notícias de chuvas, mesmo com o tempo acinzentado.

— Há no ar uma cor de chumbo. — Disse Monlevade para a mulher.

Ela não disse nada.

— Acho que o tempo está mesmo pesado — concluiu.

Clara Sophia sabia que o marido queria dizer alguma coisa. De uns anos para cá, estava agindo assim: sempre que queria dizer algo mais profundo, falava primeiro de coisas comuns, como o tempo ou a chuva. Ela ficou esperando.

— Quero ser enterrado, Clara, junto dos meus escravizados. E quero, que quando tu partires, que fiques lá comigo.

Ela estranhou aquele pedido, já que ele poderia ser enterrado em qualquer igreja da região. Mas antes que perguntasse qualquer coisa, ele sentenciou:

— Eu também sou filho desta terra. Sou como o minério que brota dela, sou como o Piracicaba que corre logo ali. Não posso voltar para a França, não posso ir para outro lugar que não seja esse. Aqui, Clara, eu permanecerei para sempre. Minha memória viverá por aqui. E sobre ela, outros homens como eu, abençoados por Deus, edificarão grandiosidades. Assim, será.

A mulher concordou com um sorriso terno. Passou a mão pelos cabelos brancos do marido e beijou-lhe a testa. Ela também tinha essa impressão. João Monlevade ficaria eternamente vivo enterrado no solo que desbravou, misturado ao minério que tanto ferro forjou, unido ao pó que brilhava desde os sonhos nas noites da França.

Ainda naquela manhã do dia 14 de dezembro de 1872 que nasceu sem sol, o francês Jean de Monlevade cerrou os olhos, sentindo o corpo, tão pesado de metais e espantos, tornar-se leve aos poucos, como se embarcasse num ador-

mecer sem volta, apesar de continuar escutando os barulhos da sua fábrica de ferro, que não deixariam nunca de forjar e de determinar o ritmo daquela terra.

Bibliografia consultada:

FILHO, João Dornas. Ouro das Gerais e a Civilização da Capitania. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1957.

GOMES, Laurentino: 1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

MARLIÈRE, Guido Thomaz: Notícias do Sertão do Rio Doce. Organização e seleção de Fernando Benedito Júnior. Ipatinga: Penélope Editora, 2007.

PASSOS, Juliana Maria do Nascimento: Monlevade Vida e Obra. Belo Horizonte: Minas Gráfica, 1973

REBELATTO, Martha. Fábricas e tendas de ferro em dinâmicas escravistas, termo de Santa Bárbara, Minas Gerais, 1822–1888. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2012

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem à província de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai. São Paulo: Martins, 1945.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1938.

SILVA, Flávio Marcus da: Atividade comercial e circulação pelas Minas Gerais: Tropas e Cometas. In: <http://www.nwm.com.br/fms/> acessado em 03 de outubro de 2008.

VASCONCELOS, Agripa: Gongo Soco. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 2003.

Documentos:

Cartas diversas – Centro de Cultura e Memória Arcelor Mittal, unidade de João Monlevade.

Livro da Freguesia de Bom Sucesso – Caeté. Arquivo da Arquidiocese de Belo Horizonte.

Registro de Batismo de Rio Piracicaba – Livro 9 pag. 20. Arquivo Episcopal de Itabira.

Testamento de Clara Sophia de Monlevade e Inventário de João Antônio de Monlevade – Centro de Cultura e Memória ArcelorMittal, unidade de João Monlevade.

Artigos retirados da Revista do Arquivo Público Mineiro:

A Prata e o Chumbo da Galena do Abaeté. Volume 2, fascículo 4. Págs 757 – 765. Ouro Preto. Imprensa Oficial de Minas Gerais: 1897.

ARAUJO, Leopoldino. Notícia Histórica. Volume 08, fascículo 3,4. Págs. 1063-1074. Belo Horizonte. Imprensa Oficial de Minas Gerais. 1903.

FERREIRA, Francisco Ignácio. Opulencia de Minas Geraes. Volume 20. Pág 11- 155. Belo Horizonte. Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1924.

PIRES, Antonio Olyntho dos Santos. A mineração- Riquezas Mineiras. Volume 08, fascículo 3,4. Pág: 879-1037. Belo Horizonte. Imprensa Oficial de Minas Gerais: 1903.

Jornais:

A Notícia: Especial 25º aniversário de João Monlevade. 28 de abril de 1989.

Atualidades do Vale: Afinal, quem foi João Monlevade. S/d.

Cartilha do Cidadão de João Monlevade. 2002.

Boletins diversos do Centro de Cultura e Memória, ArcelorMittal

Revista do arquivo público mineiro:

Sites:

<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapmdocs/photo.php?lid=866>

<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JoaBVDru.html>

<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JeanMonl.html>

https://www.belgo.com.br/empresa/historico/historia_siderurgia/fabrica_monlevade/fabrica_monlevade.asp

Este livro foi composto em julho de 2025,
ano em que se completam 208 anos da
chegada de Jean Monlevade ao Brasil. A
impressão é feita em papel Offset 90g com
as famílias tipográficas Cambria

ISBN: 978-6-50120-778-1



9 786501 507781

Minas
2025 ano mineiro das artes

Erivelton Braz é graduado em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e mestre em Letras, Teoria Literária e Crítica da Cultura pela Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). Atuou como professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação no ensino fundamental, médio e superior. Sua trajetória acadêmica dialoga com temas como pós-modernidade, identidade e memória, com enfoque na produção simbólica da vida social. É autor dos livros “Entre Linhas: Crônicas, Histórias e Memórias de Monlevade”; do infantil, “Ringo, o Cachorro Amado”, da biografia “Movido Por Amor”, de Raimundo da Motta Moreira e deste romance histórico: “Nas Terras Pesadas de Metais e Espantos”.

Minas

CULTURA E
TURISMO



**MINAS
GERAIS**

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO